



**HAL**  
open science

# Um percurso diacrônico sobre as articulações entre ética e estética na sémiotica de A. J. Greimas

Alexandre Provin Sbabo

## ► To cite this version:

Alexandre Provin Sbabo. Um percurso diacrônico sobre as articulações entre ética e estética na sémiotica de A. J. Greimas. Linguistics. Université de Limoges; Pontifícia universidade católica (São Paulo, Brésil), 2020. Portuguese. NNT: 2020LIMO0023 . tel-02990244

**HAL Id: tel-02990244**

**<https://theses.hal.science/tel-02990244>**

Submitted on 5 Nov 2020

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Université de Limoges  
PUC-SP / UNILIM

Alexandre Provin Sbabo

**Um percurso diacrônico sobre as articulações  
entre ética e estética na semiótica de A. J. Greimas**

Doutorado em Comunicação e Semiótica e Sciences du Langage

SÃO PAULO / LIMOGES

2020

Alexandre Provin Sbabo

**Um percurso diacrônico sobre as articulações  
entre ética e estética na semiótica de A. J. Greimas**

Tese de doutorado em cotutela apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica e Sciences du Langage, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) e coorientação do Prof. Dr. Didier Tsala-Effa (UNILIM).

SÃO PAULO / LIMOGES

2020

Alexandre Provin Sbabo

**Um percurso diacrônico sobre as articulações  
entre ética e estética na semiótica de A. J. Greimas**

Tese de doutorado em cotutela apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica e Sciences du Langage, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) e coorientação do Prof. Dr. Didier Tsala-Effa (UNILIM).

São Paulo, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (orientadora)  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Didier Tsala-Effa (coorientador)  
Université de Limoges

---

Eric Landowski  
Centre National de la Recherche Scientifique

---

Anne Beyaert-Geslin  
Université Bordeaux-Montaigne

---

Luciana Chen  
Centro Universitário SENAC

---

Alexandre Marcelo Bueno  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Esta pesquisa recebeu financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq sob processo de nº 142010/2017-0

## **AGRADECIMENTOS**

Ao CNPq e ao Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, pela bolsa integral;

À professora Ana Claudia, pela paciência, persistência e por inúmeras vezes ter acreditado mais em mim do que eu mesmo;

Ao professor Didier Tsala-Effa, pela atenção, pelo suporte, pelas conversas e por ter me recebido e me acolhido na Université de Limoges;

Aos membros da Banca Examinadora;

Aos funcionários da Université de Limoges, que me acolheram com muito carinho;

À Cida Bueno, com quem sempre pude contar;

À professora Isabelle Klock-Fontanille e ao professor Jacques Fontanille, pelos conselhos e pelo suporte;

Aos colegas do Centro de Pesquisas Sociossemióticas;

À minha família, que com muita paciência e carinho ficaram ao meu lado;

À Flora Ajala, com quem não somente compartilhei risadas, mas também sofrimentos, crises e revisões;

À Delphine Lemarchand, que com muita atenção, carinho, zelo e amor dividiu comigo os meus melhores e piores momentos;

A todos que leram ou lerão este trabalho.

*“Bien au contraire, l’épreuve constitue,  
dans ce sens, une certaine manifestation  
de la liberté”*

Algirdas Julien Greimas (1966, p. 205)

## RESUMO

A presente pesquisa se propõe a estudar como a ética e a estética são articuladas na semiótica de origem estruturalista, a partir da perspectiva de um percurso diacrônico fundamentado nos desenvolvimentos teóricos e metodológicos realizados por Algirdas Julien Greimas. O estudo bibliográfico e diacrônico organiza-se com base nas datas de publicação dos trabalhos do autor e de acordo com a relação destes com a problemática da articulação da ética e da estética no desenvolvimento de sua teoria, abrangendo mais de 40 anos de produção intelectual e computando trabalhos das suas mais diversas fases – desde antes de ele utilizar o termo semiótica até a sua última obra individual. Nosso objetivo consiste em acompanhar o percurso do desenvolvimento do arcabouço teórico e metodológico de A. J. Greimas para que possamos evidenciar os processos que permitiram a constituição de modelos analíticos capazes de apreender as articulações dos valores estéticos e dos valores éticos nos mais diversos objetos e interações – desde narrativas míticas até pinturas abstratas e interações entre sujeitos. As hipóteses a serem testadas são as seguintes: (I) a ética e a estética estão relacionadas à questão da significação, da construção e da apreensão do sentido; (II) a articulação da ética e da estética constitui as bases das interrogações da metodologia semiótica; (III) a problemática da ética e da estética se encontra presente no pensamento de Greimas desde seus primeiros trabalhos; (IV) a articulação proposta pela semiótica entre estes conceitos realiza uma abordagem tanto hipotáxica quanto hionímica. Assim, a importância deste trabalho reside na possibilidade de visualizar as interações entre estes dois termos por meio das estruturas semióticas que definem e articulam a ética e a estética, bem como o isomorfismo entre o plano do conteúdo e o plano da expressão. Esse percurso reconstruiu a rede de relações formais pensadas por Greimas, capaz de ilustrar a presença da ética e da estética nas diferentes interações e objetos, bem como evidenciar o tratamento dado pela semiótica na articulação destes conceitos para a construção e apreensão do sentido.

Palavras-chave: Estética. Ética. Algirdas Julien Greimas. Plano da expressão. Plano do conteúdo. Semiótica.



## RÉSUMÉ

Cette recherche vise à étudier comment l'éthique et l'esthétique sont articulées dans la sémiotique d'origine structuraliste, à partir de la perspective d'un parcours diachronique fondé sur les développements théoriques et méthodologiques réalisés par Algirdas Julien Greimas. L'étude bibliographique et diachronique s'organise en fonction des dates de publication des travaux de l'auteur et selon la relation de ceux-ci avec la problématique de l'articulation de l'éthique et de l'esthétique dans le développement de sa théorie, couvrant plus de 40 ans de production intellectuelle et en tenant compte des travaux de ses phases les plus diverses – avant qu'il n'utilise le terme sémiotique jusqu'à son dernier ouvrage individuel. Notre objectif est de suivre le parcours du développement du cadre théorique et méthodologique de A. J. Greimas afin que nous puissions mettre en évidence les processus qui ont permis la constitution de modèles analytiques capables de faire ressortir les articulations des valeurs esthétiques et des valeurs éthiques dans les objets et interactions les plus diverses – allant des récits mythiques aux peintures abstraites et aux interactions entre sujets. Les hypothèses à tester sont les suivantes : (I) l'éthique et l'esthétique sont liées à la question de la signification, de la construction et de l'appréhension du sens; (II) l'articulation de l'éthique et de l'esthétique constitue la base des interrogations de la méthodologie sémiotique; (III) la problématique de l'éthique et de l'esthétique est présente dans la pensée de Greimas dès ses premiers travaux; (IV) l'articulation proposée par la sémiotique entre ces concepts réalise une approche à la fois hypotaxique et hyponymique. L'importance de ce travail réside donc dans la possibilité de visualiser les interactions entre ces deux termes à travers les structures sémiotiques qui définissent et articulent l'éthique et l'esthétique, ainsi que l'isomorphisme entre le plan du contenu et le plan de l'expression. Ce parcours a reconstruit le réseau de relations formelles pensé par Greimas, capable d'illustrer la présence de l'éthique et de l'esthétique dans les différentes interactions et objets, ainsi que de mettre en évidence le traitement donné par la sémiotique à l'articulation de ces concepts pour la construction et l'appréhension du sens.

Mots-clés : Esthétique. Éthique. Algirdas Julien Greimas. Plan de l'expression. Plan du contenu. Sémiotique.

## ABSTRACT

This research proposes to study how ethics and aesthetics are articulated in the semiotics of structuralist origin, from the perspective of a diachronic path based on theoretical and methodological developments conducted by Algirdas Julien Greimas. The bibliographic and diachronic study is organized based on the dates of publication of the author's works and according to their relation with the problem of the articulation of ethics and aesthetics in the development of his theory, covering more than 40 years of intellectual production and computing work from its most diverse phases - from before he used the term semiotics to his last individual work. Our objective is to follow the path of the development of the theoretical and methodological framework of A. J. Greimas so that we can highlight the processes that allowed the constitution of analytical models capable of understanding the articulations of aesthetic values and ethical values in the most diverse objects and interactions - from mythical narratives to abstract paintings and interactions between subjects. The hypotheses to be tested are the following: (I) ethics and aesthetics are related to the question of signification, construction and apprehension of meaning; (II) the articulation of ethics and aesthetics constitutes the basis of the questions of the semiotic methodology; (III) the issue of ethics and aesthetics is present in Greimas' thought since his first works; (IV) the articulation proposed by semiotics between these concepts performs both a hypotactic and hyponymic approach. Thus, the importance of this work lies in the possibility of visualizing the interactions between these two terms through semiotic structures that define and articulate ethics and aesthetics, as well as the isomorphism between the content plan and the expression plan. This path reconstructed the network of formal relations thought by Greimas, able to illustrate the presence of ethics and aesthetics in the different interactions and objects, as well as highlight the treatment given by semiotics in the articulation of these concepts for the construction and apprehension of meaning.

Keywords: Aesthetics. Ethics. Algirdas Julien Greimas. Expression plan. Content plan. Semiotics.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Adaptação do quadro do esquema narrativo desenvolvido por Greimas .....	169
---	-----

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1. SEMIÓTICA OU SEMÂNTICA, SIGNIFICAÇÃO OU SENTIDO?.....	19
2. ALGUMAS PISTAS INICIAIS SOBRE A PROBLEMÁTICA DA ÉTICA E DA ESTÉTICA.....	48
3. A CONSTRUÇÃO DA SEMIÓTICA E AS RELAÇÕES COM A ÉTICA E COM A ESTÉTICA.....	102
3.1. Entre conotação e axiologia: ensaios por um método .....	103
3.2. <i>Semântica Estrutural</i> e a fundação de uma metodologia.....	121
3.3. A linguagem e suas construções .....	176
3.4. A linguagem poética .....	183
3.5. Entre figuras e formas: as articulações do mundo natural .....	193
3.6. O quadrado semiótico e a articulação dos valores éticos e morais....	209
3.7. Os efeitos dos sentidos e o fato poético .....	218
3.8. Entre amigos, moral e efeitos dos sentidos .....	232
3.9. O figurativo, o plástico e os efeitos dos sentidos.....	242
3.10. Figuratividade, estética e ética .....	252
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	268
REFERÊNCIAS.....	274

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, ao falarmos de semiótica – e em particular, da semiótica discursiva –, frequentemente nos esquecemos que esta é uma disciplina que deu os seus primeiros passos nos idos dos anos 1960, antes mesmo de ser reconhecida por tal nome. Se pensarmos nos inúmeros desenvolvimentos teóricos e metodológicos que a disciplina sofreu em tão pouco tempo de vida, observaremos também grandes mentes por trás de tais esforços, pesquisadores com uma força criativa e intelectual invejável. Entretanto, de tempos em tempos, parece-nos necessário parar por um minuto de olhar para as tendências da disciplina e seus novos desdobramentos para visitar a construção de suas estruturas e os conceitos que as articulam, de maneira a verificar a continuidade do rigor científico e a coerência formal de sua metalinguagem. É neste esforço que nos propomos a observar como os desenvolvimentos semióticos de Algirdas Julien Greimas articulam dois conceitos, de certa maneira, estranhos à semiótica: a ética e a estética.

Estranhos porque, além de essencialmente filosóficos, ao longo dos anos tiveram seus conteúdos semânticos deslocados. A banalização do termo estética fez com que houvesse uma socialização dos gostos e do belo, instaurando uma grade de leitura pela qual os valores estéticos tornam-se aceitáveis a partir de uma perspectiva moralizante e moralizada. Com a ética, não bastassem as crises humanitárias e sanitárias, nas quais as cifras valem mais do que as vidas, acabamos por perder o valor semântico da palavra e, também, a noção do que significam os valores éticos em si. Isto sem falar do problema enfrentado por qualquer pessoa que se aventura no domínio da ética, isto é, sua distinção da moral.

Desta maneira, o nosso objetivo consiste em acompanhar o percurso do desenvolvimento do arcabouço teórico e metodológico de A. J. Greimas, para que possamos evidenciar os processos que permitiram a constituição de modelos analíticos, capazes de apreender as articulações dos valores estéticos e dos valores éticos nos mais diversos objetos e interações – desde narrativas míticas até pinturas abstratas e interações entre sujeitos.

Nesta tentativa de visitar a teoria e compreender como a semiótica, nos desenvolvimentos de Greimas, articula a ética e a estética, realizaremos um estudo bibliográfico e diacrônico a partir de um corpus de pesquisa que abrange mais de 40

anos de produção intelectual do autor. Começaremos desde o seu primeiro artigo, intitulado Cervantes and his Dom Quixote ([1943]/2016), até chegarmos em sua última obra individual, Da imperfeição ([1987]/2017). As obras, os textos e os artigos que constituem o *corpus* desta pesquisa foram selecionados, em particular, em razão de sua autoria, isto é, textos que foram assinados somente por Greimas, cujas proposições teóricas se encontram atualmente bem aceitas e integradas no atual cenário da metodologia semiótica. A única exceção entre os textos que compõem nosso *corpus* é o artigo assinado por Greimas e Rastier, *O jogo das restrições semióticas* ([1968]/1975b), pois o modelo do quadrado semiótico desenvolvido em tal trabalho, não somente se apresenta como ímpar, capaz de evidenciar e de articular os valores éticos e morais dentro da perspectiva semiótica, mas também porque se mostra como um modelo globalmente aceito pela comunidade científica e como parte integrante do percurso gerativo da significação. Além destes componentes, podemos acrescentar que a escolha dos textos e das obras se deu também em função possibilidade do depreendimento do caráter evolutivo do pensamento de Greimas, bem como da presença de elementos que auxiliariam nossa investigação com relação a articulação da ética e da estética na e pela semiótica.

Da mesma maneira, torna-se necessário salientar que a diacronicidade das obras se apresenta como um componente importante no próprio desenvolvimento desta pesquisa. Levando isto em consideração, trabalharemos seguindo o princípio do ano de publicação das obras e dos textos de Greimas. Optamos também por utilizar as edições brasileiras, de modo que, na primeira citação de uma dada obra, colocaremos entre colchetes a data de publicação original do trabalho, seguido do ano da edição consultada. Nas citações seguintes de uma obra já mencionada uma primeira vez, utilizaremos somente a referência da edição efetivamente consultada, pois tal escolha favorece o acompanhamento da leitura na tradução de sua fonte primária. Evidentemente, neste percurso, nem todas as obras ou os textos de Greimas encontram-se traduzidos para o português. Neste caso, realizaremos a tradução e adicionaremos, em nota de rodapé, a passagem como consta no original. Dentre estas variações, adicionam-se os casos nos quais existem erros de tradução ou a sintaxe textual não permite a compreensão adequada do texto. Nestas condições, optaremos, também, por fazer uma tradução direta da edição original, obedecendo os mesmos critérios em relação às notas de rodapé. Eventualmente, poderemos romper com a

diacronicidade de nossa pesquisa, mas somente para reiterarmos ou avançarmos alguma possível relação conceitual.

Contudo, neste contexto se torna igualmente importante ressaltar que aquilo que estamos considerando como uma “metodologia diacrônica” se inscreve precisamente na escolha da abordagem do *corpus* estudado. Assim, para evitarmos possíveis críticas a respeito da inexistência de uma “metodologia diacrônica”, parece-nos pertinente, logo de início, retomarmos algumas considerações a respeito deste princípio diacrônico que nos guiará ao longo desta pesquisa. Compreendemos a diacronia, na esteira de Saussure (2006, p. 96), como aquilo que designa “uma fase de evolução”, de maneira que “quando o linguista segue a evolução da língua, semelha o observador em movimento, que vai de uma a outra extremidade do Jura para anotar os deslocamentos da perspectiva” (*ibid.*, p. 97). Tendo em vista esta noção de diacronia, podemos encontrar, ainda em Saussure (*ibid.*, p. 106), o que ele explica como sendo o método da linguística diacrônica: “a linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que faça o mesmo em sentido contrário” (grifos do autor).

Em razão destas definições e levando em consideração que não trataremos de problemas específicos da linguística, mas sim da semiótica, em vez de guardarmos a expressão “linguística diacrônica” exposta por Saussure, falaremos somente em diacronia ou em diacronicidade respeitando, entretanto, os postulados metodológicos destacados no parágrafo anterior. Contudo, apesar da diacronia se apresentar como a perspectiva que guiará o andamento de nossa pesquisa, não podemos simplesmente desconsiderar o estado sincrônico da semiótica, seja em um determinado momento de nossa abordagem, seja em relação ao que conhecemos atualmente dela, pois “isso seria ver a realidade pela metade” (*ibid.*, p. 113). É por isto que, por vezes, nos valeremos do *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS. 2008), assim como de outros diálogos semióticos que nos auxiliarão a melhor compreender a articulação e a evolução de certos conceitos.

Assim, poderíamos compreender que nossa “metodologia diacrônica” se encontra no meio do caminho das duas metodologias historiográficas da semiótica apresentadas por Portela (2018, pp. 140-141), ou seja, entre o “memorialista” ou “cronista” e o “crítico” e o “inovador. Aquela orientada “essencialmente pela diacronia dos fatos teóricos [...], procurando mostrar suas correspondências, continuidades e

descontinuidades” (*ibid.*, p. 141), esta que “não rejeita a diacronia, mas dela se serve de modo diferente” (*id.*), transformando-a em sincronia. Veremos, desta maneira, a evolução da semiótica, ao mesmo tempo em que procuraremos apresentar, em certos momentos, alguns estados sincrônicos da teoria e a maneira como ela articula a ética e a estética. Somente assim conseguiremos observar como a semiótica avançou no tratamento da ética e da estética. Estas escolhas metodológicas, por sua vez, encontram-se escoradas na afirmação de Portela (*ibid.*, p. 142) na qual afirma que “o passado da semiótica contém em germe seu futuro: aquilo que é ideia difusa torna-se escola ou família no devir”, de modo que o que pretendemos, não é necessariamente a elaboração de um trabalho semiótico em si, isto é, com análises semióticas, mas sim uma pesquisa que fale da semiótica, de sua relação com a ética e com a estética e da evolução destes entrelaçamentos ao longo do próprio pensamento de Greimas.

Sob esta estrutura, buscaremos, então, observar a existência de algumas hipóteses que, não somente podem evidenciar a relevância da ética e da estética na teoria semiótica e no pensamento de Greimas, como também podem nos auxiliar a compreender as relações que tais conceitos entretêm entre si, na medida em que são articulados pela teoria. As hipóteses a serem testadas são as seguintes:

- I. a ética e a estética estão relacionadas à questão da significação, da construção e da apreensão do sentido;
- II. a articulação da ética e da estética constitui as bases das interrogações da metodologia semiótica;
- III. a problemática da ética e da estética se encontra presente no pensamento de Greimas desde seus primeiros trabalhos;
- IV. a articulação proposta pela semiótica entre estes conceitos realiza uma abordagem tanto hipotática quanto hiponímica.

Neste contexto, a presente pesquisa se encontra dividida em três partes. No primeiro capítulo, intitulado *Semiótica ou semântica, significação ou sentido?*, pretendemos, como o próprio título indica, estabelecer as diferenças conceituais entre os termos em questão. Tal distinção se apresenta pertinente, pois além de nos depararmos com discursos que negam o caráter semiótico de Semântica estrutural (GREIMAS, [1966]/1976), ela permite compreender a distinção de dois termos bastante utilizados na semiótica, muitas vezes de maneira inadequada, e que, como



veremos, possuem uma estreita relação com as articulações da ética e da estética na teoria.

No segundo capítulo, sob o título de *Algumas pistas iniciais sobre a problemática da ética e da estética*, exploraremos os primeiros trabalhos de Greimas, anteriores a *Semântica estrutural*. Esta tarefa é movida pela intenção de observarmos a construção do pensamento do autor, verificar se ele já demonstrava interesse ou preocupação na abordagem da ética e da estética e sublinhar a existência, ou não, dos primeiros conceitos que seriam posteriormente retomados na semiótica. Neste capítulo, entretanto, há duas exceções com relação à questão diacrônica. Os trabalhos intitulados *Os provérbios e os ditados* ([1960]/1975a) e *A mitologia comparada* ([1963]/1975a), mesmo sendo anteriores ao lançamento de *Semântica estrutural*, fazem parte de outra obra considerada do período semiótico do autor, *Sobre o sentido* ([1970]/1975a). Portanto, se o próprio autor considerou relevante a inserção de tais textos nesta obra, mesmo que tenha sido motivado por critérios didáticos, como ele mesmo explica em nota de rodapé, optamos por seguir as suas motivações.

No terceiro capítulo, intitulado *A construção da semiótica e as relações com a ética e com a estética*, abordaremos a grande maioria dos trabalhos de Greimas, compreendendo o que estamos aqui chamando de período semiótico do autor, isto é, de *Semântica estrutural* a *Da imperfeição*. É, portanto, neste capítulo que será possível observar como o autor desenvolve a metodologia descritiva da semiótica, ao mesmo tempo em que, em decorrência dos desafios que os objetos de análise o impõem, elabora modelos que estabelecem as articulações éticas e estéticas. Na primeira subseção deste percurso, iniciamos com os textos que foram deliberadamente deixados de fora do capítulo anterior e permite que observemos a emergência das primeiras questões axiológicas que se apresentam a Greimas a partir da comparação entre dois mitos distintos, evidenciando que a própria noção de valor apresenta variações conforme o contexto sociocultural. Além disso, notaremos, a partir da análise de um grupo de provérbios e ditados, que o autor depreende as primeiras relações entre significante e significado e de como, ao explorar as relações de organização sintática e rítmica de tais elementos, ele chega ao conceito de conotação.

Na segunda subseção, abordamos uma das obras que, para nós, é das mais relevantes para a reconstrução do pensamento do autor, não somente por ser uma

das poucas publicações que não são coletâneas de artigos de Greimas, mas porque é nela que encontramos os fundamentos da semiótica e, conseqüentemente, da articulação entre ética e estética. A instauração da percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação, a afirmação de que os fatos estéticos se encontram “sobretudo no nível da percepção da obra” (GREIMAS, 1976, p. 16), a construção das figuras nucleares e do nível semiológico – que, como veremos adiante, mostra a sua relevância na análise das formas da expressão e no estabelecimento do isomorfismo entre plano da expressão e plano do conteúdo nas análises plásticas –, o estabelecimento das primeiras posições actanciais, nas quais os valores éticos e morais encontram-se investidos, são somente alguns dos exemplos da relevância desta obra inaugural e basilar para a nossa pesquisa.

Na terceira subseção, além de marcar o primeiro texto no qual Greimas utiliza o termo de semiótica, também debatemos a relevância da dimensão social da língua e da linguagem e apresentamos a distinção entre uma linguagem artificial e uma linguagem natural. Tal distinção, mesmo que problemática, pois a questão que se coloca é a de como separar uma da outra se no momento da manifestação elas podem se encontrar em sincretismo, acompanhar-nos-á durante todo o percurso da nossa pesquisa. Também podemos observar, nesta subseção, a passagem na qual Greimas (1975a, p. 20) define a linguagem como “lugar de mediação, como uma tela sobre a qual as formas inteligíveis e do mundo são representadas”, o que não somente estabelece a correlação entre a noção de linguagem com o conceito de figuratividade, mas também a instala como o lugar de articulação dos conjuntos significantes, isto é, da estética.

Na quarta subseção deste capítulo, observaremos os primeiros passos que o autor realiza na direção do estabelecimento do fato poético enquanto efeitos de sentido dos efeitos dos sentidos, a partir do caráter inefável do texto poético, da investigação dos arranjos do plano da expressão e de um movimento na direção da necessidade de se pensar a exploração das substâncias da expressão. Estas considerações têm sua relevância no fato de já estabelecerem uma passagem entre uma semiótica figurativa e uma semiótica plástica. É, também, nesta subseção que podemos notar, em decorrência da exploração da linguagem poética, a emergência da concepção jakobsoniana, a respeito da projeção do princípio de equivalência do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático, na relevância para a organização estética.

Na quinta subseção deste capítulo, tratamos igualmente de outro texto de grande relevância para a nossa pesquisa e para a metodologia semiótica de maneira geral. Greimas, a partir dos questionamentos em sua obra *Condições de uma semiótica do mundo natural*<sup>1</sup> (1968, tradução nossa), não somente começa a traçar as suas perspectivas para uma semiótica do vivido – a partir do sincretismo dos sujeitos da enunciação com os sujeitos do enunciado e do estabelecimento das figuras do mundo natural –, mas também, em decorrência da análise do gesto, apresenta as primeiras articulações metodológicas, nas quais é possível observar o investimento ético em uma manifestação organizada esteticamente, isto é, uma organização dos arranjos significantes que tem por objetivo a comunicação.

O desenvolvimento da sexta subseção corresponde à introdução do quadrado semiótico enquanto modelo articulador das axiologias que constituem o modo de ser dos sujeitos e das sociedades. Nesta subseção, além de evidenciar as contribuições deste modelo para a observação das articulações éticas e morais, observaremos também a sua relevância para a construção do conceito de episteme e a preocupação de Greimas e Rastier ([1968]/1975b) com o investimento destes valores nas estruturas de superfície, evidenciando assim a projeção dos valores do enunciador nas marcas do discurso.

O fato e o objeto poético são os temas da sétima subseção. A relevância dos desenvolvimentos realizados pelo autor, apresentam-se nesta parte do trabalho sob a afirmação inicial de que o fato poético não é coextensivo ao conceito de literatura (GREIMAS, 1975c, p. 11). Tal consideração, além de sublinhar a autonomia do plano da expressão e a sua relação isomórfica com o plano do conteúdo – esboçando os primeiros passos para o desenvolvimento do nível semi-simbólico de análise –, reabre as portas para os avanços metodológicos a respeito da exploração das qualidades sensíveis do mundo e de seus efeitos de sentido experienciados pelos sujeitos que as apreendem – desenhando assim o lugar dos valores estéticos na teoria.

Na oitava subseção, tratamos dos desenvolvimentos metodológicos de Greimas no seu livro de exercícios dedicado à análise do conto *Dois amigos*, de Maupassant. Nessa parte, observaremos a construção dos conceitos de embreagem e debreagem que permitirão, conseqüentemente, a exploração não somente do nível figurativo no nível do enunciado, mas também a observação do modo como o fato

---

<sup>1</sup> O título original deste texto, "*Conditions d'une sémiotique du monde naturel*", é ligeiramente diferente do título da edição brasileira, *Condições para uma semiótica do mundo natural*.

poético encontra-se igualmente instalado nas interações entre os actantes da narrativa. Além disso, o componente ético e moral, inerente à instalação de uma dimensão espacial e temporal, passa a ser investigado a partir dos fazeres dos actantes, reafirmando a noção de investimento dos valores nas práticas e nas ações dos indivíduos<sup>2</sup> – uma problemática já levantada ao tratar do modelo axiológico do quadrado semiótico.

Os desenvolvimentos da semiótica figurativa e da semiótica plástica constituem os objetos da nona subseção deste capítulo. A investigação se dará, portanto, a partir da problemática que circunda a noção de representação e arbitrariedade. Nessa parte, abordaremos a relação do nível figurativo com a grade de leitura socializada e com a exploração, não mais das formas da expressão, mas sim das substâncias da expressão por meio da contribuição da semiótica plástica. Estas articulações se tornam fundamentais para compreendermos, portanto, as diversas articulações dos arranjos estéticos, seus diferentes níveis de análise e a maneira pela qual eles constroem o sentido, a partir dos efeitos dos sentidos que afetam o sujeito.

Por fim, na décima subseção, exploraremos os avanços propostos em *Da imperfeição* (GREIMAS, [1987]/2017), a partir de duas perspectivas distintas: a primeira, considerando o texto como a consolidação das estruturas semióticas precedentes; a segunda, levando em consideração as perspectivas da exploração semiótica do mundo “vivível” (*ibid.*, p. 25). Da mesma maneira, buscamos investigar se tais proposições nos permitem observar não somente como a ética e a estética se encontram instaladas na vida cotidiana, mas também como os valores estéticos podem efetuar deslocamentos axiológicos que podem, eventualmente, tornar a vida dos sujeitos mais aceitável.

Assim, esperamos conseguir reconstruir, por meio deste percurso que investiga os desenvolvimentos estruturais e conceituais da teoria, a rede de relações formais pensadas por Greimas, de modo que tal reconstrução seja capaz de ilustrar a presença da ética e da estética nas diferentes interações e nos objetos, bem como evidenciar o tratamento dado pela semiótica na articulação destes conceitos para a construção e apreensão do sentido.

---

<sup>2</sup> A distinção que consideramos entre as noções de práticas e de ações são aquelas correspondentes às definições de “prática semiótica” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pp. 344-345) e de “ação” (*ibid.*, pp. 9-10).

## 1. SEMIÓTICA OU SEMÂNTICA, SIGNIFICAÇÃO OU SENTIDO?

Ao propormos explorar, na teoria semiótica de A. J. Greimas, a hipótese de haver relações possíveis de serem estabelecidas entre a estética e a ética, impõe-se que partamos do próprio entendimento da noção de semiótica. Tendo isso em vista, a nossa primeira tarefa metodológica consiste em buscar compreender o que é esta semiótica que constitui a base de nossa pesquisa. Somente após este passo poderemos, então, buscar compreender como a ética e a estética se encontram presentes e são articuladas no projeto de uma teoria da significação.

Desse modo, levando em consideração que o *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, [1979]/2008<sup>3</sup>) se apresenta como uma obra que pretende garantir a permanência, a união e a homogeneização dos conceitos da teoria (*ibid.*, pp. 1-3), parece-nos coerente utilizá-lo – mesmo que fora do contexto diacrônico sobre o qual vamos propor nos debruçar, pois o mesmo se constitui como uma obra que poderíamos chamar de atemporal – para examinar esta primeira problemática que se põe em nosso caminho, isto é, o que é essa semiótica sob a qual investigaremos a existência de uma possível articulação entre os conceitos de ética e estética. Para isso, começemos a investigar o que Greimas e Courtés (*ibid.*, pp. 409-416) dizem a respeito do verbete “semiótica” em seu dicionário analítico.

Neste lexema, os autores afirmam, de início, que “o termo **semiótica** é empregado em sentido diferente” (*ibid.*, p. 409, grifo dos autores) e apresentam um desdobramento deste termo em três partes, mas que, apesar dessa divisão, mostram-se interdependentes e complementares na medida em que se encontram interrelacionados e englobados pela terceira e última definição apresentada, ou seja, na definição da semiótica enquanto teoria. Assim, ao iniciarem o exame do verbete, e buscarem apresentar o primeiro desdobramento do termo semiótica, sendo este o conceito de semiótica-objeto, Greimas e Courtés efetuam uma crítica com relação “[...] a definição corrente de semiótica como ‘sistema de signos’ [...]”, (*id.*), declarando que tal descrição não corresponderia à primeira noção investigada pelos autores, pois dizer que a semiótica corresponderia a um sistema de signos pressuporia, de saída, o reconhecimento dos signos (*id.*). Compreendendo, portanto, que a semiótica-objeto

---

<sup>3</sup> A data entre colchetes indica o ano de publicação original da obra; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes será registrada apenas a data da edição consultada pelo autor.

corresponderia a “[...] uma grandeza manifestada qualquer, que se propõe conhecer” (*id.*) os autores apresentam o seguinte:

[...] pode-se propor definir, num primeiro momento, semiótica como um conjunto significativo que se suspeita, a título de hipótese, possua uma organização, uma articulação interna autônoma. Dir-se-á, também, que todo conjunto significativo, desde o instante em que se pensa em submetê-lo a análise pode ser designado como uma **semiótica-objeto**” (*id.*, grifo dos autores)

Reconhecendo que, com relação ao conceito de semiótica-objeto, “[...] o termo semiótica serve para designar um conjunto significativo anteriormente a sua descrição [...]” (*ibid.*, p. 411), os autores apresentam, praticamente como uma consequência direta da existência de uma semiótica-objeto, o segundo desdobramento do lexema, que corresponderia à linguagem da descrição utilizada conforme o conjunto significativo tomado para análise. Esta segunda definição, de Greimas e Courtés, explora, dessa maneira, fundamentada no trabalho de Hjelmslev [1953]/(1975, pp. 125-127), a noção de tipologia semiótica. É importante destacar que, a explicação dos autores nos fornece uma importante informação com relação a uma possível confusão que poderia eventualmente ocorrer a respeito do termo semiologia. Como explicam Greimas e Courtés (2008, p. 413), em correspondência com a tipologia semiótica desenvolvida por Hjelmslev, “[...] notar-se-á que nossa definição de semiótica corresponde, na tipologia de Hjelmslev, à **metasemiótica** chamada **semiologia**: todo conjunto significativo, tratado pela teoria semiótica, torna-se uma semiótica”.

Considerando que cada semiótica-objeto relacionar-se-ia com uma linguagem descritiva adequada ao conjunto significativo analisado, estabelecendo, assim, uma tipologia semiótica, os autores nos explicam que, em decorrência desta relação, “[...] se tinha a conceber a semiótica como a superposição adequada de uma semiótica objeto a uma linguagem de descrição [...]” (*ibid.*, p. 415).

É, com isso, na convergência da relação das semióticas-objetos com as tipologias semióticas que Greimas e Courtés apresentam o terceiro desdobramento do verbete “semiótica”, explicitando o caráter epistemológico do que é definido por eles como a teoria semiótica. Dessa maneira, a partir da associação do conjunto dos componentes anteriores, os autores concebem a semiótica:

“[...] como lugar de elaboração de procedimentos, de construção de modelos e da escolha dos sistemas de representação que regem o nível descritivo (isto é, o nível metalinguístico metodológico), mas também como lugar de controle da homogeneidade e da coerência desses procedimentos e modelos, ao mesmo tempo que de explicitação – sob forma de uma axiomática – dos indefiníveis e do fundamento de toda essa armação teórica (é o nível epistemológico propriamente dito). Nessa perspectiva, a semiótica será entendida quer como **semiótica geral** (insistindo, assim, na exigência que lhe é imposta de explicar a existência e o funcionamento de todas as semióticas particulares), quer como **teoria semiótica**, na medida em que é chamada a satisfazer às condições de cientificidade próprias de qualquer teoria, e em que ela se define, por isso como uma metalinguagem (ao mesmo tempo metasemiótica científica e metassemiologia, na terminologia de Hjelmslev) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415)

Notamos, não sem um certo espanto, é verdade, que essa última definição apresentada pelos autores, e que é dividida em duas partes, não apresenta o objeto de interesse da semiótica, ou seja, a relação que a semiótica estabelece com o objeto que ela estuda ou com seu campo de investigação, como é correntemente feito com outras disciplinas em suas respectivas entradas nos dicionários, como, por exemplo, é o caso de quando nos referimos ao lexema “biologia”, definido pelo dicionário Michaelis (BIOLOGIA, 2015) como “ciência que estuda os organismos vivos e suas relações, a fim de conhecer as leis peculiares à matéria viva”, ou o verbete “aritmética”, entendido como “ciência que estuda as propriedades dos números e as operações que com eles se podem realizar” (ARITMÉTICA, 2015), ou ainda o lexema “linguística”, tomado como um “estudo científico da linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e em suas numerosas relações, que se fundamenta na observação direta e se abstém de toda e qualquer prescrição, pois não é normativo” (LINGUÍSTICA, 2015).

O que observamos é, com efeito, o estabelecimento das relações hierárquicas e de interação entre as definições apresentadas. Entendemos com isso que, ao estabelecerem a ideia de uma semiótica geral, os autores se referem a uma semiótica que, por meio de um inventário conceitual composto por um conjunto de modelos gerais, torna-se capaz de reger o funcionamento dos processos descritivos da totalidade das tipologias semióticas, compreendendo a pluralidade das semióticas-objetos e assegurando, com isso, uma coerência e uma homogeneidade da axiomática. Por sua vez, o caráter científico da semiótica, manifestado a partir do investimento de um corpo de conceitos não-definíveis, ou seja, arbitrários, que teriam

seus valores teóricos fundados na relação com os demais, reflete um componente que configura o estabelecimento de qualquer empreendimento epistemológico dentro do estatuto de uma teoria. Esta lógica relacional, construída com base no projeto teórico de Greimas e a partir do verbete “semiótica”, permitiu aos autores mostrarem todas as relações estruturais existentes entre os diferentes níveis e componentes, legitimando com uma metodologia científica, como eles mesmo afirmam, “[...] uma breve exposição do que consideramos condições gerais de uma teoria semiótica, referindo-nos ao mesmo tempo ao nosso próprio projeto teórico” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415).

Tendo, então, estabelecido as relações e os elementos que configuram e autorizam a constituição da semiótica enquanto teoria, faltava ainda apontar, nos mesmos moldes das definições das disciplinas presentes no dicionário que abordamos anteriormente, o campo de investigação da teoria semiótica e estas condições gerais das quais os autores mencionam. Pois é exatamente esse o próximo passo que eles abordaram no seu dicionário analítico.

A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob a forma de construção conceptual, as condições de apreensão e da produção do sentido. Dessa forma, situando-se na tradição saussuriana e hjelmsleviana, segundo a qual a significação é a criação e/ou a apreensão das “diferenças”, ela terá que reunir todos os conceitos que, mesmo sendo eles próprios indefiníveis, são necessários para estabelecer a definição da estrutura elementar da significação (*id.*).

Ao definirem a teoria semiótica como uma teoria da significação fundamentada em um conjunto de procedimentos linguísticos formalizados, podemos compreender a razão pela qual a semântica, que é definida como o “ramo da linguística que estuda a significação das palavras e suas mudanças de sentido ao longo do tempo, bem como a representação do sentido dos enunciados” (SEMÂNTICA, 2015), apresentada como objeto de estudo na primeira obra de Greimas, *Semântica Estrutural* ([1966]/1976), já poderia ser considerada como a sua teoria semiótica.

Entretanto, tal relação entre a semiótica e a semântica pode, a princípio, suscitar alguns problemas de ordem teórica e, por esta razão, devemos, em primeiro lugar, tentar compreender, de fato, qual é essa semântica que se avizinha da semiótica e o que é, efetivamente, esta semântica estrutural de Greimas, que já



poderia ser considerada como teoria semiótica exatamente por compartilhar dos mesmos predicados formais. Assim, levando em consideração que a teoria semiótica é, conforme a definição desenvolvida por Greimas e Courtés (2008, p. 415), “uma teoria da significação”, e que, como nos explica Fiorin (2000, p. 11), “a semântica define-se, normalmente, como ‘estudo da significado’ ou ‘teoria da significação’”, parece-nos apropriada a manifestação dessa necessidade de compreender, tanto o que as aproxima, quanto o que, em certa medida, as distancia, sobretudo, tendo em vista esse compartilhamento de significados – na acepção saussuriana do termo – entre os lexemas.

Dito isso, tentaremos, então, compreender como a semântica estrutural de Greimas se transformou em semiótica, assim como suas diferenças a respeito da própria noção de semântica que, segundo Pêcheux ([1975]/ 1997, p. 11), “[...] se avizinha hoje, frequentemente, dos termos *semiótica* e *semiologia*” (grifos do autor). Conforme nos explicam Greimas e Courtés (2008, p. 394), Michel Bréal aparece como o precursor, ou ainda, de acordo com Tamba ([1988]/2005, p. 11), como o responsável por forjar o termo de semântica em seu artigo intitulado *Les lois intellectuelles du langage : fragment de sémantique* (BRÉAL, 1883). A semântica de Bréal, conhecida também como uma semântica lexical histórica, fundava-se no estudo semântico com base no caráter diacrônico do significado, ou seja, um estudo histórico e evolucionista do sentido das palavras. Como pontuam Greimas e Courtés (2008, p. 394):

De fato, foi somente no fim do século passado que M. Bréal, por primeiro, formulou os princípios de uma semântica diacrônica, chamada a estudar a mudança do sentido das palavras, adaptando à dimensão social das línguas naturais o aparato da antiga retórica (mais especialmente, da tropologia) e da estilística do século XIX.

Em um segundo momento da evolução da disciplina, a abordagem de uma semântica diacrônica viu surgir, em especial com o trabalho de Trier, intitulado *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes* (1931), uma concorrente que defendia a perspectiva de uma semântica lexical sincrônica (TAMBA, 2005, p. 17). É, portanto, nesse período que a abordagem sincrônica encontrará a sua ascensão baseada no avanço da linguística

estrutural, marcando igualmente “o ponto de partida da *semântica lexical estrutural*” (*id.*, grifos da autora, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Durante esse segundo período vão entrar em concorrência duas concepções rivais de semântica lexical: uma abordagem histórica em conformidade com a semântica evolucionista da época precedente e uma nova abordagem sincrônica, na qual o desenvolvimento da linguística estrutural vai garantir o sucesso na Europa (*id.*, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Essa semântica sincrônica, ou semântica lexical estrutural, em resposta a abordagem histórica e evolucionista da abordagem diacrônica, estuda, por sua vez, a relação entre os termos de um sistema e a respectiva significação, ou desvios diferenciais, em outras palavras, o valor responsável por marcar as diferenças entre um elemento em relação a outro, definindo, assim, o objeto da semântica se torna o “[...] estudo sincrônico das estruturas lexicais de uma língua” (*ibid.*, p. 18, tradução nossa)<sup>6</sup>. Como nos explica Tamba:

Conforme a vulgata historiográfica, a linguística estrutural europeia se enraíza na dicotomia entre *língua* e *fala* que difunde a publicação póstuma, em 1916, do *Cours de linguistique générale (CLG)* de Saussure. [...]. Esta virada teórica conduz a conceber as palavras não mais como simples denominações das quais o sentido é tributário de conceitos ou objetos preexistentes, mas como os elementos ou *termos* de um sistema de relações lexicais de onde eles tiram sua *significação diferencial* ou *valor* (*ibid.*, pp. 17-18, grifos da autora, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Desta maneira, como é destacado por Greimas e Courtés (2008, pp. 394-397), Fiorin (2000, pp. 14-15) e Tamba (2005, pp. 18-23), podemos perceber que a semântica lexical sincrônica se encontrava pautada, precisamente, no estudo

<sup>4</sup> No original: “[...] le point de départ de la *Sémantique lexicale structurale*”.

<sup>5</sup> No original: “Au cours de cette seconde période vont entrer en concurrence deux conceptions rivales de la sémantique lexicale : une approche historique dans le droit fil de la sémantique évolutionniste de l’époque précédente et une nouvelle approche synchronique, dont l’essor de la linguistique structurale va assurer le succès en Europe”.

<sup>6</sup> No original: “[...] l’étude synchronique des structures lexicales d’une langue”.

<sup>7</sup> No original: “Selon la vulgate historiographique, la linguistique structurale européenne s’enracine dans la dichotomie entre *langue* et *parole* que diffuse la publication posthume, en 1916, du *Cours de linguistique générale (CLG)* de Saussure. [...]. Ce tournage théorique amène à concevoir les mots non plus comme de simples dénominations dont le *sens* est tributaire de concepts ou objets préexistants, mais comme les éléments ou *termes* d’un système de relations lexicales d’où ils tirent leur *signification différentielle* ou *valeur*”.

sincrônico das palavras, pois seu foco consistia na identificação dos traços semânticos diferenciais que, por sua vez, possibilitariam a emergência do seu respectivo valor. Como nos explicam os autores, esse tipo de análise semântica levou os linguistas à exploração dos chamados campos semânticos e das análises sêmicas (TAMBA, 2005, p. 18) que, apesar de parecerem promissoras, acabaram sofrendo com a “onda do formalismo” (GREIMAS, 1976, p. 13) e se mostraram inviáveis devido à extensão do campo de análise sêmico e semântico (FIORIN, 2000, p. 13).

[...] as dificuldades práticas para estabelecer esses universais semânticos e para definir as regras de compatibilidade e de incompatibilidade entre essas unidades são de tal ordem que a análise sêmica só produz resultados satisfatórios em campos léxicos bem delimitados (*id.*).

Paremos um momento para refletirmos sobre alguns pontos que nos chamam a atenção na reconstrução deste percurso para realizarmos um pequeno exercício lógico, com vistas a melhor compreender o momento teórico apresentado e sua relação com o surgimento da *semântica estrutural* de Greimas e para evitarmos incorrer em erros que poderiam comprometer o caráter diacrônico deste capítulo.

No *Dicionário de semiótica*, ao analisarem o verbete “semiótica”, Greimas e Courtés (2008, p. 415) manifestam abertamente a adesão à tradição saussuriana e hjelmsleviana. Porém, Tamba (2005, pp. 17-23) e Fiorin (2000, pp. 12-13) afirmam que a semântica estrutural, essa mesma semântica cujos fundadores correspondem a Saussure e Hjelmslev e que possui como proposta a análise sêmica, na qual “[...] analisa as unidades lexicais manifestadas (morfemas), decompondo-as em unidades subjacentes menores (chamadas unidades mínimas), os semas ou traços semânticos” (*ibid.*, p. 12), fracassou, exatamente pelas dificuldades práticas destacadas, na citação acima, por Fiorin (*ibid.*, p. 13).

Esse “jogo” de afirmações poderia suscitar, pertinentemente, as seguintes questões: 1) Se a semântica estrutural, fundada por Saussure e Hjelmslev, com sua proposta de análise sêmica, teria fracassado, como afirmam Fiorin (2000) e Tamba (2005), ao que corresponderia, então, a semântica estrutural, que dá nome à primeira obra de Greimas; 2) O que conduziu Greimas a insistir, mesmo assim, em utilizar o termo de semântica e estrutural em seu projeto teórico?

A resposta para a primeira pergunta é, ao mesmo tempo, um tanto quanto simples e complexa, pois a semântica estrutural, essa semântica que fracassou devido às dificuldades práticas (FIORIN, 2000, p. 13), não é a mesma *semântica estrutural* que constitui o projeto greimasiano e que chamar-se-ia ulteriormente de semiótica. Como nos explica Rastier ([2017]/2019, p. 16), “enquanto que a semântica estrutural europeia é essencialmente uma semântica lexical, a originalidade de *Semântica estrutural* reside na ligação com uma teoria do texto” (grifos do autor). Tal explicação é reforçada igualmente por Fiorin (2000, p. 13) que afirma:

Tendo fracassado o ambicioso projeto da Semântica Estrutural, os linguistas voltaram-se para a análise de unidades maiores do que a palavra. Ducrot, por exemplo, debruça-se sobre os implícitos do discurso e começa a desenvolver sua Semântica linguística. Outros linguistas começam a preocupar-se com os problemas do discurso.

É, portanto, entre estes linguistas que se preocuparam com os problemas do discurso que podemos situar a semântica estrutural de Greimas, pois para o autor a semântica, para avançar no seu desenvolvimento, deveria ser sintagmática, e não lexical, de maneira a dar conta dos discursos em sua totalidade, e não somente de palavras. Como Greimas e Courtés (2008, p. 396) nos explicam:

Para poder ultrapassar a fase de seu desenvolvimento (aqui brevemente traçado), a semântica – tal como nós tentamos elaborar no quadro do Groupe de Recherches Sémiolinguistiques – deve satisfazer, ao que parece, pelo menos três condições principais:

- a) Deve ser **gerativa**, vale dizer, concebida sob forma de investimentos de conteúdo progressivos, dispostos em patamares sucessivos, que vão dos investimentos mais abstratos aos mais concretos e figurativos, de tal maneira que cada patamar possa receber uma representação metalinguística explícita.
- b) Deve ser **sintagmática**, e não mais apenas taxionômica, procurando assim dar conta não de unidades lexicais particulares, mas da produção e da apreensão dos discursos. Sob esse ponto de vista, a importância atribuída aos semas contextuais na construção dos sememas permite-nos postular a hipótese seguinte: os investimentos semânticos mais profundos correspondem a unidades sintagmáticas cujas direções são as mais amplas e servem de base para estabelecimento das isotopias discursivas; dessa forma, novas camadas de investimento darão lugar então a especificações de conteúdos que decompõem o discurso em unidades sintagmáticas menores, para chegar finalmente a combinações sêmicas.

- c) A semântica deve ser **geral**: sendo as línguas naturais, tanto quanto os mundos naturais, lugares de aparecimento e de produção de semióticas múltiplas, deve-se postular a unicidade do sentido e reconhecer que ele pode ser manifestado por diferentes semióticas ou por várias semiótica ao mesmo tempo (no caso do espetáculo, por exemplo): é por isso que a semântica depende de uma teoria geral da significação. (grifos dos autores).

Com isso, observamos que, com efeito, a semântica estrutural, associada aos campos semânticos da qual falavam Greimas e Courtés (*ibid.*, pp. 395-396), Fiorin (2000, p. 13) e Tamba (2005, pp. 17-23), não se aproxima do projeto teórico da semântica estrutural de Greimas (RASTIER, 2019, p. 16), exceto por compartilharem, historicamente, o mesmo nome e, teoricamente, aderirem a mesma tradição linguística saussuriana e hjelmsleviana.

Em 1956, no artigo fundador já mencionado, “*L’actualité du saussurisme*”, Greimas sublinha a necessidade de um verdadeiro projeto científico de envergadura para a linguística. De formação histórica e comparatista, ele se situa claramente na corrente saussuriana ilustrada por Hjelmslev, mas também por tantos outros autores essenciais, de Jakobson a Benveniste, Coseriu ou Martinet. (RASTIER, 2019, p. 22)

Isto posto, resta-nos, ainda, tentar responder a segunda pergunta que poderia ser evocada pelas escolhas de Greimas que constituíram a semântica estrutural, ou seja, o que conduziu autor a batizar seu projeto teórico, e sua primeira obra, com o mesmo nome de uma corrente teórica já existente, isto é, semântica estrutural? Infelizmente, a resposta para essa questão carece do caráter científico, em relação com a questão anterior, e, conseqüentemente, torna-se especulativa, portanto, sujeito a todos os tipos de críticas que andam de mãos dadas com essa respectiva tomada de risco. De toda maneira, consideramos esta questão válida e mesmo que sua resposta possa possuir um caráter especulativo, buscaremos justificá-la com algumas passagens de *Semântica Estrutural* (GREIMAS, 1976).

Dito isto, acreditamos que Greimas manteve o nome de seu projeto teórico de semântica estrutural não somente por aderir aos postulados teóricos de Saussure e de Hjelmslev, o que justificaria em partes a manutenção do qualificativo estrutural, sobretudo em função do caráter gerativo e do compartilhamento da opinião a respeito dos dois planos da linguagem – o plano da expressão e o plano do conteúdo –, mas

também, e talvez, principalmente, porque o principal objeto de interesse investigativo de Greimas era a significação. Como podemos verificar nas citações abaixo:

O problema da significação está bem no centro das preocupações atuais [...].

Parece-nos que o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado “humano” na medida em que significa alguma coisa.

Dessarte, é na pesquisa a respeito da significação que as ciências humanas podem encontrar seu denominador comum (*ibid.*, p. 11).

Assim, como vimos anteriormente (FIORIN, 2000, p. 13; SEMÂNTICA, 2015), sendo a semântica, em sua definição, considerada uma teoria da significação, parece-nos possível supor que a escolha pela manutenção do termo semântica na obra de Greimas tenha se dado em conformidade com esta aproximação entre o objeto de interesse do autor, isto é, a significação, com a própria definição proposta do lexema, enquanto teoria da significação. Podemos, até mesmo, verificar algumas aproximações, que o autor realiza, entre a semântica e a significação no capítulo intitulado *Semântica, a parente pobre* (GREIMAS, 1976, pp.12-14), no qual expõe os problemas que dificultaram o desenvolvimento, por parte dos linguistas, de pesquisas sobre a significação e os associa com o atraso dos estudos semânticos.

Esses três motivos: o retardamento histórico dos estudos semânticos, as dificuldades próprias à definição de seu objeto e a onda do formalismo – foram determinantes e explicam as reticências dos linguistas em relação às pesquisas sobre a significação.

Tudo isso mostra bem a posição desconfortável daquele que, consciente da urgência dos problemas semânticos, deseja refletir acerca das condições pelas quais seria possível um estudo científico da significação. (*ibid.*, pp. 13-14)

Vemos, com isso, que, seja naquilo que Greimas chamou de semântica estrutural, seja naquilo que conhecemos como semiótica, o centro de interesse do autor encontrava-se sempre em torno de um projeto científico/teórico que buscasse dar conta da significação humana, em outras palavras, daquele “[...] homem que, de manhã à noite e da idade pré-natal à morte, é atormentado por significações que o solicitam por toda parte, por mensagens que o atingem a todo momento e sob todas as formas” (*ibid.*, p. 15).

Tendo, portanto, definido a semiótica como uma teoria da significação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415) e explicitado que a primeira preocupação da teoria seria “explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (*id.*), três novas questões se apresentam para nós: 1) O que é essa significação da qual fala Greimas e que é tão cara ao autor? 2) E o que seria este sentido que se encontra como um processo da significação? 3) Quais são as diferenças, na teoria de Greimas, entre significação e sentido e como eles estão, se é que estão, de fato, relacionados?

A respeito da significação, Greimas e Courtés (*ibid.*, p. 418) destacam a importância desta noção, não somente por corresponder a um conceito-chave da teoria, mas também por ser um componente que a define de maneira quase recíproca – vide a definição dada pelos autores à semiótica enquanto teoria da significação (*ibid.*, p. 415). Dessa maneira, por se tratar de um conceito basilar, foi igualmente necessário esclarecer que esta significação, da qual trata a semiótica e que, ao mesmo tempo, a define, diferenciava-se do emprego corrente do termo. Como afirmam os autores:

Como **significação** é o conceito-chave em redor do qual se organiza toda a teoria semiótica, não é de admirar vê-lo instalado nas diferentes posições do campo de problemas que a teoria se propõe a tratar. É só progressivamente, com a introdução das definições e das denominações que o cobrem, que o termo significação pode ser expulso de suas posições iniciais, mesmo guardando seus empregos parassinonímicos no uso cotidiano. (*ibid.*, p. 418)

Dito isso, a primeira consideração feita pelos autores com relação a definição do termo, é a de que “a significação é suscetível de designar ora o fazer (a significação como processo), ora o estado (aquilo que é significado) [...]” (*id.*). O entendimento de que esta noção não dialoga com apenas uma concepção rígida e estática, forneceu-nos indícios de seu caráter dinâmico, mostrando que, provavelmente, a significação apresentaria um desdobramento das perspectivas, isto é, a perspectiva da significação fundada na apreensão da manifestação, assim como a perspectiva da articulação da significação a ser manifestada, ou seja, um ponto de vista do enunciatário e outro do enunciador. Com isso, no tocante a essa característica da significação, de transitar ora no processo, ora no estado, os autores assinalam que

“desse ponto de vista, significação pode ser parafraseada quer como ‘produção do sentido’, quer como ‘sentido produzido’” (*id.*).

Porém, Greimas e Courtés destacam ainda outras definições da significação, caracterizando-a, por exemplo, como sentido articulado, como substância do conteúdo, como sinônimo de significado ou do plano do conteúdo e ainda como sinônimo de semiose (*ibid.*, p. 419). Em decorrência dessa pluralidade de acepções, parece-nos difícil de encontrar uma definição que consiga dar conta da totalidade do conteúdo metalinguístico do termo, sobretudo, tendo em vista a relação particular que ele parece entreter com o verbete sentido, especialmente que, ao falarem sobre a acepção da significação como sentido articulado, os autores assinalam que “o termo significação é por vezes empregado para designar ‘matéria’ no sentido hjelmsleviano, mas essa acepção poderia ser excluída da metalinguagem semiótica” (*id.*). Por ora, encaremos esta afirmação somente como um dado e deixemo-la de lado, pois trataremos dela um pouco mais adiante.

Retomando as definições do verbete, ao afirmarem que “o termo significação é ainda utilizado para denominar a substância do conteúdo” (*id.*), os autores explicam que esta associação não é, em si, incorreta, mas supérflua, pois a própria substância do conteúdo, conforme a teoria dos planos da linguagem de Hjelmslev (1975, pp. 53-65), já foi selecionada e, com isso, pressupõe, pela relação entre os fúntivos, a seleção da forma do conteúdo, configurando, *per se*, uma articulação do conteúdo, o que, no final das contas, reorienta-nos à primeira definição da significação enquanto sentido articulado.

A definição da significação “como sinônimo de semiose (ou ato de significar)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, 418) apresenta a mesma lógica da utilização do termo de substância do conteúdo como substituto ao conceito de significação. Em resumo, se tomarmos a semiose, seja como o lugar da “reunião do significante com o significado” (*id.*), seja como uma “relação de pressuposição recíproca que define o signo constituído” (*id.*), o que temos é, com efeito, a presença da significação, uma vez que os autores se referem a ideia de signo linguístico de Saussure.

O que podemos depreender destes pontos é que, a significação, pelo que foi apresentado pelos autores, corresponderia ao sentido articulado, mas que, dependendo da perspectiva da interação, poderia equivaler tanto à produção do sentido, funcionando como um ponto de partida do enunciador que busca produzir sentido, bem como à apreensão do sentido, configurando-se como uma espécie, se é



que podemos chamar dessa maneira, de produto do sentido articulado, do ponto de vista do enunciatário.

À definição da significação os autores também acrescentam outro componente essencialmente saussuriano: a diferença. Parece-nos que é a partir dessa concepção que a significação, enquanto sentido articulado, encontra sua verdadeira inclinação existencial enquanto conceito, pois são exatamente as “diferenças” que garantem a especificidade da significação. Como esclarecem os autores:

Todos esses empregos já são dotados de rótulos semânticos particularizantes, por isso, reservamos o termo significação para aquilo que nos parece essencial, ou seja, para a “diferença” – para a produção e para a apreensão dos desvios – que define, segundo Saussure, a própria natureza da linguagem. Assim entendida como utilização das relações – ou como a apreensão delas –, a significação inscreve-se como “sentido articulado” na dicotomia *sentido/significação* e subsume, ao mesmo tempo, como conceito geral, todas as acepções aqui apresentadas (*id.*)

É, portanto, em consequência destas relações entre os componentes apresentados pelos autores, que Greimas e Courtés (*id.*) afirmam que a definição da significação, tomada como sentido articulado, admite o conjunto das noções apresentadas. Sem que a definição de significação tenha ficado suficientemente esclarecida, passemos a explicação do termo sentido no *Dicionário de semiótica*, para que, com isso, possamos, um pouco mais adiante, melhor apresentá-la, tendo em vista que os dois termos apresentam uma relação entre eles.

Assim, a respeito do verbete sentido, ao apresentá-lo como: “propriedade comum a todas as semióticas, o conceito de sentido é indefinível” (*ibid.*, p. 416), deparamo-nos com um problema acerca da constituição da metalinguagem semiótica, sobretudo porque a “primeira preocupação [da teoria] será, pois, explicitar [...] as condições da apreensão e da produção do sentido” (*ibid.*, p. 415). Apesar dos esforços dos autores na tentativa de definir o termo, assim como as relações que ele engendra, ao dizerem que:

Intuitivamente ou ingenuamente, duas abordagens do sentido são possíveis: pode ser considerado quer como aquilo que permite as operações de paráfrase ou de transcodificação, quer como aquilo que fundamenta a atividade humana enquanto intencionalidade. (*id.*)

Eles concluem afirmando que “anteriormente à sua manifestação sob forma da significação articulada, nada poderia ser dito, a não ser que se façam intervir pressupostos metafísicos carregados de consequências (*id.*)”.

Consequentemente, a partir das acepções apresentadas, parece-nos que a definição da significação, bem como a de sentido, não são exatamente aquilo que poderíamos considerar como objetivas, de tal maneira que a relação que as conecta tornam as noções apresentadas no *Dicionário de semiótica* (*ibid.*, pp. 416-417; pp. 418-419) difíceis se serem compreendidas em sua totalidade. Podemos, então, supor que isso se deve, em especial, as diversas menções que são feitas a ideia de “sentido articulado”, ao se referirem a significação, e ao associarem, tanto o conceito de significação, quanto o de sentido à noção de matéria de Hjelmslev, como podemos verificar na seguinte passagem ao tratarem do verbete sentido:

L. Hjelmslev propõe uma definição operatória de sentido, identificando-o com o “material” primeiro, ou com o “suporte” graças ao qual qualquer semiótica enquanto forma, se acha manifestada. **Sentido torna-se, assim sinônimo de “matéria”** [...] (*ibid.*, p. 417, grifos nossos)

E, também, mais adiante ao falarem a respeito do verbete significação:

Obtém-se uma primeira delimitação do campo semântico coberto por “significação” opondo-o a “sentido”, isto é, reservando esse último termo para aquilo que é anterior à produção semiótica: definir-se-á, assim, a significação como sentido articulado. **Isso quer dizer que o termo significação é por vezes empregado para designar “matéria” no sentido hjelmsleviano**, mas essa acepção poderia ser excluída da metalinguagem semiótica (*ibid.*, p. 419, grifos nossos)

Mesmo que os autores afirmem que essa acepção poderia ser excluída da metalinguagem semiótica, a referência a “matéria” hjelmsleviana tanto para a definição do termo sentido quanto para a noção de significação podem causar, como foi o nosso caso, problemas para se compreender, de fato, os conceitos em questão. Podemos ainda dizer, como já afirmamos anteriormente, que a pluralidade de acepções relacionadas ao verbete significação, e a falta delas no caso de “sentido”, dificulta a compreensão do que seriam, de fato, estes conceitos que compõe o objeto e o objetivo da teoria semiótica.

Porém, essa primeira dificuldade em encontrar definições que consigam dar conta da totalidade destes conceitos, parece-nos, sobretudo, um reflexo de um excesso de preocupação na tentativa de abarcar todas as relações possíveis e com a constituição de uma clareza científica na metalinguagem da teoria, pois podemos encontrar algumas explicações, consideravelmente mais objetivas, já no ano de 1956 no artigo de Greimas intitulado “*L’actualité du saussurisme*”, como por exemplo, quando o autor afirma que:

A originalidade da contribuição de F. de Saussure reside, acreditamos nós, na transformação de uma visão do mundo que lhe foi própria – e que consiste em apreender o mundo como uma vasta rede de relações, como uma arquitetura de formas carregadas de sentido, portando nelas mesmas sua própria significação –, em uma teoria do conhecimento e uma metodologia linguística. Porque, longe de se contentar com uma fenomenologia descritiva, ou como a chama Louis Hjelmslev, de uma “*descrição pura*”, mais próxima da poesia que da ciência exata” – e que nós só conhecemos bem por meio das “*descrições fenomenológicas*” cada vez mais numerosas –, Saussure soube provar o valor epistemológico de seu postulado aplicando-o à uma ciência do homem particular, a linguística. É partindo do conceito linguístico do *significante*, indissociavelmente ligado ao *significado* (este não sendo conhecido que por aquele), da noção de *língua*, este ser de dupla face, concebido como “uma forma e não (como) uma substância”, que se efetua a passagem da linguística às outras ciências humanas, a extrapolação metodológica do saussurismo, e que se afirma o postulado saussuriano, de um mundo estruturado, apreensível nas suas significações.<sup>8</sup> (GREIMAS, [1956]/2000a, p. 372, grifo do autor, tradução nossa)

Nesta citação é possível destacar alguns elementos que podem iluminar, em certa medida, o caminho na definição da significação para Greimas, sobretudo, tendo em vista sua preferência na utilização do termo conforme preconizava Saussure. Sendo assim, ao falar sobre a visão de mundo particular de Saussure, a qual “[...]”

---

<sup>8</sup> No original: “L’originalité de la contribution de F. de Saussure réside, croyons-nous, dans la transformation d’une vision du monde qui lui fut propre - et qui consiste à saisir le monde comme un vaste réseau de relations, comme une architecture de formes chargées de sens, portant en elles-mêmes leur propre signification – en une théorie de la connaissance et une méthodologie linguistique. Car, loin de se satisfaire d’une phénoménologie descriptive ou, comme l’appelle Louis Hjelmslev, d’une « *description pure*, plus proche de la poésie que de la science exacte » - et que nous ne connaissons que trop bien à travers les « descriptions phénoménologiques » de plus en plus nombreuses –, Saussure a su éprouver la valeur épistémologique de son postulat en l’appliquant à une science de l’homme particulière, la linguistique. C’est en partant du concept linguistique du *signifiant*, indissolublement lié au *signifié* (celui-ci n’étant connu que par celui-là), de la notion de *langue*, cet être à double face, conçue comme « une forme et non (comme) une substance », que s’effectue le passage de la linguistique aux autres sciences humaines, l’extrapolation méthodologique du saussurisme, et que s’affirme le postulat saussurien d’un monde structuré, saisissable dans ses significations.”

consiste em apreender o mundo como uma vasta rede de relações, como uma arquitetura de formas carregadas de sentido, portando nelas mesmas sua própria significação [...]” (*id.*), podemos destacar dois pontos importantes: 1) A significação é anterior ao sentido, isto é, se situa em uma camada – para não utilizarmos o termo nível – mais profunda da apreensão; 2) A significação é dada pelas relações desta vasta rede da qual fala o autor.

Ainda fazendo uso desta citação, notamos que, Greimas, ao mostrar como se dá a “extrapolação metodológica do saussurismo”, isto é, como a “noção de *língua*” permite a passagem dos elementos da linguística às outras ciências do homem, valida o postulado de Saussure a respeito da existência de “um mundo estruturado, apreensível nas suas significações”. Este esquema nos indica que, quando Greimas fala das significações, ele está, na verdade, referindo-se à ideia de significado linguístico de Saussure. É, pois, exatamente por relacionar a significação ao conceito de significado linguístico que se torna possível essa passagem entre as disciplinas/ciências que o autor cita, ao mesmo tempo em que insere o universo da significação em um contexto social e cultural determinado, ou, para recuperar as palavras de Saussure ([1916]/2006, p. 24) “no seio da vida social”.

No caso da existência de alguma dúvida residual ou de alguma desconfiança a respeito de nossa interpretação com relação a aproximação entre os conceitos de significação e de significado linguístico, em *Semântica estrutural*, dez anos depois da publicação de seu artigo sobre a atualidade do saussurismo, o autor nos apresenta, de maneira objetiva, aquilo que ele considera como significação: “Designaremos com o nome de *significado* a significação ou as significações que são recobertas pelo significante e manifestadas graças a sua existência” (GREIMAS, 1976, p. 17, grifo do autor).

Tal conclusão a respeito da definição do conceito de significação não nos deixa, contudo, sem alguns “efeitos secundários”, sobretudo com relação a uma inquietação constante daqueles que iniciam seus estudos na semiótica estrutural a partir de uma obra denominada *Semântica estrutural*: como o autor passa de uma semântica estrutural àquilo que conhecemos hoje de semiótica? A resposta nos parece ter uma relação direta com a definição de significação, de semântica e do conceito de significado linguístico. Com o que foi apresentado até o momento, podemos imaginar que o seguinte encadeamento lógico: A semântica é definida, como vimos anteriormente, como o estudo da significação; a significação, por sua vez, aproxima-

se da noção de significado linguístico, o que indiretamente conduz a um distanciamento dos estudos do plano da expressão. É, portanto, por esta razão que alguns semioticistas não consideram a primeira obra de Greimas como um livro de semiótica, mas sim como um livro de semântica, ou ainda de alguma outra disciplina que não saberíamos definir, como é o caso de Rastier (2019, p. 22) ao afirmar:

[...] quando no decorrer da década seguinte [dez anos após o texto “*L’actualité du saussurisme*”] ele elabora sua própria teoria semiótica e formula seu projeto ambicioso, ele o funda inicialmente sobre uma semântica autônoma em relação à expressão: *Semântica estrutural*, livro apresentado como fundador da semiótica, não trata desta disciplina.

Não cabe a nós concordarmos ou discordarmos de Rastier, entretanto, veremos mais adiante que muitos elementos do plano da expressão, e conseqüentemente da estética, encontram-se presentes na redação de *Semântica estrutural*.

Tendo, assim, apresentado a definição do que seria a significação para Greimas, dentro do escopo da teoria semiótica, resta-nos ainda a tarefa de buscar uma definição adequada para aquele conceito tomado inicialmente como indefinível (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 416), ou seja, o sentido.

Contudo, tal busca apresenta logo de início sua primeira dificuldade, pois reconhecendo a predileção de Greimas pela teoria saussuriana, e ao tentarmos encontrar uma pista nos escritos de Saussure, deparamo-nos com a seguinte afirmação do autor em seus *Escritos de linguística geral* (2004, p. 30): “Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos *valor*, *sentido*, *significação*, *função* ou *emprego* de uma forma, nem mesmo com a *ideia* como *conteúdo* de uma forma; esses termos são sinônimos” (grifos do autor). Porém, não podemos incorrer na falsa ideia de imaginar que Greimas teve acesso à definição de Saussure apresentada acima, pois, segundo os editores da obra, os manuscritos do autor que compõem a publicação foram encontrados pelos pesquisadores somente no ano de 1996. Sendo assim, por uma questão de ética científica, parece-nos mais razoável considerarmos que os textos ao quais Greimas teve contato foram aqueles presentes no consagrado *Curso de linguística geral* (2006).

Com isso em vista, observamos que Saussure (*id.*), na sua obra inaugural, redigida com base nas anotações de seus alunos, apresenta uma visão um pouco

diferente daquela que mostramos anteriormente, pois em seu *Curso de linguística geral* temos que significação e valor não correspondem a sinônimos e é essa distinção que fará toda a diferença entre o sentido e a significação na teoria semiótica. Vejamos o que Saussure (2006, pp. 132-133) diz:

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, um dos aspectos do valor linguístico. Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama *significação*? Essas duas palavras serão sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que elas assinalam.

Reconhecendo a significação como “a contraparte da imagem auditiva” (*ibid.*, p. 133), ou seja, como o significado e que a palavra, nesta relação entre significante e significado, passa a ser “considerada como um domínio fechado existente por si próprio” (*id.*), podemos começar a visualizar algumas considerações. Saussure nos explica que, assim como “de um lado o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo [...], de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua” (*id.*). É, portanto, nessa relação entre os signos de um mesmo sistema que o valor se manifesta. No exemplo saussuriano, a língua consiste em “um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros [...]” (*id.*). Esta noção de valor, parece-nos, de fato, corresponder, em uma certa medida, ao conceito de sentido de Greimas, sobretudo, em razão de que o valor de uma determinada palavra só é “determinado por aquilo que o rodeia”.

Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente. (*ibid.*, p. 134)

Com isso, para chegarmos a definição de sentido na teoria semiótica, além de levarmos em consideração que para Saussure “o valor de qualquer termo que seja

está determinado por aquilo que o rodeia” (*ibid.*, 135), ou seja, pelas relações que ele estabelece com os termos de um mesmo sistema, devemos ter em mente que Greimas analisa, como já foi dito anteriormente, unidades de significação maiores que a palavra, isto é, o discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 396), e que, por esta razão, não dialogam com a análise da língua enquanto sistema, mas sim com a noção de processo, mais particularmente voltada para a conceituação dada por Hjelmslev, na qual o autor afirma que “podemos definir um *sistema* como uma hierarquia correlacional, e um *processo* como uma hierarquia relacional” (HJELMSLEV, 1975, p. 43). Dessa maneira, o sistema, enquanto hierarquia correlacional, pertenceria ao eixo das escolhas paradigmáticas; e o processo, ao eixo sintagmático. O primeiro correspondendo ao termo da dicotomia saussuriana denominado de língua e o segundo associado a noção de fala ou de texto, pois a fala, nesse contexto, é um processo que manifesta um determinado texto ao se utilizar de um determinado sistema, nesse caso, a língua. Como nos explica Hjelmslev (*ibid.*, pp. 43-44):

Ora, como já vimos, processo e sistema são conceitos de uma grande generalidade, e que não poderiam ter seu uso restrito exclusivamente a objetos semióticos. Encontramos designações cômodas e tradicionais para um processo e um sistema semióticos nos termos *sintagmática* e *paradigmática*. Quando se trata da língua natural falada, que é a única a nos interessar no momento, podemos também utilizar termos mais simples: chamaremos aqui o processo de *texto*, e o sistema de *língua*.

Nesse momento, podemos nos interrogarmos sobre a necessidade de uma tal digressão para se chegar na definição de sentido na teoria semiótica. Todavia, o que pretendemos evidenciar com isso é o fato de que, com a contribuição de Hjelmslev, a respeito da dicotomia sistema/processo, podemos notar que Saussure, ao elaborar sua teoria, mostrava maior interesse pelas questões relacionadas ao nível do sistema, isto é, da língua; enquanto que Greimas, ao escolher investigar as unidades do discurso, trabalharia dentro dos limites do processo hjelmsleviano, pois o discurso equivaleria a concepção da fala saussuriana, uma vez que estas duas instâncias correspondem aos lugares da manifestação da língua. Se visitarmos, mais uma vez, o *Dicionário de semiótica*, veremos que os próprios autores afirmam isto ao dizer claramente que “pode-se identificar o conceito de discurso com o de processo semiótico” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 125). É, portanto, por esta razão que podemos dizer que a semiótica estrutural se interessa pelo processo e não pelo

sistema. Entretanto, é igualmente necessário destacar que, ao evidenciarmos tal ponto, não quer dizer que o sistema seja excluído da análise semiótica, ao contrário, não pode haver processo semiótico sem a existência de um sistema. Como postula Hjelmslev (1975, p. 44):

Não seria possível imaginar um processo sem um sistema por trás dele porque neste caso tal processo seria inexplicável, no sentido absoluto da palavra. Um sistema, pelo contrário, não é inconcebível sem um processo. A existência de um sistema não pressupõe a existência de um processo. O sistema não existe em virtude de um processo.

Com isto, podemos supor que se no esquema saussuriano, que tinha como base o sistema da língua, o valor do signo se encontrava não necessariamente associado ao seu significado, mas na correlação dele com os demais signos do sistema, arriscamo-nos a dizer que no processo, lugar da manifestação da língua na fala, por exemplo, o valor também se encontra presente, porém o valor é reconhecido a partir da relação sintagmática que cada elemento do discurso entretém com os demais, rompendo, desta maneira, com uma noção quase metafísica da significação, como afirma Rastier (2019, p. 27):

A tradição lógica e ontológica que prevaleceu na gramática e, mais tarde, nas ciências da linguagem, isolou a palavra em sua relação com seu referente, a frase em sua relação com um estado das coisas, o texto em sua relação com o mundo, ficcional ou não. A esse paradigma da *significação*, cujo fundamento é em suma metafísico, nos parece útil de substituir aquele do *sentido*, outrora de tradição retórica e hermenêutica, para romper a tripla solidão do signo, da frase e do texto: a palavra toma seu sentido no sintagma, o sintagma no período, o período no texto, o texto na prática social onde ele é produto e relativamente a outros textos. (grifos do autor)

Assim, o valor de Saussure no sistema, seria o equivalente ao sentido no processo; entretanto, em vez da comparação entre signos do mesmo sistema, comparar-se-iam as relações entre os componentes manifestados dentro do próprio discurso, respeitando o postulado hjelmsleviano da sintagmática do processo, configurando, a nosso ver, o sentido como uma espécie de valor – na acepção saussuriana do termo – entre o conjunto de elementos concretizados na totalidade da manifestação do texto e nas interações que ele possui com uma instância



hierarquicamente superior e responsável, em certa medida, pela organização de traços variantes e invariantes. Tal acepção a respeito do sentido parece, a nosso ver, dialogar com a maneira que Greimas utiliza o termo sentido em seu texto *Estrutura e história*, originalmente publicado em 1966<sup>9</sup>, mesmo ano de *Semântica estrutural*, e posteriormente republicado em *Sobre o sentido* ([1970]/1975a).

Mesmo se, abandonando a manifestação gramatical da realidade linguística, nos colocarmos no plano transfrástico das significações cujos elementos parecem bem distribuídos ao longo da linha do tempo e constituem o discurso como a manifestação temporal do sentido, encontraríamos aí os mesmos condicionamentos que transformam a temporalidade, considerada como meio de transmissão, em simultaneidade, condição extralinguística da recepção das mensagens encadeadas em discurso (GREIMAS, 1968, p. 54)

Podemos, ainda, encontrar outras aproximações entre o percurso que apresentamos a respeito do sentido e o que Greimas afirma neste texto na passagem na qual o autor afirma que:

Interrogar-se, ao sair de uma sessão de cinema, sobre o “sentido” do filme que se acaba de ver, consiste, pois, em organizar, no quadro da própria linguagem interior, tendo em vista uma apercepção totalizante, um pequeno número de elementos essenciais, constitutivos dessa narrativa. Todo procedimento ulterior poderá escolher somente um desses elementos para decompô-lo [...]. (*ibid.*, p. 55)

Desta maneira, se, de um lado, para Greimas e Courtés (2008, p. 416), o sentido se apresenta como algo indefinível; do outro, Rastier define o sentido, ao reunir uma série de elementos que o constituem, como sendo:

[...] Em suma (i) O sentido é um nível de objetividade que não é redutível nem à referência, nem às representações mentais. Ele é analisável em *traços semânticos* (ou *semas*) que são momentos estabilizados nos percursos de interpretação. (ii) A tipologia dos signos depende da tipologia dos percursos dos quais são o objeto. (iii) Feito de diferenças percebidas e qualificadas nas práticas, o sentido é uma propriedade dos textos e não dos signos isolados (que não possuem existência empírica). (iv) O sentido de uma unidade é determinado por seu contexto. Como o contexto é todo o texto, a *microsemântica* depende da *macrosemântica*. (v) As

---

<sup>9</sup> A versão do texto que utilizaremos é aquela da primeira publicação presente no livro *Problemas do estruturalismo* ([1966]/1968).

unidades textuais elementares não são palavras, mas sim *passagens*. Uma passagem tem por expressão um *extrato* e por conteúdo um *fragmento*. (vi) No plano semântico, os traços pertinentes são organizados para compor as *formas semânticas*, como os temas, que se destacam sobre *fundos semânticos* (as isotopias em especial). As formas semânticas são momentos estabilizados nas séries de transformações tanto ao seio do texto quanto entre textos. (RASTIER, 2019, p. 28)

Ao apresentarmos a articulação a respeito do sentido de Rastier, podemos notar com maior clareza que todos os elementos que foram anteriormente destacados nos caminhos que percorremos, entre Saussure, Hjelmslev e Greimas, parecem ter se encontrado no parágrafo do autor. Entretanto, existem alguns pontos que tal citação não abarca, mas que estão presentes em seu texto. Contudo, de uma maneira um pouco mais esparsa ou ainda indireta, ao falar, por exemplo, que “o sentido não pode ser apreendido se não por sua expressão” (*ibid.*, p. 23), ou ainda, ao tratar da relação entre a ação descritiva do semiótico, a percepção e as organizações prosódica:

A descrição deve restituir o aspecto dinâmico da produção e da interpretação dos textos. A primeira etapa consiste em descrever as dinâmicas de seus fundos e de suas formas: por exemplo, a construção de moléculas sêmicas, sua evolução e sua dissolução eventual. Essas dinâmicas e suas otimizações são combinadas diferentemente segundo gêneros e os discursos, pois as formas e os fundos são constituídos e reconhecidos em função de normas diferentes: a percepção dos fundos semânticos parece ligada a ritmos e aquela das formas a contornos, cuja organização prosódica pode apresentar uma imagem. (*ibid.*, p. 31)

Dessa maneira, é necessário destacar que dentro destas passagens do texto de Rastier estão presentes as características que faltam para compreendermos o que é o sentido e como ele se dá na semiótica, pois, até o momento, observamos o sentido construído objetivamente com base em uma aproximação com a própria noção de valor de Saussure, ou seja, o sentido construído na relação interna dos elementos em um determinado discurso ou texto – para utilizar a expressão de Hjelmslev a fim de destacar o nível do processo.

Dito isto, e para completar a definição de sentido, não podemos nos esquecer que a relação *língua/fala* de Saussure corresponderia, dentro dos limites estabelecidos, ao conjunto *sistema/processo* de Hjelmslev. É, portanto, valendo-nos

dessa perspectiva, e compreendendo junto com Hjelmslev (1975) ao interpretar a fala enquanto processo, isto é, enquanto concretização da língua em manifestações perceptíveis aos sentidos em razão de sua característica “material”, que podemos dizer que o sentido se manifesta a partir da apreensão do significante, ou seja, no nível da manifestação apreendida. Esta relação explicaria a razão pela qual, no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 417), o verbete sentido é associado às noções de substância e matéria. Além disso, se retomarmos a citação de Rastier (2019, p. 31), ao mencionar a organização prosódica do sentido, encontraremos, igualmente no *Dicionário de semiótica*, que “a prosódia se consagra ao estudo das unidades do plano da expressão que vão além das dimensões dos fonemas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 357).

Todos estes elementos nos mostram que o sentido se concretiza no processo<sup>10</sup> como a substância da expressão encarnada no significante e que, enquanto tal, é produto das articulações e dos arranjos que compõem o texto na qualidade de uma cadeia sintagmática. Sendo assim, se tomarmos o processo, enquanto texto ou ainda como enunciado, como destacam Greimas e Courtés (2008, p. 126), notaremos que a maneira pela qual podemos aceder a este valor – nos termos de Saussure –, que se encontra na sintagmática dos arranjos da manifestação, e que configura o que estamos entendendo por sentido, é por meio da apreensão do conjunto significante que compõe o “objeto”.

Por conseguinte, é partindo dessa perspectiva que podemos, então, destacar a ausência de um componente essencial a respeito do sentido, isto é, o sujeito que percebe os arranjos e as articulações da cadeia sintagmática do enunciado e, a partir disso, depreende ou, como veremos mais adiante, constrói o sentido. Este componente encontra-se, não por acaso, destacado exatamente no livro que Greimas parece dedicar a esta problemática, intitulado, não ingenuamente, de *Sobre o sentido* (1975a).

Logo no início do texto inaugural do livro, que leva o mesmo nome que a obra (*ibid.* pp. 7-17), podemos encontrar este componente que falta a esta “equação” a respeito do sentido, isto é, o sujeito da percepção, que apreende a manifestação do

---

<sup>10</sup> Utilizamos o termo “processo” na esteira do pensamento de Hjelmslev.

significante, que concretiza a existência substancial<sup>11</sup> de um determinado texto. Como o próprio autor afirma:

Um quadro, um poema são apenas pretextos, o único sentido que eles têm é aquele – ou são aqueles – que lhes damos. Eis aqui o *nós* erigido em instância suprema do sentido: é ele que comanda filtro cultural de nossa percepção do mundo, é ele também que seleciona e ordena as epistemes que “se implicam” nos objetos particulares – quadros, poemas, narrativas –, resultados de emaranhados do significante. (*ibid.*, pp. 7-8)

Antes de avançarmos no nosso trabalho, é imprescindível que contextualizemos a afirmação de Greimas para que possamos, de fato, associá-la como a adição deste componente, que até então faltava, na configuração do sentido de maneira coerente e respeitosa com o projeto teórico do autor. Assim, retornando ao texto de Greimas, veremos que o autor, ao realizar tal comentário, não sustenta que essa passagem seja uma verdade científica, exatamente pelo fato de que afirmar que são os sujeitos que dão o sentido, acaba por esvaziar o ato de produção do sentido do próprio sentido, fazendo-nos recair no campo da subjetividade, onde tudo é possível e não permite a existência de nenhuma descrição científica, como a semiótica se propõe a fazer.

Desta maneira, ao propor, de maneira provocativa, a transferência da “responsabilidade do sentido” para o sujeito – pois neste contexto seria ele o responsável por dar sentido às coisas –, Greimas evidencia um *pseudo* êxito que, com o triunfo do relativismo, apresentaria uma solução sem que o problema do sentido seja de fato resolvido, além de evidenciar as consequências teóricas desta escolha, pois isto representaria apenas um deslocamento da problemática, e não uma solução. Como podemos verificar nas palavras de Greimas (1975a, p. 8), ao falar sobre tal deslocamento da problemática do sentido:

A operação teve êxito, o sentido é retirado dos objetos significantes, o relativismo triunfou: o sentido não está mais presente, todos os sentidos são possíveis. Na verdade, nada mudou, e a mesma problemática – com as mesmas taxinomias epistêmicas e a mesma ordenação sintática – se mantém num nível mais “profundo” ou, simplesmente, em outro nível. Quer se situe o sentido

---

<sup>11</sup> Ao falarmos da concretização da existência substancial, além de fazermos referência à noção de substância de Hjelmslev, procuramos destacar que a sua concretização existencial, isto é, o reconhecimento da substância em algum lugar do espaço-tempo enquanto dado no e/ou do mundo, só é possível pela sua atualização a partir de sua interação com o sujeito que a percebe.

imediatamente atrás das palavras, antes das palavras ou depois das palavras, a questão do sentido permanece.

Dito isto, observamos que podemos encarar a evolução deste parágrafo, assim como o desenvolvimento da integralidade do texto que abre o livro em questão, a partir de dois pontos de vista diferentes e excludentes. A primeira perspectiva pode ser visualizada com base nas críticas às tentativas anteriores de diferentes disciplinas, inclusive da própria semiótica, de tentarem dar conta da problemática do sentido e, com isso, incorrerem em certos reducionismos epistemológicos perigosos, sobretudo no que se refere ao estabelecimento de uma metodologia descritiva suficientemente científica. A principal consequência deste caminho é, portanto, a recusa das considerações anteriores a respeito do sentido e a busca de um modelo totalmente reformulado para a compreensão da produção e da apreensão do sentido.

A segunda perspectiva, que parece ser o caminho que Greimas efetivamente imaginou, corresponde à ideia de que ao realizar suas críticas, o autor não busca desmerecer ou desqualificar, especificamente, uma abordagem ou outra em prol de uma visão particular. O que nos faz pensar isto encontra fundamento no fato de Greimas apresentar as vantagens e desvantagens das diferentes abordagens no que tange à problemática do sentido. É possível, assim, reconhecer tal perspectiva na passagem na qual o autor afirma que:

Também chegamos a pensar que nossos antecessores não foram talvez tão ingênuos como se pensa quando afirmavam, como um Bloomfield por exemplo, que o sentido exatamente como uma evidência, como um dado imediato, mas que nada mais se pode dizer sobre. Eles tiveram pelo menos o mérito de reduzir o problema a uma escala mais acessível, tentando estudar as condições da manifestação do sentido, ou seja, descrevendo esta cobertura sonora ou gráfica que embora não tendo nada que ver com o sentido, lhe permitem filtrar-se e chegar até nós. (*id.*)

É, portanto, nesse percurso que o autor, ao contrário da primeira perspectiva, não pretende ressaltar as críticas às tentativas anteriores, mas sim aos avanços que cada uma destas abordagens proporcionou ao estudo do sentido, de modo a tomarmos conhecimento, a partir das ressalvas que ele coloca, dos eventuais problemas que cada abordagem tomada isoladamente poderia, com o risco do reducionismo epistemológico, eventualmente ocasionar.

Ao fazer isto, o autor evidencia, não o caminho “certo” a ser seguido, mas a complexidade da problemática do sentido, mostrando, de uma certa maneira, que todas as abordagens são, em alguma medida, coerentes, ou seja, a partir de um determinado ponto de vista. Contudo, é necessário levar em consideração a complexidade da produção e da apreensão do sentido, não somente em um dos pontos destacados, mas sim na pluralidades das abordagens, isto é, não somente a partir da ideia de que o sujeito é o único responsável pelo sentido, ou ainda de que o objeto corresponde a uma espécie de ser ontológico do sentido, como se este estivesse inscrito nele, como uma configuração rígida.

Greimas sabia, como ele mesmo mostra ao realizar suas críticas, que assumir qualquer uma dessas considerações de maneira isolada, sem considerar as respectivas consequências, não corresponderia, efetivamente, a uma saída coerente, nem suficientemente científica para a questão do sentido.

Parece-nos, portanto, que, ao realizarmos uma leitura atenta deste texto, que de certa maneira inaugura a questão “sobre o sentido” na teoria semiótica, ao mesmo tempo em que marca o abandono do projeto de uma semântica sistemática (*ibid.*, p. 17), podemos considerar que todos os elementos que apresentamos a respeito do sentido, com base nas considerações de Rastier (2019), no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008), em *Semântica estrutural* (1976) e igualmente nos trabalhos basilares de Saussure (2006) e Hjelmslev (1975), encontram-se presentes neste texto introdutório, que trata especificamente da problemática do sentido.

Verificamos, assim, a presença da questão da inserção do sujeito no universo do discurso, o problema da produção e da apreensão do sentido, o problema da relação entre significante e significado, assim como as questões a respeito das articulações internas do objeto e de uma metalinguagem científica que seja capaz de falar sobre o sentido.

É a partir deste contexto que podemos observar a segunda perspectiva, sobre a qual tratamos há alguns parágrafos, a respeito da abordagem de Greimas. Seria quase como uma chamada do autor para chamar a nossa atenção para o fato de que tudo isso faz parte do sentido, mas não de uma maneira separada, como até o momento tinha sido proposto; ao contrário, o sentido é, exatamente, a reunião de todos estes arranjos e de todas essas articulações, não excluindo o sujeito que produz o sentido, nem aquele que apreende o sentido e nem o objeto, lugar de investimento da significação articulada em sentido – o que justificaria a afirmação de que o sentido

é, também, “significação articulada” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 417). O sentido seria essa totalidade articulada e em interação entre sujeito e mundo e entre sujeitos, pois, como afirma Landowski ([1989]/1992, p. 11), “tudo o que faz sentido é construído e, por conseguinte, pressupõe um *fazer* de ordem cognitiva, remetendo, nos sujeitos, ao que chamaremos sua “competência semiótica” (grifo do autor), de maneira que o autor defende a ideia de os sujeitos não estão “condenados ao sentido” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 18), mas sim, condenados a construírem o sentido (LANDOWSKI, [2006]/2014, p. 15).

Esta construção do sentido que, como estamos buscando mostrar, já se encontrava de certa maneira inscrita na introdução de *Sobre o sentido* (GREIMAS, 1975a), é fundada não na exploração de cada um dos elementos que faz parte do processo relacional entre sujeito e objeto, ou ainda entre sujeitos, de maneira isolada, como Greimas evidenciou em seu texto, mas sim, precisamente, na reunião desses elementos a partir de uma perspectiva, além da relacional, interacional, na qual o sujeito percebe sincronicamente o outro (GREIMAS, 1966; 1976), este outro podendo ser um objeto ou um sujeito, ao mesmo tempo em que este outro deixa entrever suas qualidades sensíveis inscritas nos significantes. Tal perspectiva engloba, desta maneira, tanto a problemática da apreensão do sentido, quanto da produção do sentido, elementos estes que constituem a primeira preocupação da teoria semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415). É nesse contexto que Landowski (2004, p. 26) afirma que:

[...] esta operação de construção [do sentido] não se reduz, de forma alguma, – exceto, talvez, nos limites da psicose – a um ato de criação unilateral no qual cada um seria, por sua própria conta, o único e todo poderoso demiurgo. Ao contrário, se nós “construímos o mundo”, é sempre em um processo de interação com uma positividade exterior – uma alteridade – que nos faz face e que não saberia ser puramente e simplesmente reduzida, em todos os casos, à posição e ao estatuto de um “objeto” (tradução nossa)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> No original: “[...] cette opération de construction [...] ne se ramène en aucun cas – sauf peut-être à frôler la psychose – à un acte de création unilatéral dont chacun serait pour son propre compte l’unique et tout puissant demiurge. Au contraire, si nous « construisons le monde », c’est toujours dans un processus d’interaction avec une positivité extérieure – une altérité – qui nous fait face et qui ne saurait être purement et simplement réduite dans tous les cas à la position et au statut de l’« objet ».”

É, portanto, considerando tudo o que foi exposto e entendendo que os elementos que configuram a existência metalinguística do sentido – talvez poderíamos até mesmo falar em elementos que constituem a própria definição do sentido – já se encontravam presentes no texto *Sobre o sentido* (GREIMAS, 1975a, pp. 7-17), que podemos, a partir da reunião destes pontos, compreender junto com Landowski (2009, p. 4) o sentido:

Se a coisa, ao se tornar objeto, assume, portanto, uma “significação” precisa, em contrapartida ela cessa, do mesmo modo, de ser considerada no tipo de relações que permitiriam de apreendê-la enquanto conjunto de *sentido*. Para que ela “faça sentido”, é preciso passar – ou retornar – de sua utilização (efetiva ou simplesmente projetada) para aquilo que nós chamaremos de sua *prática*. Enquanto a significação, de acordo com a definição que nós concordamos em dar, é fixada anteriormente à utilização da coisa como objeto e especifica restritivamente seu modo de uso, o sentido, em si, não poderia ser dado antes da prática. Pelo contrário, ele é resultante dela. Porque, para que ele seja apreendido, é preciso que o sujeito, talvez sem nem mesmo saber a que a coisa em questão é destinada a servir, tome a iniciativa de “se relacionar”, que se atreva a “correr o risco”, a colocar a prova o que ela pode dar, em suma, que ele se engaje a *praticá-la*, e que, mediante esta prática, ele descubra, em ato, sua consistência, suas qualidades próprias, suas propriedades, suas potencialidades. Em outras palavras, é preciso que o sujeito experimente (seja efetivamente, seja ao menos no modo imaginário) a especificidade da *relação de interação*, cuja constituição imanente da coisa considerada contém tacitamente a promessa ou, conforme o caso, a ameaça, pois toda prática construtora de sentido e de valor comporta certos riscos. (grifo do autor, tradução nossa)<sup>13</sup>

Tendo, assim, colocado os fundamentos sobre o que seria uma semiótica e o que ela investiga, podemos, então, buscar compreender, dentro desse edifício

---

<sup>13</sup> No original: “Si la chose, en devenant objet, prend donc une « signification » précise, elle cesse en revanche, du même coup, d’être prise dans le type de relations qui permettrait de la saisir en tant que foyer de sens. Pour qu’elle « fasse sens », il faut passer — ou revenir — de son utilisation (effective ou simplement projetée) à ce que nous appellerons sa pratique. Alors que la signification, selon la définition que nous convenons d’en donner, est fixée antérieurement à l’utilisation de la chose en tant qu’objet et spécifie restrictivement son mode d’emploi, le sens ne saurait, lui, être donné avant la pratique. Il ne peut au contraire qu’en résulter. Car pour qu’il se donne à appréhender, il faut que le sujet, sans peut-être même savoir à quoi la chose en question est censée servir, prenne l’initiative de « s’y frotter », qu’il se hasarde à l’« essayer », à mettre à l’épreuve ce qu’elle peut donner, bref qu’il entreprenne de la pratiquer, et que, moyennant cette pratique, il découvre, en acte, sa consistance, ses qualités propres, ses propriétés, ses potentialités. Il faut, en d’autres termes, que le sujet expérimente (soit effectivement, soit au moins sur le mode imaginaire) la spécificité du rapport d’interaction dont la constitution immanente de la chose considérée contient tacitement la promesse ou, le cas échéant, la menace car toute pratique constructrice de sens et de valeur comporte certains risques.”



epistemológico da teoria semiótica, como a ética e a estética se encontram presentes, isto é, quais são os traços distintivos que denunciam a presença (e a existência) da ética e da estética no conjunto da teoria desenvolvida por Greimas. Além disso, uma vez que a semiótica é definida como uma teoria da significação que busca compreender como se dá a produção e a apreensão do sentido, parece-nos coerente que nossa proposta investigue, igualmente, como a ética e a estética são articuladas na teoria de maneira a contribuírem nesses processos, mas sobretudo como Greimas as articula para dar conta destas questões a respeito do sentido e da significação.

## 2. ALGUMAS PISTAS INICIAIS SOBRE A PROBLEMÁTICA DA ÉTICA E DA ESTÉTICA

Entre os grandes consensos da semiótica, ao lado, por exemplo, do modelo da semântica e da sintaxe narrativa ou do esquema lógico do quadrado semiótico, está o fato de que encontramos nas palavras de Greimas, e até mesmo na semiótica de maneira geral, muito mais menções ao termo estética que ao termo ética. Como assinala Fontanille (2008, p. 11), “as pesquisas semióticas, por razões que são mais da sociologia das disciplinas que propriamente epistemológicas, ocuparam-se muito da estética e muito pouco da ética”<sup>14</sup> (tradução nossa). O autor destaca duas razões principais que motivaram essa aproximação mais consistente à estética; a primeira é uma consequência de uma “[...] abordagem fenomenológica muito individualista [que] negligencia frequentemente uma dimensão essencial da significação, a dimensão social, e mais precisamente aquela das interações práticas”<sup>15</sup> (*ibid.* p. 12, tradução nossa); a segunda razão, de natureza mais técnica, destacada pelo autor, é a “preeminência tácita da estética sobre a ética e que concerne, desta vez, a seleção dos níveis de pertinência semiótica”<sup>16</sup> (*id.*), isto é, ao escolher como objeto os discursos, ou seja, os textos-enunciados, a semiótica trata, de saída, da problemática do nível da manifestação do significante, em outras palavras, da maneira que o conteúdo é manifestado na expressão e como esta é articulada e se serve dos arranjos para concretizar tal conteúdo.

Em decorrência desses fatores, poderíamos chegar a pensar, em um primeiro momento, que a ética não teve o mesmo destaque na teoria em razão de aparentemente não ter um lugar de pertinência semiótica nas manifestações, como é o caso com a estética, ou, então, que Greimas simplesmente não se preocupava com ela ou, ainda, que a ética simplesmente não lhe interessava e por isso não investiu seus esforços para a investigação de como este conceito se encontraria relacionado com a produção e a apreensão do sentido. Entretanto, tais especulações não encontram eco na história da teoria semiótica, assim como não correspondem à

---

<sup>14</sup> No original: “Les recherches sémiotiques, pour des raisons qui sont plus de sociologie des disciplines que proprement épistémologiques, se sont beaucoup occupées d’esthétique et très peu d’éthique.”

<sup>15</sup> No original: “[...] approche phénoménologique très individualiste [qui] néglige le plus souvent une dimension essentielle de la signification, la dimension sociale, et plus précisément celle des interactions pratiques.”

<sup>16</sup> No original: “[...] prééminence tacite de l’esthétique sur l’éthique, et qui concerne cette fois la sélection des niveaux de pertinence sémiotique.”

realidade teórica da semiótica, pois basta nos determos por alguns instantes sobre esta questão para verificarmos que, desde os primeiros artigos publicados por Greimas, todos os textos selecionados pelo autor, para realizar suas análises, contêm um forte “componente ético”, no qual os sujeitos da narrativa frequentemente se encontram em situações ou posições em que, de certa maneira, ao se confrontarem com um *ethos*, estão, eles mesmos, pondo em evidência uma ética vigente no contexto do texto, ao mesmo tempo em que manifestam uma ética pessoal ou individual, ou, simplesmente, uma ética outra.

Podemos encontrar, já em 1943, no artigo intitulado *Cervantes and his Don Quixote*<sup>17</sup> (GREIMAS [1943]/2016), que, segundo Broden (2016), é o primeiro artigo publicado por Greimas, além de um fascínio pela obra e pela pessoa de Cervantes, como observamos na passagem na qual ele afirma que “a personalidade de Dom Quixote revela apenas a grandeza do gênio de Cervantes”<sup>18</sup> (GREIMAS 2016, p. 177, tradução nossa), uma forte preocupação, para não dizermos, uma forte inquietação ou, até mesmo, uma admiração pelas questões de ordem ética inscritas nesta obra literária.

É possível, a nosso ver, verificar o interesse de Greimas por esta problemática da ética, a partir de duas perspectivas complementares e que são apresentadas de maneira linear e bastante clara pelo autor ao longo de seu texto. A primeira perspectiva, que compreende a parte inicial de seu artigo, diz respeito ao período histórico da Espanha que moldou a personalidade de Cervantes, sobre o qual Greimas nos explica o seguinte:

Obviamente, provar o fruto do conhecimento tem seu preço. E agora, tendo experimentado toda a vaidade da honra terrena, o heroísmo espanhol recomeça a luta pela primazia do espírito, recusando-se a aceitar o mundo como ele é. É nesta terra de espanhóis que abundam em contrastes, nesta “atmosfera feita de tristeza e de grandeza de espírito” carregada de autocontradições, que se formou a personalidade de Cervantes [...].<sup>19</sup> (*ibid.*, pp. 174-175, tradução nossa)

---

<sup>17</sup> Gostaríamos de manifestar nossos agradecimentos à professora Julija Korostenskiene da Universidade de Vilnius que, em uma breve troca de e-mails, sendo a responsável pela tradução do texto, teve a gentileza de partilhá-lo conosco.

<sup>18</sup> No original: “[...] Don Quixote’s personality reveal only the greatness of Cervantes’s genius [...]”.

<sup>19</sup> No original: “Obviously, tasting the fruit of knowledge takes its toll. And now, having experienced all the vanity of earthly honor, Spanish heroism begins anew the fight for the primacy of the spirit, refusing to accept the world the way it is”. It is in this land of Spaniards that abounds in contrasts, in that selfcontradictions-charged “atmosphere made up of sadness and greatness of spirit” that Cervantes’s personality was formed [...]”.

Desta maneira, o que podemos imaginar é que, ao destacar as mudanças históricas ocorridas no país, Greimas não procura realizar o trabalho de um historiador, mas sim evidenciar as mudanças culturais e sociais que decorreram desses eventos históricos e que, conseqüentemente, impactaram e culminaram na construção do *ethos* espanhol da época que, por sua vez, acabaram “moldando a personalidade de Cervantes”.

[...] o fidalgo<sup>20</sup>, de repente, notou que estava esfarrapado e miserável, e teve de mendigar. Heroicamente devoto à tradição medieval cavaleiresca e folclórica, carregado de um valoroso espírito para lutar por essa honra abstrata, que não traz benefício algum para si mesmo, tendo se sacrificado à luta pelo rei e pela fé, atordoado pelas oportunidades ilimitadas fornecidas a ele no espaço e no tempo, o orgulhoso espanhol não teve tempo de sentir a desintegração da cosmogonia feudal, nem de se alarmar com a formação da nova burguesia.<sup>21</sup> (*ibid.*, pp. 172-173, tradução nossa)

A grandeza de um espírito forjado na honra cavaleiresca em contraste com uma sociedade em transição e decadente da época. Tal oposição entre os valores individuais em relação aos valores sociais, ou coletivos, que parecem não somente terem moldado Cervantes, mas também o protagonista de sua obra e o mundo fantástico no qual habita, em conjunto com a luta destes espanhóis, para tentar reconquistar um passado de glórias não mais alcançável, não evidenciam outra coisa senão a importância que Greimas concede em seu pensamento a esta problemática de cunho muito mais ético que estético. É, portanto, esta relação de valores que se sobrepõe e permite a manifestação do contraste de um posicionamento individual com um componente cultural e social, evidenciando o interesse, tanto de Cervantes como de Greimas, com a problemática da ética, que permite a descoberta com Dom Quixote de que, “apesar da multidão zombeteira, temos que lutar pelo direito e pela obrigação

---

<sup>20</sup> Substituímos o termo “hidalgo” do original, por “fidalgo”, pois é o equivalente da língua portuguesa para a designar pessoas pertencentes à aristocracia da época.

<sup>21</sup> No original: “[...] the hidalgo suddenly noticed that he was ragged and indigent and had to tramp. Heroically devoted to both the chivalrous and folk medieval tradition, full of the valorous spirit to fight for that abstract honor which is of no benefit to himself, having sacrificed himself to the struggle for king and faith, stunned by the boundless opportunities supplied to him by space and time, the proud Spaniard didn't have the time to feel the disintegration of feudal cosmogony, nor to be alarmed at the formation of the new bourgeoisie”.

do homem de fazer seu próprio destino, de ser o ‘*artifice de su ventura*’ [...]”<sup>22</sup> (*ibid.*, p. 177, nossa tradução).

Além destes pontos, que mostram uma inquietação ou, até mesmo, uma fascinação pelas questões de ordem ética, observamos também outros elementos que, cerca de vinte anos mais tarde, tornar-se-iam algumas das bases da teoria semiótica. Entretanto, antes de avançarmos e apresentarmos estes elementos, é importante que deixemos claro que na época da publicação de *Cervantes and his Don Quixote*, muito provavelmente, nem mesmo o seu autor imaginava um dia construir uma teoria semiótica.

Porém, o que também desejamos evidenciar com isso é que, ao destacarmos a existência destas preocupações éticas já presentes no texto de Greimas, estamos indo ao encontro da afirmação inicial de Fontanille (2008, p. 11) a respeito da inclusão de tais inquietações na base da metodologia semiótica. Estas considerações nos mostram que, mesmo que as pesquisas envolvendo a teoria semiótica não tenham se debruçado, em particular, sobre esta problemática, a ética sempre teve seu espaço garantido na metodologia semiótica, bem como, a nosso ver, teria sido o ponto de partida para a própria interrogação sobre o sentido.

Vemos que não é a felicidade que o nobre cavaleiro está procurando. E, ao contrário de Isolda e Tristão, Dulcinea não prepara uma cama macia de musgo e folhas para ele; ele não se importa com a felicidade: o que ele procura é a plena realização de sua vida, justificando-a e preenchendo-a com sentido<sup>23</sup>, criando, assim, sua honra pessoal para si mesmo. É, então, que se compreende que, além deste mundo de superfícies pobres e deficientes, existe outra realidade, mais genuína e bela - o mundo de pensamentos e formas criados pelo próprio homem, seguindo sua imagem divina.<sup>24</sup> (GREIMAS, 2016, pp. 177-178)

<sup>22</sup> No original: “[...] despite the mocking crowd, we have to fight for man’s right and obligation to make his own fate, to be the “*artifice de su ventura*” [...]”.

<sup>23</sup> No original a palavra que traduzimos por “sentido”, encontra-se como “meaning”. Escolhemos utilizar o termo *sentido* pelo fato de que no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 416) a sua tradução para o inglês corresponde exatamente a este termo.

<sup>24</sup> No original: “We see that it is not happiness that the noble knight is looking for. And unlike Isolde for Tristan, Dulcinea does not prepare a soft bed of moss and leaves for him; he does not care about happiness: what he seeks is the full realization of his life, justifying it and filling it with meaning, thereby creating his personal honor for himself. It is then that one comes to understand that beyond this world of poor and defunct surfaces, there is another, more genuine and beautiful reality - the world of thoughts and forms created by man himself, following his divine image.”

Com isso, parece-nos que a questão do sentido, assinalada na citação como aquilo que justificaria até mesmo a vida do sujeito, para Greimas, não somente cruzava com a problemática da ética, mas também se mostravam diretamente relacionadas, pois o sentido da vida para Dom Quixote se apresentava como uma relação polêmica entre a ética do sujeito e a “ética da sociedade” – explicaremos mais tarde a razão de colocarmos a expressão ética da sociedade entre aspas.

Tendo, assim, posto em evidencia a preocupação de Greimas com a ética e a sua relação com a construção do sentido da vida, no caso, da vida de Dom Quixote, que consistia em construir e ser fiel a sua honra pessoal, sempre em contraste com um *ethos* da sociedade, podemos nos interrogar se a questão da estética encontrar-se-ia igualmente presente neste texto. A nosso ver, sim; porém, curiosamente, ao contrário do que mostra os desenvolvimentos das pesquisas mencionadas por Fontanille (2008), de maneira mais tímida do que os elementos da ética.

Podemos dizer que há somente duas citações que, com um pouco de esforço e uma boa dose de especulação, poderíamos relacionar, de uma forma bastante rasa, com a estética. Destacamos o caráter especulativo e raso, pois não podemos assumir que tais citações se desenvolvem posteriormente em componentes propriamente da estética. Contudo, se nós as destacamos é porque podemos observar alguns elementos que fazem parte da própria abordagem semiótica, em particular, da abordagem da teoria em vista do objeto a ser estudado. Como complemento, podemos ainda observar a própria maneira pela qual Greimas enxerga o mundo e se relaciona com os objetos com os quais trabalha e, a partir dessa perspectiva, visualizar, ao longo do trabalho, como essa intuição pessoal culminou na metodologia científica da teoria semiótica.

Destacamos, portanto, neste texto de Greimas, o momento em que o autor demonstra a sua satisfação e o seu contentamento com a chegada do exemplar de *Dom Quixote* traduzido em letão, língua materna do autor, ao afirmar que tal obra é “um prazer para os olhos e para a alma”<sup>25</sup> (GREIMAS, 2016, p. 172). Utilizando-nos da especulação convocada anteriormente, podemos imaginar que tal afirmação reflete uma postura geral com relação à maneira de aproximação de Greimas em direção ao seu objeto de estudo. O fato é que, ao afirmar sobre a existência deste prazer para os olhos, observamos que além de evidenciar o valor do objeto para ele, temos a

---

<sup>25</sup> No original: “[...] a pleasure for both the eye and the soul [...]”.

presença da importância de um componente fenomenológico e outro componente estético imanente ao objeto, que pelas suas características e arranjos dos significantes manifestados torna-se prazeroso aos olhos de Greimas. Apesar desta especulação, poderíamos dizer que esta postura pessoal de Greimas, de valorizar tanto os componentes que produzem um prazer estético, quanto um prazer ético – daí viria o “prazer da alma” do qual fala Greimas, ao fazer referência ao conteúdo da obra –, refletiria não somente a justificativa de sua escolha futura de trabalhar com os planos de linguagem de Hjelmslev (1975), mas também a própria postura científica adotada para analisar os objetos selecionados.

A segunda citação que destacamos segue a mesma lógica da primeira, ou seja, ela encontra-se inserida igualmente no campo da especulação. Porém, em nossa defesa, entendemos que, mesmo na categoria da especulação, ao revelar um posicionamento de Greimas com relação à maneira como ele lida com o seu objeto de estudo, podemos recuperar algumas marcas do autor e verificar que tais traços foram, posteriormente, convertidos em uma metodologia científica, assim como fizemos com a citação anteriormente destacada, na qual sublinhamos a importância que Greimas conferia aos componentes da estética e da ética, constituídos a partir das articulações dos planos da expressão e do conteúdo ao entrar em contato com o objeto.

Nesse contexto, ao observarmos a passagem a seguir, é possível notar, como temos defendido, uma postura de Greimas, com relação ao objeto com o qual interage, que se mantém na futura teoria semiótica, convertendo-se em uma das bases da metodologia científica do autor:

Quanto a nós, é mesmo tão importante o que o autor realmente queria dizer e o que ele disse? O que reside é o que você e eu, enquanto leitores, encontramos no livro, e eu acredito que queremos, sobretudo, sermos amigos do bondoso Hidalgo e seu sábio escudeiro<sup>26</sup>. (*ibid.*, p. 177)

Estamos nos referindo, particularmente ao posicionamento que Greimas assume ao escolher valorizar a obra em si e não o que o autor pensou, seu processo criativo ou ainda o que ele quis dizer. Mesmo reconhecendo sua admiração pelo gênio

---

<sup>26</sup> No original: “As for us, is it so important what the author really wanted to say and what he said? What lives is what you and I, as readers, find in the book, and I believe that we primarily want to befriend the kindhearted hidalgo and his wise armor-bearer”.

de Cervantes, Greimas prefere adotar a perspectiva da obra, isto é, o que a obra nos mostra.

Para nós, a semelhança da escolha epistemológica de Greimas feita neste texto com aquela apresentada no início de *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976), a respeito de sua preferência pela teoria da percepção de Merleau-Ponty e da recusa da exploração do gênio, é tamanha que não podemos nos impedir de citá-la, mesmo que isso incorra na ruptura do componente diacrônico de nossa pesquisa.

Embora reconhecendo nossas preferências subjetivas pela teoria da percepção tal como foi anteriormente desenvolvida na França por Merleau Ponty, observamos, entretanto, que esta atitude epistemológica parece ser também aquela das ciências humanas do século XX em geral: assistimos assim, para citar apenas o que é particularmente evidente, à substituição da psicologia da forma e do comportamento, pela psicologia das “faculdades” e da [introspecção]<sup>27</sup>. Vemos também que a explicação dos fatos estéticos se situa atualmente, sobretudo, no nível da percepção da obra, e não mais no da exploração do gênio ou da imaginação. (*ibid.*, pp. 15-16)

Com isso, apesar de termos realizado uma quebra na diacronia bibliográfica do texto, o que pretendemos, além de buscar validar nosso esforço, é, principalmente, deixar claro o fato de que algumas posturas epistemológicas de Greimas que se encontram presentes em seu texto de 1943, podem ser recuperadas no projeto semiótico de *Semântica estrutural*, publicado vinte e três anos depois, e continuam fazendo parte da metodologia semiótica até os dias de hoje.

Com a intenção de retomar o texto inicial, sublinhamos que, Greimas, ao afirmar que o que “vive” do livro e da experiência da leitura nos sujeitos, não é o que o autor imaginou, mas efetivamente o que o livro nos apresenta e pela maneira como nos apresenta (GREIMAS, 2016, p. 177), fornece-nos subsídios para reconhecer a importância da percepção da obra como um todo, sem levar em consideração “o que o autor realmente queria falar. Tal reflexão nos conduz, portanto, a compreender o objeto como uma totalidade de sentido.

Além disso, esta afirmação, que é simples somente em sua aparência, parece esconder uma outra importante consideração que devemos levar em conta. Ao dizer

---

<sup>27</sup> Na tradução consultada, o termo utilizado é “introspecção”, entretanto, na edição francesa (GREIMAS, 1966, p. 9) a palavra que aparece é “*introspection*”. Por esta razão optamos por substituir o termo utilizado na edição brasileira.



que pouco importa o gênio da obra, pois o que apreendemos está diante de nós, na obra em si, e ao manifestar tal admiração pela problemática da ética inscrita no texto de Cervantes, podemos compreender que o objeto comporta em si todos os investimentos e as articulações éticas, que são manifestadas por aqueles arranjos que proporcionam “prazer ao olhos” (*ibid.*, 172).

Percebemos assim que, já em seu primeiro texto, Greimas, sem nem ao menos ter mencionado as palavras ética e estética, encontra-se fascinado pelo sentido que emana da articulação destes dois conceitos que constituem a totalidade do objeto da obra *Dom Quixote*, de Cervantes.

Se, por um lado, em seu primeiro texto, Greimas não cita em momento algum as palavras ética e estética; por outro lado, seu segundo artigo publicado, intitulado *L’actualité du saussurisme* (2000a), talvez seja o único texto no qual o autor utiliza estes termos, e ainda, em uma mesma frase.

Porém, antes de avançarmos, é igualmente necessário ressaltar que, assim como em seu primeiro texto, a semiótica não se encontra presente, ao menos da maneira que a conhecemos. Entretanto, é possível reconhecer alguns elementos que irão nos auxiliar, sobretudo a compreender o que poderíamos considerar como uma ética e como uma estética para Greimas e como tal visão seria, possivelmente, assimilada e futuramente transposta em seu projeto teórico. Feitas as devidas considerações a respeito do contexto científico, podemos, então, retomar a problemática do texto em questão

Em nossa leitura de *L’actualité du saussurisme*, logo nos primeiros parágrafos, podemos notar que, mesmo que Greimas recuse o fato de realizar uma certa apologia a abordagem de Saussure, ele busca mostrar a eficácia das proposições de Saussure, sobretudo por dialogarem com problemas gerais das chamadas ciências do homem e apresentarem caminhos, fundados na metodologia científica da linguística, para questões mais gerais e de ordem social.

Portanto, nós compreenderemos facilmente que as linhas que seguem, longe de esboçar uma nova apologia, prefeririam mostrar a eficácia do pensamento de F. de Saussure que, superando os limites da linguística, foi atualmente retomado e utilizado pela epistemologia geral das ciências do homem.<sup>28</sup> (GREIMAS, 2000a, p. 372, tradução nossa)

---

<sup>28</sup> No original: “On comprendra donc facilement que les lignes qui suivent, loin d’esquisser une nouvelle apologie, voudraient plutôt montrer l’efficacité de la pensée de F. de Saussure qui, dépassant les cadres

É trilhando esse caminho que Greimas apresenta como a originalidade do pensamento saussuriano e sua visão de mundo particular contribuíram para o estabelecimento de uma metodologia linguística e de uma teoria do conhecimento capaz de auxiliar no desenvolvimento de outras disciplinas das ciências do homem. O autor destaca, em especial, a ressonância desta teoria nos trabalhos de Merleau-Ponty, em seu projeto de uma psicologia da linguagem, e de Claude Lévi-Strauss, que, superando a noção de “consciência coletiva” de Durkheim, permite que a sociologia considere o espaço social como um sistema fechado e homogêneo (*ibid.*, pp. 372-373).

É, exatamente, ao tratar sobre a feliz reunião entre a sociologia de Lévi-Strauss, os postulados de Saussure e, também, aqueles de Freud, que podemos encontrar uma primeira passagem que chama a nossa atenção e que reproduzimos a seguir:

E quando, servindo-se, ao mesmo tempo, de Freud e de Saussure, ele nos diz, em seus *Tristes Trópicos*, da descoberta, “além do racional”, de “uma categoria mais importante e mais válida, a do *significante*, que é a mais alta maneira de ser do racional”, o reconhecimento desta tomada de consciência das novas possibilidades de explorações sociológicas, ilumina-nos sobre a significação profunda da obra que ele está construindo.<sup>29</sup> (*ibid.*, p. 374, grifos do autor, tradução nossa)

É, no mínimo, curioso o fato de Lévi-Strauss considerar o significante, e aqui o autor não nos deixa nenhuma dúvida sobre a referência a Saussure no que diz respeito à utilização do termo, como algo “além do racional” e, ao mesmo tempo, como a “mais alta maneira de ser do racional”, pois em um primeiro momento tais afirmações parecem se contradizer. Com isso, não nos espanta que tal construção possa facilmente nos induzir a confusões e a mal-entendidos. Entretanto, se retomarmos o texto original, o qual Greimas faz referência, podemos compreender melhor a intenção de Lévi-Strauss ao realizar tais afirmações e, também, a de Greimas ao utilizá-lo.

O autor de *Tristes trópicos* nos explica exatamente que a sua leitura de Freud e de Saussure possibilitou superar as ideias antinômicas que até então havia tido

---

de la linguistique, se trouve actuellement reprise et utilisée par l'épistémologie générale des sciences de l'homme”.

<sup>29</sup> No original: “Et quand, se réclamant à la fois de Freud et de Saussure, il nous raconte, dans ses *Tristes Tropiques*, la découverte, « au-delà du rationnel », d' « une catégorie plus importante et plus valable, celle du *signifiant* qui est la plus haute manière d'être du rationnel », l'aveu de cette prise de conscience des nouvelles possibilités de l'exploration sociologique nous éclaire sur la signification profonde de l'œuvre qu'il est en train de construire.”

contato, de maneira que, graças a essa aproximação, foi possível notar que a distinção entre língua e fala, em vez de separar os elementos de um espaço social, permitia que eles fossem sobrepostos sincronicamente e colocados em relação. Tal sobreposição autorizou a manutenção dos seres e das coisas como eles, de fato, são apreendidos pelo etnólogo<sup>30</sup>, permitindo a preservação do que lhes é próprio, enquanto indivíduos e coisas, ao mesmo tempo, que se faz possível a observação do sistema de valores que é partilhado por eles. Como nos explica Lévi-Strauss de seu percurso:

Por meio delas [as teorias psicanalíticas], aprendi que as antinomias estáticas em torno das quais nos aconselhavam a construir nossas dissertações filosóficas e mais tarde nossas lições – racional e irracional, intelectual e afetivo, lógico e pré-lógico – não eram mais que um jogo gratuito. Antes de mais nada, além do racional existia uma categoria mais importante e mais válida, a do “significante”, que é a mais alta maneira de ser do racional, mas da qual os nossos professores (mais ocupados, sem dúvida, em meditar o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* que o *Curso de linguística geral* de F. de Saussure) não pronunciavam nem mesmo o nome. Além disso, a obra de Freud me revelava que essas oposições não o eram de fato, visto serem precisamente as condutas em aparência mais afetivas, as operações menos racionais, as manifestações declaradas pré-lógicas, as que são, ao mesmo tempo, as mais significativas. Em lugar dos atos de fé ou das petições de princípio do bergsonismo, que reduziam os seres e as coisas a um mingau para melhor fazer ressaltar sua natureza inefável, eu me convenci que seres e coisas podem conservar os seus valores próprios sem perder a nitidez dos contornos que os delimitam uns com relação aos outros e dão a cada um uma estrutura inteligível. (LÉVI-STRAUSS, [1955]/1957, p. 53)

Com isso, como destacou Greimas (2000a), notamos que a descoberta de Saussure por Lévi-Strauss pôde, finalmente, permitir a superação da existência de camadas anteriores ao racional, que não apresentavam outra coisa que não fosse um inventário de suposições cada vez mais abstrato e distante da própria prática social que investiga o etnógrafo, para colocar em evidência a possibilidade de se apreender a manifestação como a *fala* de Saussure, isto é, como uma prática que é revestida de um significante que, por sua vez, manifesta um conteúdo. Essa relação explicitou,

---

<sup>30</sup> Não podemos nos esquecer que o texto de Lévi-Strauss que contém estas ideias intitula-se *Como se faz um etnógrafo* (LÉVI-STRAUSS, 1957 pp. 48-58). Entretanto, o título em francês, *Comment on devient ethnographe*, é ligeiramente distinto e acaba auxiliando na adição de um novo sentido ao que foi dito, sobretudo porque a preocupação a respeito do que *faz-ser* o etnógrafo encontra-se, a nosso ver, mais pronunciado e, portanto, em maior concordância com o próprio conteúdo do texto.

como destacou o autor, a existência de uma estrutura inteligível que parte da apreensão do significante manifestado.

Podemos destacar, ainda, que Lévi-Strauss, ao tomar consciência desta relação na continuação de seu texto, parece, de fato, realizar esta operação que envolve o significante e o significado; ou melhor, o autor, com efeito, em um de seus exemplos, toma o significante como um dos meios possíveis de acessar o significado, confirmando a existência de uma estrutura. Mais que isso, ele também sublinha a condição de um observador não prevenido. É, ao adotar esta perspectiva, que a “imagem” que atinge os seus olhos tem a potencialidade de se atualizar em conhecimento. É, a nosso ver, em decorrência deste processo de apreensão do significante, que permite observar algo além da significação, isto é, algo além do sistema, e que permite construir o sentido, que Lévi-Strauss autoriza-se a falar o que anteriormente chamamos de afirmações contrárias, ou seja, que o significante, sendo “além do racional” (*id.*), propicia o acesso “a mais alta maneira do racional” (*id.*). Estas relações parecem se encontrar nas palavras de Lévi-Strauss ao dizer que:

Toda paisagem se apresenta inicialmente como uma imensa desordem que nos dá liberdade de escolher o sentido que lhe queiramos dar. Mas, além das especulações agrícolas, dos acidentes geográficos, dos avatares da história e da pré-história, o sentido entre todos Augusto não é o que precede, governa e, numa larga medida, explica os outros? Essa linha pálida e confusa, essa diferença muitas vezes imperceptível na forma e a consistência dos destroços rochosos testemunham que ali, onde eu hoje vejo uma terra árida, dois oceanos outrora se sucederam. (*ibid.*, p. 54)

Greimas (2000a) observa, deste modo, que a maneira pela qual Lévi-Strauss compreende e articula as noções de *língua* e *fala*, de *sistema* e *processo* e de *significado* e *significante*, nos estudos da sociologia e do espaço social, permite que o autor investigue e dê conta dos problemas de ordem cultural e social, não somente em uma pequena escala como, por exemplo, na microssociologia (*ibid.*, p. 374), mas também em uma perspectiva mais ampla, como a de um contexto social global (*ibid.*, p. 375). Como afirma Greimas (*id.*), ao concordar com o desenvolvimento proposto por Lévi-Strauss, “a princípio, nada se oporia, portanto, a extensão de métodos estruturalistas à descrição de vastos campos de simbolismos culturais e sociais,

recobertos pelo significante linguístico e apreensíveis por meio dele”<sup>31</sup> (tradução nossa).

De fato, como procura explicitar Greimas, a noção de significante de F. de Saussure permitiu a abertura de uma série de possibilidades para diferentes disciplinas que fazem parte das ciências do homem. O autor destaca em seu texto como tal conceito foi, juntamente com a dicotomia *sistema* e *processo*, um marco na busca de um certo “eixo comum” entre as diferentes disciplinas no campo das humanidades. Este “eixo comum”, que se desenha com base nestas noções, fortalece-se, não somente porque há um interesse de um certo movimento intelectual que vislumbra, nas propostas de Saussure, uma maneira de abordar e solucionar alguns dos problemas de suas respectivas disciplinas, que anteriormente eram restringidos às teorias metafísicas ou a questões filosóficas, mas sim porque os postulados de Saussure, em conjunto com os desenvolvimentos de Hjelmslev, permitiam abordar diferentes objetos a partir da sua manifestação, ou seja, a partir do significante manifestado no processo, e tratá-los, em certa medida, como sistemas fechados. A relação destes elementos, por sua vez, evidenciava a existência de uma estrutura do objeto na qual, a partir de sua coerência interna, isto é, a partir das articulações e dos arranjos significantes da manifestação, tornava-se possível depreender, em uma camada mais profunda, uma significação global. É também nesse mesmo raciocínio que Greimas lança, mesmo que timidamente, a importância de uma metalinguagem capaz de organizar metodologicamente todo esse processo.

Ao postular a unidade funcional do significante linguístico, não podemos deixar de notar a grande diversidade que a caracteriza. Certos conjuntos que a constituem parecem mais fortemente estruturados, mais homogêneos que outros, não apenas porque se baseiam, no nível da "ordem do vivido", em agrupamentos sociais com contornos definidos ou em funções sociais claramente definidas, mas sobretudo porque uma significação global e autônoma parece emergir de seus conjuntos estruturados. Estamos pensando, em particular, nos sistemas mitológicos, religiosos ou nessa forma moderna de fabulação que é literatura. Parece que, nesse caso, a língua, mesmo permanecendo, em vista desses conjuntos de significação autônoma, aquilo que ela é, isto é, um sistema de signos, encontra-se, ao mesmo tempo, utilizada como instrumento, e serve para construir "ordens de pensamento" mediatizadas, as metalinguagens. [...] Assim, de acordo com a fecunda sugestão de Hjelmslev, partindo de um conjunto significante claramente estruturado: literatura, língua popular,

---

<sup>31</sup> No original: “Rien ne s’opposerait donc, en principe, à l’extension de méthodes structuralistes à la description de vastes champs de symbolismes culturels et sociaux, recouverts par le signifiant linguistique et saisissables à travers lui”.

mitologia, nós estamos autorizados a construir um sistema semiológico cujas estruturas, resultantes da análise, comportariam uma significação global autônoma.<sup>32</sup> (*ibid.*, p. 376, grifo do autor, tradução nossa)

Após ter destacado a importância da noção do significante saussuriano em diferentes disciplinas da ciência comum, como viemos de apresentar, é que Greimas retoma a importância da relação, ao mesmo tempo, paralela e imanente entre o significado e o significante: paralela, na medida em que se refere ao processo e; imanente, no que diz respeito à estrutura de dependência do processo para com o sistema.

Assim, partindo do problema promovido pela história da literatura que, segundo o autor, destruiu o objeto literário ao reduzi-lo seja a um estudo da gênese criativa, seja a uma “história das ideias” (*id.*), Greimas lamenta que os linguistas, convocados a apresentar “a sua própria versão do fenômeno literário” (*id.*), apesar de terem realizado um vasto trabalho de construção de um repertório de figuras e de processos estilísticos, não estejam totalmente de acordo com a afirmação da existência da solidariedade e da imanência entre o significante e o significado.

Para o autor, esta espécie de catálogo desenvolvido pelos linguistas que procuravam inventariar diferentes marcas ou “estilos literários” de diversos autores, poderia, pela simples sobreposição dos elementos que os constituem, fazer emergir traços comuns a um determinado momento da história literária. A soma destas invariantes, isto é, as marcas estilísticas recorrentes, por sua vez, poderiam compor a noção daquilo que Greimas chamou de “estilo da época” (*ibid.*, pp. 376-377). Entretanto, para que isso, de fato, ocorresse, seria necessário o reconhecimento desta relação entre significante e significado.

---

<sup>32</sup> No original: “Tout en postulant l’unité fonctionnelle du signifiant linguistique, on ne peut s’empêcher de remarquer la grande diversité qui le caractérise. Certains ensembles qui le constituent paraissent plus fortement structurés, plus homogènes que d’autres, non seulement parce qu’ils s’appuient, au niveau de l’« ordre vécu », sur des groupements sociaux à contours délimités ou sur des fonctions sociales nettement caractérisées, mais surtout parce qu’une signification globale et autonome semble se dégager de ses ensembles structurés. Nous pensons, notamment, aux systèmes mythologiques, religieux, ou à cette forme moderne de fabulation qu’est la littérature. Il semble bien que, dans ce cas, la langue, tout en restant à l’égard de ces ensembles à signification autonome ce qu’elle est, c’est-à-dire un système de signes, se trouve en même temps utilisée comme instrument, et serve à construire des « ordres de pensée » médiatisés, des *métalangages*. [...] Ainsi, selon la suggestion féconde de Hjelmslev, en partant d’un ensemble signifiant nettement structuré : littérature, langue populaire, mythologie, on est autorisé à construire un système sémiologique dont les structures, dégagées par l’analyse, comporteraient une signification globale autonome”.

Nesse contexto, Greimas afirma que, se o reconhecimento do postulado saussuriano a respeito da relação paralela e imanente entre o significante e o significado fosse aceito por esse grupo de linguistas, poder-se-ia depreender de tal estudo a implicação das formas escolhidas e sua correspondência com o espaço social do qual fazem parte e que, conforme o autor (*ibid.*, p. 377), corresponderiam, ao mesmo tempo, às questões morais e estéticas da linguagem literária. Nas palavras do autor:

As pesquisas desse gênero, embora dedicadas quase exclusivamente ao estudo “da língua e do estilo” de autores individuais, depreendem, no entanto, pela sua justaposição, a noção empírica de “estilo da época” e, sobretudo, postulam implicitamente, graças à uniformidade dos métodos empregados, a existência de um plano único e homogêneo sobre o qual se constroem as obras e se desdobram os acontecimentos literários. Este catálogo de formas literárias que, se fosse exaustivo, constituiria, de fato, o significante de uma metalinguagem literária, permanece, entretanto, inutilizável enquanto nós não afirmarmos a existência paralela e imanente ao significante, de um significado global que abranja a escolha das formas utilizadas e sua destinação social, que compreende, ao mesmo tempo, tanto da estética quanto da moral de uma determinada linguagem literária.<sup>33</sup> (*ibid.*, pp. 376-377, tradução nossa)

Devemos nos ater um momento nesta citação, pois acreditamos que ela é fundamental para compreendermos a estrutura de dependência, ao falarmos da relação sistema e processo, e a solidariedade que há entre significante e significado, bem como a maneira pela qual estes conceitos compreendem as noções de estética e ética na teoria semiótica. Com isso, dando continuidade a essa investigação, é necessário que alertemos para o risco de uma dupla interpretação da passagem apresentada acima, em particular, ao trecho no qual Greimas (*ibid.*, p. 377) explicita que o inventário realizado pelos linguistas seria “[...] inutilizável enquanto nós não afirmarmos a existência paralela e imanente ao significante, de um significado global

---

<sup>33</sup> No original: “Les recherches de ce genre, bien que consacrées presque exclusivement à l'étude « de la langue et du style » d'auteurs individuels, dégagent cependant, par leur juxtaposition même, la notion empirique de « style d'époque », et surtout postulent implicitement, grâce à l'uniformité de méthodes employées, l'existence d'un plan unique et homogène sur lequel se construisent les œuvres et se déroulent les événements littéraires. Ce catalogue de formes littéraires qui, s'il était exhaustif, constituerait bien le signifiant d'un métalangage littéraire, reste cependant inutilisable tant que l'on n'affirme pas l'existence parallèle et immanente au signifiant, d'un signifié global qui rend compte du choix des formes utilisées et de leur destination sociale, qui comprend à la fois l'esthétique et la morale d'un langage littéraire donné”.

que dá conta da escolha das formas utilizadas e sua destinação social, que inclui, ao mesmo tempo, tanto a estética quanto a moral [...]”.

A primeira interpretação, que poderia surgir de uma leitura superficial e que acreditamos não ser adequada, diz respeito a ideia de creditar ao “significado global” o estatuto de uma posição teórica que compreenderia em si tanto a moral quanto a estética da qual fala Greimas. É bem verdade que, sem muita dificuldade, poderíamos incorrer neste erro, pois o texto, no momento em que nos apresenta o termo global como um adjetivo ao termo significado, deixa à entender que a totalidade deste, relativo ao uso do complemento “global”, comportaria, nela mesma, as noções da estética e da moral, induzindo-nos ao erro de desconsiderar o papel do significante nesse processo. Além disso, não encontramos em nenhuma outra passagem do texto de Greimas uma relação ou uma definição sobre o que seria este significado global, o que contribui à indução do erro.

Resta-nos, então, uma segunda interpretação possível, a qual acreditamos ser mais coerente com as próprias propostas de Greimas, e que, em nosso entendimento, comporta a articulação entre a moral e a estética, sem desconsiderar a relação, paralela e imanente, como destaca o autor, entre significante e significado. Entretanto, para darmos conta desta interpretação, devemos, em primeiro lugar, buscar compreender o que seria esse significado global ao qual Greimas se refere, pois somente desta maneira seremos capazes de melhor visualizar como os componentes morais e estéticos se encontram presentes e articulados.

Dessa maneira, como mencionamos anteriormente, não tendo nos textos de Greimas, apresentados até o momento, uma explicação sobre do que se trata esta noção de significado global e no que ela difere do conceito de significado, vemo-nos obrigados a realizar uma escolha epistemológica que, acreditamos, deva dar conta não somente da afirmação de Greimas, mas, também, respeitar os pressupostos teóricos de Saussure e Hjelmslev, que fundamentam o pensamento de Greimas. Nesse contexto, parece-nos que o entendimento mais adequado, com relação a ideia de significado global, parte das considerações de Rastier (2009) e Bouquet (2012).

É com base em um estudo de Saussure, intitulado *Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consonantique en lituanien* (1894), no qual o autor afirma que, “acima de tudo, não devemos nos separar deste princípio cujo valor de uma forma está inteiramente no texto do qual é extraído, isto é, no conjunto das



circunstâncias morfológicas, fonéticas, ortográficas que a circundam e a iluminam<sup>34</sup> (SAUSSURE, 1894, p. 457, tradução nossa), que Rastier (2009, p. 16), ao destacar “a primazia do global (o texto) sobre o local (a forma)<sup>35</sup>” (grifos do autor, tradução nossa), fornece-nos as primeiras pistas para compreender o termo “significado global” utilizado por Greimas (2000a, p. 377).

Com isso, é no trabalho de Bouquet (2012) que encontraremos uma definição sobre este conceito que, a nosso ver, corresponde à leitura de Saussure realizada por Rastier (2019) e que permitirá a compreensão de como se dá a articulação da estética e da moral mencionadas por Greimas. Entretanto, como o autor propõe uma releitura de Saussure, faz-se necessário, em primeiro lugar, a compreensão de que a noção de significado global está em relação com a ideia de um signo global que, por sua vez, estariam regidos pelo princípio, como explica o autor, de uma “hermeneuticidade”.

*Hermeneuticidade.* Uma sequência de linguagem não poderia ser analisada, no plano do seu significado, como o simples produto da composicionalidade de seus signos da língua: a interpretação destes é igualmente determinada por um *signo global*, não composicional, respondendo pelo conjunto da sequência analisada.  
<sup>36</sup> (BOUQUET, 2012, p. 28, grifos do autor, tradução nossa)

Tomando a “hermeneuticidade”, em sua releitura, como um princípio de Saussure, Bouquet nos mostra a sua preocupação em considerar um objeto de análise, a partir de uma perspectiva específica, isto é, a partir de um determinado ponto de vista. Essa posição, destacada pelo autor, asseguraria, ao mesmo tempo, a manifestação, o estatuto de uma totalidade existencial, de maneira que nessa totalidade encontrar-se-iam estruturas articuladas que garantiriam, por sua vez, ao objeto analisável o seu caráter de um sistema fechado e homogêneo, como sublinhou Greimas ao falar das contribuições da teoria saussuriana para os estudos sociológicos de Lévi-Strauss (GREIMAS, 2000a, pp. 372-373). Nesta concepção, a hermeneuticidade associa-se, como vimos, em certa medida, com a noção de ponto

<sup>34</sup> No original: “Avant tout on ne doit pas se départir de ce principe que la valeur d'une forme est tout entière dans le texte où on la puise, c'est-à-dire dans l'ensemble des circonstances morphologiques, phonétiques, orthographiques, qui l'entourent et l'éclairent”.

<sup>35</sup> No original: “*Le primat du global (le texte) sur le local (la forme)*”.

<sup>36</sup> No original: “*Herméneuticité.* Une séquence de langage ne saurait être analysée, au plan de son signifié, comme le simple produit de la composicionalité de ses signes de langue : l'interprétation de ceux-ci est également déterminée par un *signe global*, non compositional, répondant de l'ensemble de la séquence analysée”.

de vista, permitindo que cada objeto analisável, ou neste caso, o signo, possa ser levado em consideração, como pretendia Saussure (2006, p. 24 ), “no seio da vida social” ou, em outras palavras, no seu respectivo contexto social.

É, portanto, nesse quadro da hermenêuticidade que se situa um outro conceito, o do signo global. Como nos explica Bouquet (2012, p. 29), “o *signo global assim definido, não obedece à lógica composicional dos signos da língua*; ao contrário, destacando-se no todo de uma sequência de linguagem, ele determina a interpretação das partes desta sequência que são os signos da língua”<sup>37</sup> (grifos do autor, tradução nossa).

Compreendendo, deste modo, que o signo global, seguindo esse pressuposto da “hermenêuticidade”, do qual fala Bouquet, corresponde ao conjunto analisado e não a simples soma dos elementos que o constituem, podemos entender que tal signo dialoga com as unidades maiores que o signo linguístico, isto é, maior que a palavra, o que iria de encontro à afirmação de Rastier (2009), ao associar a noção de global ao texto. Dessa maneira, parece-nos que é possível observar uma correspondência da definição de Bouquet (*id.*) com a fala de Greimas (2000a, pp.376-377), pois este, em seu exemplo, fala de um catálogo desenvolvido pelos linguistas que consistia, como o próprio autor menciona, de “[...] vastos repertórios (tais como os dois últimos volumes da *Histoire de la langue française* de Charles Bruneau), de figuras e de procedimentos estilísticos<sup>38</sup>” (*ibid.* p. 376, grifos do autor, tradução nossa), e não de uma palavra ou, ainda, da soma dos elementos de uma sequência. Acreditamos, assim, que o signo global, ao qual se refere Bouquet, toma forma nas palavras de Greimas na expressão “estilo da época” (*ibid.*, pp. 376-377), que, mesmo considerado como uma noção empírica, é observável por meio da justaposição dos elementos da língua e do estilo, isto é, tomado como “conjunto da sequência analisada” (BOUQUET, 2012, p. 28).

Dito isso, podemos, então, buscar melhor compreender um dos elementos que constitui este signo global, ou seja, o significado global mencionado por Greimas (2000a, p. 377). Bouquet explica que:

---

<sup>37</sup> No original : “*le signe global ainsi défini, n’obéit pas à la logique compositionnelle des signes de langue ; au contraire, ressortissant au tout d’une séquence de langage, il détermine l’interprétation des parties de cette séquence que sont les signes de langue*”.

<sup>38</sup> No original: “[...] vastes répertoires (tels les deux derniers volumes de l’*Histoire de la langue française* de Charles Bruneau), des figures et de procédés stylistiques ”.

Por “significado global”, neste caso, nós entenderemos não a soma dos significados da língua, mas os traços específicos de sentido se estendendo à integralidade da sequência analisada, independentemente do referido significado da língua; estes traços de sentido serão considerados como pertencentes a uma sincronia de significados globais e, nesta, postos como co-presentes à mente<sup>39</sup> de um locutor-intérprete; eles poderão, então, serem literalizados em uma álgebra diferencial<sup>40</sup>. (BOUQUET, 2012, p. 29, tradução nossa)

Dessa maneira, podemos entender o significado global a partir da mesma noção de significado preconizada por Saussure, com a diferença de que seu objeto se expande não mais para o domínio do lexema, isto é, da palavra, mas sim para o domínio do texto ou, ainda, do discurso. Com a intenção de exemplificar tal conceito, poderíamos imaginar a existência de um certo texto composto por diversas sequências analisadas.

O texto seria, então, considerado, pelas propostas de Rastier (2009) e Bouquet (2012), como um signo global, ou seja, uma totalidade analisável ou, ainda, um conjunto de sequências analisáveis. As diversas sequências que o compõem, isto é, os parágrafos, as frases, as palavras, poderiam ser tomadas individualmente para análise, porém, se tomássemos somente os elementos que constituem o texto, o significado não seria global, apenas local (RASTIER, 2009, p. 16). Entretanto, se levássemos em conta a totalidade da manifestação, isto é, o signo global de fato, poderíamos, por exemplo, encontrar, nesse texto hipotético, diferentes sequências que evocam um mesmo conceito – para utilizarmos o termo de Saussure –, ou, melhor, que articulam o mesmo significado. É dessa maneira que conseguimos, enquanto locutores-intérpretes, como destaca Bouquet (2012, p. 29) extrair uma conclusão ou a “moral”, na acepção ingênua do termo, da história.

Antes de tentarmos compreender como tudo isso se relaciona com a moral e com a estética evocadas no texto de Greimas, parece-nos importante abriremos um

---

<sup>39</sup> Devemos ressaltar que, no texto original, o autor utiliza o termo “*esprit*” que, em português, possui diversas interpretações possíveis. Nesse caso, como estamos tratando do significado em sua acepção saussuriana, escolhemos “mente”, pois acreditamos que seria mais adequado, sobretudo por termos em vista a noção de “conceito” que é, na base da teoria, associada ao termo de significado em Saussure (2006, p. 80).

<sup>40</sup> No original: “par « signifié global », en l’occurrence, on entendra non pas la somme des signifiés de langue, mais des traits spécifiques de sens s’étendant à l’intégralité de la séquence analysée, indépendamment desdits signifiés de langue ; ces traits de sens seront regardés comme appartenant à une synchronie de signifiés globaux et, en cela, posés comme co-présents à l’esprit d’un locuteur-intérprete ; ils pourront donc être littéralisés dans une algèbre différentielle”.

parêntese para evidenciarmos alguns pontos teóricos que os termos “signo global” e “significado global” podem, eventualmente, suscitar, sobretudo na articulação destes com a teoria semiótica.

As explicações, os desenvolvimentos e as propostas conceituais e relacionais apresentadas por Bouquet (2012) são, evidentemente, consideráveis e louváveis, pois buscar desconstruir e dialogar o Saussure do *Curso de linguística geral*, chamado pelo autor de pseudo-Saussure (*ibid.*, p. 21), com o Saussure de *Escritos de linguística geral*, que contém alguns dos manuscritos deste, é incontestavelmente desafiador. Porém, as definições que foram apresentadas por Bouquet nos parecem já ter sido, de uma maneira ou de outra, integradas à teoria semiótica há algum tempo.

Para justificarmos esta afirmação, tomamos a liberdade de romper, mais uma vez, com o caráter diacrônico das obras de Greimas, pois torna-se necessário sublinhar que a problemática dos semas, dos sememas, e dos clasemas (GREIMAS, 1976, pp. 57-74), assim como a própria escolha de Greimas, ao eleger como objeto da teoria semiótica unidades de significação maiores que a palavra, isto é, o discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 396; FIORIN, 2000, p. 13), já evidenciam sua consciência com relação a estas definições da releitura de Bouquet (2012, p. 28) a respeito da “hermeneuticidade” e do chamado “signo global”.

Além disso, podemos notar uma grande semelhança entre as propostas conceituais de Bouquet (2012, p. 29) a respeito do significado global e a definição de isotopia apresentada por Greimas, já em sua obra inaugural *Semântica Estrutural* (1976, p. 128). Bouquet (2012, p. 29), referindo-se ao significado global, fala de uma coerência interna, em termos de significado, de traços que, ao serem reiterados, permitem estender um conceito – na acepção de Saussure – à integralidade da sequência e que o locutor-intérprete, a partir da percepção sincrônica<sup>41</sup>, distinguiria esse significado que recobre a totalidade do texto. Com isso em mente, ao nos depararmos com a definição de isotopia fornecida por Greimas, torna-se difícil de não estabelecermos certas relações, sobretudo em função dos diversos pontos em comum. Como nos explica Greimas:

---

<sup>41</sup> Devemos destacar que o autor não desenvolve o termo “percepção sincrônica”, mas o escolhemos exatamente pela razão de que Greimas, fundamentado na teoria da percepção de Merleau-Ponty, utiliza-o exatamente com a ideia dessa percepção da totalidade da obra e não somente das partes. (GREIMAS, 1976, p. 167)

Isso nos permite, por conseguinte, precisar o que é necessário entender por *isotopia* de um texto: é a permanência de uma base classemática hierarquizada, que permite, graças à abertura dos paradigmas que são as categorias classemáticas, as variações das unidades da manifestação, variações que, em vez de destruir a isotopia, ao contrário a confirmam (GREIMAS, 1976, p. 128, grifo do autor).

A nosso ver, na breve passagem apresentada, é possível estabelecer uma relação entre os “traços de sentido” que se estendem na totalidade do texto do qual fala Bouquet (2012), com o que afirma Greimas ao apresentar a isotopia como a permanência de uma base classemática hierarquizada. Essa aproximação nos permite ponderar sobre esta possível aproximação ou, até mesmo, uma possível relação, entre a isotopia com o significado global. Aquela como sendo o que permite a emergência deste. Em outras palavras, sem esta permanência classemática hierarquizada ao longo de uma sequência, ou melhor, no texto, o significado global encontrar-se-ia fragmentado e sem potência comunicacional enquanto linguagem.

Se buscarmos mais elementos de comparação para relacionar a releitura de Bouquet com o projeto teórico de Greimas, encontraremos semelhanças ainda mais flagrantes, principalmente se observamos as definições, já mais desenvolvidas, apresentada por Greimas e Courtés no *Dicionário de semiótica* (2008, pp. 245-248), das quais mostraremos somente alguns pontos que possuem relação com as noções que buscamos construir o diálogo, isto é, de signo global e de significado global. Como nos explicam os autores:

De caráter operatório, o conceito de isotopia designou inicialmente a iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade. Segundo essa acepção, é evidente que o sintagma que reúne ao menos duas figuras sêmicas pode ser considerado como contexto mínimo que permite estabelecer uma isotopia. [...]  
Considerando-se o percurso gerativo do discurso e a distribuição de seus componentes, distinguem-se a isotopia gramatical (ou sintática, no sentido semiótico), com a recorrência de categorias concernentes a ela, e a isotopia semântica, que torna possível a leitura uniforme do discurso, tal como resulta das leituras parciais dos enunciados que o constituem, e da resolução de suas ambiguidades que é orientada pela busca de uma leitura única. (*ibid.*, pp. 245-246).

É interessante observarmos nesta citação de Greimas e Courtés, como o conceito de isotopia é desenvolvido sem que deixe de perder sua característica

principal, isto é, a noção de iteratividade. Considerando, assim, a iteratividade como sendo “a reprodução, no eixo sintagmático, de grandezas idênticas ou comparáveis, situadas no mesmo nível de análise” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 248), notamos que sua particularidade, que diz respeito à permanência dos traços comuns, mantém-se. Entretanto, essas reiterações que configuram a isotopia também passam a ser estruturadas conforme o componente com o qual elas dialogam. A isotopia sintática, por exemplo, ocupar-se-ia das permanências das relações estabelecidas que dizem respeito aos componentes sintáticos da sequência ou do texto, enquanto a isotopia semântica garantiria por sua vez, em nosso entendimento, a permanência de uma coerência entre os significados ao longo do texto. Aqui, parece-nos que, mesmo havendo diferentes isotopias, inclusive outras que não foram citadas, como por exemplo, a isotopia actorial, o conjunto delas, além de constituírem uma espécie de estrutura, permite o surgimento daquilo que Greimas e Courtés (*ibid.*, p. 246) chamaram de isotopia global, pois “se mantém qualquer que seja a extensão do discurso, tendo em vista sua elasticidade”.

Esta noção se torna realmente importante se considerarmos sua relação com o dito signo global em um objeto que escapa à definição de unidades pequenas da significação. Nesse contexto poderíamos, por exemplo, tomarmos uma prática social, como nos mostrou Greimas (2000a) ao falar de Lévi-Strauss, e, a partir da reiteração e da permanência de diferentes traços isotópicos ao longo da sequência analisada, seria possível chegarmos a essa isotopia global que, por sua vez, garantiria a coerência interna do que é chamado de significado global. Vemos, com isso, que Greimas, antes mesmo de pensar no projeto teórico da semiótica, ao falar do significado global, pensava sobre a existência de estruturas subjacentes que assegurariam a coerência global do texto no nível do significado e que seriam desenvolvidas posteriormente sob o nome de isotopias<sup>42</sup>.

Continuando nossas observações a respeito da releitura de Bouquet (2012) em relação com a epistemologia desenvolvida por Greimas no projeto teórico da semiótica, devemos destacar a ideia do locutor-intérprete e seu “papel”, como foi apresentado por Bouquet (*ibid.*, p. 29). Entendemos assim que, para o autor, o locutor-intérprete é tomado como responsável, a partir de sua percepção totalizante do

---

<sup>42</sup> É evidente que reconhecemos, com Greimas e Courtés (2008, p. 247), a existência de isotopias do plano da expressão. Porém, tal componente não possui relação direta com o que estamos apresentando no momento e, por esta razão, não o aprofundaremos neste momento.

enunciado, por depreender os significados globais do texto que se apresentem a ele. Vejamos o que Greimas e Courtés nos explicam a respeito disso, ainda, valendo-nos da definição que os autores apresentam sobre a noção da isotopia:

Do ponto de vista do enunciatário, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite elidir ambiguidades. Pode, entretanto, acontecer que a desambiguação se faça, por assim dizer, às avessas, por exemplo, no caso de uma leitura "intertextual" (M. Arrivé) em que um contexto se encontra encaixado em um discurso mais amplo. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 247)

Mais uma vez, é possível observar que aquilo que Bouquet (2012) afirma a respeito da relação sincrônica dos significados globais com o locutor-intérprete, em particular, sobre a leitura que o sujeito realiza, é igualmente previsto por Greimas e Courtés, sob a ideia da estabilização de uma estrutura homogênea que pretende garantir ao enunciatário uma desambiguação da totalidade do texto, possibilitando o depreendimento do significado global. Nesse contexto, o que, também, torna-se relevante destacar, é o fato de que, quando Bouquet trata dos significados globais que, percebidos sincronicamente, fazem-se co-presentes à mente do sujeito, notamos uma outra semelhança, mas desta vez com a proposição da percepção sincrônica de Greimas (1976, p. 167). Esta noção, por sua vez, é fundamentada exatamente a partir dos trabalhos de Merleau-Ponty, sobre a percepção da obra (*ibid.*, p. 16) que é, como destacou Greimas (2000a, p. 373), igualmente influenciado pelo pensamento de Saussure.

Ainda no que diz respeito às semelhanças entre as proposições, deixamos, propositadamente, aquela que, em nossa opinião, melhor demonstra que Greimas já considerava a problemática do significado global, bem como do "signo global", em seu projeto teórico.

Nossa tentativa de depreender uma classe autônoma de semas que tenham as funções originais na organização do discurso, corresponde a uma dupla necessidade. De fato, teremos de mostrar que tal concepção dos classemas, caracterizados pela sua iteratividade, pode ter um valor explicativo certo, nem que seja para permitir a compreensão do conceito ainda muito vago e entretanto necessário de *totalidade de significação*, postulado a uma mensagem ou a uma lexia no sentido de Hjelmslev. A partir de agora, estamos em condições de afirmar que uma mensagem ou uma sequência qualquer do discurso só podem ser consideradas isotópicas se possuírem um ou vários classemas em comum. Mais

do que: ultrapassando o quadro estreito da *mensagem*, tentaremos demonstrar graças a esse conceito de *isotopia*, como textos inteiros se encontram situados em níveis semânticos homogêneos, como o significado global de um conjunto significante, em vez de (como propõe Hjelmslev) ser postulado *a priori*, pode ser interpretado como uma realidade estrutural da manifestação linguística. (GREIMAS, 1976, pp. 72-73, grifos do autor)

Como é possível notar, nesta passagem, Greimas aborda a problemática do que ele mesmo chama de totalidade da significação. O próprio autor coloca a hipótese de que os classemas, a partir da noção de iteratividade, possam auxiliar na construção de uma metodologia para melhor compreender como o texto, em sua totalidade, e mesmo com diversas sequências, pode manifestar uma significação única. Para ele, é graças ao conceito de isotopia que se torna possível extrair o “significado global de um conjunto significante” (*id.*).

É, portanto, ao chegarmos nesse ponto que podemos observar que as propostas que apresentamos da releitura de Saussure por Bouquet (2012) – sem descreditar o mérito e o trabalho desenvolvido por ele para iluminar os conceitos e buscar consolidá-los –, tendo como base os diferentes textos de Saussure, já parecem terem sido compreendidas há algum tempo por Greimas. Como pudemos mostrar, Greimas já falava de “totalidade da significação” e de significado global, mas o que lhe interessava era, com efeito, a maneira pela qual se dá a construção e o reconhecimento dessa estrutura que possibilita a investigação de unidades maiores da significação que o lexema ou a frase e quais os efeitos que dela emanam. Foi exatamente isto que chamou a atenção de Greimas no trabalho de Lévi-Strauss, ao valer-se dos conceitos saussurianos e o que o levou a considerar, igualmente, o trabalho de construção do catálogo daqueles linguistas que inventariaram “línguas e estilos”. Contudo, é importante que deixemos claro que, ao trazermos as definições apresentadas por Bouquet, nossa intenção não é, de forma alguma, criticá-lo, pois não temos nem competência para tal. Ao contrário, Bouquet nos fornece material e subsídios para compreendermos melhor o que é este significado global do qual trata Greimas e que, nas suas palavras, aborda questões, “ao mesmo tempo, tanto a estética quanto a moral de uma determinada linguagem literária” (GREIMAS, 2000a, p. 377).

Desta maneira, uma vez que exploramos a noção de significado global, com vistas a melhor compreender do que se trata este conceito ao qual Greimas faz



referência, acreditamos ser possível retomarmos a citação na qual o autor trata, especificamente, sobre a presença e a relação da estética e da moral com o catálogo de formas literárias realizado pelos linguistas da época. Com isso, para garantir a hermenêutica da nossa proposta, assim como a diacronicidade do trabalho, sentimos a necessidade de evocar mais uma vez a passagem na qual o autor menciona a articulação dos conceitos apresentados, isto é, do significado global, da ética e da moral.

Este catálogo de formas literárias que, se fosse exaustivo, constituiria, de fato, o significante de uma metalinguagem literária, permanece, entretanto, inutilizável enquanto nós não afirmarmos a existência paralela e imanente ao significante, de um significado global que abranja a escolha das formas utilizadas e sua destinação social, que compreende, ao mesmo tempo, tanto da estética quanto da moral de uma determinada linguagem literária.<sup>43</sup> (*ibid.*, pp. 376-377, tradução nossa)

Ora, com tudo o que expusemos a respeito do signo e do significado global, parece-nos que Greimas, ao referir-se a este, buscava, em realidade, destacar que de nada adiantaria estudar, seja somente o significante, seja somente o significado. Tal solidariedade mostrava-se, para o autor, ainda mais evidente e necessária em unidades maiores da significação. A palavra, fechada nela mesma, limitada ao signo linguístico e analisável pela mesma linguagem que dela deriva, isto é, a língua, trata-se, para ele, de um caso muito particular. Porém, não sem relevância para se compreender objetos mais complexos, como um texto, por exemplo. É daí que, podemos imaginar, provém até mesmo o título de seu artigo se referindo a atualidade da teoria de Saussure.

Em vista disso, como pudemos constatar com Rastier (2009), com Bouquet (2012) e, até mesmo, ao rompermos a diacronicidade do trabalho, com o próprio Greimas (1976; GREIMAS; COURTÉS, 2008), se tomarmos a isotopia global como uma das, se não a única maneira de apreender o significado global, isto é, por meio da reiteração de traços semânticos observáveis à partir da manifestação em conjuntos significantes, encontraremos na fala de Greimas (2000a, p. 377) importância

---

<sup>43</sup> No original: “Ce catalogue de formes littéraires qui, s’il était exhaustif, constituerait bien le signifiant d’un métalangage littéraire, reste cependant inutilisable tant que l’on n’affirme pas l’existence parallèle et immanente au signifiant, d’un signifié global qui rend compte du choix des formes utilisées et de leur destination sociale, qui comprend à la fois l’esthétique et la morale d’un langage littéraire donné”.

equivalente que é concedida ao significante, respeitando, sobretudo, o princípio de solidariedade hjelmsleviano (HJELMSLEV, 1975).

Assim, ao considerarmos que o significado global pode ser apreendido enquanto uma categoria semântica homogênea de um texto (GREIMAS, 1976, p. 73), devemos notar que ele só pode ser apreendido como tal, a partir de um conjunto significante. Com isso, ao contrário da primeira interpretação possível da afirmação de Greimas, que sublinhamos anteriormente, temos que não é o significado global, em si, que contém os elementos que dão conta da estética e da moral do texto, mas a relação que ele entretém com o significante, pois não existe um significado sem um significante. É, portanto, devido a esta relação, que Greimas (2000a, p. 377) afirma que o significado global daria conta das formas escolhidas e de sua destinação social, pois, para se chegar nele, isto é, no significado global, é preciso, em primeiro lugar, ter acesso às formas pela qual ele se manifesta e, com isso, considerá-las no conjunto de seus arranjos e articulações.

Dessa maneira, em uma perspectiva estrutural, que é a do autor, a proposta de Greimas, a nosso ver, mostra-se objetiva, pois para acessar o significado global é preciso, antes, ter contato com a manifestação do significante. Em vista disso, parece-nos possível imaginar que é por meio do pensamento estrutural que podemos, assim, vislumbrar a estética e a moral das quais fala Greimas.

A escolha das formas, que corresponde ao conjunto significante ou, ainda, ao inventário de significantes do objeto, coincidiria, com isso, a uma determinada estética; uma estética que, por sua vez, no nível do significado global, exatamente por ter sido articulada em arranjos específicos, comportaria em si investimentos semânticos, ora positivos, ora negativos. Tais investimentos evidenciarão a existência de um universo semântico particular, do qual podemos depreender o valor ou os valores investidos. Nesse contexto, vimos com Saussure que o valor somente o é, pois entretém uma teia de relações. É, portanto, nesta teia de relações, que se configura o universo semântico desses valores e que, seja por investimentos positivos, seja por investimentos negativos, torna-se possível observar a existência de uma axiologização, na qual reside, em sua articulação teórica e epistemológica, o próprio princípio da moral.

Com isso, antes de avançarmos em toda essa relação, que inclui a estética e a moral, ao falarmos da articulação dos valores de um universo semântico e ao dizermos que tal articulação, ao investirmos valores tomados como positivos e/ou negativos,

converte-se no próprio princípio da moral, acabamos por invocar dois conceitos que necessitam de definições coerentes e que permitam, ao mesmo tempo, o efetivo entrelaçamento que estamos imaginando existir na visão de Greimas, ou seja, os conceitos de axiologia e de moral. Abordaremos, assim, em um primeiro momento, a noção de axiologia, para depois, em momento oportuno, tratarmos especificamente da moral e sua relação com esta estrutura que estamos depreendendo da visão de Greimas.

Greimas e Courtés (2008, p. 37) explicam que “compreende-se geralmente, por **axiologia** a teoria e/ou a descrição dos valores (morais, lógicos, estéticos)” (grifo dos autores). Porém, a descrição de valores não é, de fato, uma atitude semiótica, mas sim como presente na crítica de Hjelmslev (1975), uma simples descrição que, se não observada nas relações que os termos entretêm entre eles, de nada servem para além da construção de um inventário descritivo, exatamente como Greimas (2000a, pp. 376-377) sublinhou em relação ao catálogo desenvolvido pelos linguistas. É por isso que os autores do *Dicionário de semiótica* complementam a definição do termo afirmando que:

Em semiótica, designa-se pelo nome **axiologia** o modo de existência paradigmática dos valores por oposição à ideologia que toma a forma do arranjo sintagmático e actancial deles. Pode-se considerar que qualquer categoria semântica, representada no quadrado semiótico (vida/morte, por exemplo), é suscetível de ser axiologizada, mercê do investimento das dêixis positiva e negativa pela categoria tímica *euforia/disforia*. Tais axiologias (ou microssistemas de valores) podem ser abstratas (vida/morte) ou figurativas (os quatro elementos da natureza, por exemplo): na medida em que se lida aqui com categorias gerais – que, a título de hipótese de trabalho, se podem considerar como universais semânticos –, articuláveis sobre o quadrado semiótico, podem-se reconhecer **estruturas axiológicas elementares** (de caráter abstrato) e **estruturas axiológicas figurativas**. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 37)

A axiologia, no caso do significado global, torna-se, em nosso entendimento, observável na medida em que, a partir das formas que a manifestam, é possível observar investimentos eufóricos ou disfóricos nos termos semânticos, ou seja, uma “valorização positiva e/ou negativa de cada um dos termos da estrutura elementar da significação” (*ibid.*, p. 463). Por sua vez, este investimento, seja eufórico, seja disfórico, dos valores que compõem o universo semântico do objeto, pode ser apreendido na manifestação até mesmo pela ausência ou pela presença de

componentes do conjunto significante. Rompendo brevemente a diacronicidade do trabalho, parece-nos que Greimas, no ano de 1966 em *Semântica estrutural*, no capítulo em que aborda a questão da significação e da percepção, ao tratar, de maneira crítica, do problema da crença em uma estética da não significação, apresentou as mesmas relações que conseguimos depreender do seu texto publicado em 1956, mantendo-se fiel a sua própria visão de mundo e da articulação da teoria saussuriana em unidades maiores de significação. Podemos observar o que viemos de dizer no momento que o autor afirma o seguinte:

Ingênuas – desta vez no sentido não científico da palavra – parecem as pretensões de certos movimentos literários que desejam fundar uma estética de não-significação: se, numa peça, a presença de duas cadeiras, situadas uma ao lado da outra, parece perigosa a Alain Robbe-Grillet, já que mitificante por seu poder de evocação, esquecemos que a presença de uma só cadeira funciona como um paradigma linguístico e no caso de ausência, esta pode ser também bastante significante. (GREIMAS, 1976, p. 15)

É, portanto, pelo fato de que a axiologização – este lugar teórico onde a moral, tomada como um conjunto de valores, configura-se, articula-se e apresenta-se investida tanto positivamente, quanto negativamente – somente se torna inteligível por meio das formas sensíveis do conjunto significante que a manifestam, que Greimas atribui à noção de significado global, a partir da perspectiva estruturalista, esta posição na qual o significante encontra com o significado e, pela função semiótica (HJELMSLEV, 1975 p. 54) que entretém uma solidariedade entre a expressão e o conteúdo, concretiza a significação.

Compreendendo, assim, que a axiologização é uma categoria semântica que se encontra em relação com investimentos positivos ou negativos (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 37), podemos vislumbrar diversos desdobramentos possíveis de tais considerações e que implicam, com efeito, nas articulações estéticas e éticas (ou morais) de uma determinada manifestação. Um destes desdobramentos, pode ser visualizado, inclusive, no primeiro texto de Greimas (2016), que trabalhamos anteriormente, no qual realiza uma “análise”<sup>44</sup> de *Dom Quixote* de Cervantes. Pelo que pudemos compreender do texto do autor, parece-nos que o que tornava a obra

---

<sup>44</sup> Optamos por inserir o termo análise entre aspas, pois é evidente que não se trata de uma análise nos termos semióticos, mas se aproxima muito mais de uma resenha ou de uma crítica literária.

de Cervantes tão especial aos olhos de Greimas, era exatamente as estruturas axiológicas conflitantes entre os sujeitos. Se retomarmos, por um instante, este trabalho inaugural de Greimas, veremos que ele, em um primeiro momento, aborda o contexto histórico da Espanha, explicitando, inclusive, o processo de transformação do país situado entre dois momentos diferentes, isto é, dá glória ao declínio.

Cervantes surge na Espanha, nos melhores dias da sua Era de Ouro. Nascido no império de Carlos V, no qual o sol nunca se põe<sup>45</sup>, o que lhe rendeu uma mão inválida da guerra, Cervantes experiencia toda a honra e a grandeza da Espanha juntamente com Filipe II e morre vendo seu declínio. [...]

A Espanha é um país estranho: tendo salvado a Europa do Islã na batalha contra os mouros, que durou oito séculos; tendo descoberto e conquistado a América; tendo criado o maior império do mundo, expulsando os judeus e os mouros – restaurando a unidade da verdadeira fé, entronizando papas e reis e governando o ouro do mundo inteiro – o fidalgo, de repente, notou que estava esfarrapado e miserável, e teve de mendigar.<sup>46</sup> (GREIMAS, 2016, p. 172)

Certamente, ao fazer isto, o autor não buscava realizar qualquer crítica ao desenvolvimento do país, mas sim demonstrar uma transformação na valorização das categorias semânticas, ou seja, uma mudança na perspectiva axiológica. Onde anteriormente, em sua época de riquezas e de glórias, havia a valorização eufórica da honra cavaleiresca, instaurava-se agora, em consequência de uma transformação, uma axiologia outra, na qual, em uma situação de crise econômica e social, a honra de outrora se encontra disforizada, pois não é esta honra e nem a devoção a seu rei, que, no final das contas, paga os banquetes e o estilo de vida da aristocracia, mas sim o dinheiro.

O que procuramos mostrar com isto é que, ao destacar estes elementos e manifestar tamanha fascinação pela obra de Cervantes, Greimas, a nosso ver, coloca em evidência, e se interessa de fato, não pela situação do país em si, mas sim pela beleza da ingenuidade do cavaleiro errante que, com o seu conjunto de valores

---

<sup>45</sup> Esta expressão é normalmente utilizada para se referir a um império que, de tão extenso, sempre possui alguma parte do seu território banhada pela luz do dia.

<sup>46</sup> No original: “Cervantes emerges in Spain in the fairest days of its Golden Age. Born in the empire of Charles V on which the sun never set, as a war invalid missing a hand, Cervantes experiences Spain’s full honor and grandeur along with Philip II, and dies seeing its decline. [...] Spain is a strange country: having saved Europe from Islam in the battle against the Moors which lasted for eight centuries; having discovered and conquered America; having created the largest empire in the world, expelling the Jews and the Moors—restoring the unity of the true faith, enthroneing popes and kings, and ruling the gold of the entire world – the hidalgo suddenly noticed that he was ragged and indigent and had to tramp”.

axiologizados, promove o choque de axiologias retratadas na obra de *Dom Quixote*. O que se destaca, assim, nessas relações axiológicas, não é a existência de somente uma única perspectiva ética, que poderia ser vista como algo ao qual deveríamos seguir por sua força deontológica, mas sim a existência de um confronto de valores entre o que poderíamos, talvez, considerarmos como uma ética pessoal e uma ética ou moral social.

Esta perspectiva nos mostra, portanto, dois pontos que precisam ser destacados: o primeiro ponto corresponde exatamente a uma dupla articulação ética, conforme o nível de análise observado, conduzindo-nos, desta maneira, à distinção entre os sujeitos do enunciado e os sujeitos da enunciação (GREIMAS; COURTÉS, 2008); o segundo, como complemento de uma das perspectivas acima, diz respeito as diferentes formas que a ética, tomada como uma categoria semântica axiologizada, poderia assumir no quadro da sintaxe narrativa.

Assim, para mostrarmos como a ética e a estética, às quais Greimas se refere ao falar do significado global, encontram-se presentes e articuladas e despertam o fascínio do autor, é necessário compreendermos, em primeiro lugar, o que seria esta dupla articulação da ética, que se apresentam de maneira complementar. Levando em consideração que o objeto do qual tratamos é um texto literário, podemos começar pelas noções que justificam a existência dessa dupla perspectiva, isto é, a enunciação e o enunciado. Como nos explicam Greimas e Courtés (*ibid.*, p. 148), “por oposição à enunciação, entendida como ato de linguagem, o enunciado é o estado resultante, independentemente de suas dimensões sintagmáticas (frase ou discurso)”. Seguindo este ponto de vista, teríamos que o enunciado equivale ao objeto produzido da enunciação, no nosso caso o texto de *Dom Quixote*, o que nos leva a compreender que os sujeitos do enunciado se encontram no próprio enunciado, por exemplo, o próprio *Dom Quixote*. Por outro lado, a enunciação é uma instância linguística “logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)” (*ibid.*, pp. 145-146). Dessa maneira, enquanto instância anterior ao enunciado, é também o lugar onde são articulados os elementos do *ego hic et nunc* que, por serem projetados, arranjados e instaurados, pressupõem, por sua vez, a instalação dos sujeitos da enunciação (*ibid.* pp. 146-147). Com isso, estes sujeitos são “considerados como actantes implícitos, logicamente pressupostos de todo enunciado, [e] são denominados de enunciadador e enunciatário” (*ibid.*, p. 114).

Tomando então o ponto de vista dos sujeitos do enunciado, ou seja, dos sujeitos do texto, e abordando como a ética, considerada como a axiologização de categorias semânticas, pode ser articulada na sintaxe narrativa, podemos visualizar, de maneira bastante incipiente, ao menos três cenários possíveis. 1) o sujeito realiza o seu percurso sem passar necessariamente por uma etapa de confronto axiológico, isto é, sem que tenha, por qualquer motivo que seja, seus valores questionados; 2) o sujeito encontra um confronto axiológico entre sua ética individual e, o que poderíamos chamar, de moral social; 3) o sujeito tem sua ética individual confrontada por uma outra ética individual.

Percebemos, com isso, que, no nível dos sujeitos do enunciado, a obra de *Dom Quixote* se mostra condizente com o segundo cenário, pois, como destacamos anteriormente, a ética do cavaleiro errante, com sua honra de outrora, euforiza valores que para a moral social do presente (no contexto da narrativa) são disforizados. Entretanto, não é possível depreender tais relações axiológicas sem que elas assumam uma “corporeidade”, sem que sejam concretizadas por algum conjunto significativo. Novamente, aqui, podemos observar uma proximidade com a ideia da função semiótica de Hjelmslev (1975), permitindo a passagem do processo ao sistema. Dessa maneira, no nível dos sujeitos do enunciado, poderíamos dizer que as axiologias são concretizadas e apreensíveis a partir das ações desses sujeitos. Greimas e Courtés (2008, pp. 9-10) nos explicam que;

Ação pode ser definida como uma organização sintagmática de atos, sem que tenhamos de nos pronunciar antecipadamente acerca da natureza dessa organização: sequência ordenada, estereotipada ou programada por um sujeito competente.

Em semiótica sintagmática, a ação pode ser considerada como o resultado da conversão, em um dado momento do percurso gerativo, de um programa narrativo (simples ou complexo). No caso de um programa complexo, os diferentes programas narrativos de uso que o compõem correspondem aos atos que constituem a ação. Isso equivale a dizer que uma ação é um programa narrativo “vestido” em que o sujeito é representado por um ator e o fazer é convertido em um processo.

A nosso ver, seriam, portanto, essas ações, realizadas no nosso caso por Dom Quixote e tomadas enquanto sequências significantes, que permitiriam depreender a partir da noção do significado global a ética dos sujeitos do enunciado. Estas ações tomadas, assim, como processo e levando em consideração a noção do termo operacional da função semiótica, corresponderiam ao conjunto significativo que, ao

mesmo tempo, permitem a manifestação da axiologia ao darem “corpo” a elas e constituem uma espécie de estética da ética. Acreditamos que, com isso, tenhamos conseguido apresentar de maneira adequada a ideia de Greimas (2000a, p. 377) a respeito de como a noção de significado global articula a ética e a estética, ao menos no nível dos sujeitos do enunciado do texto abordado pelo autor.

É bem verdade que, ao pensarmos nos sujeitos do enunciado e na perspectiva do discurso, múltiplas narrativas poderiam emergir de tais elementos. Contudo, ao tratarmos dos elementos que compõem o nível do enunciado, é preciso também pensar que só podemos ter acesso a essa axiologização, presente no discurso, pelo que nos é deixado a ver. Nesse contexto, como apresentamos anteriormente, não se pode haver um enunciado sem uma estrutura lógica pressuposta que organiza tal instância. Esta estrutura diz respeito, assim, ao nível da enunciação e, conseqüentemente, aos sujeitos da enunciação, compreendendo os actantes denominados de enunciador e o enunciatário.

Dessa maneira, ainda sobre os possíveis desdobramentos sobre a relação entre a axiologia e as articulações estéticas e éticas, podemos pensar, como sugere Greimas (2000a), por exemplo, que cada objeto que solicita o sujeito (GREIMAS, 1976, p. 15), concretiza no seu conjunto significante uma axiologização. Em outras palavras, no nível do enunciado, as formas escolhidas, que compõem os arranjos do objeto analisável, carregam em si uma valorização eufórica ou disfórica de uma determinada categoria semântica. Estas valorizações das categorias semânticas que constituem a axiologização, assim como a escolha das formas, por sua vez, refletem a existência do nível da enunciação que, ao concretizar na sua manifestação discursiva tais escolhas e tais investimentos de valores, acaba por determinar uma tomada de posição do objeto que “deseja” comunicar com o sujeito.

É nessa conjuntura que se instaura, com efeito, o papel do enunciador como aquele que projeta, implicitamente, suas escolhas no conjunto significante e, conseqüentemente, seu conjunto de valores axiologizados. Como nos explicam Greimas e Courtés (2008, p. 150), “denominar-se-á **enunciador** o destinador implícito da enunciação (ou da ‘comunicação’)”. Com isso, o objeto, como por exemplo o discurso, por meio dos seus conjuntos significantes, projeta, em realidade, as escolhas deste enunciador que, ao valorizar euforicamente ou disforicamente certos componentes e arranjos significantes, permite entrever e transparecer a axiologia deste nas próprias qualidades sensíveis do objeto. Porém, é importante mencionar,



como já fizemos anteriormente, que, para Greimas, a “identidade” do enunciador pouco importa, pois ele não se interessa na gênese criativa, mas sim nas condições de produção e apreensão do sentido (*ibid.*, p. 415).

Parece-nos, portanto, que é exatamente a partir destas articulações, que podemos compreender, de maneira mais objetiva, a fala de Greimas (2000a, pp. 376-377), na qual a noção de significado global compreende, em sua perspectiva estrutural, a presença de uma estética e de uma moral em interação, aproximando-se, a nosso ver, da própria concepção da função semiótica (HJELMSLEV, 1975). Parece-nos, portanto, que temos aí, não somente a base da articulação da ética e da estética, mas também as bases da teoria semiótica. Talvez poderíamos, com isso, até mesmo nos arriscar a dizer que a articulação entre estética e a ética, que viemos de apreender da fala de Greimas, figurativizam a estrutura do quadro epistemológico, metodológico e teórico da semiótica. Aparenta-se, então, que, pouco importando o nível de análise do objeto, a semiótica se configura como uma disciplina que busca, fundamentalmente, compreender a significação a partir da articulação da estética e da ética, sendo esta apreendida dos valores axiologizados, e aquela da concretização desta axiologia por meio do conjunto significante que permite, de fato, sua apreensão pelos sentidos.

Tal inquietude com a problemática da ética, por exemplo, é reiterada mais uma vez em outro trabalho de Greimas, datado de 1958, intitulado *Histoire et Linguistique*. Tendo em mente que o autor reconhecia o grande potencial científico da teoria linguística saussuriana, sua aproximação com o caráter social e conseqüentemente ético e moral da língua e da fala na sociedade, parecia quase como um percurso natural daqueles que, de maneira geral, buscavam compreender, de fato, o signo “no seio da vida social”, como preconizava Saussure (2006, p. 24).

É, portanto, ao escrever em *Histoire et Linguistique* a respeito do avizinhamo destas duas disciplinas, que Greimas destaca um problema decorrente do ponto de vista metodológico, em especial, relacionado à maneira pela qual as duas disciplinas se aproximam. Tal problema é apresentado por Greimas como se segue:

No entanto, se, a partir desses encorajamentos e deste exemplo, nós definirmos a atitude do historiador em relação à linguística, constatamos que os dados lexicais o ajudam a “compreender” tal situação histórica, a decifrar tal conteúdo histórico, o verdadeiro objeto de seu estudo encontrando-se alhures, “atrás do muro da linguagem”; ele concede às palavras seu valor de testemunhas,

traços de tal atitude ou estado, e as utiliza como tais, paralelamente a outros materiais históricos. Uma obra recente deveria nos permitir mostrar em que uma tal utilização de dados linguísticos, se ela enriquece a documentação do historiador e a apresentação da história, não é, contudo, a abordagem metodológica desejada.<sup>47</sup> (GREIMAS, 1958, p. 110, tradução nossa)

Este problema, como nos explica Greimas, é decorrente da “revolução metodológica” (*id.*) ocorrida na disciplina da história, marcando “a passagem da história factual à história sintetizante”<sup>48</sup> (*id.*, tradução nossa). Esse novo momento, fruto desta revolução, concebe, assim, os estudos da história não mais pela óptica do evento histórico, mas sim a partir de uma perspectiva totalizante que compreende a soma de diversas simultaneidades e que, ao se imbricarem, apresentam elementos até então desconsiderados pela abordagem clássica da história, contribuindo para o entendimento do próprio fato histórico. Com isso, “o historiador foi conduzido a adotar, cada vez mais, as perspectivas sincrônicas e não mais diacrônicas”<sup>49</sup> (*id.*, tradução nossa).

Entretanto, Greimas (*ibid.*, p. 111) sublinha que, esta mudança de postura ocasionada pela revolução metodológica na História, na sua tentativa de aproximação com a linguística, evidencia um certo paradoxo epistemológico. Enquanto os historiadores concebem os postulados desta nova atitude científica como sendo compreensão, totalidade e sincronia (*id.*), que se alinham com a posição adotada pela linguística moderna de Saussure, estes mesmos historiadores manifestam uma tendência maior a se aproximarem da metodologia da linguística histórica, ela mesmo se encontrando já superada pela metodologia estrutural. Nesse contexto, se de um lado os historiadores demonstram uma virada epistemológica coerente com o rumo das ciências humanas e, sobretudo, com a proposta saussuriana; por outro lado, o

---

<sup>47</sup> No original: “Pourtant si, à partir de ces encouragements et de cet exemple, nous définissons l’attitude de l’historien à l’égard de la linguistique, nous constatons que les données lexicales l’aident à « comprendre » telle situation historique, à déchiffrer tel contenu historique, l’objet véritable de son étude se trouvant ailleurs, « derrière le mur du langage » ; il reconnaît aux mots leur valeur de témoins, caractéristiques de telle attitude ou de tel état, et les utilise à ce titre, parallèlement à d’autres matériaux historiques. Un ouvrage récent devrait nous permettre de montrer en quoi une telle utilisation de données linguistiques, si elle enrichit la documentation de l’historien et la présentation de l’histoire, n’est cependant pas le rapprochement méthodologique souhaité”.

<sup>48</sup> No original: “[...] le passage de l’histoire événementielle à l’histoire synthétisante [...]”.

<sup>49</sup> No original: “[...] l’historien a été amené à adopter de plus en plus des vues synchroniques et non plus diachroniques”.

fato de se aproximarem da linguística histórica apresenta um “estado epistemológico obsoleto”<sup>50</sup> (*id.*, tradução nossa).

Greimas explica que o problema da adoção de uma tal postura, isto é, a escolha da abordagem a partir da linguística histórica, consiste, precisamente, no fato de que a triagem das palavras a serem analisadas pelo historiador da língua, por si só, já evidencia uma influência subjetiva do pesquisador, que se apresenta, ao mesmo tempo, como aquele que seleciona, que julga e que analisa. Como nos mostra o autor:

O historiador de boa vontade, que, seguindo o conselho de Marc Bloch, volta-se agora à linguística, perceberá que a linguística histórica não age diferentemente. No imenso campo do vocabulário de uma época, ela escolhe “palavras-testemunhas”, frequentemente neologismos cuja aparição testemunha as inovações da própria língua. [...] é a mesma determinação subjetiva do fato individual, a mesma atomização do contexto histórico; a mesma insistência no fato típico, outra sobrevivência das atitudes epistemológicas do século XIX, voltando, talvez, à pesquisa, tão cara aos Românticos, da “particularidade”<sup>51</sup>.<sup>52</sup> (*id.*, tradução nossa).

Partindo destas questões, Greimas parece se utilizar da mesma estratégia discursiva já empregada em seu artigo analisado por nós anteriormente, *L’actualité du saussurisme*, pois procura demonstrar como a linguística saussuriana, por meio de suas propostas que continuam atuais para as ciências do homem, poderia contribuir com sua atitude sociológica e sincrônica. É, portanto, no momento em que ele elenca as vantagens da epistemologia e do método saussuriano que acaba por sublinhar – ao considerar a língua não como um repertório, isto é, fora da perspectiva utilitarista, mas sim como um sistema simbólico que concretiza uma determinada cultura –, a noção de valor, destacando, assim, que tal concepção permitiria de apreender

<sup>50</sup> No original: “[...] état épistémologique périmé [...]”.

<sup>51</sup> No original, a palavra utilizada pelo autor é “caractéristique”. Porém, tal termo apresenta diversas acepções em português, o que dificulta bastante na precisão do seu significado. Por esta razão, tendo em vista a totalidade da citação, acreditamos que o mais adequado seria tratar essa palavra a partir da ideia, destacada pelo autor, do fato individual, o que nos conduziu a compreender “caractéristique” como uma particularidade de uma determinada apreensão. No caso do texto, os neologismos são, dessa maneira, particularidades do sistema da linguística que não representam a totalidade, do ponto de vista sincrônico defendido pelo autor.

<sup>52</sup> No original: “l’historien de bonne volonté, qui, suivant le conseil de Marc Bloch, s’adresse maintenant à la linguistique s’apercevra que la linguistique historique n’agit pas autrement. Dans l’immense champ du vocabulaire d’une époque, elle choisit des « mots-témoins », souvent des néologismes dont l’apparition témoigne des innovations de la langue lui-même. [...] c’est la même détermination subjective du fait individuel, la même atomisation du contexte historique ; la même insistence sur le fait typique, autre survivance des attitudes épistémologiques du XIX<sup>e</sup> siècle, remontant peut-être à la recherche, chère aux Romantiques, du « caractéristique »”.

estruturas mentais, ideológicas e modelos de sensibilidade coletiva (*ibid.* p. 112). Greimas destaca, ainda, que é no nível destas estruturas que se situam os papéis sociais, o quadro social dos afetos e as normas da moralidade. Nas palavras do autor:

Longe de ser um repertório de palavras no qual somente algumas seriam testemunhas de uma história que aconteceria do outro lado da linguagem, a língua, enquanto sistema simbólico, é o lugar onde acontece a história. Ela constitui este espaço social autônomo que ultrapassa os indivíduos e lhes impõe modelos de sensibilidade e esquemas de ação. As palavras organizadas em conjuntos estruturados, em “terminologias”, definindo-se umas pelas outras, constituem este plano objetivo e vinculativo da linguagem no qual o historiador pode encontrar, não comportamentos particulares e atitudes típicas, mas as estruturas da mentalidade e os modelos de sensibilidade coletiva. Neste nível se situam a distribuição dos papéis sociais, o enquadramento social das atitudes afetivas, o estabelecimento das normas de moralidade... (*id.*, tradução nossa).<sup>53</sup>

Dessa maneira, ao mostrar as vantagens da linguística saussuriana com relação à linguística histórica e em relação ao fazer científico do historiador, Greimas acaba por afirmar que ao estudarmos o conjunto da língua em um determinado contexto, torna-se possível, a partir da observação de redes de categorias semânticas e de certos traços comuns às próprias categorias, depreender uma totalidade de significações que, entre outras coisas, compreendem as normas da moralidade.

Dito isto, podemos, a nosso ver, realizar duas afirmações. A primeira consiste no fato de que, conforme a lógica apresentada nos textos expostos até o momento, o interesse de Greimas pelos estudos e por uma metodologia que desse conta do papel da língua e da linguagem na sociedade, correspondendo às intenções do projeto saussuriano, é, sem dúvida, inquestionável. Mas, também, neste mesmo caminho, parece-nos indiscutível que a problemática da moral se faz presente com bastante frequência em seus textos, definindo-se, por esta razão, como um dos elementos de grande interesse do autor, para não dizer, até mesmo, que a ética e a moral se

---

<sup>53</sup> No original: “Loin d’être un répertoire de mots dont certains seulement seraient les témoins d’une histoire qui se déroulerait dans un au-delà du langage, la langue, en tant que système symbolique, est ce lieu où se passe l’histoire. Elle constitue cet espace social autonome qui dépasse les individus et leur impose des modèles de sensibilité et des schémas d’action. Les mots organisés en ensembles structurés, en « terminologies », se définissant les uns par les autres, constituent ce plan objectif et contraignant du langage où l’historien peut retrouver, non des comportements caractéristiques et des attitudes typiques, mais les structures de mentalité et les modèles de sensibilité collective. À ce niveau se situent la distribution des rôles sociaux, l’encadrement social des attitudes affectives, l’établissement des normes de moralité...”.

configuram como os verdadeiros objetos de interesse de Greimas, justamente por serem responsáveis pela dinâmica de uma boa parte das relações sociais e por se instaurarem como uma forma de significação na existência dos sujeitos, impondo-lhes “modelos de sensibilidade e esquemas de ação” (*id.*), mas que, como vimos em *Dom Quixote*, podem ser confrontados.

A segunda afirmação que nos arriscamos a fazer, com base neste texto de Greimas, é, na realidade, a reiteração da presença da moral e da ética enquanto axiologização de categorias semânticas. O liame que Greimas estabelece entre cultura, sociedade e língua, permite visualizarmos que as normas morais, as quais menciona o autor, podem ser reconhecidas e apreendidas a partir das relações estabelecidas entre o sistema da língua. Se consultarmos um dicionário léxico qualquer, por exemplo, observaremos, conforme nos mostrou Saussure e como afirma Greimas, que as palavras apresentam certos investimentos de valores; valores estes que estão em relação com outros termos. Seria, portanto, a partir destes investimentos eufóricos e disfóricos nos termos que poderíamos, como nos explicou Greimas, apreender as estruturas da mentalidade e os modelos de sensibilidade de uma determinada sociedade e, conseqüentemente, os valores éticos e as normas morais. Observamos, com isso, que o texto de Greimas nos conduz a retomar o próprio conceito de axiologização que parece se confirmar já nos primeiros textos de Greimas, evidenciando o interesse do autor por tal problemática e por tal articulação, como o lugar de investimento dos valores morais e éticos.

A nosso ver, chegamos em um ponto de nossa pesquisa que, em decorrência da aparição dos conceitos de ética e de moral, torna-se imprescindível buscar estabelecer, se não uma distinção formal, ao menos uma distinção operacional entre tais termos, pois parece-nos que, mesmo se seus significados se avizinham, suas implicações sintáticas e sintagmáticas são distintas.

Nesse contexto, e reconhecendo no projeto teórico de Greimas a possibilidade da elaboração de uma semiótica da ação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 10), o caráter estruturalista da teoria e, em particular, levando em consideração o comentário específico que Greimas (1958, p. 112) realiza a respeito da moral, associando-a com os predicados deontológicos, pois o autor fala de “normas morais”, parece-nos apropriado e coerente com a disciplina da semiótica considerarmos, para o estabelecimento da distinção entre ética e moral, a adoção da perspectiva destes conceitos a partir dos escritos de Paul Ricœur, pensamos em particular ao ponto de

vista do autor presente em seus textos intitulados *Éthique et morale* (1990a) e em *Soi-même comme un autre* (1990b).

Sem adentrarmos demasiadamente na filosofia de Ricœur, devemos nos ater à distinção entre a moral e a ética que, para o autor, não remete a uma problemática etimológica e nem histórica (1990a, p. 5; 1990b, p. 200). Para verificar tal ponto, basta consultarmos o *Dicionário de filosofia*, elaborado por Mautner (2011, p. 277), para constatar a validade desta proposição na passagem na qual o autor afirma que “o termo *moralis* foi usado por Cícero como um equivalente do grego ἠθικός [êthikós] e é por este motivo que em muitos contextos *moral/ético*, *moralidade/ética*, *filosofia moral/ética* são pares de sinônimos”.

Partindo deste ponto e afirmando que tanto o termo ética quanto o termo moral fazem referência à ideia de *mœurs*, isto é, aos costumes ou hábitos de uma sociedade ou de um indivíduo, Ricœur realiza sua primeira distinção teórica. Ao entender que a noção de *mœurs* poderia se desdobrar em aquilo que é “estimado bom” e o que “se impõe” como obrigatório, o autor estabelece as bases do que permite, em sua concepção, diferenciar os conceitos de ética e moral. Como afirma o autor:

O que será, agora, dessa distinção proposta entre a ética e a moral? Nada na etimologia ou na história do uso dos termos a impõe. Um vem do grego, o outro do latim; e ambos se referem à ideia intuitiva de *mœurs*<sup>54</sup>, com a dupla conotação que tentaremos decompor, do que é *estimado bom* e do que *se impõe* como obrigatório. Portanto, é por convenção que reservarei o termo ética para a *visada* de uma vida realizada e aquele de moral para a articulação desta visada nas *normas* caracterizadas, ao mesmo tempo, pela pretensão à universalidade e por um efeito de restrição (diremos, quando chegar a hora, o que liga estes dois traços um ao outro).<sup>55</sup> (RICŒUR, 1990b, p. 200, grifos do autor, tradução nossa)

Notamos, com isso, de maneira mais objetiva, que a perspectiva de Ricœur a respeito da moral, considerada enquanto um conjunto de normas caracterizadas por

<sup>54</sup> Optamos por manter o termo original, pois nele estão concentrados a ideia de hábitos e costumes culturais, sociais e individuais, representando, a nosso ver, de maneira mais adequada, a complexidade que envolve a distinção entre os conceitos de ética e moral.

<sup>55</sup> No original: “Qu'en est-il maintenant de la distinction proposée entre éthique et morale ? Rien dans l'étymologie ou dans l'histoire de l'emploi des termes ne l'impose. L'un vient du grec, l'autre du latin ; et les deux renvoient à l'idée intuitive de *mœurs*, avec la double connotation que nous allons tenter de décomposer, de ce qui est *estimé bon* et de ce qui *s'impose* comme obligatoire. C'est donc par convention que je réserverai le terme d'éthique pour la *visée* d'une vie accomplie et celui de morale pour l'articulation de cette visée dans des *normes* caractérisées à la fois par la prétention à l'universalité et par un effet de contrainte (on dira le moment venu ce qui lie ces deux traits l'un à l'autre)”.

uma posição deontológica, compartilha dos mesmos predicados daquilo que Greimas (1958, p. 112) chama de “normas de moralidade”, reiterando a compatibilidade entre as duas abordagens.

Porém, ao escolhermos o ponto de vista de Ricœur para realizar a distinção entre a ética e moral, deparamo-nos com, além do que já foi exposto, uma série de outras vantagens metodológicas, inclusive pelo fato de que, como nos explica Landowski (2005), a semiótica não era algo de estranho para ele. Tal fato faz com que Ricœur conceba sua distinção não fechada em si, isto é, somente em termos filosóficos, mas também em interação, em trânsito, até mesmo entre as próprias noções teleológicas e deontológicas, e entre eles em termos relacionais, ou seja, postos em uma determinada narrativa, seja esta de sujeitos de papel ou das práticas de vida do cotidiano, com vistas a se ressignificarem na medida das situações e das experiências vividas. Quando a moral não é capaz de trazer as respostas, cabe ao sujeito olhar para si e buscar na visada ética aquilo que ele estima que é bom.

Reconheceremos facilmente na distinção entre visada e norma a oposição entre dois legados, um legado aristotélico, no qual a ética é caracterizada pela sua perspectiva *teleológica*, e um legado kantiano, no qual a moral é definida pelo caráter de obrigação da norma, portanto, por um ponto de vista *deontológico*. Propomos estabelecer, sem preocupação com a ortodoxia aristotélica ou kantiana, mas não sem uma grande atenção aos textos fundadores destas duas tradições: 1) a primazia da ética sobre a moral; 2) a necessidade da visada ética de passar pelo crivo da norma; 3) a legitimidade de um recurso da norma à visada, quando a norma conduz à impasses práticos, que recordarão, neste novo estágio de nossa meditação, as diversas situações aporéticas às quais nossa reflexão sobre a ipseidade teve de enfrentar.<sup>56</sup> (RICŒUR, 1990b, pp. 200-201, grifos do autor, tradução nossa)

Com isso, além dos elementos já destacados pelo autor, para as nossas futuras referências aos conceitos da ética e da moral na teoria semiótica, consideramos ser necessário tratar de dois outros componentes que marcam a diferença entre a ética e

---

<sup>56</sup> No original: “On reconnaîtra aisément dans la distinction entre visée et norme l’opposition entre deux héritages, un héritage aristotélicien, où l’éthique est caractérisée par sa perspective *téléologique*, et un héritage kantien, où la morale est définie par le caractère d’obligation de la norme, donc par un point de vue *déontologique*. On se propose d’établir, sans souci d’orthodoxie aristotélicienne ou kantienne, mais non sans une grande attention aux textes fondateurs de ces deux traditions : 1) la primauté de l’éthique sur la morale ; 2) la nécessité pour la visée éthique de passer par le crible de la norme ; 3) la légitimité d’un recours de la norme à la visée, lorsque la norme conduit à des impasses pratiques, qui rappelleront à ce nouveau stade de notre méditation les diverses situations aporétiques auxquelles a dû faire face notre méditation sur l’ipséité”.

a moral que, em nosso entendimento, são caros à perspectiva de Ricœur (1990a, p. 6): a estima de si e o respeito. Este é relacionado à moral, aquele à ética. Tais desdobramentos se mostram como essenciais para compreender como as diferentes relações sintáticas e sintagmáticas podem vir a se apresentar conforme a perspectiva adotada, ou seja, conforme a posição do sujeito em relação ao seu contexto.

Dessa maneira, Ricœur (*id.*), ao associar a estima de si como um dos componentes da ética, explica que não devemos tratar essa noção como algo que corresponderia a “estima de mim”, ou ainda, com o “eu”. Este sim, dotado de uma posição egológica e que estaria em risco pela presença do outro. Para o autor, este conceito de estima de si pode ser explicado a partir da articulação de dois elementos: a intencionalidade na ação do sujeito, isto é, sua capacidade de escolher uma coisa ou outra, ou ainda, diversas coisas; e, em consequência, a capacidade do sujeito de mudar o curso das coisas, ou seja, uma certa capacidade de iniciativa que, a nosso ver, poderia ser igualmente considerada como uma capacidade criativa. Nas palavras do autor:

Aquilo que é fundamentalmente estimado em si mesmo, são duas coisas: em primeiro lugar, a capacidade de escolher, pelas razões de preferir isto à aquilo, em suma, a capacidade de agir *intencionalmente*; é, em seguida, a capacidade de introduzir mudanças no curso das coisas, de começar alguma coisa no mundo, enfim, a capacidade da iniciativa.<sup>57</sup> (*id.*, grifo do autor, tradução nossa)

Nesse momento, o que nos chama a atenção é que, ao prosseguirmos com a leitura de Ricœur, deparamo-nos com a emergência de uma perspectiva que, no nosso entendimento, corresponde à ideia de que a ética poderia se encontrar tanto investida nas ações, como, em consequência desse investimento, apreendida a partir da apreciação das práticas do sujeito. Dessa maneira, considerando a passagem na qual o autor afirma que “[...] é ao apreciar nossas ações que apreciamos a nós mesmos como sendo autor e, então, como sendo outra coisa que simples forças

---

<sup>57</sup> No original: “Ce qui est fondamentalement estimable en soi-même, c’est deux choses : d’abord la capacité de choisir pour des raisons, de préférer ceci à cela, bref la capacité d’agir intentionnellement ; c’est ensuite la capacité d’introduire des changements dans le cours des choses, de commencer quelque chose dans le monde, bref la capacité d’initiative.”



da natureza ou simples instrumentos”<sup>58</sup> (*id.*, tradução nossa), poderíamos estabelecer um paralelo entre toda a problemática abordada anteriormente a partir da visão de Greimas. Em outras palavras, ao apreciarmos nossas ações, como diz Ricoeur, estamos lidando, no nível dos sujeitos do enunciado, com a manifestação de uma axiologização a partir da concretização do significante, que nos permite depreender não somente a ética investida na prática ou na ação, mas também, ao considerarmos, como nos explicam Greimas e Courtés (2008, p. 148), o enunciado como estado resultante da enunciação, os investimentos axiológicos das categorias semânticas e as articulações dos arranjos do significante por parte do sujeito da enunciação. É, portanto, com o auxílio dessa abordagem semiótica, e com a visão de Greimas antes mesmo de conceber o projeto semiótico, que podemos confirmar com Ricoeur, a partir do encadeamento apresentado, que, de fato, quando olhamos para as nossas próprias práticas, estamos olhando para nós mesmos e, conseqüentemente, para nossas escolhas éticas e estéticas que transitam entre as articulações e os investimentos do nível da enunciação, para sua respectiva concretização no nível do enunciado ou no própria ato de linguagem.

Por esta razão, quando Ricoeur (1990a, p. 6), ainda tratando da ética, afirma que “deveríamos desenvolver toda uma teoria da ação para mostrar como a estima de si acompanha a hierarquização de nossas ações”<sup>59</sup> (tradução nossa), a nosso ver, tal teoria já se encontra desenvolvida ou, pelo menos, em constante desenvolvimento, e se chama semiótica. Esta passagem, em nosso entendimento, acaba, assim, por reforçar mais uma vez a ideia que temos de que a semiótica se define essencialmente como uma teoria que busca investigar as articulações éticas e estéticas para ser capaz de depreender das manifestações e das práticas a significação e a construção do sentido.

Sobre as distinções entre a ética e a moral, além desta se apresentar como pertencente ao campo da deontologia e das normas e aquela fazer parte da teleologia e das escolhas deliberadas, Ricoeur explica que a relação entre a moral e o sujeito parte “de cima para baixo” ou, ainda, que “vem de fora do sujeito” exatamente por conta dos predicados deontológicos, enquanto que o princípio teleológico destacado

---

<sup>58</sup> No original: “[...] c’est en appréciant nos actions que nous nous apprécions nous-mêmes comme en étant auteur, et donc comme étant autre chose que de simples forces de la nature ou de simples instruments.”

<sup>59</sup> No original: “Il faudrait développer toute une théorie de l’action pour montrer comment l’estime de soi accompagne la hiérarchisation de nos actions”.

pelo autor, a partir da noção da estima de si, evoca a ideia de que a ética parte “de dentro para fora”, isto é, do sujeito para o mundo. Como nos explica o autor:

Podemos esperar da concepção teleológica, pela qual caracterizaremos a ética, seu encadeamento de maneira direta sobre a teoria da ação prolongada por aquela da narração. Com efeito, são nas avaliações ou estimações imediatamente aplicadas à ação que se exprime o ponto de vista teleológico. Por outro lado, os predicados deônticos, pertencentes a uma moral do dever, parecem se impor de fora – ou do alto – ao agente da ação, sob as formas de uma restrição que a chamamos precisamente de moral [...].<sup>60</sup> (RICŒUR, 1990b, p. 201, tradução nossa)

Esta passagem não somente explicita o que viemos de apresentar no parágrafo anterior, isto é, as diferentes motivações da ética e da moral, sendo esta externa ao sujeito e aquela deliberada pelo sujeito, como também reforça a ideia de que o posicionamento ético do sujeito pode ser apreendido a partir da sua extensão para a prática, para a manifestação da ação, ou seja, pela concretização das ações por meio dos conjuntos significantes que tornam o fenômeno apreensível. Além disto, outro ponto que nos chama a atenção e que nos suscita uma questão, é que, se a ética pode ser apreendida a partir da concretização dos conjuntos significantes na manifestação, como poderíamos diferenciar, no nível do fenômeno, uma iniciativa ética de uma determinação moral?

Podemos até mesmo imaginar que, talvez, tenha sido esta mesma pergunta que Greimas se colocou ao refletir, por exemplo, sobre a obra de Cervantes e as peripécias de *Dom Quixote*. Tais relações praticamente nos obrigam a retomar as considerações e a importância do conceito do significado global e de como ele permite, a partir dos arranjos dos conjuntos significantes que compõem a estética, apreender da totalidade do discurso os valores axiologizados em relação e, desta maneira, possibilitar que consigamos observar, dentro dos termos de Ricœur, o que é próprio do sujeito e aquilo que lhe é imposto, em outras palavras, aquilo que corresponde ao domínio da ética e da moral.

---

<sup>60</sup> No original “On peut attendre de la conception téléologique par laquelle on caractérisera l'éthique qu'elle enchaîne de façon directe sur la théorie de l'action prolongée par celle de la narration. C'est en effet dans des évaluations où estimations immédiatement appliquées à l'action que s'exprime le point de vue téléologique. En revanche, les prédicats déontiques relevant d'une morale du devoir paraissent s'imposer du dehors – ou de haut – à l'agent de l'action, sous les espèces d'une contrainte que l'on dit précisément morale [...]”.

Ricœur, entretanto, alerta-nos para o risco de cairmos em uma dicotomia na qual ele mesmo procura evitar, reforçando inclusive a ideia de uma relação entre a ética e a moral. Dessa maneira, com a finalidade de evitar recair neste problema dicotômico, o autor procura mostrar que seria possível, a partir de uma proposta de complementariedade, até mesmo passar de um termo ao outro. Nesse contexto, apesar do autor considerar que a utilização de certas terminologias induzem à manutenção deste distanciamento, a nosso ver, quando Ricœur insere a ética e a moral no domínio do julgamento, ele acaba por instalar ambos os conceitos dentro de um mesmo campo, ressaltando, talvez até mesmo de maneira não intencional, que estes conceitos compartilham de elementos em comum. Dessa maneira, ao mencionar que a ética corresponderia ao julgamento de valor ou dos valores, enquanto que a moral é considerada como o julgamento das ações, dos fatos; o autor, em nosso entendimento, reforça sua própria tese, sobretudo ao instaurar os dois conceitos na categoria do julgamento, possibilitando, com isso, o estabelecimento de uma relação entre os próprios termos.

Mas, se conseguirmos mostrar que o ponto de vista deontológico está subordinado à perspectiva teleológica, então a distância entre o dever-ser e o ser parecerá menos intransponível do que em um confronto direto entre a descrição e a prescrição ou, segundo uma terminologia semelhante, entre julgamentos de valor e julgamentos do fato.<sup>61</sup> (*ibid.*, p. 202)

Com o que viemos de expor, parece-nos produtivo que atentemo-nos, mais uma vez, ao texto de Greimas no qual este aborda a obra de Cervantes, pois agora podemos observar, com mais precisão e maior clareza nos conceitos, os movimentos de uma ética e de uma moral que entram em uma espécie de conflito, conforme a organização das relações do enunciado. Baseando-nos nos comentários de Greimas, podemos notar que os valores euforizados por Dom Quixote, que configuram sua ética, chocam-se com a moral que, por sua vez, julga – de cima para baixo, de fora em direção ao sujeito – suas respectivas ações.

---

<sup>61</sup> No original: “Mais, si l’on arrive à montrer que le point de vue déontologique est subordonné à la perspective téléologique, alors l’écart entre devoir-être et être paraîtra moins infranchissable que dans une confrontation directe entre la description et la prescription ou, selon une terminologie proche, entre jugements de valeur et jugements de fait”.

Entretanto, esta distinção apresentada por Ricœur, mesmo que nos auxilie a explicitar as diferenças da ética e da moral e que possuam uma coerência metodológica com a perspectiva de Greimas, parece-nos ser, em realidade, uma distinção fundamentada, sobretudo, nas relações entre os componentes do enunciado. Em outras palavras, ao concordarmos que a ética parte de um movimento de dentro do sujeito para o mundo, com base na escolha deliberada, e que a moral se impõe como uma norma que atinge o sujeito de fora para dentro, temos, a nosso ver, que a distinção entre estes dois conceitos, saindo do caráter filosófico de Ricœur, fundamenta-se no ponto de vista de uma organização das relações entre os elementos que constituem o enunciado, em outras palavras, na estrutura de uma sintaxe narrativa (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pp. 434-436).

Dessa maneira, o problema que se apresenta ao trabalharmos com a distinção proposta por Ricœur é que, se considerarmos o ponto de vista da sintaxe narrativa, isto é, das relações estabelecidas entre os elementos do enunciado, a distinção entre ética e moral se mostra coerente, inclusive no nível da observação destas relações. O que queremos dizer com isso é que, se notarmos a relação entre o cavaleiro errante, Dom Quixote, e as normas que impõem um inventário de comportamentos axiologizados no contexto narrativo, a distinção entre a ética e a moral é facilmente observável, exatamente pela organização e pelo caráter relacional dos elementos que compõem o enunciado, isto é, por meio da sintaxe narrativa. Contudo, se tomarmos a instância “logicamente anterior à sintaxe narrativa” (*ibid.*, p. 433), ou seja, a sintaxe fundamental, veremos que a distinção entre ética e moral parece não perdurar, pois ambos os conceitos poderiam ser definidos a partir da noção da axiologização das categorias semânticas, como propusemos anteriormente.

Com tudo isto em vista, podemos nos questionar da real necessidade de se estabelecer uma distinção formal na semiótica entre as noções de ética e de moral. Se considerarmos do ponto de vista do nível da sintaxe fundamental, a resposta seria certamente negativa, pois como vimos, os dois termos em questão possuem a mesma lógica teórica. Porém, sabendo da influência de Saussure, cujo um dos seus principais objetivos se mostrava como sendo um estudo que levasse em consideração os signos no “seio da vida social” (SAUSSURE, 2006, p. 24), no pensamento de Greimas e que as ações, as práticas e a própria existência humana não podem ter lugar no mundo sem um determinado contexto espaço-temporal que considere tanto o indivíduo como a sociedade na qual ele se encontra inserido, a distinção entre ética e moral torna-se,

desta maneira, necessária. Com esta distinção, entendemos, portanto, que teríamos a vantagem de poder compreender até mesmo as posições e os interesses que estão em jogo, a partir, justamente, das categorias semânticas axiologizadas tanto pela ética quanto pela moral, colocando em evidência, inclusive, as relações de poder existentes em um determinado enunciado ou no próprio ato da enunciação.

Assim, se a ética e a moral compartilham da mesma estrutura fundamental, são as relações estabelecidas na sintaxe narrativa e manifestadas por meio dos arranjos e das articulações dos conjuntos significantes que permitem depreender o que é, de fato, da ordem do indivíduo e o que é da ordem do social. Insistiremos, mais uma vez, no exemplo de Dom Quixote, cujas categorias semânticas axiologizadas, que correspondem a ética do indivíduo, destoam dos valores euforizados da sociedade que, por sua vez, dizem respeito a moral e que, por isto, valendo-nos da ideia de Ricoeur, julgam as ações do cavaleiro errante.

Toda esta inquietação de Greimas com relação à ética e à moral, que começamos a observar e a articular com alguns conceitos próprios à semiótica e que chamamos a atenção já em seu texto a respeito de Dom Quixote, além de começar a ganhar um corpo teórico nos textos que o precedem, parece-nos não consistir em uma curiosidade isolada ou esporádica, mas mostra-se, ao contrário, como uma constante. Nesse contexto, podemos encontrar, até mesmo, na tese de doutorado de Greimas, intitulada *La mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d'après les journaux de mode de l'époque* ([1948]/2000b), algumas outras confirmações a respeito desse constante interesse pela problemática da ética e da moral. Como nos apresenta Broden (2000, p. XXXVIII):

De fato, diante das abordagens preconizando a autonomia da língua, *La mode en 1830* reivindica a perspectiva sociológica e insiste sobre o fato que o desenvolvimento lexical não pode ser compreendido a não ser à luz da cultura material e da moral<sup>62</sup>.  
(tradução nossa)

Apesar de ser um trabalho essencialmente ligado a lexicografia, em função de consistir no estudo de um determinado vocabulário, e, como mencionamos anteriormente, bastante distante do que viria a ser a semiótica, a passagem destacada

---

<sup>62</sup> No original: “En effet, face aux démarches préconisant l'autonomie de la langue, *La mode en 1830* revendique la perspective sociologique et insiste sur le fait que le développement lexical ne se comprend qu'à la lumière de la culture matérielle et morale.”

da fala de Broden nos mostra a importante função que a moral possui na pesquisa de Greimas. Esta análise de Broden acaba por reforçar nossa perspectiva que se fundamenta exatamente na importância dada por Greimas aos problemas éticos e morais, o que explicaria, ao menos de maneira geral, a constância do autor nas abordagens de objetos que circundam tais problemáticas.

Podemos verificar tal afirmação, por exemplo, ao observarmos na tese de Greimas, logo em sua introdução, o momento no qual o autor delinea os primeiros passos a serem desenvolvidos. Ao escolher começar a sua pesquisa tratando das coisas “da moda”, Greimas realiza, de saída, uma primeira distinção a respeito dessa expressão:

Desejamos começar nossa descrição da indumentária pela apresentação das coisas *da moda*, que se distinguem de uma massa de objetos indiferentes, assim como aquela das pessoas participando da criação e da vida da moda que exclusivamente podem nos interessar aqui.<sup>63</sup> (GREIMAS, 2000b, p. 9, grifo do autor, tradução nossa)

Com isso, assumindo um ponto de vista teórico, ao explicitar que a expressão “da moda” se refere exatamente aquilo que se diferencia do todo, ou seja, que se encontra associado com a noção de distinção, podemos reconhecer nesta relação de valores o mesmo percurso destacado em seu texto de 1943 a respeito de Dom Quixote. Dessa maneira, assim como aquilo que é “da moda” se fundamenta na distinção, o cavaleiro errante se distinguia dos demais, em particular, pelas suas ações. A diferença fundamental entre as duas perspectivas é que, no caso do cavaleiro, esta distinção era fortemente marcada, pois Dom Quixote se encontrava, praticamente, na posição “do último cavaleiro”, enquanto esta distinção na moda se mostra como uma unidade maior representada pelo discurso da moda, e não de um único indivíduo. Mas o que isso tudo teria a ver com a ética e a moral?

Quando Greimas, além de se propor a tratar do universo lexical que corresponde àquilo que é “da moda”, busca igualmente, como já apontado por Broden, considerar “as ‘harmônicas’ sociais ou individuais que podem desempenhar seu papel

---

<sup>63</sup> No original: “Nous désirons commencer notre description de la toilette par la présentation des choses à la mode, qui se distinguent d’une masse d’objets indifférents, ainsi que celle des personnes participant à la création et à la vie de la mode qui seules peuvent nous intéresser ici.”

nos julgamentos de valores feitos sobre as coisas ou sobre as pessoas *da moda*<sup>64</sup> (*ibid.*, p. 10, grifos do autor, tradução nossa), o autor aponta, também, para a relação entre o vocabulário investigado com as suas respectivas projeções sociais. Assim, o que nos chama a atenção é o fato de que, apesar de direcionar seu interesse ao léxico do que seria “da moda”, Greimas reconhece que as relações sociais podem interferir no julgamento das coisas e das pessoas “da moda”. Ao afirmar que, “na prática, acontece frequentemente que um tal julgamento exprime, ao mesmo tempo, as preocupações sociais do indivíduo ou de seu pertencimento a uma posição mais ou menos elevada, a um grupo mais ou menos fechado da sociedade”<sup>65</sup> (*ibid.*, p. 11, tradução nossa), Greimas, talvez de maneira não intencional, acaba por mostrar que o discurso da moda ao qual se refere, na busca de encontrar sua distinção diante dos outros, acaba por instaurar um dever-ser característico da existência de uma moral.

Assim, podemos observar um duplo movimento deste discurso da moda do qual trata Greimas. Se levarmos em consideração, como nos mostra o autor, que este discurso procura axiologizar positivamente a distinção, isto é, o que é tido como elegância em detrimento da vulgaridade (*ibid.*, p. 14), tomando esta como a figurativização da sociedade em geral, como um ser comum, o ser da moda se apresenta como uma ruptura do dever-ser desta sociedade.

Entretanto, não há crime pior contra a elegância do que ser *vulgar* e *comum*, e a *vulgaridade* – termo que chega em boa hora –, combatida nos seus aspectos sociais e morais, é escolhida para designar o contrário da elegância. Enfim, em uma época que procura antes de tudo a originalidade, um ser comum é designado pela palavra *multidão*.<sup>66</sup> (*id.*, grifos do autor, tradução nossa)

A partir deste ponto de vista, é possível observar que, neste caso, o discurso da moda coloca-se como o ser diante de um dever-ser da sociedade. A multidão, como esse lugar comum, configura-se enquanto a norma a ser combatida pelas pessoas e coisas “da moda”.

---

<sup>64</sup> No original: “[...] des « harmoniques » sociales ou individuelles qui peuvent jouer leur rôle dans les jugements de valeurs portés sur les choses ou sur les personnes à la mode [...]”

<sup>65</sup> No original: “Pratiquement, il arrive souvent qu’un tel jugement exprime en même temps les préoccupations sociales de l’individu ou son appartenance à un rang plus ou moins élevé, à un groupe plus ou moins fermé de la société”

<sup>66</sup> No original: “Cependant, il n’est pire crime contre l’élégance que d’être vulgaire et commun, et la vulgarité – terme qui vient à son heure -, combattue sous ses aspects social et moral, est choisie pour désigner le contraire de l’élégance. Dans une époque, enfin, qui cherche avant tout l’originalité, un être commun est désigné par le mot foule.”

Contudo, se alterarmos nossa perspectiva de análise e passarmos ao indivíduo “da moda”, parece-nos que o discurso em questão, que antes se encontrava em oposição às normas da sociedade, passa agora a constituir um dever-ser para o indivíduo que deseja se tornar elegante e ter acesso a esse grupo social dos que fazem parte “da moda”.

Para atravessar “a barreira que separa a vida elegante e a vida vulgar”, para participar da elegância [...], um *elegante* ou *uma elegante*<sup>67</sup> devem se ocupar, antes de tudo, de seu aspecto exterior, para que o mínimo acessório de sua existência carregue a *marca da elegância* [...]. Assim, reduzida à indumentária, isto é, àquilo que há de mais exterior e de mais artificial em si, “a elegância consiste em uma *busca extrema* nos detalhes do vestuário”, e o próprio termo *busca*, há muito tempo sinônimo de “afetação”, adquire o sentido positivo de “perfeição nos detalhes”. Por outro lado, o *luxo*, inspirado na *confortabilidade* inglesa, submete-se igualmente às exigências da moda. Os automóveis, as mobílias e os trabalhadores domésticos devem seguir suas leis e o termo *luxo* adquire novas acepções, para se tornar sinônimo às vezes de *moda*, às vezes de *busca*.<sup>68</sup> (*ibid.*, p. 17, grifos do autor, tradução nossa)

Com isso, ao efetuarmos este segundo recuo na perspectiva da análise, se considerarmos a moral como a axiologização de valores que interagem com o sujeito de cima para baixo, fundamentados na deontologia, notaremos, em nosso entendimento, que o discurso “da moda”, tomado enquanto o ser “da moda”, configura-se, em realidade, como um conjunto de axiologizações que manifestam um efeito de sentido, isto é, “uma impressão de ‘realidade’” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 136), de uma ética. Este efeito de sentido é justificado, em partes, pela relação de oposição que o discurso da moda possui com a própria noção de multidão. Entretanto, ao observarmos as relações que o discurso da moda entretém com o sujeito, relações estas destacadas pelo próprio estudo léxico realizado por Greimas, reconheceremos o caráter deontológico e, conseqüentemente, moral deste discurso que se encontra,

<sup>67</sup> Na citação original, o autor utiliza a palavra “*elegante*” que corresponde ao gênero feminino. Como no português este adjetivo não apresenta distinção de gênero, optamos por destacar o artigo feminino que o precede para buscar, com isso, marcar a mesma distinção presente no texto original.

<sup>68</sup> No original: “Pour franchir « la barrière qui sépare la vie élégante et la vie vulgaire », pour participer à l’élégance [...], un élégant ou une élégante sont tenus de s’occuper avant tout de leur aspect extérieur, afin que le moindre accessoire de leur existence porte le cachet de l’élégance [...]. Ainsi, réduite à la toilette, c’est-à-dire à ce qu’il y a de plus extérieur et de plus factice en elle, « l’élégance consiste en une extrême recherche dans les détails de l’habillement », et le terme lui-même de recherche, longtemps synonyme de « affectation », prend le sens positif de « perfection dans les détails ». D’autre part, le luxe, sous l’impulsion de la confortabilité anglaise, se soumet également aux exigences de la mode. Les voitures, les ameublements et les gens de maison doivent suivre ses lois, et le terme luxe prend de nouvelles acceptions, pour devenir un synonyme tantôt de mode, tantôt de recherche.”



em realidade, travestido de uma ética. Dessa maneira, quando todos os sujeitos “da moda” se encontrarem diferentemente iguais, uma nova tendência surgirá e procurará instaurar um outro *mœurs* vestimentário, e assim indefinidamente.

É, contudo, nas figuras do *dândi* e do *romântico*, evocadas por Greimas, que encontramos, a nosso ver, uma ruptura com esse ciclo que, se levado às últimas consequências, parece-nos demasiado pessimista. São, também, essas figuras que mais se aproximam de nosso cavaleiro errante, Dom Quixote, e que nos permite, finalmente, mostrar que a ética e a moral sempre estiveram presentes no cerne das questões investigadas por Greimas, inclusive motivando-o na busca por construir um projeto teórico ou uma disciplina que permitisse depreender tais relações e problemáticas expostas até aqui.

Compreendendo, então, com Greimas, que o *dândi* e o *romântico*, apesar de apresentarem pontos de vista sobre a vida distintos, partilham da mesma busca, ou seja, de se fazerem distintos dos outros. Tais figuras acabam por representar a quebra do próprio discurso da moda, em particular, ao buscarem manifestar este traço distintivo que diz muito mais sobre eles, enquanto sujeitos, do que sobre um discurso exterior. Como nos indica o autor<sup>69</sup>:

O *dândi* e o *romântico*, embora partam cada um de concepções de vida diferentes, aproximam-se, no entanto, em um ponto: apesar do desprezo pelo mundo que os rodeia, ambos buscam ser notados, esforçam-se para “possuírem um ar de”<sup>70</sup>: um por seu *aspecto* de gentleman<sup>71</sup>, suas *excentricidades*, seu *sibaratismo*: o outro, pela busca do *particular*, do *extraordinário*, da *originalidade*, pelo desejo de ser considerado *único*.<sup>72</sup> (GREIMAS, 2000b, p. 17, grifos do autor, aspas e tradução nossas)

<sup>69</sup> Adiantamos que, por se tratar originalmente de um trabalho lexical, as traduções de alguns termos específicos podem apresentar diferenças. Porém, em nossa tradução estamos privilegiando a manutenção do sentido das expressões, e não de uma grafia que corresponde termo a termo.

<sup>70</sup> Tendo utilizado no original a expressão “*se donner un genre*”, e sabendo que nem todas as expressões são passíveis de serem traduzidas sem alguma mudança em seu significado, optamos por colocar entre aspas e traduzir esta expressão para “possuírem um ar de”, pois marca igualmente a ideia de que o indivíduo constrói um determinado comportamento para “fazer tipo”.

<sup>71</sup> Optamos por manter a grafia original, sem itálico, assim como no texto original, pois a palavra “gentleman” se refere às maneiras de ser da aristocracia inglesa.

<sup>72</sup> No original: “Le *dandy* et le *romantique*, quoique partis chacun de conceptions de vie différentes, se rencontrent cependant en un point : tout en affectant le mépris pour le monde que les entoure, ils cherchent tous deux à se faire remarquer, ils s’efforcent de *se donner un genre* : l’un par sa *tournure* de gentleman, ses *excentricités*, son *sybaritisme* : l’autre, par la recherche du *caractère*, de l’*extraordinaire*, de l’*originalité*, par le désir d’être pris pour un *type*.”

Compreendemos com isso que, tanto para o dândi quanto para o romântico, a distinção não é fundamentada em um dever-ser, característico da moral de um determinado grupo social, como por exemplo, aquele dos sujeitos “da moda”, mas sim das escolhas que eles avaliam como sendo as mais adequadas para si. Este distanciamento das normas da moda transforma, conseqüentemente, a própria noção de distinção que, para eles, esvazia-se de um conteúdo social e moral para concretizar, na manifestação dos arranjos e das articulações estéticas, a ética do indivíduo, fundada nos investimentos semânticos do que ele considera melhor e atualizada nas suas práticas e escolhas de sua indumentária. A respeito deste esvaziamento Greimas (*ibid.*, p. 18) nos explica que:

Podemos, então, tentar compreender como um elegante, apaixonado pela investigação do vestiário, ou como um *dândi* romântico, preocupados, antes de mais nada, em se distinguirem do resto do mundo, chegam a considerar a *distinção* como o ponto máximo da elegância. E, ao contrário, isto pode explicar as razões pelas quais a noção de *distinção* se esvazia dos seus elementos interiores de caráter moral e social, para compreender apenas “o que *na vestimenta* tem um caráter de elegância, de nobreza e de bom tom”.<sup>73</sup> (grifos do autor, tradução nossa)

Com isso, podemos compreender que, na figura do *dândi* e do romântico, o termo “distinção” se esvazia de seus valores morais e sociais; pois, para estes sujeitos, a distinção conjuga-se com a noção de sua própria existência, isto é, eles existem porque exercem suas escolhas – nesse caso, as escolhas estão sendo tratadas como das vestimentas –, sendo que no ato de exercê-las e, conseqüentemente, na manifestação delas, o sujeito se concretiza como um “ser” diferente do “outro”. Observamos nessas figuras que, diferente de toda norma, a existência desse sujeito ganha sentido, sobretudo para ele mesmo, na manifestação de sua ética, concretizando-se na estética de seus gestos de “gentleman”, nas suas maneiras excêntricas, tornando-os sujeitos genuinamente originais.

São, em nosso entendimento, nestas manifestações que podemos apreender o caráter estético da ética, bem como a sua articulação e, assim, conceber a estética

---

<sup>73</sup> No original: “On peut alors essayer de comprendre comment un élégant, épris de recherches de la toilette, comment le *dandy* romantique, soucieux avant tout de se distinguer du reste du monde, arrivent à considérer la *distinction* comme le point ultime de l’élégance. Et, au contraire, cela peut expliquer les raisons pour lesquelles la notion de *distinction* se dépouille de ses éléments intérieurs à caractère moral et social, pour ne comprendre que « ce qui *dans la tenue*, a un caractère d’élégance, de noblesse et de bon ton ».”

como a concretização “encarnada”, por sua existência física, que a torna apreensível, de um determinado conjunto de categorias semânticas axiologizadas que compõem o que estamos chamando tanto de ética quanto de moral.

Parece-nos, dessa maneira, que não é possível haver uma manifestação humana, de qualquer ordem que seja, sem que haja uma interação e uma articulação entre a estética e a ética. A estética permite que reconheçamos a manifestação como algo apreensível pelos sentidos, pois é ela que assegura a “encarnação” dos investimentos semânticos dos sujeitos. Ao mesmo tempo, não há manifestação, e aqui englobamos a noção das práticas e das ações, que não sejam valorizadas, ou melhor, axiologizadas pelo ou pelos sujeitos.

Tendo isto em vista, pensamos que recorrer a uma aproximação dos termos de estética e ética àqueles de significante e significado respectivamente, seria incorrer em uma redução teórica perigosa. Antes de avançarmos sobre os riscos de tal aproximação, é importante abrimos um parêntese para sublinharmos que nem mesmo o *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 420) apresenta uma definição precisa do verbete significado, apresentando-o de três maneiras diferentes: como definível somente em relação de pressuposição ao significante e, por isso, de “caráter operatório” (*id.*); definido, a partir da leitura do *Curso de linguística geral* de Saussure, como “conceito”, o que para Greimas e Courtés (*id.*) “é reduzir a pouca coisa a inovação saussuriana”, pois incorreria na associação do termo “conceito” com a noção de lexema; e, por último, a definição apresentada pelos autores é, na verdade, uma metáfora que é utilizada para se aproximar da articulação que permite a definição dos planos da linguagem de Hjelmslev, e não propriamente a alguma acepção do verbete em questão. É, portanto, em decorrência destes pontos que nos permitimos, para avançar no nosso raciocínio, considerar significado como a noção de conceito, mas sem limitá-lo à ideia do lexema. Feitas as devidas considerações, podemos retomar a construção da nossa justificativa a respeito da afirmação de que, a nosso ver, a aproximação dos termos significante e significado de estética e ética tende a um reducionismo teórico perigoso.

O significado, contrariamente a noção de significado global explorada anteriormente, considerado como conteúdo ou ainda como conceito, representa somente uma unidade tal qual ela é, enquanto a ética, como estamos observando, funda-se na noção do valor axiologizado, ou seja, na relação destas diferentes unidades ora euforizadas, ora disforizadas. O significante, por sua vez, tomado como

a materialidade que recobre o significado (*ibid.*, pp. 420-421) pode, em decorrência desse “aspecto ‘material’ [...] sugerir uma classificação das semióticas conforme a natureza da substância do significante, ou seja, conforme as ordens sensoriais (ou canais de comunicação), segundo as quais são dispostas as qualidades sensíveis do mundo” (*ibid.*, 421). Contudo, como reconhecem os autores, “essa classificação não nos informa, porém, quanto ao modo de existência e de organização do significante [...] (*id.*). Nesse contexto, a estética pode ser compreendida como o lugar no qual os significantes das mais variadas ordens sensoriais, ou seja, os conjuntos significantes, encontram-se arranjados e articulados tanto sintagma como paradigmaticamente.

Percebemos, assim, que a ética e a estética não correspondem a noções puramente conceituais, como a filosofia poderia sugerir, mas sim lugares, posições teóricas, de concentração de investimentos, de articulações e de arranjos de valores semânticos e de qualidades sensíveis.

É partindo destes pontos que, em nosso entendimento, Greimas procurará se interrogar sobre como esta articulação entre o que é concretizado e, portanto, apreensível, ou seja, a estética, comporta um sentido e uma significação que evocam um conjunto de valores axiologizados, isto é, a ética. Esta inquietação do autor se reflete e se mostra evidente até mesmo em seus trabalhos de semântica, como por exemplo, em seu artigo intitulado *Analyse du contenu : comment définir les indéfinis ?* (GREIMAS, [1963]/2000c).

Neste trabalho, o autor destaca, a nosso ver, com um certo anseio, a necessidade do desenvolvimento de uma metodologia que, atendendo as exigências formais da linguística, possibilite a descrição da substância semântica, mas prevendo que esta metodologia pudesse igualmente dar conta da análise de diversos sistemas, como por exemplo, aqueles que dizem respeito a moral, a literatura, a religião e a sensibilidade. Como o próprio autor explica:

Paralelamente às exigências do rigor formal que caracterizam a linguística atual, a necessidade de elaborar os métodos da descrição da substância semântica aparece com evidência, principalmente graças ao desenvolvimento da linguística aplicada. Assim, a comparação de dois ou mais sistemas linguísticos, tal como é praticada para as necessidades da tradução automática ou do ensino das línguas, só pode ser feita se os conteúdos previamente analisados forem justapostos. O mesmo se passa com a descrição, no interior de uma só e mesma língua, de sistemas conotados ou semiológicos (sensibilidade, moral, religião, literatura), que exige a tradução, numa linguagem coerente e

simples, de sistemas de signos muito complexos a significantes frequentemente hipertrofiados.<sup>74</sup> (*ibid.*, p. 383, tradução nossa)

Assim, ao afirmar que, “a metodologia de uma tal descrição está, infelizmente, longe de ser constituída”<sup>75</sup> (*id.*, tradução nossa), Greimas não somente manifesta seus votos para a concretização desta, que alguns anos mais tarde, ele mesmo viria a ser o fundador, como também evidencia que este projeto deveria ser concebido, respeitando mais uma vez a tradição saussuriana, levando em consideração as interações entre língua, linguagem e sociedade, citando, como vimos, a moral e a sensibilidade como alguns dos sistemas cuja metodologia poderia auxiliar na sua respectiva descrição.

Com isso, acreditamos não ser mais possível negar a importância da ética e da estética para a fundação daquilo que se tornaria a semiótica e sua respectiva influência no pensamento de Greimas. Como buscamos evidenciar durante todo este capítulo, a problemática da ética, assim como aquela da moral, encontram-se presentes em todos os textos analisados<sup>76</sup>, reforçando a nossa hipótese de que as relações provenientes de tais conceitos já despertavam o interesse do autor.

Nos comentários de Greimas a respeito da obra de Cervantes, por exemplo, um dos primeiros elementos destacados é, com efeito, aquele do conflito de valores entre um país decadente e um fidalgo, que parecia viver em uma época na qual os valores cavaleirescos de outrora ainda eram euforizados. Curiosamente, o caminho percorrido por Greimas neste texto é de dentro para fora, isto é, ele começa abordando

---

<sup>74</sup> No original: “Parallèlement aux exigences de rigueur formelle qui caractérisent la linguistique de nos jours, la nécessité d’élaborer les méthodes de la description de la substance sémantique apparaît avec évidence, grâce surtout au développement de la linguistique appliquée. Ainsi, la comparaison de deux ou plusieurs systèmes linguistiques, telle qu’elle est pratiquée pour les besoins de la traduction automatique ou de l’enseignement des langues, ne peut se faire que si l’on juxtapose des contenus sémantiques préalablement analysés. Il en est de même de la description, à l’intérieur d’une seule et même langue, de systèmes connotés ou de sémiologies (sensibilité, morale, religion, littérature), qui exige la traduction, dans un langage cohérent et simple, de systèmes de signes fort complexes à signifiants souvent hypertrophiés.”

<sup>75</sup> No original: “La méthodologie d’une telle description est malheureusement loin d’être constituée.”

<sup>76</sup> Devemos sublinhar que Greimas publicou ainda outros textos nesta época que compreende a anterioridade da publicação de *Semântica Estrutural* ([1966]/1976). Contudo, tais textos não foram citados no trabalho, pois ou não continham uma referência a visão epistemológica/teórica de Greimas, como é o caso de *Pour une sociologie du langage* (1956) que é, na verdade, uma crítica ao livro homônimo, ou foram republicados em livros que datam de um momento posterior à fundação do que conhecemos hoje como semiótica, como por exemplo, *Os provérbios e os ditados* ([1960]) e *A mitologia comparada* ([1962]/1963]), ambos republicados em *Sobre o sentido: ensaios semióticos* (GREIMAS, [1970]/1975). Há ainda, certamente, os textos dos quais não temos conhecimento, que podem eventualmente serem encontrados, pois a produção acadêmica/científica de Greimas é bastante extensa, e ainda aqueles aos quais não tivemos acesso por diferentes razões.

a questão da axiologização dos valores, para somente depois chamar a atenção para as ações do cavaleiro errante e sua maneira de ser no mundo. Temos com isso a apresentação da ideia de que os sujeitos são dotados dessa capacidade de escolha do ser e que estas escolhas refletem nas próprias ações e práticas destes.

Em um segundo momento, temos a impressão que Greimas realiza o caminho inverso ao anterior. Ao falar, em *L'actualité du saussurisme* (2000a), sobre a importância do significado global e ressaltar a sua relação com a estética e com a moral, Greimas, além de destacar os avanços nas ciências do homem, possibilitados graças à compreensão e à difusão do pensamento de Saussure, parte do problema do inventário de significantes realizado por um grupo de linguistas que, se não fosse justaposto às categorias semânticas que evidenciassem as axiologizações dos autores de uma época, de nada serviria. Este estudo, por sua vez, mostra-nos que toda manifestação guarda em si uma axiologização de categorias semânticas, ou seja, um componente ético, que é concretizada por meio das articulações e dos arranjos escolhidos pelo enunciatário, isto é, por meio da estética.

Nesse contexto, se escolhemos, em um terceiro momento, a tese de Greimas para participar desta relação, não se trata pelo fato dela estar situada, historicamente, entre os trabalhos destacados nos dois parágrafos anteriores<sup>77</sup> – até mesmo porque ao tomarmos esta decisão acabamos por romper temporariamente com o critério diacrônico da nossa pesquisa –, mas sim porque, mesmo sendo uma tese fundamentada no arcabouço teórico da lexicografia, ela permite evidenciar as articulações já apresentadas entre a ética e a estética, bem como as suas implicações sociais. O problema do desejo de um pertencimento social pelo indivíduo, que aceita o discurso da moda como um dever-ser em comparação com o estilo de vida do dândi, mostra-nos tanto as relações entre moral e ética como também a articulação entre a ética e a estética de maneira objetiva. Neste caso, como procuramos destacar ao abordar este trabalho, observamos que a ética apresenta-se reiterada nas axiologizações do sujeito que, ao considerar o que é o bom por meio da estima de si, projeta nas suas escolhas e práticas os arranjos estéticos de seus valores éticos, expondo a articulação destes conceitos.

---

<sup>77</sup> O primeiro parágrafo faz referência ao primeiro texto de Greimas publicado em 1943, o segundo parágrafo ao texto sobre a atualidade do saussurismo, de 1956, e este terceiro parágrafo se refere à tese de Greimas defendida em 1948.

Por último, buscamos apresentar um texto de Greimas no qual, ao reiterar a importância de analisarmos diferentes sistemas, entre eles o da moral e o da sensibilidade, destaca a necessidade de um método descritivo que seja capaz de realizar tal tarefa. Dessa maneira, a nosso ver, parece possível afirmar que o autor, ao manifestar seu desejo por esta metodologia que permite a descrição dos sistemas pela justaposição do que é apreensível com a substância semântica, refere-se exatamente à necessidade de uma disciplina que possa dar conta da articulação entre a estética e a ética. Com isso, a ética e a estética não somente se encontram presentes em todo o percurso epistemológico do autor, como seriam inclusive o motivo pelo qual se faz necessário o nascimento desta metodologia que permitiria, por sua vez, descrever a construção e a apreensão do sentido e depreender a significação das interações e das práticas sociais.

Retomar, ao fim deste capítulo, este percurso anterior à publicação de *Semântica Estrutural* (GREIMAS, 1976), mesmo que de maneira resumida e em certa medida reducionista, permitiu-nos visualizar como a ética e as maneiras pelas quais ela se manifesta, ou seja, a partir da estética, faz parte das inquietações e dos questionamentos, desde as primeiras publicações, de Greimas. O autor parece ter compreendido que todas as manifestações e as práticas são concretizadas na articulação existente entre uma ética e uma estética, mas talvez, a pergunta que ele tenha se colocado a partir de então, tenha sido exatamente como reconhecer na estética os valores éticos ou morais subjacentes? Por isso a necessidade de uma metodologia que fosse capaz de descrever tais relações.

Esta recapitulação, mesmo que sucinta, possibilita, considerando a reunião de todos os elementos que foram expostos ao longo deste capítulo, afirmar que a articulação entre a estética e a ética, enquanto lugares teóricos nos quais se concentram os investimentos dos arranjos de conjuntos significantes e dos valores semânticos respectivamente, não apenas constituem as bases fundadoras da semiótica, mas também se configuram como os componentes catalisadores da epistemologia de Greimas. Como consequência, estes componentes catalisadores fomentaram, no pensamento do autor, a necessidade do desenvolvimento de uma metodologia, fundada no rigor formal da linguística, que pudesse dar conta da descrição científica desta articulação, sendo conhecida hoje como semiótica.

### 3. A CONSTRUÇÃO DA SEMIÓTICA E AS RELAÇÕES COM A ÉTICA E COM A ESTÉTICA

No capítulo anterior, buscamos evidenciar, entre outras coisas, duas principais perspectivas teóricas: 1) a ideia de que as noções de ética e de estética já se encontravam nos primeiros textos de Greimas, evidenciando, com isso, seu interesse particular por estes componentes conceituais e suas articulações; 2) e, como consequência natural do primeiro item, o fato de que a ética e a estética se configuram como as bases da teoria semiótica, não somente como catalisadores do pensamento de Greimas, mas também como aquilo que conduz, por meio de suas múltiplas articulações nas manifestações e nas práticas da sociedade, o percurso do desenvolvimento da disciplina, culminando na necessidade de uma nova metodologia, ancorada no rigor formal da linguística, capaz de explicitar as relações entre a estética e a ética.

Seguindo este percurso, pareceu-nos legítimo que, em um determinado momento, deveríamos nos interrogar sobre a própria concepção de ética e estética para o autor. Nesse caso, tentamos performar esta tarefa nos valendo, sobretudo, do *Dicionário de Semiótica* (2008) e das relações e considerações realizadas por Greimas em seus primeiros textos, pois, como veremos daqui em diante, pouco se utilizou, de maneira direta, nos textos de semiótica, os termos da ética e da estética e, ainda menos, apresentando alguma relação direta entre tais conceitos, como foi feito, por exemplo, em *L'actualité du saussurisme* (2000a, p. 377).

Tendo isso em vista, neste capítulo, procuraremos mostrar como os elementos da estética e da ética, previamente apresentados, encontram-se presentes e vão sendo, aos poucos, acionados, reconhecidos e articulados em direção à construção e apreensão do sentido e à significação; isto, evidentemente, dentro do campo conceitual e metodológico da teoria semiótica. Sendo assim, acabamos por delimitar o campo de atuação deste capítulo, considerando que o projeto semiótico se inicia com a publicação da primeira obra individual de Greimas, *Semântica Estrutural*, em 1966. Entretanto, para que possamos ressaltar os desenvolvimentos e a evolução epistemológica da teoria, torna-se necessário evocar novamente a característica diacrônica das publicações do autor.

Dessa maneira, levando em consideração que *Sobre o sentido* (1975a) é uma obra que figura entre os trabalhos ditos semióticos de Greimas, e respeitando o caráter



diacrônico que impusemos em nossa investigação, mesmo que ele tenha sido rompido intencionalmente em alguns momentos, devemos observar que nesta publicação existem textos cujas datas de publicação são anteriores ao lançamento de *Semântica estrutural*. É, portanto, em decorrência deste critério que, talvez, contrariando a obviedade, iniciaremos abordando a presença e a articulação da ética – e da moral, pois como vimos anteriormente, ambas apresentam a mesma estrutura fundamental – e da estética em seu artigo intitulado *Os provérbios e os ditados*, originalmente publicado em 1960, presente em *Sobre o sentido* (1975a, pp. 288-295), e seguiremos respeitando a lógica diacrônica, salvo exceções devidamente justificadas.

### 3.1. Entre conotação e axiologia: ensaios por um método

Sendo assim, ao observarmos o texto em questão, o que nos chama a atenção é que, mesmo que ele possua um caráter essencialmente linguístico e didático, como é destacado em sua nota de rodapé (*ibid.*, p. 288), notamos que, ao trabalhar com os provérbios e com os ditados, Greimas acaba mostrando como os arranjos estéticos, tomados enquanto componentes significantes que organizam os elementos internos da manifestação, configuram tais objetos e concretizam reiteraões que evocam um significado global, se não a todos, ao menos a uma boa parcela dos ditados e provérbios. Como nos explica Greimas (*id.*):

Caso se considerem os provérbios e os ditados como elementos significantes de um código particular, pode-se admitir que, escolhidos dentro dos limites de uma língua e de um período histórico dados, constituem *séries acabadas*. Torna-se possível seu estudo, a partir daí, como a descrição de um *sistema de significação fechado*. Bastará considerá-los a todos como significantes e postular para os mesmos um significado global: a descrição esquemática e estrutural do plano do significante dará conta das configurações de seu significado. (grifos do autor)

Com isso, parece-nos que Greimas, ao definir seu universo de análise dos provérbios e ditados dentro de um mesmo sistema e de uma mesma época, deixa explícito que sua análise começará pela exploração dos elementos que compõem o significante para que, a partir de sua “descrição esquemática e estrutural”, possa apreender como o significado encontra-se configurado nesta manifestação. Para tal, afirmando que “podemos, através da percepção somente, pretender que um provérbio

ou um ditado apareçam como elementos de um *código* particular, intercalados no interior de mensagens trocadas” (*id.*, grifos do autor), notamos que, desde 1960, o autor já considera que o caminho que deverá percorrer, para depreender o significado de seu objeto, inicia-se a partir de sua percepção.

Esta primeira página do texto de Greimas nos mostra algumas considerações importantes, porém, não necessariamente inéditas no trabalho do autor, pois como vimos anteriormente, estas relações entre significado, significante e a noção de significado global já tinham sido previstas pelo próprio Saussure, mas sim por reiterar o que foi explorado previamente; e, sobretudo, por introduzir a noção da percepção em sua metodologia a associando à condição necessária da apreensão dos conjuntos significantes que compõem os arranjos estéticos da manifestação. São justamente estes arranjos que permitem, por meio da percepção, identificar no meio do ato de comunicação a realização de um provérbio ou de um ditado. É com isto em vista que Greimas inicia sua análise descrevendo os traços apreensíveis que, ao mesmo tempo em que constituem os provérbios e os ditados, diferenciam-nos dos demais elementos que compõem a comunicação, sem que com isso seja necessário explorar o significado particular de cada objeto que compõe seu *corpus*.

Assim, o primeiro ponto destacado pelo autor consiste na distinção dos provérbios a partir das características das cadeias sintagmáticas, isto é, do tamanho e da organização interna dos elementos que compõem o objeto. Mesmo se se trata, ao falar de cadeias sintagmáticas, de componentes linguísticos, a nosso ver, as distinções estabelecidas pelo autor não deixam de pertencer à ordem do significante, uma vez que elas são apreensíveis somente a partir de sua manifestação de maneira que, no caso dos provérbios e dos ditados, o que vemos – quando lemos o objeto visualmente – ou o que ouvimos – quando estamos em um processo de comunicação em ato – corresponde a noção de significante. Nesse contexto, é por meio dos conjuntos significantes que constituem os objetos em questão que podemos reconhecer as marcas de uma determinada cadeia sintagmática e, conseqüentemente, diferenciá-las de outras. Essa interpretação nos levaria a pensar que até mesmo as letras, tomados na sua apreensão, apresentam elementos do plano do significante, o que, de fato, não é nenhuma novidade teórica, pois os estudos das tipografias e seus respectivos efeitos são, nada mais e nada menos, resultantes de análises dos significantes que a constituem.

Tais considerações nos mostram que há diferentes possibilidades de se apreender, por meio da percepção, o objeto em questão em decorrência de seus diferentes significantes que se vinculam a sua manifestação. No caso dos provérbios e dos ditados explorados por Greimas, isto compreende não somente a diversidade das naturezas destes, por exemplo a sonora, ao falar dos fonemas, das rimas etc., e a visual, ao evidenciar o tamanho das cadeias sintagmáticas, como também acaba levando em consideração os arranjos e as articulações internas entre os próprios termos/componentes que compõem a manifestação, destacando os traços distintivos que se reiteram.

Tendo isto em mente, notamos que Greimas, ao considerar partir da descrição estrutural e esquemática do significante para chegar ao significado, realiza sua análise elencando a presença de traços comuns presentes nos provérbios e ditados, bem como aqueles que permitem sua distinção com relação aos outros elementos comparáveis com seu objeto. Com isso, o autor destaca a presença das seguintes marcas nos provérbios e nos ditados: 1) “as *dimensões* das unidades sintáticas no interior das quais eles realizam” (*ibid.*, pp. 289-290); 2) a utilização de elementos arcaicos que “constitui um de seus traços distintivos intrínsecos” (*ibid.*, p. 291); 3) a predominância de modos e de tempos verbais específicos, como por exemplo, o presente do indicativo, o imperativo e o imperativo tematizado no presente do indicativo (*ibid.*, p. 292); 4) a recorrência de uma estrutura rítmica binária, que “aparece como um traço formal distintivo mais geral do que as dimensões das unidades nas quais eles se realizam” (*id.*), marcada pela articulação das oposições entre duas orações sem verbo ou entre “dois grupos de palavras no interior da oração” (*ibid.*, p. 293); 5) além de considerar a rima e a assonância das orações; 6) sem negligenciar, ainda, a existência de oposições do plano lexical que reiteram esta estrutura rítmica binária ao se valer da repetição de palavras ou da “confrontação linguística de pares oposicionais de palavras” (*id.*).

A nosso ver, todos estes elementos elencados por Greimas correspondem aos arranjos significantes que, por meio de sua articulação e sua respectiva manifestação, permitem a apreensão dos provérbios e dos ditados como tais. Sabendo, portanto, que o autor se propôs a começar pela verificação dos elementos significantes para se chegar ao significado, e se o que viemos de dizer a respeito da análise de Greimas é correto, parece-nos que a totalidade articulada e concretizada destes conjuntos significantes corresponde, em uma certa medida, à estética dos provérbios e dos

ditados. Evidentemente que, para podermos realizar tal afirmação de maneira mais contundente, teríamos que ter mais informações a respeito da própria natureza do objeto que Greimas se pôs a analisar, por exemplo, se os provérbios eram de natureza verbal-oral ou verbal-escrita, entretanto, por buscar generalizar seus resultados, acreditamos que o autor optou por evidenciar as características gerais dos elementos que compõem os provérbios e os ditados, isto é, que se encontram presentes em todas as manifestações.

É importante notar que o único componente analisado na estrutura do *corpus* apresentado pelo autor que escapa a noção de estética, ou seja, que não diz respeito às articulações dos conjuntos significantes, compreendendo as escolhas paradigmáticas e sintagmáticas, corresponde à “separação de todos os elementos semiológicos em elementos *conotados ou não*” (*ibid.*, p. 290, grifos do autor). Como Greimas nos explica:

Entendemos por conotação a transferência do significado de um lugar semântico (onde ele se estabeleceria a partir do significante) para um outro.

Os provérbios são elementos conotados. No caso de “*Bonjour lunettes, adieu fillettes*” (Bom-dia, óculos; adeus, meninas) o significado não se situa ao nível da significação de *lunettes* (óculos) ou de *fillettes* (meninas), encontrando-se o sentido do provérbio no ponto em que se desenvolvem as considerações sobre a juventude e a velhice (*id.*, grifos do autor)

Com isso, parece-nos claro que, ao tratar do problema da conotação, Greimas não se refere às articulações perceptíveis na concretização do provérbio, mas sim ao sentido que é construído por elas, pois o significado não se encontra mais no conteúdo semântico, mas sim na ideia a qual a manifestação se refere, dependendo mais da interpretação do enunciatário. Nesse mesmo caminho, isto é, fora do campo da estética, o autor ainda explica que os ditados, por outro lado, “são elementos não conotados” (*id.*), pois “não precisamos buscar a significação [...] fora da intencionalidade linear onde se encontra” (*id.*). Entretanto, devemos frisar que, o fato de ser conotado (ou não), não descarta a intencionalidade e muito menos a existência de uma categoria semântica investida euforicamente ou disforicamente pelo enunciador. Esta distinção, em nosso entendimento, é sublinhada pelo autor, sobretudo, para marcar a diferença entre provérbios e ditados, demarcar uma maior ou menor participação do enunciatário e, dessa forma, destacar a existência de uma

grade de leitura cultural/moral sem comprometer, ao mesmo tempo, a intencionalidade do enunciador.

Partindo, então, do levantamento não exaustivo destes traços distintivos e das respectivas descrições de seus caracteres formais, Greimas se arrisca de maneira deliberada a “formular algumas observações provisórias sobre a significação da forma proverbial e dos ditados” (*ibid.*, p. 294). O autor explica que, se por um lado, os elementos arcaicos que compõem os provérbios evocam uma “*colocação fora do tempo da significação*” (*id.*, grifos do autor), por outro, a utilização dos tempos verbais no presente e, também, dos modos indicativo e/ou imperativo evocam um tempo anti-histórico, isto é, com caráter de uma presentidade atemporal, o que, como afirma Greimas, “ajuda a enunciar *verdades eternas*, sob forma de simples constatações” (*id.*, grifos do autor). Em complemento a esta ideia da enunciação de verdades eternas, aparece a utilização do imperativo que, “instituinto uma regulamentação fora do tempo, assegura a permanência *de uma ordem moral sem variações*” (*id.*).

A presença dessa característica moral nos provérbios e nos ditados é reiterada ainda, como nos mostra o autor, pela “repetição do mesmo elemento léxico” (*ibid.*, p. 295) que “permite o estabelecimento de correlações entre as duas sequências” (*id.*) da oração, de maneira que, ao repetirem-se, estes elementos tendem “para a constituição de classes de correlações” (*id.*), contribuindo para a “*ordenação do mundo moral que se supõe reger uma sociedade*” (*id.*, grifos do autor). Tal afirmação de Greimas permite observarmos a manutenção de todos os elementos que compõem a moral que foram sublinhados anteriormente, mas também permite destacar o caráter contínuo e a-histórico dela, a tal ponto que, enquanto sujeitos regidos pela moral, não nos questionamos sobre simples práticas do cotidiano, como por exemplo, o próprio fato de apertar a mão de outra pessoa para cumprimentá-la. Esta “aproximação entre as coisas e as práticas”, que resulta na correlação de classes que tendem a ordenação do mundo moral, ao marcar a existência de uma continuidade indefinida, a-histórica e atemporal, acaba por evocar, a nosso ver, a própria noção de um dever-ser.

Além disso, como nos explica Greimas, a manifestação de pares opacionais no plano sintagmático, isto é, de termos que evocam categorias semânticas, chama “a atenção para as relações de causalidade, de determinação, de dependência, fazendo com que participem da ‘natureza das coisas’, porque pertencem ao sistema e não aos comportamentos individualizados” (*id.*). O que o autor nos apresenta, parece reforçar aquilo que acabamos de especular com relação à moral, isto é, que a

sua característica de continuidade, instaurada nessa figura da determinação e da causalidade, motiva a existência de um dever-ser que é falsamente considerado como pertencente da ordem da “natureza das coisas”, mas que é vivido por todos enquanto ordenação moral, excetuando-se, por exemplo, o dândi.

Por meio do percurso realizado pelo autor em seu texto, podemos destacar o fato de que ele evidencia a necessidade de uma “leitura” descritiva de um objeto, a partir das marcas que constituem os conjuntos significantes das manifestações e que destacam, ao mesmo tempo, seu caráter específico e geral, fundamentada na percepção para, somente dessa maneira, ser capaz de depreender o significado global do conjunto dos elementos que compõem a categoria dos provérbios e dos ditados, e não apenas de um dos elementos da categoria. Esta metodologia proposta por Greimas, mesmo que incipiente, permite notar a maneira pela qual podemos transitar entre as descrições dos conjuntos significantes, que correspondem ao domínio da estética, para definições morais do objeto, que regem, por sua vez, uma determinada categoria ou um determinado discurso. Além disso, este processo – na acepção ingênua do termo – permitiu-nos verificar uma reiteração dos elementos, levantados anteriormente, que constituem a noção de estética, da moral, assim como da ética, autorizando, em nosso entendimento, a justaposição das categorias semânticas dos termos do social e do individual, com o dever-ser e o ser, destacando, na moral, a existência de uma continuidade a-histórica e atemporal típica das práticas ditas culturais e, no campo da estética, a inserção da percepção como parte integrante e indissociável da metodologia descritiva dos conjuntos significantes que compõem a própria estética do objeto.

O segundo texto que desejamos chamar a atenção, publicado originalmente em 1963, mas escrito em 1962 (GREIMAS, 1975a, 109), é intitulado de *A mitologia comparada*. Contudo, antes de começarmos a tratar do conteúdo científico e metodológico do texto, é necessário ressaltar a existência de alguns problemas de tradução que, para aqueles interessados no percurso do desenvolvimento da semiótica, bem como para os estudantes da disciplina de modo geral, podem representar alguns obstáculos para a compreensão. Entre estes problemas, além da ausência de alguns verbos em certas passagens que, em nosso entendimento, prejudicam a compreensão global e aumentam a desconfiança em seu conteúdo, temos também, nos casos mais graves, a presença de noções que não foram utilizadas originalmente pelo autor e que podem alterar a percepção que o leitor tem

do desenvolvimento da disciplina. Para ilustrarmos tais problemas, selecionamos um parágrafo que apresenta os dois casos. Dessa maneira, para facilitar a comparação e, com isso, melhor justificar a nossa posição, romperemos excepcionalmente com o padrão utilizado até o momento com relação a apresentação do texto original no caso das traduções efetuadas por nós, assim, apresentaremos em primeiro lugar esta passagem como consta no original, ou seja, em francês e, em seguida, trataremos a tradução na obra conforme a edição utilizada por nós. Posto isto, podemos seguir com as observações:

Ce qui plaide en faveur de l'identité des méthodes n'est pas seulement le fait que la mythologie appartient au domaine du langage : **c'est** surtout la similitude de points de départ dans la recherche. En effet, toute description du contenu doit élaborer sa « terminologie », son système de références cohérent. Cette terminologie est un métalangage de caractère « scientifique » : **si** les termes de ce système sont en quelque sorte arbitraires (c'est-à-dire n'ayant pas de rapports nécessaires avec la « réalité ») et comme tels rectifiables à l'aide d'une réflexion de niveau hiérarchiquement supérieur portant sur l'ensemble de la terminologie, ils possèdent, pour cette raison même, une valeur universelle. Et c'est cette universalité de la terminologie **sémiologique** qui la rend utilisable par-delà les frontières linguistiques, dans toutes les recherches sur la signification et, plus particulièrement, dans l'étude des mythologies comparées. (GREIMAS, 1963, pp. 65-66, grifos nossos)

O que depõe a favor da identidade dos métodos não é simplesmente o fato de que a mitologia pertence ao domínio da linguagem: sobretudo a similitude dos pontos de partida na pesquisa. Na verdade, toda descrição do conteúdo deve elaborar sua "terminologia", seu sistema de referências coerente. Essa terminologia é uma metalinguagem de caráter "científico": os termos deste sistema sendo de certa forma arbitrários (ou seja, sem relações necessárias com a "realidade") e, como tais, retificáveis com a ajuda de uma reflexão de nível hierarquicamente superior baseada no conjunto da terminologia, possuem por essa mesma razão um valor universal. E é justamente essa universalidade da terminologia **semiótica** que a torna utilizável para além das fronteiras linguísticas, em todas as pesquisas da significação e, mais particularmente, no estudo das mitologias comparadas. (GREIMAS, 1975a, p. 124, grifos nossos)

Lembramos que o critério de seleção da passagem se deu somente pelo fato dela apresentar os dois problemas simultaneamente. Sendo assim, observamos que, no que diz respeito ao primeiro caso, isto é, um problema que não impacta na interpretação do texto, notamos que o as palavras "**c'est**" e "**si**", destacadas em negrito

no texto original e que corresponderiam respectivamente a “é” e “se” não se encontram presentes na tradução em português. Nestas ocorrências, mesmo se há uma supressão destes elementos, o texto mantém sua ideia intacta, porém avança no grau de dificuldade da compreensão, pois, de fato, parece-nos que falta algo. Já no segundo caso, este se tratando de um problema mais grave, temos a palavra do francês “*sémiologique*”, sendo traduzida como “semiótica”. Consideramos este ponto mais grave pelo fato de que, mesmo que os termos se avizinhem por meio das relações teóricas, o próprio modelo das semióticas pluriplanas de Hjelmslev (1975, p. 126) evidencia as distinções de um para outro, definindo, na esteira de Saussure, “a semiologia como uma metassemiótica cuja semiótica-objeto é uma semiótica não-científica” (*id.*). Além destas questões teóricas, se olharmos do ponto de vista diacrônico, em um texto de 1963, Greimas não falava de semiótica, até porque seu projeto inicia sob o nome de uma semântica estrutural. Neste contexto, a troca destes termos permite que pensemos, erroneamente, que Greimas já concebia sua metodologia sob o nome de semiótica, que não é o caso, pois mesmo em seus textos posteriores, ele não utiliza este termo, mas sim a noção de semiologia, basta observarmos que em *Semântica Estrutural*, publicado três anos após este artigo, o autor dedica um capítulo inteiro de sua obra explorando exatamente o *Nível semiológico* (*ibid.*, pp. 75-92). Em decorrência destes pontos, optamos, neste caso específico, por utilizarmos a versão original do texto, e não sua edição já traduzida, como consta na edição brasileira de *Sobre o sentido* de 1975.

Feitas as devidas ressalvas, podemos nos concentrar no conteúdo metodológico e científico do texto *A mitologia comparada* (GREIMAS, 1963, pp. 51-66; 1975a, pp. 109-125). Diferentemente dos outros trabalhos apresentados até o momento, este artigo busca, a partir do distanciamento consciente dos conjuntos significantes da narrativa mitológica, explorar uma metodologia, ainda em estado inicial, capaz de reconhecer nas estruturas narrativas do mito, as unidades do significado e seus traços distintivos. Com este exercício, Greimas parece procurar confirmar a ideia de que a pesquisa mitológica, fundamentada nesta metodologia, “poderia servir de modelo ao estudo das superestruturas, à descrição das ideologias sociais”<sup>78</sup> (GREIMAS, 1963, p. 52).

---

<sup>78</sup> No original: “pourrait servir de modèle à l’étude de superstructures, à la description des idéologies sociales”.



Uma primeira leitura deste trabalho nos mostra, sem sombra de dúvida, uma parte da inovação metodológica proposta por Greimas, que é capaz de depreender as relações entre as unidades do significado existente no escopo da narrativa mitológica. Contudo, devido ao tema da nossa pesquisa, parece-nos justificável estarmos menos interessados na metodologia em si e, em contrapartida, sentirmo-nos mais atraídos pela maneira pela qual o uso desta metodologia possibilita a abordagem das narrativas mitológicas. O método explorado por Greimas consiste, em um primeiro momento, na observação das relações entre as unidades de significado internas de cada mito analisado. Em um segundo momento, o autor procura estabelecer correlações entre as diferentes narrativas que são utilizadas no seu *corpus*, após ter identificado as unidades de significado. É, ao comparar as diferentes narrativas mitológicas, que o método empregado pelo autor permite depreender as categorias semânticas axiologizadas presentes em cada um dos mitos e projetar, em consequência, o que é valorizado euforicamente ou disfóricamente em uma determinada sociedade e em uma determinada cultura. Desta maneira, o emprego desta metodologia entre diferentes sociedades e culturas permite, a partir da justaposição dos componentes semânticos, depreender as articulações éticas e morais observáveis na comparação das axiologizações presentes nas estruturas fundamentais dos mitos analisados. Este mesmo procedimento nos faz pensar também que, para Greimas, cada palavra contém em si um pequeno mito.

Com isso, em uma segunda leitura, somos capazes de perceber que, ao falar sobre o mito do contrato social e, em particular, sobre a relação de qualificação do rei pelo povo e, em seguida, do povo pelo rei em duas culturas distintas – a indiana e romana – podemos, em nosso entendimento, visualizar o processo de normatização da moral e talvez, até mesmo, da transformação cultural. Para que consigamos compreender tais relações, é preciso notar que Greimas sublinha que a relação entre o rei e o povo ocorre por meio de uma qualificação. Por sua vez, como nos explica o autor, esta qualificação pode ser de dois tipos: simples ou valorizante (*ibid.*, p. 54). A qualificação simples recebe este nome porque trata-se de uma qualificação precedida pelos dons ou benefícios; já a qualificação valorizante apresenta a ordem inversa das ações, isto é, primeiro há a qualificação e somente depois disto, os benefícios, de maneira que a valorização antecipada transforma o caráter do valor em “realidade”. Como nos explica o autor:

A qualificação, em si, interpreta-se como uma reciprocidade no interior da categoria linguística da troca de mensagens: o rei é qualificado por elogios; ele distribui doações em troca, ou vice-versa. Há, no entanto, dois casos a distinguir: se as doações (e/ou outros benefícios) precedem a qualificação, diremos que ela é simples; se, ao contrário, o elogio qualificante é anterior à distribuição das doações, a qualificação é valorizante (*çams-*) e acrescenta um novo vigor ao qualificado, transformando, assim, a palavra antecipada em “realidade”.<sup>79</sup> (*id.*, grifo do autor, tradução nossa)

O que propomos neste momento é, na verdade, um exercício teórico semelhante ao realizado por Greimas, que nos permitirá depreender, da relação explorada pelo autor, a construção de uma normatização moral e talvez, até mesmo, os elementos culturais de uma determinada sociedade, ambos evidenciados pela mesma metodologia que ele propõe. Evidentemente, a relação que estamos buscando apresentar pode parecer, à primeira vista, ingênua, exagerada e até mesmo fora de contexto, pois Greimas fala em seu texto de uma narrativa mítica e da relação entre o rei e o povo. Entretanto, na medida em que avançarmos nas considerações a respeito deste texto de Greimas, encontraremos cada vez mais elementos que asseguram a existência de categorias semânticas axiologizadas que compreendem o conceito de moral e que, no seu conjunto, perfazem a noção de cultura de uma determinada sociedade ou coletivo social. Se rompermos, por um instante, nossa metodologia diacrônica, veremos que Greimas, em *Semântica estrutural* ([1966]/1976), confirma a nossa hipótese a respeito da possibilidade de aproximação da definição do conjunto de categorias semânticas axiologizadas com o próprio conceito de cultura. Nas palavras do autor:

De fato, cada comunidade cultural atribui aos indivíduos os “caracteres” axiológicos de seu ser e os algoritmos ideológicos de seu comportamento (mesmo que os conceba às vezes como a negação de papéis de comportamentos socialmente organizados e exalte o não conformismo do indivíduo [...]). (*ibid.* pp. 194-195)

---

<sup>79</sup> No original: “La qualification elle-même s’interprète comme une réciprocité à l’intérieur de la catégorie linguistique de l’échange des messages : le roi est qualifié par des louanges ; il distribue des dons en retour, ou vice versa. Deux cas sont cependant à distinguer : si les dons (et/ou autres bienfaits) précèdent la qualification, nous dirons qu’elle est simple ; si, au contraire, la louange qualificante est antérieure à la distribution des dons, la qualification est valorisante (*çams-*) et ajoute une vigueur nouvelle au qualifié, en transformant ainsi la parole anticipée en « réalité »”.

Entretanto, para observarmos os ensaios de tais desenvolvimentos no artigo de Greimas que vínhamos trabalhando, torna-se necessário realizarmos um pequeno exercício lógico: se considerarmos no lugar da posição ocupada pelo rei, um determinado objeto ou uma determinada ação e, por sua vez, substituímos a figura do povo por uma outra mais ampla e mais geral, como por exemplo, a da sociedade, mas mantendo as mesmas relações encontradas por Greimas, parece-nos possível observar as articulações que constituem a noção da moral, sobretudo se levarmos em consideração aquilo que o autor descreve como a qualificação valorizante.

Dessa maneira, se pensarmos na existência de uma determinada ação e que esta, antes mesmo de ser executada, isto é, de proporcionar um benefício ou uma doação aos seus executantes já se encontra qualificada, como por exemplo, pertinente, ou ainda, como adequada, veremos, conforme nos mostrou Greimas, que tal qualificação se transforma em “realidade”, ou seja, em um valor social que, por sua vez, é composto por um dos elementos de uma categoria semântica axiologizada. Nesta perspectiva, estamos diante do fundamento da moral e da cultura que ao valorizar antecipadamente determinado objeto, ação ou prática instaura uma grade de leitura, uma grade de apreciação cultural, sob as quais as relações dos sujeitos com o mundo já se encontram previamente definidas em razão do estabelecimento daquilo que é de bom gosto, adequado, elegante etc., assim como seus respectivos antônimos. Neste momento, a partir do que viemos de analisar, poderíamos nos questionar sobre o seguinte ponto: se a qualificação valorizante refere-se à estrutura da moral, seria a qualificação simples, por aproximação lógica, a representação da estrutura da ética?

Tal questionamento, levando em consideração a posição lógica entre os diferentes tipos de qualificação, parece-nos válido, mesmo que a sua resposta seja negativa. O fato da qualificação valorizante, pela maneira como abordamos, poder ser considerada como uma representação da estrutura normativa da moral, por meio de seu efeito de sentido de “realidade” que, por sua vez, evoca a existência uma grade de leitura, não permite afirmar que a qualificação simples, neste quadro, seja a representante lógica da ética. Contrariamente ao que poderíamos pensar, ao mantermos as mesmas unidades de significado, é possível observar que a chamada qualificação simples continua sendo um julgamento de valor realizado pela sociedade, porém, na ordem inversa.

Dessa maneira, se a qualificação valorizante evoca a existência de uma normatização moral, por meio de uma ideia do valor da coisa ou da experiência, mesmo que ela não esteja concretizada, como por exemplo, a valorização do rei antes de sua doação, a qualificação simples, apesar de abrir o espaço para a experimentação social ou coletiva, trata-se igualmente de um julgamento. A diferença consiste no fato de que, a primeira apresenta uma estrutura já delimitada e fixa, consistindo na ideia prévia que temos das coisas e de como devemos nos relacionar com elas mesmo que não sejam concretizadas; a segunda, permite a exploração da experiência que, por meio de sua realização, será julgada daquela estrutura que compõe a normatização da moral e que constitui a grade de leitura social e cultural dos fenômenos.

Em termos mais semióticos, considerando que “no quadro dos modos de existência semiótica, a categoria *virtual/atual* permite caracterizar a relação do sistema com o processo, da língua com a fala” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 491, grifos dos autores) e que “contrariamente à existência atual, própria do eixo sintagmático da linguagem, a existência virtual caracteriza o eixo paradigmático: trata-se de uma existência *in absentia*” (*id.*, grifos dos autores), podemos propor que a existência da moral na relação de qualificação valorizante é *virtual*, enquanto que na qualificação simples ela se dá por meio da categoria *atual*.

Esta abordagem nos permite, por um lado, visualizar a ideia de que a estrutura moral e a grade de leitura presentes na noção da qualificação valorizante, de certa maneira, traduzem o mundo conforme as categorias semânticas virtualmente axiologizadas do sistema, isto é, conforme os valores estabelecidos por uma determinada sociedade e/ou cultura; e por outro lado, ao considerarmos a qualificação simples como a atualização dessas categorias axiologizadas no processo, não somente englobamos a noção de sanção pragmática, que é definida por Greimas e Courtés (*ibid.*, p. 389) como:

um juízo epistêmico, proferido pelo Destinator-julgador sobre a conformidade dos comportamentos e, mais precisamente, do programa narrativo do sujeito “performante” em relação ao sistema axiológico (de justiça, de “boas maneiras”, de estética etc.), implícito ou explícito, pelo menos tal como foi atualizado no contrato inicial.

Mas também observamos uma possível abertura para a renovação destes valores morais/culturais, que vão sendo reiterados ou reconstruídos na medida em que o próprio ato qualificante é tomado como responsável pela construção/transformação da moral inscrita no sistema. Nesse contexto, a norma moral, enquanto sistema, adquire o status de uma instituição constantemente ameaçada pelas ações e práticas cotidianas inscritas no processo, ao mesmo tempo em que se vale igualmente destas para ser reiterada, confirmada e manter seu estatuto de instituição cultural hegemônica. É importante abirmos um pequeno parêntese para sublinhar que, na passagem acima, ao falar de estética, Greimas não se refere a estética como o lugar de investimentos dos arranjos dos conjuntos significantes, mas sim daquela noção filosófica de uma “estética do belo”, esta sim à mercê de um sistema axiológico.

Como afirmamos anteriormente, esta extrapolação que efetuamos da análise da narrativa mitológica realizada por Greimas pode, à primeira vista, apresentar-se de maneira exagerada devido, em particular, às relações que não estão diretamente colocadas no discurso do autor. Entretanto, segundo a metodologia utilizada, parecemos que nossa hipótese não somente se torna justificável, mas também adquire maior respaldo teórico na continuação do texto do autor, pois ao continuarmos a leitura das outras análises, podemos verificar que ele toma o cuidado de ressaltar, repetidas vezes, a importância de levarmos em consideração a existência de diferentes percepções do mundo, para que, somente desta maneira, seja possível efetuar as comparações das unidades de significado sem apresentarmos determinados pontos de vista viciados, isto é, sem que a visão do analista seja obnubilada por seu próprio sistema axiológico. Como afirma o autor:

[...] graças à introdução de um simbolismo único na análise das duas narrativas, as condições da comparação, que talvez fossem apenas implícitas, aparecem de maneira evidente: longe de ser apenas, como nos ensinaram durante muito tempo, um recenseamento de semelhanças e diferenças, a comparação é, antes de mais nada, uma justaposição de identidades, uma base comum que somente ela pode tornar as diferenças mensuráveis e comparáveis.<sup>80</sup> (GREIMAS, 1963, p. 55)

---

<sup>80</sup> No original: “[...] grâce à l’introduction d’un symbolisme unique dans l’analyse des deux récits, les conditions de la comparaison, qui n’étaient peut-être qu’implicites, apparaissent avec évidence : loin d’être seulement, comme on nous l’a longtemps enseigné, un recensement de ressemblances et de différences, la comparaison est avant tout une juxtaposition d’identités, une base commune qui seule peut rendre les différences mesurables et comparables”.

Dessa maneira, a partir das unidades do significado apresentadas pelo autor, podemos observar, nas relações que buscamos estabelecer, que, ao realizarmos esta justaposição da qual fala Greimas, cada uma das narrativas mitológicas apresenta valorizações dessemelhantes das mesmas situações, ou seja, sistemas axiológicos diversos. São, portanto, estas comparações de identidades que permitem o reconhecimento da existência de axiologizações de categorias semânticas distintas, ou seja, as axiologizações variam conforme uma determinada sociedade, o que nos leva a considerar que tais comparações possibilitam exatamente o depreendimento da moral presente e atuante em dada cultura, não somente enquanto sistema virtual, mas também como processo atual.

Sendo assim, a nossa hipótese, que indica que a metodologia utilizada por Greimas permite a observação da moral e de seus respectivos valores, mostra-se renovada quando nos debruçamos no segundo exercício analítico realizado pelo autor. Aquilo que estamos chamando de segundo mito são, em realidade, dois mitos: um indiano e outro escandinavo (*ibid.*, pp. 56-61). É na análise destes mitos que a metodologia proposta por Greimas permite, de maneira objetiva, depreender a existência de categorias semânticas axiologizadas conforme uma determinada sociedade ou cultura, reiterando a presença da moral.

Na busca por confirmar o que acabamos de expor, observamos que, logo no início de sua segunda análise, Greimas afirma que tanto o mito indiano quanto o mito escandinavo apresentam a mesma formulação, na qual a “luta trapaceada” está para um “mundo pior” assim como a “luta leal” está para um “mundo melhor”. Porém, é a partir da constatação desta formulação que as questões axiológicas começam a emergir e conduzem o autor a explorar as condições da moral na justaposição daquilo que ele está chamando de identidades.

A formulação única dos dois mitos só pode ser alcançada pelo *destaque* das identidades que eles comportam – mesma concepção da vida enquanto luta, mesma apreciação moral do mundo humano –, sendo esta explicitação de identidades necessariamente acompanhada de uma colocação entre parênteses provisória das categorias de significação que contém os traços que as diferenciam.<sup>81</sup> (*ibid.*, p. 56, grifo do autor, tradução nossa)

---

<sup>81</sup> No original: “La formulation unique des deux mythes ne peut être atteinte que par la *mise en évidence* des identités qu’ils comportent — même conception de la vie en tant que lutte, même appréciation morale du monde humain —, cette explicitation d’identités étant nécessairement accompagnée d’une

Com isso, ao ressaltar a imprescindibilidade da análise particular dos elementos que compõem a narrativa, isto é, da observação da própria concepção de luta e de mundo, antes mesmo de qualquer outra proposição, Greimas, não somente evidencia a presença do caráter moral nos mitos, como também evoca a necessidade de explorar seus respectivos sistemas axiológicos para que as identidades em questão possam ser, efetivamente, comparadas de acordo com os valores de cada sociedade ou cultura na qual se encontram inseridas, sem que o olhar de outrem ou até aquele do próprio analista, ele mesmo englobado e participe de um sistema axiologizado, influencie nas explicações de seus resultados. Entretanto, se por um lado, para que a análise seja realizada com uma metodologia que promova a neutralidade desse ponto de vista é necessário colocar em evidência os elementos que constituem esta identidade da qual fala o autor; por outro, é exatamente o fato de comparar diferentes estruturas míticas que permite a emergência das diferenças estruturais apreciáveis, ou melhor dizendo, das estruturas morais de uma determinada sociedade. Como nos explica Greimas (*id.*):

A descrição das unidades do significado que analisamos, em seguida, em traços distintivos, considerando sucessivamente cada relação da proporção, revela, com efeito, as diferenças estruturais apreciáveis e que, por vezes, difíceis de se distinguir em cada estrutura mítica considerada separadamente, aparecem destacadas quando comparadas.<sup>82</sup> (tradução nossa)

Podemos então compreender que, para sermos autorizados a comparar duas sociedades ou culturas distintas, conforme a metodologia proposta por Greimas, é preciso levarmos em consideração a possibilidade da existência de sistemas axiologizados distintos e que, curiosamente, são mais facilmente apreendidos exatamente pelo fato de compará-los. Assim, no lugar de analisar o que é o pior ou melhor para cada sociedade, isto é, quais são as categorias semânticas axiologizadas em cada uma das narrativas comparadas, o autor procura explorar as próprias unidades de significado que compõem as noções de melhor e de pior. É por meio

---

mise entre parenthèses provisoire des catégories de signification comportant des traits les différenciant.”

<sup>82</sup> No original: “La description des unités du signifié que l’on analyse ensuite en traits distinctifs, en considérant successivement chaque rapport de la proportion, révèle, en effet, des différences structurelles appréciables et qui, parfois difficiles à distinguer dans chaque structure mythique prise séparément, apparaissent avec évidence lors de la comparaison.”

desse esforço, sem propriamente considerar o que é euforizado ou disforizado nos termos “melhor” e “pior”, que o autor afirma que tais unidades se encontram desdobradas em categorias do tempo e em uma escala axiológica.

Nesse contexto, ele explica que, “o julgamento moral sobre o mundo está ligado à categoria do tempo que comporta não dois, mas três termos”<sup>83</sup> (*id.*, tradução nossa), fundamentados na relação entre passado, presente e futuro, e que o julgamento daquilo que é melhor ou pior não reside em uma categoria dicotômica, como por exemplo, o bem e o mal, mas sim em uma categoria relativa; isto é, uma escala axiológica na qual o melhor é o termo positivo, o pior é o termo negativo e a neutralidade é o termo complexo (*id.*). É, exatamente, ao justapor as categorias destacadas, que constituem as unidades do significado, que Greimas afirma que o termo complexo corresponde ao tempo presente, evidenciando que o julgamento moral de um mundo melhor ou pior é relativo e se encontra em função da leitura do passado e do futuro. Nas palavras do autor, “se aproximarmos as duas categorias, vemos que o termo complexo é, no fundo, o tempo presente dos homens, considerado como melhor ou como pior em função do passado ou do futuro”<sup>84</sup> (*ibid.*, p. 57, tradução nossa).

Após esse percurso, é interessante observar que, em nosso entendimento, as unidades do melhor e do pior, quando esvaziadas dos investimentos axiológicos que lhe concedem significação e auxiliam a construção da maneira pela qual nos relacionamos com o mundo, tratam-se na realidade de apenas simples espectros de leitura. Assim, melhor ou pior parecem se transformar em unidades de medidas aguardando apenas os investimentos axiológicos do sujeito, da sociedade ou de uma cultura, evidenciando seu caráter relativo e sua aproximação com a ideia de uma grade de leitura. Esta relação pode ser visualizada especificamente na continuação da análise, quando Greimas começa seu exercício a respeito da unidade de significado *luta*, desdobrada nas categorias de leal e desleal.

Ao comparar o esquema da estrutura da luta leal e desleal nas duas narrativas mitológicas, Greimas nos mostra a existência de uma outra categoria que não é compartilhada simetricamente entre as mitologias, são as categorias do bem e do mal

---

<sup>83</sup> No original: “le jugement moral porté sur le monde est lié à la catégorie du temps qui comporte non pas deux, mais trois termes.”

<sup>84</sup> No original: “Si l’on rapproche les deux catégories, on voit que le terme complexe n’est au fond que le temps présent des hommes, considéré soit comme meilleur soit comme pire en fonction du passé ou du futur.”



determinando o instigador da luta (*ibid.*). No mito indiano, observamos que a luta desleal possui como instigador a unidade do significado do mal, enquanto a luta leal possui como instigador a unidade do significado do bem. No entanto, no mito escandinavo temos que, tanto para a luta leal quanto para a luta desleal, o instigador configura-se na unidade do significado do mal.

A conclusão à qual o autor chega, da justaposição destas unidades e categorias, é que, no caso da mitologia indiana, a simetria entre as categorias *leal vs desleal* com relação a *bem vs mal* dificultam a percepção da existência de dois julgamentos de valores distintos. Não sabemos, por exemplo, se a luta, em si, é axiologizada euforicamente ou disfóricamente. Sabemos somente que ela pode ser classificada como leal ou desleal, conforme o componente instigador. Entretanto, a falta dessa mesma simetria na mitologia escandinava evidencia que a luta, pouco importando se ela é leal ou desleal, é sempre tomada, nesta cultura, como disfórica.

Com isso, a articulação destes elementos, como explicitou Greimas, mostramos indícios do caráter relativo da moral, configurando seu modo de existência semiótico, conforme a sociedade considerada e estando, por sua vez, intimamente relacionada com a noção de cultura. Notamos, contudo, que as normas morais, mesmo apresentando variações nas axiologizações de uma sociedade para outra, de uma cultura para outra, mantém-se como um conjunto de categorias semânticas axiologizadas; podendo então, de acordo com o objeto, a prática ou o grupo analisado, manifestar variações tanto nas categorias semânticas, pois se trata do inventário linguístico de uma sociedade, quanto nas axiologizações, reconhecidas como os investimentos eufóricos ou disfóricos nas categorias semânticas.

Greimas continua seu texto realizando outras comparações entre as narrativas mitológicas, porém nos parece que, em termos de elementos da análise, evidenciamos os principais pontos que o autor apresenta em seu estudo, em especial, aqueles que nos interessam em decorrência da temática de nosso trabalho. Todavia, devemos ainda ressaltar que, no final de seu texto, o autor, ao procurar destacar algumas características da metodologia utilizada, além de apresentar os primeiros elementos teóricos que viriam a compor o que se desenvolveria na semiótica, como por exemplo a definição de *sema* e de *lexema* (*ibid.*, p. 66), mostramos, já em 1963, que seu ambicioso projeto teórico se encontrava marcado pela intencionalidade de extrapolação das fronteiras linguísticas.

O que advoga a favor da identidade dos métodos não é somente o fato da mitologia pertencer ao domínio da linguagem: é sobretudo a semelhança dos pontos de partida na pesquisa. Com efeito, toda descrição do conteúdo deve elaborar a sua “terminologia”, o seu sistema de referências coerente. Esta terminologia é uma metalinguagem de caráter “científico”: se os termos deste sistema são, de algum modo, arbitrários (isto é, sem necessariamente possuir uma relação com a “realidade”) e, como tais, retificáveis por meio de uma reflexão de nível hierarquicamente superior que incida sobre o conjunto da terminologia, eles possuem, por essa mesma razão, um valor universal. E é esta universalidade da terminologia semiológica que a torna utilizável para além das fronteiras linguísticas, em todas as investigações sobre a significação e, particularmente, no estudo das mitologias comparadas.<sup>85</sup> (*ibid.*, pp. 65-66, tradução nossa)

Dessa maneira, podemos observar que o que preconizamos no capítulo anterior, ao dizermos que as problemáticas da ética, da moral e da estética são uma constante no pensamento de Greimas, pode ser novamente recuperado neste estudo realizado pelo autor. Entretanto, distanciando-nos um pouco da investigação a respeito da articulação da estética e da ética e nos concentrando no desenvolvimento da metodologia que permite o depreendimento dos sistemas axiológicos, notamos que o autor, para efetuar a comparação de diferentes narrativas mitológicas pertencentes a culturas distintas, desconsidera os arranjos dos conjuntos significantes que concretizam os mitos. Tal distanciamento dos componentes estéticos é justificável pelo fato de que, neste estudo, Greimas procura concentrar sua atenção nas estruturas das unidades do significado que, por meio da comparação, permitem a emergência das variantes e das invariantes da sintagmática, destacando a existência das diversas ideologias presentes nas sociedades e nas culturas analisadas, que, por sua vez, nada mais são, na metodologia em questão, do que conjuntos de categorias semânticas axiologizadas e partilhadas por um determinado grupo.

Com isso, ao comparar os mitos que compõem o *corpus* do texto, são-nos apresentados os traços distintivos das normas morais de uma sociedade em relação

---

<sup>85</sup> No original: “Ce qui plaide en faveur de l’identité des méthodes n’est pas seulement le fait que la mythologie appartient au domaine du langage : c’est surtout la similitude de points de départ dans la recherche. En effet, toute description du contenu doit élaborer sa « terminologie », son système de références cohérent. Cette terminologie est un métalangage de caractère « scientifique » : si les termes de ce système sont en quelque sorte arbitraires (c’est-à-dire n’ayant pas de rapports nécessaires avec la « réalité ») et comme tels rectifiables à l’aide d’une réflexion de niveau hiérarchiquement supérieur portant sur l’ensemble de la terminologie, ils possèdent, pour cette raison même, une valeur universelle. Et c’est cette universalité de la terminologie sémiologique qui la rend utilisable par-delà les frontières linguistiques, dans toutes les recherches sur la signification et, plus particulièrement, dans l’étude des mythologies comparées.”

à outra. Esta comparação, mesmo que à primeira vista possa parecer ingênua, sublinha a noção de valor de Saussure, que nos lembra que só é possível apreender o que é euforizado ou disforizado na relação que um termo entretém com outro. Apesar do distanciamento da temática da nossa pesquisa, em particular por não apresentar nenhuma relação específica entre a estética e a ética, julgamos que a inclusão deste estudo de Greimas poderia contribuir com a perspectiva geral deste trabalho, pois a comparação das narrativas mitológicas realizadas pelo autor, não somente retoma e confirma as articulações formais propostas anteriormente, como permite, em vista dos elementos apresentados, efetuarmos uma associação, talvez arriscada, da noção de conjunto de normas morais, com a própria constituição da cultura e dos componentes culturais de uma determinada sociedade, tanto no sistema, enquanto virtualidade, quanto no processo, por meio de suas práticas.

### 3.2. ***Semântica Estrutural e a fundação de uma metodologia***

A partir do que foi apresentado, podemos perceber que aquela necessidade latente de uma metodologia que desse conta de descrever, por meio do aparato formal da linguística, os arranjos estéticos, as axiologizações éticas e as diversas maneiras pela qual o homem apreende, relaciona-se e constrói o sentido no mundo, deixa de ser apenas uma demanda recorrente do autor, como ele já havia destacado em muitos dos seus textos, para se concretizar efetivamente com a publicação de seu primeiro livro, *Semântica Estrutural* ([1966]/1976).

Sob este título, Greimas busca desenvolver e fundamentar, a princípio, uma teoria semântica, e não uma teoria semiótica. Por esta razão, e algumas outras, como por exemplo a não autonomia dos planos da expressão e do conteúdo, é que alguns semioticistas, e para citar apenas um entre eles, como Rastier (2019), não consideram *Semântica Estrutural* uma obra de semiótica, mas sim de semântica. Entretanto, consideraremos este trabalho do autor como uma obra que inaugura a metodologia e a epistemologia semiótica formalmente – formalmente, pois como demonstramos ao longo desta pesquisa, o pensamento semiótico já se encontrava presente, ao menos potencialmente, desde os primeiros trabalhos de Greimas –, uma vez que é possível perceber que alguns dos conceitos basilares do projeto científico do autor já se encontram ali formalizados e, até mesmo, relacionados entre si neste livro. É, portanto, a partir de sua primeira obra individual completa que buscaremos observar

como Greimas procura investigar aquilo que se apresenta como uma constante nos seus artigos anteriores, isto é, as articulações éticas e estéticas.

Neste percurso, podemos perceber, inclusive, a retomada de diversos pontos já destacados em artigos anteriores, porém, encontrando-se, desta vez, ancorados dentro de um sistema repleto de relações conceituais interdependentes e garantindo, com isso, a coerência interna e o formalismo científico tão caro e necessário para dar luz a um verdadeiro projeto dentro do escopo das ciências humanas. Esse comprometimento com o caráter científico em sua metodologia pode ser notado desde as primeiras páginas de *Semântica Estrutural*, já em seu primeiro capítulo intitulado *Condições de uma semântica científica*, no qual define a linguística como a disciplina “mais aprimorada, mais formalizada” (*ibid.*, p. 11) e que “podia oferecer às demais seus métodos e experiências” (*id.*), tese que ele defendia havia cerca de 10 anos, em *L’actualité du saussurisme*, ao explorar as contribuições do método da linguística moderna<sup>86</sup> para os desenvolvimentos dos trabalhos de Lévi-Strauss e de Merleau-Ponty.

Desta maneira, elegendo a semântica como a disciplina mais apropriada para dar conta do problema da significação, Greimas passa a elencar as primeiras escolhas epistemológicas de seu projeto científico. Nessa busca de instaurar e de organizar um sistema científico interdependente e fundado nos princípios de um formalismo linguístico, ele acaba retomando um dos componentes destacados anteriormente em seu texto intitulado *Os provérbios e os ditados*, de 1960, como sendo sua primeira escolha metodológica, isto é, a percepção. Encontrando-se, assim, como uma disciplina que se interroga sobre a significação, parece-nos natural que o primeiro questionamento realizado pelo autor tenha sido a respeito sobre a maneira pela qual tomamos conhecimento da existência de um determinado dado no mundo e da significação que ele possui. Podemos imaginar que é em decorrência de uma tal interrogação que Greimas discorre sobre o seu espanto ao “refletir acerca da situação do homem que, de manhã à noite e da idade pré-natal à morte, é atormentado por significações que o solicitam por toda parte, por mensagens que o atingem a todo momento e sob todas as formas” (*ibid.*, p. 15). É, portanto, nesse contexto que Greimas propõe, em sua metodologia, “a considerar a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (*id.*).

---

<sup>86</sup> Ao falarmos da linguística moderna, estamos nos referindo à teoria linguística iniciada por Saussure e desenvolvida, posteriormente, por Hjelmslev.

Se procurarmos ligar os pontos, o fato de Greimas ter definido a percepção como a escolha epistemológica inaugural de sua metodologia, indica-nos que ela corresponderia, também, à abordagem inicial do analista em relação ao seu objeto. Em outras palavras, se estamos interessados no estudo da significação, a primeira atitude que o analista deveria ter, justamente para ser capaz de depreender tal significação, seria aquela de adotar a percepção dos fenômenos como ponto de partida de sua análise. Esta escolha, entretanto, traz consigo, “a vantagem e o inconveniente de não poder estabelecer, no seu estatuto particular, uma classe autônoma de significações linguísticas, suspendendo destarte a distinção entre a semântica linguística e a semiologia saussuriana” (*id.*). Mas o que isso quer dizer e como isso se relaciona com a percepção enquanto primeira escolha epistemológica?

Tendo em vista “o projeto semiológico, na medida em que se procurou desenvolvê-lo no quadro restrito da definição saussuriana” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 406), teríamos que esta semiologia saussuriana levaria “o ‘sistema’ a excluir o processo semiótico e, por isso mesmo, as práticas significantes mais diversas” (*id.*). Isto quer dizer que Greimas, ao definir a percepção como o lugar onde se situa a significação e assumir a suspensão da distinção entre a semântica linguística e a noção de semiologia saussuriana, acaba aproximando estes dois conceitos, ao mesmo tempo em que afirma que não há um inventário de significações atribuíveis aos fenômenos, como ocorre, por exemplo, na língua tomada enquanto sistema. Com isso, em nosso entendimento, o autor parece afirmar que a única maneira de se depreender a significação de uma determinada manifestação – e é aqui onde reside a diferença, pois estamos no campo do processo e não mais no do sistema – seria a partir da percepção.

É importante ressaltar que a proposição de Greimas não exclui, de maneira alguma, a existência do sistema, ao contrário, ela reforça a característica estrutural de sua metodologia, pois na esteira da distinção entre *langue* e *parole* de Saussure e dos desenvolvimentos de Hjelmslev, o autor reconhece a existência de um sistema subjacente ao processo. Assim, em uma manifestação, não apreendemos o sistema propriamente dito, mas sim sua articulação em processo. É em decorrência deste raciocínio que podemos, então, melhor compreender a razão pela qual sua primeira escolha epistemológica tenha sido a de instaurar “a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (GREIMAS, 1976, p. 15) e sua afirmação na qual explicita que, “vemos também que a explicação dos fatos estéticos

se situa atualmente sobretudo no nível da percepção da obra e não mais no da exploração do gênio ou da imaginação” (*ibid.*, p. 16).

O fato de Greimas não excluir o sistema, mas o colocar em uma relação estrutural com o processo, seguindo o modelo do esquema saussuriano proposto por Hjelmslev, permite não somente a compreensão de que os fatos estéticos se situam no nível da percepção da obra, isto é, em sua concretização enquanto processo, mas também garante a existência de um sistema pressuposto. Essa articulação assegura, com isso, uma autonomia do plano da expressão e do plano do conteúdo e reitera, de certa maneira, o que apresentamos anteriormente, ao tratarmos do texto sobre *A mitologia comparada* (GREIMAS, 1975a), a respeito da existência de uma moral virtualizada e de sua prática atualizada no processo.

O que também é importante ressaltar dessa afirmação do autor e que, sobretudo em razão do nosso tema de pesquisa, é de grande interesse, é que a percepção, além de consistir como a abordagem inicial do analista que se depara com o fenômeno, seria também o lugar onde se situam a explicação dos fatos estéticos. Entretanto, essa afirmação, que à primeira vista pode eventualmente parecer demasiadamente simplista, tem em si, a nosso ver, a possibilidade de esconder uma pequena armadilha teórica/interpretativa, pois ao relacionar os fatos estéticos e a percepção, Greimas não se refere a esta de maneira geral, sem um fundamento teórico, mas sim a associando à noção de percepção da obra “tal como foi anteriormente desenvolvida na França por Merleau-Ponty” (*ibid.*, pp. 15-16).

Seguindo assim a ideia de Merleau-Ponty ([1945]/2006), na qual afirma que a fenomenologia da percepção “é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência a sua gênese psicológica” (*ibid.*, p. 1) e que “é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividos’” (*id.*), podemos melhor compreender a preferência de Greimas pela noção de percepção da obra, sobretudo ao nos darmos conta de que seu projeto teórico consiste na construção de uma metodologia descritiva.

Neste contexto, é a partir da compreensão de que “as significações do mundo humano se situam no nível da percepção” (GREIMAS, 1976, p. 16) que o autor relaciona seu projeto teórico/metodológico com a percepção. Desta maneira, parece-nos que, se é no nível da percepção que encontramos os fatos estéticos que constroem o sentido, a semântica seria, portanto, “uma tentativa da descrição do mundo das qualidades sensíveis” (*id.*).

Com isso, devemos destacar que são nestas primeiras páginas de *Semântica estrutural* que Greimas, de fato, exprime seu entendimento e seu posicionamento sobre o que seria a estética e qual seria seu lugar de apreensão na estrutura<sup>87</sup>. Assim, além de situar a questão da estética na percepção, delegando para a estética o nível mediador entre os objetos do mundo natural e a significação, Greimas procura também mostrar como os fatos estéticos são articulados no nível da significação, isto é, como se efetua o trânsito do sentido entre o sensível e o inteligível e como esse sensível articulado em sentido dá vida a significação.

Desta maneira, para compreendermos o que são estes fatos estéticos presentes na percepção, aos quais Greimas faz referência, vemo-nos, em primeiro lugar, obrigados a passar, mesmo que rapidamente, pela noção de percepção de Merleau-Ponty, pois é onde estes fatos estão situados e sobre a qual o autor lituano manifesta suas “preferências subjetivas” (*ibid.*, p. 15). Acreditamos que, ao realizar esse passo, não só poderemos entender o que são esses fatos estéticos, mas também poderemos ter algum índice mais concreto sobre a noção de estética na metodologia que, historicamente, encontra-se em desenvolvimento.

Sendo assim, o primeiro componente conceitual que destacamos é que, para Merleau-Ponty, a percepção não se tratava de uma simples relação de causa e efeito, mas sim uma maneira de dar sentido às coisas e à própria vida. A percepção seria “a cada momento como uma re-criação ou uma re-constituição do mundo” (2006, p. 279). Essa reconstituição do mundo a cada momento só se tornaria possível com a inserção do “eu” na própria concepção de percepção, isto é, a partir de um sujeito, de um corpo sensível que se encontra implicado no ato perceptivo. Desta maneira, o ato perceptivo, entre “a coisa” e o corpo, se concretiza por meio de uma apreensão das qualidades sensíveis e pelo sensível. Merleau-Ponty define assim que “o visível é o que se apreende *com* os olhos, o sensível é o que se apreende *pelos* sentidos” (*ibid.*, p. 28, grifo do autor). Tendo isto em vista, observamos que a percepção, para o autor, concretiza-se enquanto um ato de presença de um corpo que sente *em relação* com o mundo sensível. Contudo, a pergunta que podemos nos fazer neste momento é, como estes elementos, que compõem a noção de percepção da obra, encontram-se articulados com o projeto teórico de Greimas e, sobretudo, com um dos principais conceitos de nossa pesquisa, nesse caso específico, a estética?

---

<sup>87</sup> Com relação ao que afirmamos a respeito do lugar de apreensão da estética na estrutura, desenvolveremos em breve mais considerações que auxiliarão na explicitação deste ponto.

Em sua obra, Merleau-Ponty não deixa muitas pistas sobre o que seriam estes fatos estéticos aos quais se refere Greimas, e isto decorre, a nosso ver, muito provavelmente porque ele não está diretamente interessado no problema da estética em si e, menos ainda, no que se refere ao julgamento do belo, mas sim na experiência estética promovida pela percepção, isto é, na experiência da apreensão das qualidades sensíveis dos arranjos estéticos. É, portanto, desse ponto que, em nosso entendimento, decorre a afirmação, citada anteriormente, na qual declara que “o visível é o que se apreende *com* os olhos, o sensível é o que se apreende *pelos* sentidos” (*ibid.*, p. 28, grifo do autor), pois para ele “perceber no sentido pleno da palavra [...], é apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo” (*ibid.*, p. 63), reforçando igualmente o caráter fenomenológico de sua teoria.

Contudo, em uma pequena passagem em *Fenomenologia da Percepção*, encontramos, entre os poucos excertos que utilizam a terminologia “estética”, o que poderia corresponder à noção do fato estético mencionada por Greimas. Podemos, portanto, em nosso entendimento, realizar uma aproximação entre o fato estético com o conceito de expressão estética de Merleau-Ponty, uma vez que, para ele,

A expressão estética confere a existência em si àquilo que exprime, instala-o na natureza como uma coisa percebida acessível a todos ou, inversamente, arranca os próprios signos – a pessoa do ator, as cores e a tela do pintor – de sua existência empírica e os arrebatam para um outro mundo. (*ibid.*, p. 248)

Como vimos no artigo *L'actualité du saussurisme* (2000), a preferência que Greimas diz ser subjetiva, pelos estudos da percepção realizados por Merleau-Ponty, é, na verdade, uma preferência fundada nas abordagens estruturalistas dos dois autores, nas quais ambos dialogam com os postulados saussurianos. Por esta razão, poderíamos considerar que a distinção proposta por Saussure entre significante e significado não seria estranha a Merleau-Ponty. Nesse contexto, parece-nos que o que Greimas procurou fazer, ao adotar a perspectiva merleau-pontyana da percepção, foi uma articulação em sua teoria de ambos os conceitos, de maneira a constituírem uma estrutura que seria capaz de participar a uma metodologia descritiva. Com isso em mente, podemos nos arriscar a dizer que Greimas considera como fato estético aquilo que pode ser apreendido por meio de suas qualidades sensíveis, isto é, por



meio dos sentidos e, conseqüentemente, proporcionar, na terminologia de Merleau-Ponty, uma experiência estética.

Estas relações poderiam justificar, a nosso ver, a própria decisão de Greimas de, após ter apresentado a percepção como sua primeira escolha epistemológica, estabelecer o significante e o significado como os primeiros conceitos operacionais de sua metodologia. Com isso, ao afirmar que “designaremos com o nome de *significante* os elementos ou os grupos de elementos que possibilitam a aparição da significação ao nível da percepção” (GREIMAS, 1976, p. 17, grifo do autor) e que “a explicação dos fatos estéticos se situa atualmente sobretudo no nível da percepção da obra” (*ibid.*, 16), não somente podemos observar a articulação da teoria da percepção proposta por Merleau-Ponty com os postulados saussurianos, como também nos parece razoável estabelecermos uma aproximação entre a noção de significante com os chamados fatos estéticos, reforçando nossa compreensão a respeito da estética como sendo o lugar de investimento dos arranjos dos conjuntos significantes.

Dessa maneira, ao postular que os elementos ou o grupo de elementos que compõem a noção de significante “são reconhecidos, nesse exato momento, como exteriores ao homem” (*ibid.*, p. 17), podemos igualmente procurar realizar uma aproximação da definição de significante explicitada por Greimas, com a frase de Merleau-Ponty (2006, p. 28) na qual afirma que “o visível é o que se apreende *com* os olhos”, pois é, exatamente exterior ao homem. Contudo, o que é igualmente interessante de notar no tópico seguinte, é o que Greimas (1976, pp. 17-18) afirma sobre a classificação dos significantes,

Pelo fato de serem os significantes, segundo essa primeira definição, detectáveis no momento da percepção, em seu estatuto de não-dependência do mundo humano, são eles automaticamente remetidos ao universo natural manifestado ao nível das qualidades sensíveis.

Com isso, o autor acaba por considerar em seu projeto teórico a segunda parte da frase de Merleau-Ponty citada acima, e intencionalmente dividida em duas por nós, na qual prossegue com sua proposição, dizendo que “o sensível é que se apreende *pelos* sentidos”. Com isso, parece-nos que Greimas não somente procura articular os conceitos de significante e significado de Saussure com a ideia de percepção da obra de Merleau-Ponty, como também estabelece uma relação estrutural hipotática no

conceito do significante entre aquilo que é apreendido *com* os olhos e aquilo que é apreendido *pelos* sentidos.

Assim, o significante reuniria em si tanto a ideia do que é apreendido com os olhos como aquilo que é apreendido pelos sentidos, mas que, em razão do caráter da estrutura hipotáxica destas relações, poderíamos compreender que o que é apreendido com os olhos contém em si qualidades sensíveis apreensíveis pelos sentidos. Esta distinção poderia, talvez, fornecer algumas pistas sobre a própria constituição de uma base distintiva para compreender, dentro da perspectiva estruturalista, a relação existente entre os conceitos de estética e de estesia. Entretanto, não iremos enveredar por este caminho neste trabalho, pois além de romper com o caráter diacrônico, tal hipótese teórica não corresponde aos objetivos principais da presente pesquisa.

No entanto, se a respeito do significante podemos estabelecer uma série de relações com o conceito de estética, a definição de significado apresentada por Greimas como sendo “a significação ou as significações que são recobertas pelo significante e manifestadas graças à sua existência” (*ibid.*, p. 17), pelo momento, não remetem a nenhuma articulação ética ou moral. Portanto, nada nos autoriza a estabelecer que a relação significante e significado corresponderia ao par estética e ética.

Contudo, Greimas continua a redação de *Semântica estrutural* e, na busca de melhor definir as bases e as próprias estruturas de sua metodologia, elenca quais seriam as condições para que uma semântica científica possa ver a luz do dia, como reproduzimos abaixo:

[...] ela só pode ser concebida como a união, pela relação de pressuposição recíproca, de duas metalinguagens: uma linguagem descritiva ou translativa, onde as significações contidas na linguagem-objeto poderão ser formuladas, e uma linguagem metodológica, que defina os conceitos descritivos e verifique sua coesão interna. (*ibid.*, p. 24)

Com isso, o que podemos observar nos capítulos que seguem da obra inaugural de Greimas é, a nosso ver, um duplo movimento paralelo, isto é, na medida em que o autor procura investigar o problema da significação e, conseqüentemente, como apreendê-la, valendo-se da linguagem descritiva para dar conta das relações existentes no seu objeto, a necessidade de uma linguagem metodológica se impõe,

auxiliando no próprio processo de construção da terminologia científica, imprescindível para a instauração do formalismo linguístico.

É nesse movimento que Greimas inicia os seus questionamentos quanto à significação, interrogando-se a respeito da estrutura elementar da significação. Para o autor:

A única forma de focalizar, atualmente, o problema da significação consiste em afirmar a existência de descontinuidades, no plano da percepção, e dos espaços diferenciais [...], criadores de significação, sem se preocupar com a natureza das diferenças percebidas. (*ibid.*, p. 27)

Essa passagem que viemos de citar, apesar de se concentrar na ideia da estrutura elementar da significação, evidenciando o papel da percepção na apreensão das descontinuidades e, com isso, a sua participação no processo de descrição da significação, fornece-nos uma informação importante a respeito da abordagem desta camada da análise. Ao afirmar que, neste nível, a natureza das diferenças percebidas não é objeto de interesse, Greimas nos indica que a estrutura elementar da significação não considera, em seus procedimentos metodológicos, a natureza do significante, isto é, pouco importa se as diferenças são de ordem visuais, táteis, auditivas etc., pois, para ele, perceber diferenças corresponde, em nosso entendimento, à noção de valor em Saussure. Nas palavras do autor:

Percebemos diferenças e, graças a essa percepção, o mundo “toma forma” diante de nós, e para nós.  
Mas que significa verdadeiramente – no plano linguístico – a expressão “perceber diferenças”?

1. Perceber diferenças quer dizer captar ao menos dois termos-objetos como simultaneamente presente.
2. Perceber diferenças quer dizer captar a relação entre os termos, ligá-los de um ou de outro modo.

Daí, a primeira definição, aliás utilizada geralmente, do conceito de estrutura: presença de dois termos e da relação entre eles. (*ibid.*, p. 28)

O que nos chama a atenção, na passagem apresentada, é o fato de que ao se referir à percepção na estrutura elementar, Greimas parece desconsiderar a camada que recobre a manifestação, ou seja, o significante como um todo e não somente “a natureza das diferenças percebidas” (*ibid.*, p. 27), como imaginamos anteriormente.

Esta perspectiva, a respeito de uma possível exclusão do significante na análise da significação na estrutura elementar, apresenta-se com maior força e se mostra razoavelmente justificável, a partir do momento no qual Greimas procura definir a noção de *presença*, como ele explica: “quanto à expressão *presença*, não é analisável nesse nível; pois implica, com efeito, o modo de existência dos termos-objetos na percepção” (*ibid.*, p. 28).

Mesmo que consigamos observar que as considerações acerca da expressão “perceber diferenças”, associadas à noção de valor saussuriano, poderiam ser igualmente aproveitadas para o desenvolvimento de uma metodologia descritiva do significante – e que, de fato, parece ser o caso nos trabalhos futuros do autor sobre poética e do ateliê de semiótica visual<sup>88</sup> –, para nós, Greimas aparenta considerar somente a dimensão linguística do significado e da significação.

Esta posição do autor, incluindo a sua compreensão da problemática da expressão “perceber diferenças” em uma possível relação com o significante, como acabamos de destacar, poderia, talvez, ser confirmada quando, um pouco mais adiante em sua obra, ele discorre sobre os diferentes tipos de conceitualização e de captação da significação. Como Greimas (1976, pp. 34-35) nos explica:

Somos obrigados agora a introduzir aqui, por antecipação, a distinção entre dois tipos diferentes de captação e conceitualização possíveis da significação: a significação-imanente e a significação-manifestação, para dissipar a confusão que é inútil manter por mais tempo. A da estrutura elementar, considerada e escrita “em si”, isto é, fora de todo contexto significante, só pode ser binária, e isso não tanto por razões teóricas não elucidadas, que é preciso remeter ao nível epistemológico da linguagem, mas pelo consenso atual dos linguistas.

Desta maneira, conforme as propostas de Jakobson e Brondal apresentadas por Greimas (*id.*), o autor reconhece que a estrutura elementar é articulada em dois semas e que esta relação, configurada pela existência simultânea destes, é definida “pela expressão *categoria sêmica*” (*ibid.*, p. 35, grifos do autor). Com isso, admitindo os dois tipos de significação possíveis, a manifestada e a imanente, e a estrutura

---

<sup>88</sup> Apesar de ensaiar tal construção já em *Semântica estrutural* (1976, p. 42), observaremos a presença desta problemática com maior ênfase a partir do lançamento de *Ensaio de semiótica poética* (GREIMAS, 1972).

elementar, o autor nos explica que “a não existência de um sema não é um sema e só pode ser assinalada ao nível da significação manifestada” (*id.*).

As implicações desta afirmação, quando postas em relação com a passagem citada acima, mostra-nos a construção de dois níveis teóricos distintos, mas relacionados por meio da perspectiva estrutural; em outras palavras, o nível descritivo da língua-objeto e o nível da metalinguagem científica, que pressupõe um sistema formal e coerente de relações. Assim, no nível da manifestação, a percepção permite a apreensão dos traços que estão efetivamente presentes aos sentidos e concretizados pelas qualidades sensíveis dos significantes. No entanto, a partir da perspectiva da significação imanente, a existência de um traço perceptível indica também, no ponto de vista formal, a *presença da ausência* de outro traço que poderia ocupar o lugar daquela marca efetivamente perceptível. Esta reflexão permite que comecemos a entrever o início da construção das articulações semióticas que, como vimos anteriormente, regem a significação ética e moral, ou seja, nestas poucas linhas, começa a ser construída a base da axiologização das categorias sêmicas.

É, portanto, ao falar a respeito da forma e da substância do conteúdo, retomando o exemplo do espectro de cores de Hjelmslev, que podemos visualizar como estas articulações sêmicas, propostas pelo autor, relacionam-se efetivamente com a própria visão de mundo de uma determinada cultura ou sociedade, fato este que englobaria as noções da ética e da moral. Como nos explica Greimas (*ibid.*, p. 37):

Estas articulações sêmicas diferentes – que caracterizam, é claro, não somente o espectro das cores, mas um grande número de eixos semânticos – são apenas categorizações diferentes do mundo, que definem, em sua especificidade, culturas e civilizações.

Este entrelaçamento teórico parece, com isso, confirmar nossa posição inicial com relação à afirmação de que a ética realizar-se-ia na estrutura elementar da teoria semiótica e, em específico, por meio das axiologizações das categorias sêmicas que, ao configurarem as visões de mundo de diferentes culturas e civilizações, permitem depreender, como já havia demonstrado Greimas em *Mitologia comparada* ([1963]/1975a), diferentes valorizações morais e éticas. Tal proposição – que entende que a justaposição das categorias sêmicas com a articulação axiológica permitiria a sua aproximação com as noções de ética e moral –, parece-nos ser confirmada pelo

autor somente no final de *Semântica estrutural* e, em particular, ao discorrer que “as categorias sêmicas constituem, por si mesmas, a rede taxinômica subjacente ao conjunto do modelo que, por ser conotado inteiramente pela categoria proprioceptiva, aparece como um modelo axiológico (GREIMAS, 1976, p. 296).

Com estas questões, a respeito das relações entre significante e significado e entre forma e substância, apresentando-se de maneira cada vez mais frequente em sua redação, é no capítulo intitulado *Linguagem e discurso* (GREIMAS, 1976, pp. 42-52) que o autor parece buscar começar a discorrer sobre os modos de existência e de análise destes componentes dentro da perspectiva de uma estrutura de significação. Para isto, parece-nos que ele retoma a distinção anteriormente apresentada por ele acerca dos dois tipos de significação: a significação manifestada e a significação imanente, definindo, portanto, o lugar da significação-manifestação no acontecimento-comunicação. Como afirma Greimas (*ibid.*, p. 42):

As estruturas da significação, como acabamos de definir, manifestam-se (isto é, oferecem-se a nós quando do processo da percepção) na comunicação. Esta, com efeito reúne as condições de sua manifestação, pois é no ato de comunicação, no *acontecimento-comunicação*, que o significado encontra o significante. (grifos do autor)

Sendo assim, explica Greimas, “esta junção do significante e significado – ou do plano da expressão e plano do conteúdo, se adotarmos a terminologia dinamarquesa – faz aparecer as unidades mínimas do discurso: o *fonema* e o *lexema*” (*id.*). É interessante notarmos que, para o autor, a comunicação corresponderia à noção de função semiótica de Hjelmslev e que, em um primeiro momento, ele não realiza nenhuma distinção entre os pares conceituais do significante e do significado e do plano da expressão e do plano do conteúdo, porém nos alerta para o fato de que “a oposição da forma e da substância se acha, assim, inteiramente situada dentro da análise do conteúdo” (*ibid.*, p. 37).

Esta afirmação não quer dizer, em nosso entendimento, que o plano da expressão não possua uma forma e uma substância específicas, mas que qualquer abordagem analítica a respeito dos componentes da expressão é já uma análise de conteúdo, e não mais, como nossa intuição poderia nos levar a pensar, uma análise puramente da expressão.

Com isso, se por um lado pode parecer contraditório – na acepção ingênua do termo – pensar que qualquer análise da forma e ou da substância da expressão já é, de uma certa maneira, uma análise do conteúdo. Por outro lado, ao considerarmos a noção de percepção de Merleau-Ponty (2006, p. 28), na qual “o sensível é apreendido *pelos* sentidos”, e retomarmos que o significante é “manifestado no nível das qualidades sensíveis” (GREIMAS, 1976, p. 18), qualquer análise do plano da expressão que não seja pelo *sentir* destas qualidades, parece-nos, com efeito, uma análise, ou da forma ou da substância da expressão; e, portanto, “situada dentro da análise do conteúdo” (*ibid.*, p. 37). A justificativa do autor para tal asserção é que:

[...] o registro das separações diferenciais ao nível da expressão, por mais seguro e exaustivo que seja, não constituirá jamais senão um sistema de exclusões e não trará nunca a menor indicação sobre a significação. Em outras palavras, as separações de significação não se deduzem a partir das separações de significante; e a descrição semântica provém de uma atividade metalinguística situada num outro nível e obedecendo às leis de articulação estrutural da significação, que aparecem como constitutivas de uma espécie de lógica linguística imanente. (*ibid.*, p. 44)

Estas relações poderiam, assim, explicar a afirmação de Greimas ao sublinhar que:

Nenhuma classificação de significados é possível a partir dos significantes, qualquer que seja o estatuto desses últimos. A significação, conseqüentemente, independe da natureza do significante pelo qual se manifesta. Afirmar, por exemplo, como ocorre frequentemente, que a pintura comporta uma significação pictórica ou que a música possui uma significação musical não tem sentido algum. A definição de pintura ou música é de ordem do significante e não do significado. As significações que estão eventualmente aí contidas são simplesmente humanas. Poderíamos dizer no máximo que o significante, tomado em seu todo, comporta um sentido global “pintura” ou “música” (*ibid.*, p. 19).

Desta maneira, podemos notar que Greimas parece reiterar a distinção entre os planos da manifestação e da imanência: aquele, apreensível por meio da percepção das qualidades sensíveis do significante e considerado no plano metodológico enquanto língua-objeto; e este, tomado como uma estrutura subjacente à manifestação, que permite o depreendimento, por meio de uma metalinguagem científica fundada em uma rede de relações internas formais, das categorias sêmicas.

No entanto, o que nos chama a atenção é a constatação que Greimas realiza a respeito da possibilidade da análise do significante, considerado, até então, como indissociável do significado no conceito do signo linguístico de Saussure. Como destaca o autor, “esta constatação – segundo a qual a análise do significante é impossível sem referência ao significado e vice-versa – não deve ser a *ultima ratio* de sua aproximação” (*ibid.*, p. 42).

Ora, tal afirmação não somente vai de encontro com o problema exposto anteriormente a respeito da expressão “perceber diferenças”<sup>89</sup> e sua relação com o significante, mas também abre a possibilidade para que este, a partir das noções estruturais de forma e de substância, possa ser igualmente analisado pela mesma metodologia descritiva associada ao significado, levando em consideração, evidentemente, que qualquer análise do significante, seja da forma ou da substância, consiste em uma análise do conteúdo. O próprio autor reconhece tal abordagem ao afirmar que:

A análise dos dois planos deve, pois, ser conduzida, embora pelos mesmos métodos, separadamente, e deverá visar ao estabelecimento da existência de *femas* para o significante, e de *semas* para o significado, unidades mínimas dos dois planos da linguagem. (*ibid.*, p. 43, grifos do autor)

Além disso, observamos que, com estas posições epistemológicas, Greimas acaba por se distanciar das propostas de Saussure, pelo menos em duas abordagens, isto é, (1) na medida em que mostra a possibilidade de uma autonomia do significante com relação ao significado; e (2) ao fazer a aproximação das noções de significante e de significado saussurianos com o plano da expressão e o plano do conteúdo, propostos por Hjelmslev como desenvolvimentos da teoria de Saussure, uma vez que não consta nos escritos deste menções às estruturas da forma e da substância relacionadas ao significante e ao significado.

Contudo, este distanciamento parcial não representa, necessariamente, um prejuízo para o projeto teórico de Greimas. A nosso ver, esta posição apresenta, até mesmo, um efeito contrário que aquele do prejuízo, pois o autor, ao levar em conta o nível do processo, isto é, o nível da comunicação, não somente reitera a possibilidade de se analisar separadamente o par conceitual do significante e do significado, mas

---

<sup>89</sup> Vide páginas 129 e 130 da presente pesquisa.



também a contribuição que esta escolha teórica apresenta no quadro do estudo da significação, uma vez que esta autonomia nos permite o estabelecimento das correlações, bem como o depreendimento das isotopias presentes no acontecimento-comunicação, sem que desconsideremos a existência de um ou de outro.

A junção do significado e do significante, uma vez realizada na comunicação, é, pois, destinada a ser dissolvida a partir do momento em que se quer progredir, por pouco que seja, na análise de um ou outro plano da linguagem. O que é necessário reter é a possibilidade e a necessidade de utilizar o significado para o estudo do significante e do significante para o estudo do significado. É esse, aliás, o papel que atribuímos aos termos-objetos. (*id.*)

Estas escolhas teóricas e metodológicas de Greimas, a nosso ver, evidenciam que, se por um lado apresentamos que no nível do enunciado a estética aparece como os arranjos dos significantes responsáveis pela concretização, no nível da manifestação, da ética; por outro lado, tanto esta ou aquela noção podem ser consideradas como uma estrutura de significação. Tal perspectiva permite, então, que possamos realizar estudos, seja da significação-manifestação seja da significação-imanente, possibilitando o aprofundamento ora na problemática da estética, ora nas questões éticas, sem que isso comprometa a estrutura teórica da metodologia, pois tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo partilham as mesmas relações teóricas internas, isto é, a forma e a substância.

Outra vantagem fornecida pela abordagem proposta por Greimas consiste no fato de que, mesmo sendo analisados separadamente, em razão de partilharem da mesma metodologia e por possuírem a mesma constituição estrutural – forma e substância –, os resultados obtidos, por um e por outro, podem ser correlacionados, auxiliando assim a depreender a significação das estruturas com maior eficiência, como já destacou o autor em texto precedente (GREIMAS, 1963) e como reforça na seguinte passagem:

A superioridade desta lógica em relação a qualquer outra lógica possível consiste apenas na possibilidade de verificação, isto é, do ato de correlacionar o sistema de significações positivas, construído pelo descrevente, com o sistema de exclusões constituído através do registro de separação do significante. (GREIMAS, 1976, p. 44)

Com isso, ao tomarmos a estética como o lugar de investimentos dos arranjos e das articulações do significante e a ética como o lugar dos investimentos axiológicos de categorias sêmicas, observamos que, da mesma maneira que o encontro do significante e do significado constituem, para Greimas, a comunicação (*ibid.*, p. 42), arriscamos a dizer que a junção da estética com a ética compõe a concretização do discurso, independentemente do seu modo de existência, ou seja, podendo ser um discurso musical, textual, verbal, visual, arquitetônico e até mesmo uma prática de um sujeito ou de um determinado grupo de sujeitos em uma dada cultura ou sociedade. Nesse contexto, “o plano do discurso, de acordo com o tipo de relações utilizadas, manifesta tanto o modo de existência paradigmática quanto o de existência sintagmática” (*ibid.*, p. 56).

Nas páginas que seguem de *Semântica estrutural*, Greimas se aprofunda ainda mais na construção das estruturas elementares da significação, explorando as noções de sema, enquanto unidade mínima da significação, e de lexema, como a manifestação dos investimentos sêmicos. Assim, levando em consideração que o lexema corresponde a menor unidade do discurso no plano do conteúdo (*ibid.*, p. 42) e que a exploração teórica que precede, consiste na tentativa de mostrar como um conjunto de traços sêmicos podem participar de diferentes lexemas, constituindo assim o que o autor chama de eixo sêmico, parece-nos que nos aprofundar nestas considerações iria nos conduzir a um distanciamento do nosso tema de pesquisa.

Da mesma maneira, ao procurar mostrar como a manifestação de um lexema qualquer comporta em si uma estrutura elementar composta por semas que o constituem enquanto unidade de significação, entendemos que a abordagem detalhada destas relações em nossa pesquisa não nos levaria a outro lugar que não fosse o distanciamento de nosso objetivo. Mesmo que tais explorações teóricas apresentem, como de fato o fazem, considerações importantes para a constituição da metodologia, em especial ao tratar da descrição do lexema “*tête*” a partir dos semas que remetem aos traços distintivos do plano da expressão, como por exemplo, a esfericidade, a extremidade, a superatividade, e ainda explicitar as definições dos sememas, de figuras nucleares e dos classemas, não abordaremos estes desenvolvimentos em muitos detalhes.

Contudo, ainda que não especifiquemos alguns dos componentes teórico-metodológicos pelas razões acima mencionadas, parece-nos imprescindível destacar a emergência do chamado nível semiológico e a relação que ele entretém com o

projeto científico de Greimas; que, nesse ponto, começa a se apresentar de maneira estruturada e com seus primeiros conceitos formais instaurados. A razão pela qual escolhemos abordar este nível decorre, como veremos adiante, exatamente do fato das articulações e da relação que ele estabelece com o plano da expressão e com a percepção. Com efeito, esta parece ser, a nosso ver, a primeira tentativa teórica-analítica de Greimas visando estabelecer uma metodologia capaz de articular a estética no que seria posteriormente chamado de semiótica.

Sendo assim, a primeira observação a respeito do nível semiológico que o autor realiza e que devemos levar em consideração é que, contrariamente ao nível semântico, que consiste em “uma classe autônoma de semas, que tenham as funções originais na organização do discurso” (*ibid.*, 72) e que “garante a isotopia das mensagens e dos textos” (*ibid.*, p. 73) por meio da reiteração de diversos classemas ao longo do texto (*id.*), o nível semiológico é o conceito operacional que reúne o conjunto dos semas que, “na manifestação, são formadores de figuras nucleares” (*ibid.*, p. 68).

Compreendendo, portanto, que “os dois níveis, considerados em conjunto, constituem o universo imanente da significação, anterior por direito à manifestação de seus elementos constitutivos” (*ibid.*, p. 75), podemos notar que, enquanto o nível semântico garante a coerência formal interna por meio dos classemas, constituindo assim uma metalinguagem científica estrutural e abstrata, composto “de categorias que não tem nenhuma relação com o mundo exterior tal como é percebido e que são pressupostas até mesmo pela categorização do mundo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 401); o nível semiológico é, “como a linguagem em geral, apreensível dentro da percepção e deve apenas as articulações distintivas de sentidos *negativos* à realidade exterior, que aí se manifesta enquanto forma da expressão” (GREIMAS, 1976, p. 76, grifo do autor).

Para evitar de nos tornar redundantes ao apresentarmos as diferentes noções e articulações que o autor confere ao nível semiológico, pois as definições vão sendo construídas na medida em que Greimas avança nas suas reflexões, tentaremos efetuar uma condensação do elementos necessários para compreender este conceito operacional e, com isso, poder mostrar como ele já articula, mesmo que de maneira incipiente, a estética na metodologia. Dito isso, se recuperarmos, por exemplo, as definições a respeito da figura nuclear, poderemos observar as relações destacadas acima com maior objetividade. Sendo assim, como nos explica Greimas (*ibid.*, pp. 67-

68), a reunião hierarquizada dos semas, que constitui um determinado lexema, compõe a chamada figura nuclear, que pode ser tanto simples quanto complexa. Nas palavras do autor:

Designaremos esse núcleo sêmico, caracterizado por relações hierárquicas entre os semas que o constituem e que não ultrapassam as dimensões de um lexema, como uma figura nuclear simples. Se ao contrário, as relações hierárquicas entre os semas se estenderem a dois ou vários lexemas de um sintagma, como é notadamente o caso para as sequências do tipo *tête d'un arbre*. (grifos do autor)

Para ilustrar tal relação, Greimas acaba sublinhando os núcleos sêmicos que compõem a figura nuclear do lexema *tête*, como segue na equação abaixo:

*tête = extremidade + superatividade + esfericidade*

Neste exemplo construído pelo autor, parece-nos possível visualizar de maneira mais objetiva que o lexema *tête*, mesmo sendo analisado no contexto linguístico, é composto por diversos núcleos sêmicos que correspondem as qualidades que se inserem no interior da percepção, as quais encontram-se presentes manifestadas no mundo natural, destacando-se exatamente pelo sentido negativo (*ibid.*, 76). Assim, a figura nuclear, também denominada neste caso como figura sêmica (*ibid.*, p. 87), consiste nesta relação de núcleos sêmicos que, por sua vez, constroem o lexema no discurso, como se “desenhasse” a sua significação em unidades elementares de sua articulação, fundamentadas em categorias oriundas do nível da percepção. Desse modo, o lugar de reunião destes semas, que traduzem (*ibid.*, p. 20) e articulam aquilo que é apreendido por meio da percepção em unidades elementares da significação, é, com o efeito, o nível semiológico; de maneira que, “o modelo semiológico comporta as categorias sêmicas que correspondem às diversas ordens de percepção: táctil, espacial, aspectual” (*ibid.*, 85). Com isso:

Situados no processo da percepção, as categorias semiológicas representam, por assim dizer, sua face externa, a contribuição do mundo exterior ao nascimento do sentido. Consideradas sob esse ângulo, elas parecem isomórficas às *qualidades* do mundo sensível e comparáveis, por exemplo, aos *morto-fonemas* de que se compõem a linguagem gestual. (*ibid.*, pp. 87-88).

A partir do que viemos de apresentar, em nosso entendimento, não nos resta dúvida alguma de que o papel desempenhado pelo, assim chamado, nível semiológico, na metodologia desenvolvida por Greimas, corresponde a um conceito operacional revestido de um inventário morfo-semântico capaz de articular o que se encontra no campo da percepção, isto é, em relação exteroceptiva (*ibid.*, p. 89), em unidades elementares da significação. Este tipo de abordagem garante, desta maneira, o caráter neutro da metodologia, reiterando a proposta de Greimas ao afirmar que “a semântica, que se pretende uma ciência humana, procura descrever valores e não postulá-los” (*ibid.*, p. 79).

Isto posto e considerando, como temos feito desde o princípio desta pesquisa, a estética como o lugar de investimento dos arranjos e das articulações dos significantes, podemos sugerir que ela assume, assim como o nível semiológico, a configuração formal de um conceito operacional, exatamente pelo fato de representar uma posição teórica que é investida dos valores das qualidades sensíveis. Assim, da mesma maneira que o nível semiológico concentra um inventário morfo-semântico, a estética concentra a articulação dos arranjos significantes manifestados, de modo que “a descrição, para passar das figuras aos sistemas sêmicos e, daí, às ordens semiológicas, deve tomar de empréstimo os procedimentos próprios a qualquer análise e constituídos pelas etapas sucessivas de inventário, redução e estruturação” (*ibid.*, p. 92). Temos, com isso, as definições das primeiras articulações teóricas e metodológicas da estética naquilo que virá a ser a semiótica. Neste contexto, um pequeno parêntese se faz necessário para que evitemos de ser mal interpretados, mesmo que com isso incorramos em uma pequena ruptura de nossa diacronicidade.

Se considerarmos, como Greimas explicita, a passagem das figuras aos sistemas sêmicos e, após, às ordens semiológicas, poderíamos imaginar que a estética estaria associada apenas ao componente teórico destas figuras do mundo das quais fala o autor, pois pela lógica, seriam nestas figuras que os arranjos e as articulações dos significantes se encontrariam instaladas no momento da manifestação. Entretanto, é preciso destacar que tal interpretação é falsa e induz a uma compreensão reducionista da teoria, pois, como veremos mais adiante, as mesmas categorias morfo-semânticas do nível semiológico serão retomadas pelo autor para tratar do problema da análise entre o figurativo e o não figurativo.

Dito isto, podemos, então, retomar o caráter diacrônico de nosso trabalho e seguir para o capítulo no qual é explorada a noção de isotopia e como este conceito

engendra uma articulação entre o nível semiótico e o nível semântico. Se considerarmos a isotopia como sendo “a permanência de uma base classemática hierarquizada, que permite, graças à abertura dos paradigmas que são as categorias classemáticas, as variações das unidades de manifestação, variações que, em vez de destruir a isotopia, ao contrário a confirmam” (*ibid.*, p. 128), poderíamos, em uma primeira leitura, incorrer no erro de afirmar que, por se tratar de uma base classemática que é reiterada no discurso, ela diria respeito somente ao nível semântico. Entretanto, cabe lembrarmos que estamos tratando de uma teoria que partilha dos princípios do estruturalismo e que, em decorrência disto, nenhum dos conceitos apresentados por Greimas existe de maneira isolada, ao contrário, encontram-se sempre em relação com a própria estrutura teórica.

Sendo assim, uma segunda leitura da definição apresentada nos permite visualizar, então, que a manutenção desta base classemática, que constitui a isotopia, possui uma relação com as variações dos componentes, ou melhor, das figuras manifestadas no nível do discurso. É por esta razão que Greimas afirma que, “para melhor situar os problemas relativos ao nível semântico do conteúdo, é necessário retornar à manifestação da significação e aí procurar as condições estruturais do funcionamento do discurso” (*ibid.*, p. 93). Em vista disso, parece-nos que é exatamente na construção dessa relação entre uma base classemática e as figuras do discurso que podemos observar, além de uma articulação da metodologia com a estética, o princípio da articulação dos investimentos de valores no discurso e é precisamente esta relação que buscaremos explorar neste momento. Tentaremos melhor explicitar esta relação nos parágrafos que seguem e, com isso, observar se a correspondência entre nível semiológico e nível semântico constitui, de alguma maneira, uma primeira articulação da estética e da ética na metodologia de Greimas.

Nesse contexto, após ter explorado os semas que compõe o nível semiológico de análise, relacionando-os com a tradução do que se encontra no interior da percepção, Greimas reconhece que a utilização somente do campo morfo-semântico e das categorias morfológicas não nos permitiria extrair da manifestação sua significação isotópica. Se adotássemos tal postura, rapidamente perceberíamos que a heterogeneidade das linguagens, das figuras e dos discursos colocar-se-iam como problemas, sobretudo no que diz respeito a unidades maiores de significação e devido à natureza heteroclita dos diferentes significantes e manifestações, pois, como afirma

Greimas, o discurso “contém, efetivamente, no momento em que se tenta compreendê-lo, elementos aparentemente contraditórios” (*id.*).

É, portanto, em decorrência destas limitações a respeito da análise das figuras e da morfo-semântica, que o autor afirma que:

É necessário não esquecer entretanto que as categorias morfológicas não constituem, do ponto de vista do plano do conteúdo, senão um agrupamento limitado de classemas, e que, por outro lado, mesmo se, numa certa medida, são constitutivas da isotopia de mensagens sintaticamente delimitadas, tais categorias não são suficientes para dar conta nem da isotopia, nem das variações isotópicas das *grandes unidades estilísticas* do discurso, nem do discurso em sua totalidade. (*ibid.*, p. 94, grifos do autor)

Deste modo, buscando meios de analisar formalmente as manifestações maiores que a figura nuclear, que, como o próprio autor admite, já constitui de certa maneira uma isotopia, Greimas recorre ao uso dos conceitos de expansão e de contração. Tomando a expansão como uma “propriedade sintática do discurso que permite a adjunção de determinações sucessivas graças aos termos manifestados uns após os outros”, como, por exemplo, podemos encontrar no dicionário, no qual um lexema permite a expansão de sua manifestação em uma unidade sintática maior, e a contração como o processo inverso, o autor considera definir a expansão como a *definição discursiva*. Nas palavras de Greimas (*ibid.*, p. 98):

É assim que a expansão, se nos colocamos do ponto de vista geral não mais linguístico, mas unicamente semântico, encontra sua expressão, na medida em que está circunscrita no quadro das unidades sintáticas que não ultrapassam os limites da frase, na definição *latu sensu* dessa palavra, no que poderíamos talvez chamar, para evitar qualquer equívoco, a *definição discursiva*. (grifos do autor)

O fato de correlacionar os processos de expansão e de contração (ou condensação), observando como o discurso pode ampliar seus limites, sem que com isso perca a significação do lexema “de origem”, permite imaginar que uma sequência de contração é igualmente possível. É nessa direção que a definição discursiva, enquanto expansão, relaciona-se com a definição lógica, pressuposta pela existência do lexema no qual se inicia o processo de expansão, “só que, ao invés de ser limitativa e unívoca como esta última, ela é livre e aproximativa”. Este caráter livre e

aproximativo da expansão, que garante a isotopia pelo compartilhamento de alguns semas, permite que, assim como um lexema – que pode se expandir em diferentes unidades sintáticas, como por exemplo suas múltiplas definições no dicionário –, o discurso possa se manifestar com um inventário de figuras e articulações diversas, sem que haja um esgotamento e nem uma distorção do nível semântico da definição lógica. Entendemos que é isto que o autor busca explicitar ao afirmar que, “a sequência em expansão, que se pretende equivalente do semema que ela define, não esgota jamais o inventário sêmico deste, mesmo que comporte um certo número de semas em comum com ele” (*ibid.*, 100).

Com isso, expansão e condensação poderiam corresponder respectivamente ao processo de produção e de apreensão da significação. Enquanto aquela é responsável pelo desdobramento do discurso em unidades sintáticas cada vez maiores, esta, ao contrário, encarrega-se de decodificar os denominadores comuns da manifestação expandida. Dessa maneira, é possível observar a correlação entre os pares conceituais da expansão e da condensação, com a definição e a denominação (*ibid.*, p. 101). Esta relação é, portanto, explicitada por Greimas ao dizer que:

Em outras palavras, se reconhecemos na expansão um dos modos do funcionamento metalinguístico do discurso, ela tem como corolário a *condensação*, que deve ser compreendida como uma espécie de decodificação compressiva das mensagens em expansão. (*ibid.*, p. 100, grifo do autor)

Partindo, então, destas considerações a respeito da possibilidade de expansão e de contração de um discurso, Greimas destaca que os classemas, pertencentes ao nível semântico, poderiam desempenhar um papel que vai além daquele de assegurar uma “linearidade semântica, relativamente homogênea, do discurso” (*ibid.*, p. 106). Como o autor sublinha, esse caráter elástico do discurso “faz aparecer pouco a pouco um novo papel atribuível aos classemas: o de constituir o quadro da organização do universo semântico” (*ibid.*, p. 106). Desta maneira, os pares conceituais da expansão e da contração, bem como os da definição e da denominação, permitiram que Greimas observasse, independente da extensão do discurso, a existência imanente de uma mesma unidade de conteúdo e que se tornava apreensível justamente em decorrência da reiteração de semas idênticos. Notamos que, com essa abordagem, estamos



pouco a pouco nos distanciando do universo manifestado para adentrar cada vez mais no universo semântico. Consequentemente, o aparecimento destas relações nos faz pensar que, ao buscarmos explorar a noção de ética como sendo um conceito operacional no qual se situam as axiologizações das categorias semânticas, começamos a nos aproximar das articulações metodológicas que compõem tal definição.

Posto isto, com o auxílio dos exemplos fornecidos por Greimas ao longo do capítulo, é possível notar que a exploração do nível semântico permitiu a apreensão da existência de reiterações de certos semas, independentemente da expansão ou da condensação do discurso e é, precisamente, no esforço de compreender a organização destes semas que o autor desenvolve o conceito de semema construído (*ibid.*, p. 114). Este, por sua vez, nada mais é que a condensação dos semas extraídos do discurso, permitindo, assim, a visualização da isotopia das unidades manifestadas, sem que estabeleça uma relação direta com estas, assegurando, ao mesmo tempo, a autonomia tanto do nível semiológico quanto do nível semântico. Nas palavras de Greimas (*id.*):

O conceito de “semema construído” libera assim a descrição do conteúdo dos últimos vínculos que esse último poderia ter com a manifestação discursiva: o semema assim concebido é uma unidade de conteúdo, independente de sua cobertura lexicêmica e de seu contorno contextual.

Tendo precisado as conceituações necessárias, podemos, neste momento, explorar as relações existentes entre os componentes apresentados e buscar evidenciar as respectivas implicações na articulação da estética e da ética na metodologia semiótica, sem com isso esgotar as articulações, mas sim apresentar um panorama geral condizente com o desenvolvimento da teoria até o presente capítulo. Sendo assim, é preciso lembrar que ao definir a percepção como o início do processo de análise e onde reside a significação, Greimas procurou conceber uma metodologia descritiva capaz de decodificar aquilo que se encontraria no campo perceptivo, em uma linguagem formal; que, por sua vez, necessitaria de uma metalinguagem científica para dar conta de instaurar uma coerência interna entre os

termos<sup>90</sup>. Nesse desenvolvimento, além de definir os limites da análise e de construir os primeiros conceitos da teoria, o autor sublinhou a existência de dois níveis distintos, o nível semântico e o nível semiológico, para buscar dar conta da análise dos dois planos da linguagem – o plano do conteúdo e o plano da expressão.

Dessa maneira, compreendendo que “se a descrição é a tradução de uma língua-objeto numa linguagem descritiva” (*ibid.*, p. 25) e que “essa tradução deve ser adequada” (*id.*), isto é, “deve aderir à realidade, que é, para nós, o nível da língua objeto” (*id.*), o nível semiológico se apresenta, então, como uma tradução da realidade<sup>91</sup> percebida. Em decorrência destas considerações, Greimas estabelece unidades descritivas do nível semiológico, os semas, que buscam evidenciar as articulações sêmicas encontradas no nível da percepção, adotando para a nomenclatura da reunião destes semas, que compõem uma determinada manifestação, a definição de figura nuclear.

Nesse contexto, como procuramos evidenciar mais acima, o nível semântico surge como o conceito operacional responsável por organizar os semas da figura nuclear e a totalidade do discurso, de maneira que o analista seja capaz de observar reiterações sêmicas cuja contração resultará no semema construído.

A coerência interna deste processo analítico, que parte desde o estabelecimento do nível semiológico, com a definição dos semas da figura nuclear, até a sua redução no nível semântico, com depreendimento dos classemas, que organizam e classificam os semas anteriores em novas categorias – estas mais gerais e sem relação direta com a manifestação –, é destacado por Greimas ao perceber que, buscando explicitar um dos termos, acaba-se precisando também o papel do outro. Como explicita o autor:

Precisa-se igualmente o papel dos elementos semiológicos: estes têm por função reduzir a excessiva generalidade do quadro classemático, servindo de especificadores de classe, de subclasse e finalmente de cada ocorrência sêmica. Se a especificação máxima, devido à consideração em que se leva a figura nuclear inteira, dá conta da unicidade de cada semema, novos elementos de ordem se manifestam já, sob a forma de semas comuns a várias

<sup>90</sup> Permitimo-nos de não retomar as longas explicações do autor a respeito dos diferentes níveis metalinguísticos necessários para se construir uma metalinguagem científica coerente. Entretanto, lembramos que tais explorações podem ser encontradas nos capítulos de *Semântica estrutural* intitulados “A semântica como linguagem” (GREIMAS, 1976, pp. 23-24) e “O nível epistemológico” (*ibid.*, pp. 24-26).

<sup>91</sup> O termo *realidade* é utilizado aqui com a ideia de efeito de sentido de realidade, por este motivo escolhemos utilizar a expressão *realidade percebida*.

denominações ou a várias definições, para constituir, como vimos, agrupamentos de núcleos. (*ibid.*, p. 115)

São estes semas comuns, pertencentes ao nível semântico, que permitem a observação de uma isotopia independentemente do tamanho da unidade sintática analisada. São eles, também, que possibilitam, a partir desta organização na qual os núcleos sêmicos encontram-se reunidos, visualizar como se dá o processo de articulação de um determinado conteúdo, de maneira que sua manifestação seja ou mais da ordem da definição ou da ordem da denominação, isto é, com uma figura nuclear mais denotativa ou mais conotativa, ou ainda, mais figurativo ou menos figurativo. As diferentes possibilidades de manifestação de um determinado conteúdo, visualizadas graças ao conceito de expansão dos semas, conduz Greimas a conjecturar a respeito de uma nova perspectiva analítica, como ele mesmo declara: “uma nova ordem de análise, esta de ordem estilística, pode por conseguinte, ser tentada: procuraria ela estabelecer isotopias semiológicas e constituir classes de figuras nucleares” (*id.*).

Contudo, apesar de visualizar um possível desdobramento analítico a partir da organização destas unidades condensadas provenientes do nível semiológico, Greimas acaba recusando de seguir este caminho, porém, sem descartar um possível retorno a esta problemática. Com isso, é necessário sublinhar que tal recusa não ocorre sem a existência de uma razão justificável:

Embora recusemos enveredar, no momento, nessa direção, temos, no entanto, que indagar se não existe um denominador comum a toda classe de elementos específicos que permitem justificar a escolha dos núcleos à primeira vista heteróclitos, chamados a desempenhar o mesmo papel no semema construído. (*id.*)

Esse denominador comum, para Greimas, é constituído pelo par conceitual da euforia e da disforia, levando os diferentes sememas construídos, que asseguram a isotopia de um texto, a pertencerem a uma destas duas categorias sêmicas. Contudo, o que nos chama a atenção é que, ao afirmar o caráter disfórico de alguns elementos semiológicos, o autor discorre sobre a natureza distinta de tal categoria sêmica: “diríamos que tudo se passa como se, ao nível da percepção onde situamos essas

figuras, uma *categoria subjetiva, proprioceptiva*, viesse a seu encontro para binarizá-las numa espécie de *a priori* integrado na própria percepção” (*ibid.*, 116).

Ora, a nosso ver, ao explicitar que a categoria do eufórico e do disfórico aparece como uma “espécie de *a priori* integrado na própria percepção” (*id.*), estamos, com efeito, deparando-nos com o princípio da axiologização das categorias semânticas que, como buscamos especificar anteriormente, constitui pontualmente a articulação da ética e da moral na teoria semiótica. Além disso, notamos igualmente que, esta articulação formal proposta por Greimas, que nos conduz à existência dessa valorização apriorística fundada na categoria do eufórico e do disfórico, parece-nos permitir a retomada da dupla perspectiva da qualificação, já abordada no seu artigo precedente intitulado *A mitologia comparada* ([1963]/1975a), isto é, a qualificação valorizante e a qualificação simples. Nesse contexto, esta valorização *a priori* corresponderia, como procuramos sublinhar em páginas anteriores<sup>92</sup>, à noção de sistema, ou ainda, à virtualidade das valorizações que constituem uma determinada cultura ou um estilo de vida, por exemplo, do dândi, tornando-se realizadas no momento da percepção e/ou da prática.

Entretanto, apesar de estabelecermos tais relações teóricas e considerarmos este ponto de grande importância na teoria semiótica, em particular pelos desdobramentos em nossa pesquisa, Greimas não explora em profundidade as implicações da inserção do que ele chama de categoria proprioceptiva, isto é, da categoria da euforia e da disforia. O autor se limita, apenas, a dizer que, “a importância dessa categoria proprioceptiva na organização dos microuniversos significantes valorizados não necessita ser salientada” (GREIMAS, 1976, p. 116). Será somente no último capítulo de seu livro que o autor retomará a importância analítica da categoria euforia vs disforia, relacionando-a diretamente com sua relevância para o depreendimento dos caracteres axiológicos e ideológicos. Podemos constatar isto na passagem na qual ele destaca que:

Quase nos esquecemos de introduzir, nesse lugar, a categoria proprioceptiva “euforia” vs “disforia”, que conota o conjunto da manifestação: sua presença é indispensável para conferir os caracteres axiológico e ideológico aos modelos que poderão ser descritos a partir do corpus dado. (*ibid.*, p. 293)

---

<sup>92</sup> Nós tratamos a respeito da correspondência teórica entre a qualificação valorizante e a qualificação simples em relação às noções de sistema/virtual e de processo/realizado nas obras de Greimas, nas páginas 113 e 114 desta pesquisa.

Todavia, essa noção apriorística que indica a presença de um sistema de valores pode, em alguns casos, mostrar-se frágil e até mesmo ineficiente, sobretudo do ponto de vista metodológico, uma vez que, “os procedimentos de análise são, por definição, destinados a prescindir do saber inato” (*ibid.*, p. 118). Ao afirmar isto, Greimas não pretende descredenciar a existência deste sistema virtual no qual as axiologizações se encontram previamente determinadas – até porque este seria, aparentemente, o *modus operandi* de uma cultura –, mas sim testar os limites de tal abordagem, em especial, com relação a outros tipos de expansão. Como Greimas explicita:

Nossas preocupações caracterizam-se até agora pela pesquisa das equivalências entre as sequências de dimensões desiguais do discurso: os procedimentos que acabamos de propor devem permitir enfrentar as dificuldades bastante numerosas relativas a existência, no discurso, de todas as espécies de locuções e de circunlocuções “figuradas” e perifrásticas, conduzindo todas elas a um plano isotópico de significações. Entretanto, outros tipos de expansão e, por isso mesmo, de definição, ainda não estudados, são possíveis: eles tornam mais difícil o estabelecimento das equivalências, talvez até impossível. (*ibid.*, p. 117)

Com estas palavras, parece-nos que Greimas de maneira alguma invalida o procedimento descritivo e analítico anterior, nem mesmo a existência dessa categoria sêmica apriorística da euforia e da disforia. Em nosso entendimento, é exatamente o contrário, pois tal crítica comporta em si um ensaio da prática analítica que o autor visa realizar, no qual a existência de um sistema de valores se mantém, assim como são mantidas, conseqüentemente, as axiologizações das categorias sêmicas. Contudo, é a vasta possibilidade de expansão destas categorias, ofertada por meio das diversas linguagens, que impõem um problema metodológico. Ao se referir a estes problemas, Greimas parece considerar, em particular, os “microuniversos poéticos, mitológicos, oníricos etc.” (*ibid.*, p. 120), cuja significação se manifesta, de acordo com o autor, “muito frequentemente de maneira oblíqua” (*id.*).

Desta maneira, para dar conta das diversas possibilidades de expansão dos textos, sem com isso incorrer no problema da subjetividade analítica por parte do descritor, Greimas procura especificar a perspectiva a ser adotada pelo analista, admitindo o caráter idioletal do texto, que permite, além da consideração do texto como um todo de significação, considerá-lo como o lugar no qual, “efetivamente, as

denominações contidas no texto são determinadas pelas definições que estão presentes nele, e unicamente por elas, de tal modo que o texto constitui um microuniverso semântico fechado em si mesmo” (*ibid.*, p. 125). Partindo destas considerações, poderíamos até mesmo nos arriscar a dizer que é esse caráter idioletal, atribuído por Greimas à abordagem do objeto de estudo em sua metodologia, que garante que o texto seja um lugar de concretização da articulação dos investimentos éticos e estéticos, no qual é “a manifestação da significação sob forma de discurso, que faz o conteúdo mostrar-se como uma sucessão de *efeitos de sentido*” (*ibid.*, 142, grifos do autor).

Nesse contexto, tomando o texto como o lugar de ocorrência das articulações da estética e da ética, ao falar dos objetos cuja significação é oblíqua, como por exemplo, os textos poéticos, Greimas explora aquilo que ele considera como uma ambivalência de isotopias complexas, isto é, a utilização de figuras sêmicas conotativas que se opõem à lógica do sistema de valores. Para o autor, o resultado desse jogo de figuras que desafia e obnubila o reconhecimento das categorias sêmicas axiologizadas é, com efeito, o prazer estético. Como ele mesmo explicita:

É fácil opor a organização desejada de isotopias complexas ao funcionamento inconsciente do discurso, investido de mitos sociais ou individuais, e conceber a literatura como jogos de consciência, incumbidos de nos obter o prazer estético pelo desvendamento das isotopias ocultas. (*ibid.*, p. 131)

Assim, o prazer estético, tomado a partir das considerações realizadas por Greimas até o momento, parece-nos consistir na possibilidade de desvendar os semas construídos que asseguram a isotopia do texto e que, ao mesmo tempo, “escondem-se” nas estruturas subjacentes da manifestação. Poderíamos, talvez, ainda dizer que este prazer estético do qual fala Greimas, nada mais é que a resultante de um procedimento analítico que conjuga a articulação dos arranjos estéticos, com o depreendimento da organização dos conteúdos classemáticos, possibilitando a emergência da compreensão isotópica do texto.

É, portanto, em decorrência deste cenário, que engloba desde o momento da percepção até o reconhecimento da axiologização das categorias semânticas – implicando evidentemente na leitura isotópica do texto e, em particular, em relação às isotopias complexas –, que Greimas se põe a refletir acerca do estatuto da

comunicação poética. Para ele, “é possível que, [...] a comunicação poética seja essencialmente uma comunicação assumida, de uma certa forma, tanto pelo destinatário como pelo destinador” (*id.*), cujo modo de presença permite a emergência desse jogo do prazer estético, do deciframento da isotopia a partir das articulações e dos arranjos do plano da expressão, conjugando em si tanto a estética quanto estas estruturas subjacentes que axiologizam as categorias semânticas investidas no texto, ou seja, a ética.

Pelo que foi apresentado, parece-nos que temos nestas linhas as primeiras articulações teóricas e metodológicas que dão conta de instituir, na organização do projeto científico de Greimas, os níveis de pertinência da ética e da estética, bem como seus respectivos lugares na teoria. Ademais, a nosso ver, é possível observar, em especial com o aprofundamento da noção de isotopia e seus componentes, a relação estrutural que, apesar de imbricar a ética e a estética, asseguram a autonomia destes dois conceitos tão caros a Greimas e, como estamos procurando evidenciar desde o início desta pesquisa, basilares para a semiótica.

Do mesmo modo, é ao procurar definir os elementos que constituem a metodologia de análise da manifestação discursiva que podemos observar uma outra articulação proposta por Greimas a respeito da organização do que ele chama de universo semântico. Ao levar em consideração que o universo semântico parece “poder ser apreendido sucessivamente como universo virtual, como sua combinatória manifestada, e, finalmente, como discurso” (*ibid.*, p. 157), que Greimas propõe tal divisão, especificando “dois modelos de caráter geral, dos quais o primeiro dá conta da manifestação do conteúdo e o segundo da organização do conteúdo manifestado” (*ibid.*, p. 165). Com isso, o autor nos explica que:

1. *O universo imanente* – é o nome que demos a esse primeiro modelo – do qual só é proposta a axiomática, mas cujas articulações sêmicas devem ainda ser descritas; foi ele apresentado como capaz de dar conta do universo manifestado. O conteúdo assim manifestado, pelo seu modo de existência, é uma combinatória de sememas; pelo seu modo de aparência, constitui o mundo das qualidades, essa espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido. (*ibid.*, pp. 165-166, grifos do autor)

Compreendendo que a axiomática é responsável pela autorização da “construção da teoria por um encaminhamento dedutivo” (*id.*), constituindo assim “um

corpo de conceitos não-definíveis e/ou um conjunto de proposições não-demonstráveis que declaramos, por decisão arbitrária, como inter-definíveis e como demonstradas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 38), parece-nos ficar evidente a associação realizada por Greimas deste conceito com o que ele denomina de universo imanente. Assim, com esta aproximação, podemos compreender que este universo corresponde a um inventário de conceitos que, por sua vez, compõem a estrutura formal da metodologia, buscando dar conta da descrição científica do que se encontra no interior da percepção, de maneira que o analista possa apreender as significações da manifestação. São por estas razões que Greimas explicita que o universo imanente é “capaz de dar conta do universo manifestado”, pois este é organizado pelas estruturas daquele.

Porém, é uma outra passagem, nesta mesma citação e que também nos chama a atenção, em que se trata exatamente da distinção realizada pelo autor a respeito do modo de existência e o modo de aparência. Para os leitores de Greimas, é inegável que provavelmente tenhamos aqui o princípio da conceitualização daquilo que posteriormente ficaria marcado como a articulação do *ser* e do *parecer*, em seus artigos intitulados *Por uma teoria da interpretação da narrativa mítica* ([1966]/1975a) e *O contrato de veridicção* ([1975]/2014)<sup>93</sup>. Porém, para evitarmos romper com a diacronia proposta por nosso trabalho, nos manteremos nas considerações relacionadas à obra *Semântica estrutural*.

Sendo assim, por um lado, temos que Greimas estabelece que o universo semântico é, no seu modo de existência, a combinatória dos sememas, isto é, a manifestação do conteúdo em si, já investido de valores eufóricos e/ou disfóricos. Dessa maneira, em nosso entendimento, este modo de existência, do qual trata o autor, configura-se essencialmente pela lógica da linguística formal que, exatamente por esta razão, é dotado desta capacidade de apreender da manifestação as articulações mais profundas para que o analista possa atingir o nível da significação, sem se deixar “ludibriar” pelas aparências como, por exemplo, no caso da

---

<sup>93</sup> O texto intitulado *O contrato de veridicção* possui várias referências distintas. Na obra em que ele foi publicado, *Sobre o sentido II* ([1983]/2014), na revista *Man and world* (1980) e, na mais antiga referência, na revista *Acta semiotica et linguistica – Revista internacional de semiótica e linguística* (1978). Entretanto, esta última explica que o artigo em questão foi, na verdade, extraído de uma conferência realizada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em outubro de 1975. Por esta razão, consideramos que a data original é de 1975.



comunicação poética, que, como vimos anteriormente, utiliza-se da linguagem conotativa e das isotopias complexas para “esconder” a significação.

Por outro lado, contraditoriamente ao que possa parecer, ao falar do universo imanente e do seu modo de aparência, sentimos que já não é possível encontrar definições ou explicações com a mesma facilidade que auxiliam a conceitualização deste nível. Isto se dá, sobretudo, pelo problema metodológico levantado por Greimas a respeito da organização e da descrição do significante, sublinhado pelo autor quando fala que “poderíamos dizer no máximo que o significante, tomado em seu todo, comporta um sentido global “pintura” ou “música” (GREIMAS, 1976, p. 19).

Entretanto, se considerarmos palavra por palavra da afirmação do autor na qual explica que o conteúdo manifestado, “pelo seu modo de aparência, constitui o mundo das qualidades, essa espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido” (*ibid.*, p. 166) e retomarmos, ao mesmo tempo, a ideia de que o significante corresponde aos “elementos ou aos grupos de elementos que possibilitam a aparição da significação ao nível da percepção” (*ibid.*, p. 17), veremos que o modo de aparência do universo semântico, corresponde a própria noção de significante, com a vantagem de que, ao falarmos no modo de aparência, estamos considerando a adição da existência de um nível de análise semiológico capaz de traduzir uma linguagem em outra.

Dessa maneira, parece-nos possível dizer que o modo de existência do universo semântico, por constituir a “combinatória de sememas” (*ibid.*, p. 166), isto é, a sua organização e, conseqüentemente, o seu respectivo investimento eufórico ou disfórico, encontrar-se-ia relacionado com os fundamentos da articulação dos valores no discurso, isto é, da ética. Assim, parece-nos igualmente possível afirmar que o modo de aparência, correspondendo ao que possibilita a aparição do conteúdo ao nível da percepção, manifestando-se no nível das qualidades sensíveis, aproximar-se-ia do significante, cujas escolhas e os arranjos corresponderiam a articulação da estética.

Desse ponto de vista, podemos observar que, para que se consiga apreender o modo de existência de um determinado dado, não há outro meio a não ser compreender seu modo de aparência, pois é nele que os valores éticos estão inscritos, ao mesmo tempo em que se encontram articulados pelos arranjos estéticos. Temos, com isso, a presença desta “espécie de tela opaca” que compõe o mundo das qualidades, “sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido” (*id.*). Com efeito,

as observações destas relações não retratam a ideia de que a ética não esteja presente no modo de aparência, ao contrário, ela se encontra manifestada, é efetivamente seu modo de existência que se torna apreensível pela percepção graças a seu modo de aparência.

Dito isto, sentimos a necessidade de abrir um pequeno parêntese para uma outra observação que rompe novamente o caráter diacrônico de nossa pesquisa. Assim como ocorre no caso que citamos sobre a relação dos modos de existência e de aparência com o *ser* e o *parecer*, no qual é possível notar uma provável retomada das relações sob outros nomes, o mesmo parece acontecer quando Greimas trata do modo de aparência como uma “espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido” (*id.*). Porém, desta vez estamos nos referindo a sua última obra individual, *Da imperfeição* ([1987]/2017), particularmente quando ele explica que “a figuratividade não é uma simples ornamentação das coisas, ela é esta tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em entrever, graças ou por causa de sua imperfeição, como que uma possibilidade de além (do) sentido” (*ibid.*, p. 74). Contudo, da mesma maneira que fizemos anteriormente, não cabe, nesse momento, adentrarmos nas respectivas comparações e menos ainda buscar explorar a relação entre tais passagens, mas consideramos importante começarmos a traçar alguns paralelos ao longo da teoria, para que futuramente possamos retomar estas citações com maior profundidade e maior confiança argumentativa.

Retomando a divisão do universo semântico proposta por Greimas, após termos explorado as considerações referentes ao universo imanente, podemos dirigir nossa atenção ao segundo modelo de caráter geral do qual fala o autor (*ibid.*, p. 165), isto é, o universo manifestado, responsável pela “organização do conteúdo manifestado” (*id.*). Como nos explica Greimas (*ibid.*, p. 166):

*O universo manifestado* é, por sua vez, submetido a um modelo que lhe organiza o funcionamento combinando os sememas em mensagens: uma sintaxe imanente deve, conseqüentemente, ser postulada para dar conta, graças a uma combinatória muito simples, de uma tipologia de mensagens manifestadas. (grifos do autor)

A partir da definição do universo manifestado, fornecida por Greimas, parece-nos possível destacar a diferença do tamanho das unidades sintáticas que são levadas em consideração em relação ao universo semântico. Em nosso entendimento,

enquanto o universo semântico daria conta das unidades de significação, por meio da exploração dos sememas construídos e das figuras nucleares, conjugando assim o modo de existência e o modo de aparência do que se encontra no interior da percepção; o universo manifestado, a nosso ver, corresponderia à organização de um conjunto de sememas dentro de uma só cadeia comunicacional, isto é, dentro de uma só manifestação. Esta organização permitiria, conseqüentemente, compreender, por exemplo, a relação isotópica existente entre o sabiá e as palmeiras das quais fala Antônio Gonçalves Dias em *Canção do exílio* (1944).

Com isso, parece-nos possível estabelecer uma aproximação entre as noções de universo imanente e de universo manifestado com o que entendemos por relações paradigmáticas e sintagmáticas. Compreendendo que o universo imanente, enquanto axiomática, como é definido por Greimas, é responsável pelo inventário conceitual que compõem as unidades da significação, isto é, as figuras nucleares ou os sememas construídos, e que o universo manifestado, por sua vez, procura organizar tais unidades entre si, buscando assegurar a isotopia textual no discurso, vemos uma possibilidade de aproximação daquilo que Saussure (2006) nos explica como sendo a relação sintagmática e a relação associativa (ou paradigmática). Para o autor, “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (*ibid.*, p. 143). Pignatari (2011) nos apresenta a articulação de tais conceitos por meio de exemplos não verbais que nos auxiliam a compreender as implicações desta associação que estamos em vias de estabelecer, como explicita o autor:

Examine um cardápio: o que você vê ali? Estão agrupados (por semelhança) os pratos que formam as entradas, as carnes, os peixes, os acompanhamentos, as sobremesas, as bebidas. Quando você escolhe uma certa entrada, uma carne, um acompanhamento, uma sobremesa e uma bebida para formar sua refeição, você está montando um sintagma... gastronômico.

Como se convocam os jogadores de futebol da seleção nacional? Goleiros, laterais, zagueiros, médios volantes, pontas de lança. Para armar o time (sintagma), a comissão técnica combina os melhores elementos de cada posição (paradigmas).

Dê uma espiada num guarda-roupa feminino. Ali estão agrupados as blusas, as saias, os sutiãs, as calcinhas, as meias, os sapatos. Ao escolher e combinar as peças, no vestir-se, a moça está montando um sintagma no vestuário.

A mesma coisa na fabricação de um carro. A linha de montagem não é senão a linha de combinação sintagmática das diversas

peças que formam os paradigmas: rodas, eixos, motores, portas, vidros, carroceria etc. (*ibid.*, pp. 15-16).

Dessa maneira, é a partir de tais questões, envolvendo tanto o universo imanente quanto o universo manifestado, que em sua articulação constituem o universo semântico, que Greimas procura ressaltar o problema da recepção destas mensagens previamente estruturadas. É exatamente por meio da indagação dessa dupla perspectiva, isto é, tanto da produção do discurso como da apreensão dele, que o autor discorre sobre a distinção destes processos. Para ele, mesmo que a mensagem seja constituída como uma série de significações articuladas, fazendo-nos crer na existência de uma diacronicidade, no final das contas, a recepção do discurso acaba ocorrendo de maneira sincrônica. Como ele mesmo afirma, “embora a mensagem se apresente à recepção como uma sucessão articulada de significações, isto é, em seu estatuto diacrônico, a recepção só pode efetuar-se pela transformação da sucessão em simultaneidade e da pseudo-diacronia em sincronia” (GREIMAS, 1976, p. 167).

Com isso, além de podermos observar a emergência da preocupação que configura a própria definição da semiótica, ou seja, “as condições de apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415), o fato de constatar que a recepção de uma determinada mensagem se dá por meio de uma percepção sincrônica do discurso permite integrar à problemática a importância da articulação dos arranjos significantes. Estas considerações parecem emergir com mais força no momento que Greimas (1976, p. 167) nos explica que:

Se o colocamos assim, como condição primeira, o princípio da apreensão simultânea da significação, aplicável a todos os níveis da manifestação, não somente a mensagem nos aparece como uma unidade de manifestação acrônica, mas toda organização da manifestação, isto é, no sentido lato dessa palavra, toda sintaxe imanente, deve ser concebida como um agenciamento do conteúdo visando à sua percepção.

Levando em consideração que são as qualidades sensíveis dos significantes, apreensíveis pelos sentidos, que permitem que o conteúdo se inscreva na percepção, parece-nos que Greimas, ao falar sobre esta “estratégia” de “agenciamento do conteúdo visando à percepção” (*id.*), refere-se especificamente à importância das

articulações paradigmáticas e sintagmáticas dos arranjos estéticos. Importância esta, marcada, a nosso ver, sobretudo pela capacidade de agenciar os conteúdos, isto é, de possuir uma determinada propriedade em si mesmo e em relação com os demais componentes da mensagem que possibilite a manifestação coerente e coesa das categorias semânticas que são valorizadas.

Em nosso entendimento, estas articulações reiteram dois pontos importantes para nosso trabalho: 1) a existência de categorias semânticas axiologizadas nos discursos, marcados pelo seu modo de ser; 2) os arranjos estéticos que buscam este agenciamento do conteúdo de maneira a assegurar a coerência formal da manifestação, instaurada como o modo de aparência; 3) uma metodologia que assegura a existência estrutural/conceitual destes níveis e que busca mostrar como se dá a articulação entre eles, tomando-os como modelos gerais da comunicação humana.

Estas articulações metodológicas que, como estamos procurando demonstrar, englobam as próprias articulações da estética e da ética, tornam-se ainda mais evidentes na medida em que Greimas avança dos microuniversos semânticos, isto é, das unidades de significação, para as sintáticas do universo manifestado. Assim, retomando a problemática da dupla perspectiva abordada anteriormente, considerando inclusive a percepção sincrônica das manifestações, o autor nos explica que é preciso levar em consideração “a complicação introduzida nas mensagens e nos inventários de mensagens pela pluralidade dos atuantes<sup>94</sup>”. A preocupação com este ponto permite, após ter definido os limites de atuação de cada estrutura imanente, resgatar a complexidade da articulação da ética e da estética na organização do mundo e na própria comunicação humana.

Porém, antes de avançarmos é preciso compreender o que e/ou quem é este actante dentro desta metalinguagem que está sendo desenvolvida. Greimas (*ibid.*, p. 160) define o actante como sendo “a subclasse de sememas definidos como unidades discretas” que se encontra em relação com um predicado que, por sua vez, é

---

<sup>94</sup> Precisamos destacar que na edição francesa do texto, Greimas, exatamente para evitar recair em problemas de ordem interpretativas e, com isso, comprometer seu modelo operacional, não utiliza o correspondente francês para “atuante”, como foi traduzido para o português, mas sim “*actant*”, que constitui um conceito operacional, evocando assim, não somente a ideia de quem executa uma ação, como poderíamos pensar ao utilizarmos a tradução de “atuante”, mas engloba também a ideia de quem sofre a ação, seja ele um sujeito ou um objeto. Dessa maneira, para mantermos a coerência teórica, a partir deste momento, substituiremos toda menção ao termo atuante pelo termo actante, como consta na sua grafia no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, pp. 12-14).

constituído pelos “sememas considerados como unidades integradas” (*id.*). É, portanto, no estabelecimento desta relação que o autor explica que a existência do predicado pressupõe a presença de um actante, da mesma maneira que a manifestação de inúmeros predicados permite a constituição desse mesmo actante. Nas palavras do autor: “diremos, pois, que *a priori*, no quadro do universo semântico tomado em seu conjunto, o predicado pressupõe o actante, mas que *a posteriori*, no interior de um microuniverso, um inventário exaustivo de predicados constitui o actante” (*ibid.*, p. 161, grifos do autor).

Em nosso entendimento, esta explicação de Greimas nos leva a compreender que, por um lado, não pode haver um predicado sem a presença de um actante, pois a existência daquele configura a articulação do universo semântico deste, inserindo-o na mensagem seja de maneira explícita ou implícita. Por outro lado, é somente por meio de “um inventário exaustivo de predicados” (*id.*) que é possível conhecer o modo de ser do actante. Em outras palavras, podemos verificar a existência do actante pela presença de um predicado, que nada mais é que a articulação do universo semântico, permitindo entrever a “figura” daquele pela manifestação deste, entretanto, só se pode inferir a respeito do modo de ser do actante a partir da verificação exaustiva de seus predicados, pois são nestes que os valores daquele são investidos. Parece-nos, assim, que a famosa frase de Paul Valéry (2016, p. 62) na qual afirma que “tudo aquilo que dizes fala de ti; particularmente quando falas de outro” ilustra bem essa questão, pois tendo em vista que é na combinação de, ao menos, um actante com o predicado que se constitui a mensagem (GREIMAS, 1976, p. 160), podemos depreender a partir da própria mensagem as categorias semânticas axiologizadas daquele que fala ou que realiza uma determinada ação ou prática, permitindo-nos apreender seu modo de existência.

É, portanto, nesse contexto que a problemática da organização da manifestação discursiva apresenta sua relevância e, em particular, a partir da abordagem formal possibilitada pela noção da sintaxe, que permite a exploração da perspectiva estilística ao mesmo tempo em que autoriza “fazer abstração da investitura semântica dos actantes (isto é, dos ‘nomes próprios’)” (*ibid.*, p. 172). Como evidencia Greimas (*ibid.*, p. 171):

Além disso, poderíamos dizer que esse jogo de substituições sintáticas serve de ponto de partida a um perspectivismo estilístico (isto é, à utilização de paradigmas de organização de narrativas em

função dos actantes sintaticamente favorecidos pelos escritos) que constitui uma das dimensões estilísticas frequentemente exploradas pelos movimentos literários das últimas décadas.

A partir de tais afirmações, apresenta-se, a nosso ver, de maneira cada vez mais clara, a importância da noção da sintaxe, especialmente, no que concerne à articulação dos arranjos semânticos e estéticos. Parece-nos que, do ponto de vista da sintaxe, a maneira pela qual o discurso se apresenta, além de uma articulação estética, exatamente em razão dos arranjos sintagmáticos, corresponderia também a um agenciamento das categorias semânticas axiologizadas pelo enunciador, buscando um determinado efeito de sentido. Por estes motivos que Greimas (*ibid.*, p. 172) sublinha o fato de que a sintaxe “é sintagmática e não taxonômica, e aparece como uma álgebra incumbida de controlar o mundo das significações, na medida em que este se manifesta sob a forma de fato e de evento”, de maneira a ser possível admitir que a própria “estrutura da mensagem impõem uma certa visão do mundo” (*ibid.*, p. 175).

Pensando nessa articulação entre o universo imanente e o universo manifestado, isto é, entre as unidades que compõem o discurso e a sintaxe que as organiza e as agencia, a comunicação poética se apresenta para Greimas como um dos exemplos que compreendem tanto os problemas das manifestações figurativas quanto daquelas não figurativas, e uma das razões é porque este tipo de comunicação possui a liberdade poética de inverter e de jogar com as propriedades sêmicas e com a organização sintática do texto. Este fato é evidenciado pelo autor ao afirmar que:

O caso limite desse tipo de manifestação, se colocamos à parte os aspectos patológicos da atividade linguística, parece ser representado pelo que chamamos de “poesia moderna”. Esta, efetivamente, não somente visa muitas vezes “abolir a sintaxe”, isto é, a diminuir o mais possível o número de mensagens funcionais, mas aparece também, em algumas de suas realizações, como um bom exemplo de manifestação complexa com dominância da isotopia negativa. (*ibid.*, p. 177)

Ao compreendermos, a partir de Saussure (2006, p. 136), que a negatividade linguística corresponde à possibilidade de depreendimento de um valor “por suas relações com os outros termos do sistema”, a isotopia negativa, da qual fala Greimas, apresenta-se como a relação isotópica observável entre os diferentes sememas

construídos ao longo de uma determinada manifestação poética. Nesse contexto da comunicação poética, o autor sublinha que “os sememas poéticos – *imagens, símbolos, sintagmas e definições metafóricas* – aparecem, conseqüentemente, como figuras negativas cujas fronteiras não correspondem mais àquelas dos sememas positivos” (*ibid.*, 177).

É, portanto, ao destacar a característica da negatividade destes sememas poéticos – que permite que eles retratem uma outra coisa que não seja uma “significação positiva” –, que Greimas explicita sua preferência pela definição destes sememas negativos como figuras. Conforme o autor nos explica, a escolha desta conceituação ocorre pelo fato de que tal definição, além de apresentar uma maior flexibilidade em seus critérios demarcativos, permite sublinhar a particularidade dos núcleos sêmicos destes sememas que “aparecem quase como acidentes, como esses ‘materiais de bricolagem’ de que fala C. Lévi-Strauss” (*id.*).

Esta particularidade da comunicação poética, que possibilita a representação de uma outra coisa que não seja apenas aquela explicitada, exatamente pela observação da iteração de categorias sêmicas, permite, por exemplo, observarmos que tanto a figura da “palmeira” quanto a do “sabiá”, utilizadas na *Canção do Exílio* (DIAS, 1944), marcam a presença do Brasil, ou melhor dizendo, da reiteração de um traço sêmico distintivo marcado por uma brasilidade no poema, sem, entretanto, nunca ser mencionado explicitamente. Sobre esta capacidade de representar “outra coisa”, Greimas (1976, p. 178) nos explica que, “esta ‘outra coisa’ é, de fato a própria comunicação poética, isto é, a iteração de um certo número de categorias sêmicas que, combinando-se com os classemas interoceptivo e proprioceptivo, constituem a isotopia poética”.

O que nos chama a atenção neste percurso realizado por Greimas é que o autor, em decorrência destas ponderações – que levam em consideração a particularidade da lógica poética e da maneira específica pela qual ocorre a iteração das categorias sêmicas na comunicação poética –, parece começar a entrever a possibilidade da “construção de um modelo qualificativo” (*ibid.*, p. 179). É exatamente buscando aprofundar a capacidade analítica deste modelo, devido às particularidades da lógica poética, que o autor destaca a necessidade de uma metalinguagem que possa ir além da descrição dos semas que compõem a figura, pois isto, como o próprio Greimas aponta, apesar de se mostrar tentador, em especial por seguir “o conceito de ‘lógica concreta’” (*ibid.*, p. 181) de Lévi-Strauss, esbarraria nas próprias delimitações



do nível semiológico. Nessa direção, reconhecendo as dificuldades impostas pela lógica poética e que “é a manifestação que poderíamos, a rigor, considerar como concreta, e não a terminologia que registra os elementos metalinguísticos extraídos” (*id.*), a definição de semema não figurativo se apresenta como a melhor opção para o autor.

Em nosso entendimento, este semema não figurativo auxilia na dissolução das figuras, para que somente os semas que a constitui sejam colocados em evidência. Como nos explica Greimas (*ibid.*, pp. 181-182):

A denominação semântica, que ela opera a partir dos sememas figurativos ou de configurações contidas nas definições, consiste em reter, por sua extração, apenas semas pertinentes, tendo em vista a construção de modelos. Assim, a descrição da manifestação poética abandonará por exemplo as figuras de *grenier* (sótão) e de *cave* (porão), para reter, apenas, os semas “alto” e “baixo”, úteis para a construção dos sememas axiológicos – os quais não “denominamos” – como por exemplo *euforia de altitude* e *disforia das profundezas*. (grifos do autor)

A nosso ver, a adoção de tal postura apresenta inúmeras vantagens e implicações que dizem respeito a nossa pesquisa. Em primeiro lugar, podemos destacar a emergência do caráter neutro da análise, presente exatamente pela possibilidade da dissociação da “significação positiva” da figura que, como vimos, poderia já ser investida de múltiplas categorias semânticas, devido a existência de um sistema virtual de axiologizações. Conseqüentemente, como uma segunda consideração, esta dissociação permitiria a observação de iterações sêmicas ao longo de todo o discurso que, ao adotar o princípio da negatividade de Saussure, possibilitariam o depreendimento do que Greimas chama de isotopia poética. A terceira consideração que nos permitimos realizar diz respeito ao caráter não figurativo da descrição, pois o acolhimento de tal definição permite que o modelo abranja uma série de discursos, pouco importando sua manifestação figurativa ou não.

Além disto, as considerações mencionadas acima e decorrentes da proposta de um modelo de análise que, ao se valer de uma metalinguagem não figurativa, extrapola os limites do figurativo, apresentam-se como incontornáveis para nós, sobretudo em razão de suas implicações na constituição de uma metodologia que dê conta das articulações estéticas, ao mesmo tempo em que os investimentos axiológicos mantêm sua relevância. Consideramos a adoção desta metalinguagem

descritiva não figurativa como um ponto crucial no desenvolvimento de uma metodologia capaz de dar conta da construção e da apreensão do sentido a partir do que se situa no interior da percepção, isto é, dos arranjos estéticos.

A dissolução da figura, como aquela utilizada por Greimas em seu exemplo, “céu” (*ibid.*, p. 178), mostra-nos uma série de articulações sêmicas que podem ir além da descrição do nível semiológico em si, isto é, além daquela leitura que assegura uma interpretação do semema já culturalizada, que é o que estamos considerando como uma significação positiva. Tendo como ponto de partida a lógica poética, os sememas não se apresentam somente do ponto de vista desta significação positiva, mas assumem a possibilidade de representarem outra coisa que não seja a si mesmo, exatamente em função de sua característica negativa. Tal abordagem permite, não necessariamente a valorização da figura em si, mas sim das categorias sêmicas que compõem a figura, sendo, a seu turno e de certa maneira, categorias gerais e, por isto mesmo, autorizando-as a constituírem-se como uma metalinguagem não figurativa.

Entendemos, portanto, que é a instituição dessa metalinguagem não figurativa que – ao mesmo tempo em que se distancia do objeto de análise, precisamente por corresponder ao domínio do não figurativo – permite o depreendimento das categorias sêmicas e que estas, por sua vez – em decorrência da iteração destas categorias ao longo do discurso –, podem ser axiologizadas euforicamente ou disforicamente, como por exemplo, o caso do “porão” e do “sótão” sublinhados por Greimas (*ibid.*, p. 182). Talvez, poderíamos até mesmo nos arriscar a dizer que é a instituição dessa metalinguagem que torna a metodologia semiótica capaz de estabelecer, a partir do agenciamento dos arranjos estéticos, a axiologização dos investimentos sêmicos em um determinado discurso.

Considerando, assim, que tanto as manifestações figurativas quanto as não figurativas são passíveis de serem “reduzidas” a semas não figurativos, este caráter específico da metalinguagem não figurativa permite que ela se configure, dessa maneira, como ponto essencial da articulação da estética na metodologia semiótica, independentemente da natureza do significante e da manifestação. Como o próprio autor sublinha:

[...] A manifestação discursiva de um só locutor se desenrola necessariamente sobre o eixo diacrônico; ela pode tomar a forma figurativa (poesia) ou não figurativa (teorias estéticas). Na medida em que a descrição visa, qualquer que seja a forma da manifestação do microuniverso, à construção de um modelo não

figurativo e conceitual, o próprio modelo imanente deve ser considerado como indiferente aos modos da manifestação. (*ibid.*, p. 190)

Além disso, tal metalinguagem, para nós, parece de fato articular a passagem entre a estética – por meio do levantamento destes traços sêmicos – e a ética do discurso – observável a partir da iteração nos microuniversos semânticos de certos semas, que na totalidade do texto se mostram axiologizados. Dessa maneira, poderíamos dizer que a isotopia se apresentaria como a reiteração, ao longo do discurso, dessa estrutura que articula e homologa a ética e a estética.

Levando em consideração as ponderações que viemos de realizar e somando a afirmação de Greimas na qual explicita que, “considerando apenas a composição dos sememas, diremos de maneira empírica, que a manifestação é não figurativa se ela se caracteriza pela presença de um grande número de sememas não figurativos”, podemos notar que os fundamentos daquilo que será futuramente chamado de semiótica plástica e de semi-simbolismo já começavam a se desenhar em *Semântica estrutural*. Contudo, nesta conjuntura, não exploraremos tais conceitos em profundidade, pois isto conduzir-nos-ia a uma quebra da diacronicidade do nosso trabalho. Porém, quando o momento oportuno chegar, daremos a devida atenção a tais questões.

Assim, retomando as articulações da ética e da estética na teoria semiótica, presentes em *Semântica estrutural*, observamos um outro ponto que nos parece relevante, tanto para o desenvolvimento da teoria quanto para a nossa pesquisa. Estamos falando do capítulo no qual Greimas realiza algumas “reflexões sobre os modelos actanciais” (*ibid.*, p. 225). É bem verdade que, neste capítulo, o autor constrói as bases do modelo da sintaxe do percurso narrativo e estabelece, por meio do componente semântico, as definições e as relações entre os pares conceituais de sujeito vs objeto, destinador vs destinatário e adjuvante vs oponente (*ibid.*, p. 227; pp. 233-234). Também devemos destacar, ainda a respeito deste mesmo capítulo, a distinção conceitual e estrutural que o autor realiza entre os termos de actantes e de atores (*ibid.*, p. 240) e a abordagem da chamada investidura temática (*ibid.*, p. 236).

Sobre este último ponto, é necessário sublinhar que a investidura temática – apesar de não se apresentar no momento como um ponto relevante para a constituição do modelo sintático, justamente por não poder ser considerada como

geral, mas sim como uma variável particularizante da mensagem –, é tomada por Greimas como um componente essencial para que possamos compreender como ocorre o processo posterior ou anterior, dependendo do ponto de vista da análise, àquele do modelo sintático, no qual os conteúdos semânticos passam a ser investidos a partir das definições sintáticas de cada actante. Como o próprio autor nos mostra:

[...] as investiduras possíveis enumeradas por Souriau não interessam ao modelo propriamente dito, mas dependem do conteúdo semântico quer do actante-sujeito, quer do actante-objeto, que pode ser-lhes atribuído por outros procedimentos, notadamente pela análise qualificativa, anterior à construção do modelo actanciais. (*ibid.*, p. 238)

Ademais, mesmo que este investimento temático, conforme o que acabamos de observar, encontre-se de uma certa maneira um pouco limitado – pelo fato de se apresentar como uma “cobertura” estilística de sua posição dentro do modelo actancial –, ele não perde sua característica variável e nem sua importância para a metodologia semiótica. Esta característica seria responsável, em nosso entendimento, juntamente com os outros componentes manifestados da mensagem, por compor os arranjos estilísticos e, por que não, até mesmo estéticos, do discurso. Tendo isto em vista, Greimas destaca que a característica do investimento temático, que possibilita essa cobertura particularizante de uma determinada posição actancial, poderia ser tomada como uma primeira abordagem para a construção de uma estilística actancial, sobretudo pelo seu caráter figurativo que permite a “personificação” nas estruturas do modelo actancial. Nas palavras do autor:

Esse caráter particular dos actantes, que os faz aparecer, no nível dos efeitos de sentido, como inércias, poderia servir de ponto de partida a uma certa estilística actancial, que daria conta dos procedimentos de personificação, de coisificação, de alegoria, talvez mesmo de certos tipos de figuração, etc. Espanta-nos, com efeito, a facilidade com a qual as ideologias mais “abstratas” incidem no nível quase figurativo da manifestação. (*ibid.*, p. 243)

Se rompermos brevemente o caráter diacrônico de nossa pesquisa, veremos que este investimento temático, que manifesta uma estilística actancial do enunciador ao recobrir as posições actanciais por meio da figuratividade, não diz respeito somente à seleção e organização dos arranjos da expressão. Essa coisificação, personificação

ou alegoria da qual trata o autor, adquire outras definições em seu texto intitulado *A estrutura dos actantes da narrativa* (GREIMAS, [1967]/1975a). Greimas (*ibid.*, p. 241) divide, assim, o “jogo narrativo” em três níveis distintos, sendo estes definidos como os papéis, os atores e os actantes. Ele nos explica que os papéis são “unidades actanciais elementares correspondendo aos campos funcionais coerentes” (*id.*) e que “entram na composição de dois tipos de unidades mais amplas: os *atores*, unidades do discurso, e os *actantes*, unidades da narrativa” (*id.*, grifos do autor).

Tendo em vista que os actantes são unidades gerais da narrativa e que a articulam sintaticamente, podemos então compreender que o revestimento destas posições corresponde a sua figurativização por meio da definição apresentada para o termo *ator*, o que reitera a ideia da sua respectiva escolha como um critério estilístico, tal qual mencionado por Greimas (1976, p. 243). Entretanto, enquanto a escolha do ator do discurso se refere a uma construção dos arranjos estéticos, o mesmo não pode ser dito do papel que este ator desempenha, pois “o papel é uma entidade figurativa animada, porém anônima e *social*” (GREIMAS, 1975a, p. 241, grifo do autor), assumindo uma dupla perspectiva, isto é, tanto estética (enquanto manifestação discursiva de uma determinada figuratividade) quanto moral (pelo seu caráter social). É nesse contexto que o autor nos explica que o papel:

Ao nível do discurso, manifesta-se por um lado como uma qualificação, um atributo do ator, sendo por outro lado esta qualificação, do ponto de vista semântico, a denominação que assume um campo de funções (ou seja, comportamentos realmente observados na narrativa ou simplesmente subentendidos). (*id.*)

Compreendemos, portanto, que seria possível, a partir destes papéis atribuídos aos atores que ocupam determinadas posições actanciais, observarmos investimentos de valores sociais que poderiam caracterizar, conseqüentemente, uma determinada axiologização de certas categorias semânticas. Da mesma maneira, se os papéis correspondem a investimentos de valores sociais, sua respectiva análise e comparação dentro da narrativa, “pode ser transferida ao nível da estrutura do conteúdo e expressada com a ajuda de uma categoria sêmica” (*ibid.* p. 242). Tal procedimento serviria para evidenciar as categorias sêmicas euforizadas e disforizadas, auxiliando na compreensão do universo ético e moral da própria narrativa.

Dito isto, e retomando a leitura de *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976), entendemos que apesar de Greimas tratar, em *Reflexões sobre os modelos atuacionais* (*ibid.*, p. 225), essencialmente do modelo actancial e, por esta razão, dar ênfase na constância das posições actanciais, acreditamos que, no escopo de nossa pesquisa, o que é igualmente pertinente de ser destacado consiste nesta certa liberdade de revestimento destas posições, pois evidencia uma escolha estilística que compreende os arranjos dos significantes no universo da manifestação. Parece-nos, com isso, que as escolhas, sejam elas da ordem do nível da organização sintática dos elementos do discurso, sejam da ordem destes revestimentos do conteúdo – por meio dos diversos significantes – compõem uma estrutura paradigmática e sintagmática particular da estética, observável tanto nas unidades da manifestação do discurso, como no caráter idioletal (*ibid.*, p. 124) deste, isto é, tomado enquanto uma totalidade de significação.

Entretanto, para além dos investimentos figurativos que recobrem as posições actanciais e que evocam a existência do componente estético, o que também nos chama a atenção neste capítulo se encontra logo em seu início e trata, em particular, da possibilidade de se chegar ao depreendimento dos componentes axiológicos da moral por meio da metodologia descritiva. Assim, ao levantar a possibilidade de duas vias de análise que um mitólogo poderia realizar a respeito de uma população de divindades, e ao abordar um por um dos elementos que compõem este *corpus*, Greimas acaba, em um primeiro momento, por evidenciar a metodologia e os procedimentos analíticos de cada uma destas abordagens. Como o autor nos explica, existem duas vias distintas de análise que o mitólogo pode percorrer, são elas:

1. Escolhendo uma divindade qualquer, ele constitui, com o auxílio de textos sagrados, mitológicos, folclóricos etc., um corpus de proposições nas quais o deus em questão entra como actante. A partir do inventário das mensagens funcionais, as reduções sucessivas, seguidas da homologação, lhe permitem constitui o que podemos designar como *esfera* de atividade da divindade.
2. Constituindo um corpus paralelo – que contém a totalidade das qualificações dessa divindade, tais como as encontramos sob a forma de cognomes, de epítetos estereotipados, de atributos divinos, ou então, em sintagmas em expansão que comportam considerações de caráter teológico – cuja análise permite estabelecer a fisionomia moral da divindade considerada. (*ibid.*, p. 225)

Tomando estes dois procedimentos aparentemente distintos teríamos, no primeiro, uma apreensão da divindade pelo seu fazer, ou melhor, pela narrativa de suas ações; enquanto, na segunda estratégia analítica, a divindade seria conhecida pela alcunha que a ela foi “imposta”. Se considerarmos somente estas passagens em si, poderíamos, à primeira vista, concluir que somente a proposição analítica de número dois apresentaria, de fato, uma implicação com a preocupação e com a articulação metodológica da moral, pois ao chamarmos, por exemplo, Átila de “o flagelo de Deus” ou de “praga de Deus”, como é reconhecido pela historiografia, estaríamos já englobando o sujeito em uma axiologização que forneceria ao analista o que Greimas denominou de fisionomia moral.

Contudo, se continuarmos nossa leitura do texto de Greimas, veremos que a afirmação anterior, na qual poderíamos compreender que é somente na metodologia de análise de número dois que teríamos uma articulação da moral, não pode ser sustentada. Vejamos o parágrafo no qual Greimas sublinha os resultados analíticos de cada uma das vias apresentadas anteriormente:

Resultam daí duas definições possíveis do mesmo deus: a primeira, que parte do princípio de que um deus é reconhecido pelo que faz, mas que, considerando mítica sua atividade, inscreve-se como um dos actantes de um universo ideológico; a segunda, que o situa como um dos actantes com o auxílio dos quais se conceitualiza uma axiologia coletiva (*id.*)

Ora, parece-nos que esta distinção levantada por Greimas nas análises dos mitólogos, entre o reconhecimento pelo fazer e esta valorização instituída pela axiologia coletiva, fazem referência àquilo que o próprio autor já havia definido respectivamente como qualificação simples e qualificação valorizante, em *A mitologia comparada* ([1963]/1975a)<sup>95</sup>. Esta aproximação permite melhor compreender não somente a crítica de Greimas com relação a separação dos métodos pelos mitólogos, mas também como se dá a articulação da moral nestas duas vias.

Ao evidenciar que o objeto de análise, no caso uma certa divindade, seja reconhecida pelo seu fazer e que, exatamente por isto, instaura-se como um actante de um universo axiológico, teríamos a inserção deste sujeito em um espaço-tempo regido por uma determinada “ordem axiológica”. Tal afirmação só se torna possível

---

<sup>95</sup> Tratamos com detalhes destas definições e de suas respectivas implicações metodológicas para a articulação da ética e da moral nas páginas 111-113 do presente trabalho.

em função da observação que Greimas realiza a respeito do caráter mítico da atividade da divindade. Devemos lembrar que estamos tratando da primeira metodologia, na qual o *corpus* de análise são as diferentes narrativas destas divindades e que este caráter mítico das narrativas faz com que estes discursos se tornem “reflexos” do universo axiológico ao qual pertencem. É por esta razão que o autor trata o fazer da divindade como pertencente a um universo ideológico, isto é, inscrito em um determinado espaço-tempo no qual coexistem com as axiologizações de uma cultura ou sociedade.

Se neste momento considerarmos, então, os resultados da segunda via metodológica, na qual a divindade é instaurada, em um espaço-tempo, como um actante que é definido por uma axiologia coletiva, poderemos melhor compreender a crítica de Greimas com relação à divisão dos métodos aplicados, ao afirmar que, “nesse nível de descrição, as duas análises predicativas – funcional e qualificativa –, longe de serem contraditórias, podiam, ao contrário, em certas condições, ser consideradas como complementares [...]” (GREIMAS, 1976 p. 226). O fundamento desta crítica encontra-se justificado exatamente pelo fato de que a construção mítica das narrativas das divindades, utilizadas como *corpus* na primeira via de análise, é por definição a representação de uma axiologia coletiva de um determinado espaço-tempo que, por sua vez, corresponderia ao resultado da segunda via analítica. Vejamos como dar-se-ia esta aproximação de maneira prática.

Se retomássemos o exemplo já mencionado de Átila e enveredássemos nossa análise alicerçados no *corpus* formado por seus epítetos, “o Huno”, “o flagelo de Deus” ou ainda “a praga de Deus”, acabaríamos por nos enquadrar na segunda via metodológica, isto é, a partir da perspectiva das apreciações de uma axiologia coletiva previamente definida. Entretanto, se adotássemos a primeira via de análise, cujo *corpus* é constituído pelo conjunto das narrativas das quais este actante faz parte, notaríamos que seus epítetos provêm exatamente dos discursos oriundos de uma historiografia cristã, isto é, da mesma axiologia que auxiliou a construção de seus epítetos.

Com isso, podemos observar de maneira mais objetiva o caráter complementar dos dois modelos analíticos citados por Greimas, bem como tal abordagem permite o depreendimento da moral a partir do entendimento de que a construção de uma narrativa, assim como o seu respectivo investimento temático, instaura o sujeito em um determinado espaço e tempo que coexiste com uma determinada axiologia



coletiva, isto é, com uma determinada moral. Isto faz com que estes sujeitos tenham seus comportamentos avaliados por esta axiologização, ao mesmo tempo em que se encontram definidos por ela. Assim, o problema levantado por Greimas, com relação à metodologia empregada pelo mitólogo, concerne exatamente a presença deste sistema de valores, pois independentemente da via adotada pelo analista, ambos os modelos consideram a existência de somente uma única perspectiva moral, isto é, a mesma axiologia presente nas narrativas míticas é, também, aquela responsável pela construção dos epítetos. Em outras palavras, nas duas vias analisadas por Greimas, o que temos é a reprodução de um mesmo sistema de valores morais já consolidados.

É, portanto, em decorrência desta limitação analítica e metodológica, que Greimas antecipa uma outra possibilidade da construção narrativa na qual a partilha do mesmo conjunto de axiologizações das categorias semânticas, isto é, deste sistema moral, a princípio, não se realiza. Como explora o autor:

[...] a divindade poderia agir conforme sua própria moral; seus comportamentos iterativos julgados típicos, podiam ser integrados igualmente como qualidades. O problema da disjunção dos processos descritivos só se coloca mais tarde, quando, uma vez instituídos tais actantes, isto é, investidos de conteúdos, formos tentar a descrição do microuniverso dentro do qual eles existem ou agem. (*id.*)

Apesar de Greimas não se aprofundar no tratamento desta questão, ao menos neste capítulo, a fala dele nos mostra ao menos cinco considerações relevantes; sobretudo para nós, pois possuem implicações com a problemática da moral e a sua respectiva articulação na metodologia. Vejamos: 1) ao falar que “a divindade poderia agir conforme sua própria moral” (*id.*), pode-se notar que Greimas não está preocupado com uma distinção conceitual entre ética e moral, denominando assim de “própria moral”, ou melhor dizendo, de “moral individual” aquilo que estamos chamando de ética; 2) a possível relação na qual os comportamentos da divindade são tomados pela sociedade julgadora mostra a possibilidade de mudança nas axiologizações de uma determinada comunidade, desde que estes novos valores “julgados típicos” (*id.*) sejam tomados euforicamente, isto é, como qualidades por estes; 3) a presença do componente axiológico tanto em uma narrativa, em que os valores são integralmente partilhados, quanto em outra, na qual haja divergências nas axiologizações, não põe em xeque a existência da ética ou da moral, ao contrário,

confirmam-nas e evocam a necessidade de um modelo analítico capaz de dar conta desta diversidade; 4) a instauração dos actantes pressupõem a existência de categorias semânticas axiologizadas – “uma vez instituídos tais actantes, isto é, investidos de conteúdos” (*id.*) –; 5) somente a partir da instalação destes actantes em um determinado espaço e tempo, “dentro do qual eles existem ou agem” (*id.*), é que se pode afirmar algo a respeito dos microuniversos semânticos e suas respectivas axiologizações.

Muitos destes pontos evidenciam a importância desta questão, pois podem ser encontrados na discussão trazida pelo autor em dois outros textos que tratam, exatamente, sobre a mitologia, sendo que um deles é anterior a publicação de *Semântica estrutural* e, o outro, tem sua data original de publicação no mesmo ano desta obra. Estamos nos referindo, respectivamente, aos textos *A mitologia comparada* ([1963]/1975a) e *Por uma teoria da interpretação da narrativa mítica* ([1966]/1975a).

O primeiro texto, já visitado por nós, aborda exatamente esta problemática da comparação dos sistemas de valores de determinadas culturas, afirmando, por fim, que só se pode conhecer efetivamente as axiologizações de uma determinada sociedade quando comparada, nos mesmo termos, com outra, reforçando a noção de que só se pode afirmar algo a respeito de um microuniverso semântico quando considerado um determinado tempo e espaço no qual os actantes existem ou agem. Já o segundo texto que mencionamos – mesmo que em termos de resultados analíticos, como o próprio autor explicita em seu *post-scriptum* (*ibid.*, p. 216), possua alguns problemas com relação à interpretação de alguns fatos míticos –, apresenta um diálogo com a construção desse modelo sintático geral, capaz de organizar os actantes conforme as suas funções e de acordo com o desenvolvimento da estrutura actancial. Isto, por sua vez, conduz Greimas a retomar, neste texto, as deias que relacionam o modo de aparência e as escolhas estilísticas dos componentes da narrativa com a existência de estruturas axiológicas subjacente, das quais os actantes se encontram investidos.

Deste modo, observamos que, além das articulações da ética e da estética se confirmarem como uma constante no pensamento teórico de Greimas, pelo fato de estarem presentes ao longo dos anos, é possível notar uma coerência no pensamento do autor, exatamente pela justaposição das obras. Em nosso entendimento, isto evidencia o esforço e a coesão do autor em buscar construir um modelo de análise

geral, formal e coerente que abranja as estruturas da significação, assim como a construção e a apreensão do sentido, isto é, as diferentes articulações entre a ética e a estética.

Ao continuarmos com nossa leitura de *Semântica estrutural*, notamos que Greimas, após ter reduzido as descrições sintagmáticas de Propp em unidades semânticas invariáveis, isto é, em diferentes actantes (*ibid.*, p. 251), procura estruturar tais unidades de maneira a compreender as relações que elas entretêm entre si dentro da perspectiva da narrativa. Nesse contexto, é ao tratar da significação acrônica da narrativa, enquanto uma das duas interpretações possíveis da narrativa, que o autor, em nosso entendimento, insere o domínio axiológico que organiza os valores e, conseqüentemente, a ética e a moral.

Sem entrarmos em muitos detalhes deste capítulo, em particular aqueles que não dizem respeito ao objeto desta pesquisa, contentar-nos-emos em apresentar resumidamente algumas contextualizações, quando julgarmos necessário, para que possamos, assim, melhor compreender os pontos de articulação da ética e da moral com a estrutura da narrativa que estava sendo construída no momento.

Dito isto, e seguindo as considerações proppianas a respeito dos contos populares, podemos notar que Greimas reduz as estruturas narrativas em um esquema que se apresenta reduzido a cinco termos que articulam, ao longo de toda a narrativa, os actantes desenvolvidos no capítulo precedente de sua obra. As relações e o esquema narrativo encontrados por Greimas, a partir da categorização de Propp, estão representados no quadro abaixo conforme o próprio autor desenvolve em seu livro (*ibid.*, p. 257):

Quadro 1 - Adaptação do quadro do esquema narrativo desenvolvido por Greimas

ESQUEMA PROPOSTO	PROVA QUALIFICANTE	PROVA PRINCIPAL	PROVA GLORIFICANTE
A { injunção aceitação	1ª função do doador  Reação do herói	Ordem  Decisão do herói	Atribuição de uma tarefa  _____
F { enfrentamento  êxito	_____  _____	Combate  Vitória	_____  Êxito
não c = consequência	Recepção do adjuvante	Dissolução da falta	Reconhecimento

Fonte: Greimas, 1976, p. 257.

Levando em consideração a totalidade das relações estabelecidas neste quadro, Greimas afirma que são as sequências inicial e final deste esquema que “contêm o essencial da investidura semântica da narrativa” (*ibid.*, p. 269) e que “é a sua leitura que deve dar a chave da significação do conto popular” (*id.*). Por meio do percurso que trilhamos até o momento, já podemos compreender que quando o autor se refere à existência de uma investidura semântica, ele está, na verdade, fazendo menção ao microuniverso de valores que compreendem, entre outras coisas, a ética e a moral.

Sendo assim, com o objetivo de conseguir abordar tais articulações observadas por Greimas, parece-nos necessário compreender, inicialmente, o que são estas sequências inicial e final para que, somente após isto, possamos verificar a possibilidade da presença e da articulação de uma moral e/ou de uma ética neste esquema narrativo.

No quadro proposto por Greimas, podemos observar, a partir da sintagmática daquilo que o autor denominou de prova principal, que a sequência inicial seria composta por uma ordem da qual o herói pode aceitar ou não o que lhe é proposto. Esta primeira sequência é então definida pelo autor como sendo o estabelecimento de um contrato (*ibid.*, p. 255), de maneira que este é “firmado entre o destinador, que oferece o objeto da busca ao destinatário, e o destinatário-sujeito que o aceita” (*ibid.*, p. 256). Já a sequência final – se continuarmos seguindo o quadro acima, e apesar de não ser explorada de maneira tão objetiva quanto a sequência inicial –, corresponderia, em nosso entendimento, à dissolução da falta para o destinador, pois é ele quem recorre ao herói e que o atribui, por meio do contrato inicialmente estabelecido, uma tarefa.

Porém, se a sequência inicial implica na existência de um contrato no qual há uma relação estabelecida entre o destinador e o destinatário, ao observarmos o quadro de Greimas, parece-nos que a sequência final não poderia deixar uma destas posições actanciais de fora. Desta maneira, enquanto a dissolução da falta corresponde à sequência final para o destinador, ao destinatário cabe o reconhecimento. Entretanto, sendo o destinador aquele que estabelece a existência do contrato e o destinatário um actante sujeito – que poderá ou não aceitar tal contrato, sem contanto nos esquecer do reconhecimento deste por aquele presente na sequência final –, a apreensão paradigmática das relações estabelecidas entre

destinador e destinatário começa a apresentar questões relevantes de ordem ética e moral.

Assim, ao discorrer a respeito da significação acrônica da narrativa e seu modo de apreensão paradigmático, Greimas afirma que “a existência do contrato (da ordem estabelecida) corresponde à ausência do contrato (da ordem) assim como a alienação corresponde à plena fruição dos valores” (*ibid.*, p. 270). Por mais que tal afirmação possa, a princípio, parecer confusa, se alterarmos a maneira pela qual ela se apresenta, as implicações éticas e morais podem começar a serem visualizadas. Para compreendermos estas relações, torna-se necessário notar que esta correlação evidenciada pelo autor apresenta, na verdade, dois fatos que são próprios de domínios diferentes, isto é, aos domínios social e individual. Como esclarece Greimas (*id.*):

A primeira formulação se apresenta como a correlação de duas ordens de fatos pertencentes a dois domínios diferentes:

1. *O domínio social*: ordem de lei, da organização contratual da sociedade;
2. *O domínio individual ou interindividual*: existência e posse, graças à comunicação inter-humana, dos valores individuais. (grifos do autor)

Em nosso entendimento, podemos compreender que, enquanto a existência ou não do contrato corresponderia ao domínio social, a alienação ou a fruição dos valores corresponderiam, por sua vez, ao domínio do individual. Com isso, parece-nos que o destinador, responsável pelo estabelecimento das condições do contrato, poderia ser considerado, a partir desta perspectiva, como pertencente ao domínio social e, portanto, representante de uma moral, uma vez que seria encarregado da “organização contratual da sociedade” (*id.*). Nesse contexto, o “contrato social, possui igualmente, à primeira vista, a forma da comunicação: o destinador impõe que o destinatário aja; o destinatário aceita a injunção” (*ibid.*, p. 272), constituindo aquilo que Greimas considera como uma “obrigação livremente consentida” (*id.*).

Entretanto, as narrativas não se resumem à aceitação iminente dos contratos estabelecidos pelo destinador. Além disso, mesmo que o destinatário aceite a injunção, ele pode romper com este contrato a qualquer momento da narrativa, marcando, assim, o domínio individual dentro de um contexto pertencente ao domínio social. Sendo assim, parece-nos razoável, em consequência destas reflexões, a

admissão do destinatário ao domínio do individual, pois isto lhe asseguraria a possibilidade de aceitação ou não da adesão ao contrato do destinador, além de seu modo de existência próprio, fundamentado em uma base axiológica que pode ser compartilhada ou não pelo seu entorno.

O que é interessante de notar no estabelecimento das relações entre destinador, destinatário e entre domínio social e domínio individual é que, o destinatário, ao romper ou violar este contrato, ou simplesmente negá-lo, acaba por aceitar uma injunção de uma outra ordem, não mais estabelecida pelo contrato social, mas sim pertencente ao domínio individual. Esta mudança sintática dos componentes da narrativa permite que o destinatário entre em sincretismo actancial com o actante destinador, reiterando sua ética sob uma moral social, a partir do que Greimas chamou de ato voluntário (*ibid.*, p. 273). Como evidencia o autor:

A tomada em consideração dos actantes elucidava o paradoxo: a violação é bem uma injunção, que comporta a negação do destinador e lhe substitui o destinatário. De fato, identificação do destinador e do destinatário na função de injunção parece constituir a própria definição da vontade, do ato voluntário (*id.*)

Esta perspectiva permite, a nosso ver, a emergência de um modelo que dê conta de descrever tanto as relações sociais entre sociedade e indivíduos quanto entre indivíduos, exatamente por considerar cada actante passível de ser investido de microuniversos semânticos que, como acabamos de destacar, nem sempre são compartilhados. Da mesma maneira, ao sublinhar que a relação destinador e destinatário acaba sendo, de certa maneira, mediada por este contrato, o esquema proposto por Greimas coloca em oposição a liberdade individual e a aceitação do contrato social; evidenciando o caráter perverso da significação das narrativas, na qual os sujeitos são levados incessantemente a escolher entre a plena fruição de sua liberdade individual e a conseqüente alienação social ou, ao contrário, a aceitação de um contrato social que permite a fruição e a partilha dos valores de uma determinada cultura, mas não sem antes renunciar uma certa liberdade individual. Nesse contexto, o sentido da narrativa se manifesta como um jogo de contradições éticas e morais. Nas palavras do autor:

[...] a ruptura do contrato toma uma outra significação positiva: a afirmação da liberdade do indivíduo. Logo, a alternativa proposta

pela narrativa é a escolha entre liberdade do indivíduo (isto é, a ausência do contrato) e a aceitação do contrato social. É somente após esse complemento de análise que aparece a verdadeira significação do conto popular, que é, como o mito – Lévi-Strauss bem o pressentiu e afirmou – uma presentificação das contradições, das escolhas igualmente impossíveis e insatisfatórias. (*id.*)

Assim, o estabelecimento destas relações parece, em nosso entendimento, evocar o problema dos investimentos semânticos nas diferentes posições actanciais, de maneira que, se por um lado temos as coerções sociais, culturais e, conseqüentemente, morais; por outro, temos a liberdade individual com todas as suas implicações éticas, de sorte que a escolha de um ou de outro assegura “ao homem engajado no processo histórico a consagração da responsabilidade” (*ibid.*, p. 274). É, portanto, em decorrência da existência desta complexidade na narrativa, que Greimas a considera essencialmente mediadora. Como o próprio autor destaca:

E, no entanto, essas contradições não são visíveis a olho nu; muito ao contrário, a narrativa dá a impressão de equilíbrio e de contradições neutralizadas. É nessa perspectiva que ela se mostra essencialmente em seu papel de mediação. De mediações múltiplas, devemos dizer: mediações entre estrutura e comportamento, entre permanência e História, entre sociedade e o indivíduo. (*ibid.*, p. 276)

Com isso, mesmo que Greimas tenha explorado, a princípio, tais questões a partir dos estudos mitológicos de Lévi-Strauss e dos contos populares russos de Propp, observamos que este esquema, pela perspectiva que buscamos colocar em evidência, é capaz de abranger um universo de manifestações muito maiores que os citados.

Tal afirmação decorre das análises já apresentadas a respeito de textos anteriores de Greimas, dos quais procuramos extrair os componentes éticos e morais e sua respectiva relevância para o desenvolvimento da metodologia semiótica. Estamos nos referindo precisamente ao texto *Cervantes and his Don Quixote* ([1943]/2016) e à obra *La mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d'après les journaux de mode de l'époque* ([1948]/2000b).

No primeiro, como já sublinhamos anteriormente, Dom Quixote manifesta uma axiologia de outra época, que não condiz mais com o contrato social estabelecido na sua contemporaneidade, o que o torna um ente estranho aos olhos dos outros, mas

que goza plenamente de seus valores, agora, individuais. No segundo, destacamos a figura do dândi que, por meio das escolhas dos arranjos estéticos que compõem seu modo de aparência, manifesta a sua ética, contrapondo o próprio contrato social. Neste último caso, parece-nos importante destacar que esta ruptura do contrato social que o dândi realiza não se limita ao seu modo de aparência, pois como buscamos defender desde o início desta pesquisa, os arranjos estéticos são projeções das categorias semânticas axiologizadas, seja da moral, seja da ética. O dândi, por exemplo, pelo fato de romper o contrato social da indumentária, não o faz puramente pelos valores estéticos, isto é, pelas escolhas paradigmáticas e sintagmáticas dos significantes, mas ele o faz porque isto representa seu modo de existência, projetando assim, seus valores. Ao tratarmos desta perspectiva, podemos assegurar o caráter autônomo dos dois planos da linguagem, ou seja, o plano da expressão e o plano do conteúdo, sem ferir o caráter estrutural da construção e da apreensão do sentido.

Assim, o caráter ético e moral no esquema narrativo, a nosso ver, encontra-se articulado diferentemente, porém complementarmente, conforme duas grandes classes destacadas por Greimas: a primeira pertencente à ordem das narrativas em que o contrato é aceito; e a segunda, uma classe na qual as narrativas possuem a negação ou a ruptura de seu contrato. A primeira, no nível das relações sociais, corresponderia à aceitação das normas, das condutas, das regras, das leis, marcando evidentemente a existência da moral sob a ética. Como nos explica Greimas (1976, p. 276):

[...] o ponto de partida está na constatação de certa ordem existente e na necessidade de justificar, explicar esta ordem. A ordem que existe, e que ultrapassa o homem, porque é uma ordem social ou natural (existência do dia ou da noite, do verão ou do inverno, dos homens e das mulheres, dos jovens e dos velhos, dos agricultores e dos caçadores etc.), se acha explicada ao nível do homem: a procura, a prova são comportamentos humanos que instauraram esta ou aquela ordem. A mediação da narrativa consiste em “humanizar” o mundo, em dar-lhe uma dimensão individual e de acontecimento. O mundo se acha justificado pelo homem, o homem integrado no mundo.

A segunda estrutura narrativa, na qual o destinatário rompe com o contrato ou acaba negando-o, mostra-nos uma dupla perspectiva bastante interessante. Por um lado, temos, de fato, a liberdade do indivíduo que goza plenamente de seus valores; e por outro, este mesmo sujeito que escolhe os seus valores, encontra-se deslocado



do seu contexto, alienado dos valores sociais e, por isso, inúmeras vezes, encontra-se excluído ou segregado dela. A respeito dessa segunda classe, Greimas sublinha que:

[...] a ordem existente é considerada imperfeita; o homem, alienado; a situação, intolerável. O esquema da narrativa se projeta então como um arquétipo de mediação, como uma promessa de salvação: é preciso que o homem, o indivíduo, assuma a sorte do mundo, que ele o transforme através de uma sucessão de lutas e de provas. (*ibid.*, pp. 276-277)

Esta última observação que realizamos a respeito da dupla perspectiva na narrativa da negação do contrato social, isto é, um ponto de vista eufórico e disfórico, não é uma exclusividade deste tipo de estrutura. O esquema narrativo da aceitação também possui uma contradição, pois aceitar a ordem das coisas é abdicar da liberdade individual. Ao realizarmos tal afirmação, temos em mente um único objetivo, o de evidenciar que o esquema narrativo permite “uma presentificação das contradições das escolhas igualmente impossíveis e insatisfatórias” (*ibid.*, p. 273) e, com isso, a emergência das axiologias de cada actante que podem, eventualmente, ser conflitantes.

As relações que apresentamos e que dizem respeito as articulações entre as posições actanciais do esquema narrativo proposto por Greimas, em nosso entendimento, satisfazem nosso objetivo de mostrar como tal modelo articula as axiologizações, tanto coletivas quanto individuais. Estas articulações, por sua vez, permitem englobar diversas narrativas, com a vantagem de auxiliar a compreensão de como se dá a co-ocorrência<sup>96</sup> e a concorrência da ética e da moral manifestando, paralelamente, os embates e os limites da liberdade do indivíduo em relação com o contrato social de uma determinada sociedade ou cultura.

Como procuramos mostrar, a obra *Semântica estrutural*, apesar de possuir este título, apresenta em seu conteúdo os fundamentos e as articulações inaugurais da metalinguagem que seria futuramente nomeada de semiótica. Do mesmo modo, é possível notar que a problemática da articulação dos valores em uma determinada

---

<sup>96</sup> Conforme o Novo Acordo Ortográfico, a grafia correta é “coocorrência”; porém, optamos intencionalmente por utilizar a antiga grafia “co-ocorrência”. Em nosso entendimento, tal grafia sublinha, de maneira pertinente, a existência de dois movimentos distintos no fenômeno, isto é, a simultaneidade e o acontecimento.

sociedade ou cultura (assim como suas diferentes manifestações nos mais variados arranjos significantes), em nosso entendimento, parecem reafirmar-se; reiterando a preocupação de Greimas, ao longo de sua obra, com a maneira pela qual a ética, a moral e a estética se encontram implicadas na construção e na apreensão do sentido.

### 3.3. A linguagem e suas construções

A essa altura da pesquisa, pode-se causar uma certa estranheza o fato de falarmos em semiótica sem que, no entanto, o próprio autor evidencie tal termo em seus escritos.

A razão desta decisão se encontra atrelada à metodologia diacrônica que decidimos adotar em nossa pesquisa. Contudo, tal preocupação não se mostra doravante relevante, pois é em seu artigo, intitulado *Considerações sobre a linguagem* ([1966]/1975a), que Greimas utiliza pela primeira vez o termo semiótica. Antes de avançarmos, é necessário que façamos uma pequena observação a respeito da data deste artigo, bem como da veracidade da utilização do termo semiótica por Greimas. Este artigo, que faz parte da coletânea que compõe seu livro, *Sobre o sentido* ([1970]/1975a), apresenta em nota de rodapé introdutória a informação de que tal conteúdo foi, na verdade, uma “comunicação apresentada no II Simpósio Internacional de Semiologia, em Kazimierz (Polônia)”, no ano de 1966. Assim, tendo o seu conteúdo sido proferido em 1966, em um simpósio de semiologia, e publicado em sua obra quatro anos mais tarde (1970), e sabendo que em 1969 a Associação Internacional de Semiótica, “por iniciativa de Roman Jakobson, decidiu adotar semiótica como termo geral do território de investigações nas tradições da semiologia e da semiótica geral” (NÖTH, 2003, p. 24), podemos pensar que Greimas adota a terminologia de semiótica mais em decorrência da decisão tomada em 1969 do que como uma preferência teórica. Além disso, a impossibilidade de confirmar se em sua comunicação original o autor realmente utilizou o termo semiótica e não semiologia, evoca naturalmente este tipo de questionamento.

Todavia, nossa pesquisa nos conduziu a uma obra, sob a organização de Paolo Fabbri e Giuseppe Paioni, intitulada *Modelli Semiologici* que data do ano de 1967. Este livro é, assim como *Sobre o sentido* (1975a), uma coletânea de textos de Greimas, porém com uma data anterior e contendo seus textos em tradução para o italiano. É, portanto, em *Modelli Semiologici* que podemos ter – se não uma resposta

exata –, ao menos a certeza de que, antes de 1969, Greimas (1967, p. 8) já utilizava o termo semiótica. Em decorrência destes fatos, somos levados a considerar que, efetivamente, já no ano de 1966, Greimas reconhecia seu projeto teórico não mais sob o nome de uma semântica, nem de semiologia, mas sim de semiótica.

O motivo de termos trilhado este caminho histórico se deve, principalmente, a duas razões: 1) para garantir nossa coerência metodológica, assegurando a diacronicidade de nossa pesquisa, e 2) para compreendermos e, com isso, admitirmos que a partir de seu texto *Considerações sobre a linguagem* (GREIMAS, 1975a), datado originalmente de 1966, podemos considerar, efetivamente, o projeto teórico de Greimas sob o nome de semiótica. Assim, substituindo o conceito de linguagem pelo de semiótica, o autor, ao parafrasear Hjelmslev, define-a como sendo “uma hierarquia que pode ser submetida à análise e cujos elementos podem ser interpretados por relações recíprocas (e pela comutação)” (*ibid.*, p. 21).

Nesse contexto, consideramos importante sublinhar que esta aproximação realizada por Greimas, entre o conceito de linguagem e o de semiótica, é devido ao problema da definição do próprio objeto da linguística. Como o autor nos explica, a perspectiva de “uma linguística ‘linguística’ e uma linguística ‘não-linguística’” (*ibid.*, 18) culminou na assunção de que “o verdadeiro caminho da linguística nos últimos anos é o que passa por Schleicher, Bloomfield e Chomsky” (*id.*), de maneira que as contribuições de Saussure e os desenvolvimentos de Hjelmslev acabaram sendo colocados entre parênteses por aquilo que Greimas (*id.*) chamou de “perspectivismo regional”.

Isto ocorre porque a prática linguística da escola saussuriana não limitava seus objetos à esfera da “linguística tradicional”, que se fechava em um sistema de “excessos nefastos de uma moda passageira” (*id.*), ao contrário: “o fato é que nem Saussure, nem Hjelmslev, nem Jakobson, nem toda a mais notável tradição saussuriana nunca se fechou no domínio linguístico *stricto sensu*” (*id.*, grifos do autor). A consequência desta não limitação do campo de atuação da linguística ao domínio da língua natural acabou impulsionando tal tradição para a área de uma “linguística não linguística”.

Nessa conjuntura, entre o “confronto” de uma linguística tradicional e de uma “linguística não linguística” o problema que se coloca para Greimas passa a ser a definição de seus respectivos objetos. Seria a linguística solicitada a dar conta das questões relacionadas à língua ou daquelas mais amplas oriundas da linguagem?

Esta questão ganhava em complexidade na medida em que os principais expoentes da linguística não tradicional não eram, de fato, linguistas; como, por exemplo, Lévi-Strauss e Merleau-Ponty (*ibid.*, p. 19), e que os termos língua e linguagem se tornavam polissêmicos no domínio da linguística. Contudo, apesar destas preocupações originais, que poderiam eventualmente minar qualquer tentativa de elaboração teórica, tal problemática se apresenta aparentemente resolvida no pensamento de Greimas, pois ele explicita que:

A teoria geral da linguagem se desenvolve por assim dizer *naturalmente* a partir das considerações sobre o estatuto das línguas naturais, e as pesquisas linguísticas concretas para ela contribuem com a generalização de seus processos e métodos. Mas, por outro lado, as línguas naturais necessitam de uma teoria que determine e estabeleça as etapas essenciais para sua descrição. Duas linguagens pelo menos – uma língua natural a ser descrita e uma linguagem artificial onde estão formuladas as condições teóricas para esta descrição – são necessárias para que a sua junção produza esta terceira linguagem que é a língua específica descrita na sua estrutura e no seu funcionamento. (*ibid.*, p. 20)

Nesta passagem, notamos que o autor parece recuperar as mesmas reflexões desenvolvidas a respeito das diferentes metalinguagens e de seus diversos níveis de análise já explorados em *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976, pp. 22-26). Porém, o que nos chama a atenção é que, em decorrência destas relações exploradas por Greimas – entre a língua e a linguagem –, podemos observar que a língua, para o autor, é tomada como uma linguagem, ou melhor dizendo, como uma das inúmeras formas que a linguagem pode tomar. Tendo isto em mente, é possível compreender o motivo pelo qual o autor, num movimento que busca conciliar tanto a linguística tradicional quanto a não tradicional, afirma que “exercer a função de linguista, mesmo dentro da mais estrita observância de uma ordem, é manipular simultaneamente várias linguagens” (GREIMAS, 1975a, p. 20).

Dessa maneira, tomando para si a sentença de tal afirmação e refletindo a respeito do estatuto científico da linguagem enquanto articuladora do próprio conhecimento, Greimas passa a se interrogar sobre o modo de existência da linguagem no mundo. Este questionamento o leva a considerar que a linguagem nem é o fim nem o começo de algo, mas sim o meio pelo qual este algo chega ao seu fim. Nas palavras do autor: “a ciência só é linguagem na medida em que esta é

compreendida como um lugar de mediação, como uma tela sobre a qual as formas inteligíveis e do mundo são representadas” (*id.*).

Aqui é necessário abrir um parêntese, pois esta não é a primeira vez, e não será a última, que Greimas se refere à metáfora da tela para tratar da linguagem e de como ela é responsável pela articulação do inteligível nas formas apreensíveis do mundo. Como já destacamos anteriormente<sup>97</sup>, em *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976, pp. 165-166), o autor faz menção a “uma espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido” para se referir ao modo de aparência de um determinado conteúdo, constituindo, com isso, o mundo das qualidades. Essa mesma fórmula também irá ser retomada em *Da imperfeição* (GREIMAS, 2017, p. 82), ao tratar da figuratividade como uma “tela do parecer”, porém dedicaremos a esta última, em um momento futuro, a atenção necessária.

Foquemos, nesse momento, na abordagem das duas primeiras passagens. Sabendo que ambos os textos possuem o mesmo ano de publicação – 1966 –, parece-nos plausível intentar a realização de tal aproximação. Se considerarmos esta tela como somente uma única tela, isto é, o autor se refere a mesma coisa nas duas passagens, poderemos, talvez, transpor as considerações que o autor realiza a respeito dos níveis de metalinguagem em direção à própria noção de linguagem. Desta maneira, ao tomarmos a linguagem, como mencionada em *Considerações sobre a linguagem* (1975a), isto é, como a mediadora entre o conteúdo inteligível e a unidade efetivamente manifestada no mundo, e levando igualmente em consideração que em *Semântica estrutural* (1976) ela é apontada como o modo de aparência de um determinado conteúdo, podemos visualizar que a linguagem seria o lugar de investimento dos conteúdos semânticos e de sua respectiva articulação em arranjos da expressão.

Portanto, sabendo que Greimas realiza a aproximação do conceito de semiótica com o de linguagem, e que esta poderia ser considerada como este lugar de mediação entre os investimentos semânticos axiologizados e a articulação dos arranjos significantes – isto é, do mundo das qualidades –, parece-nos possível dizer que a semiótica, definida como tal, possui efetivamente, como centro de suas preocupações, a articulação da ética e da estética. Em nosso entendimento, é em consequência destas articulações que a semiótica seria levada a caracterizar seu principal objetivo

---

<sup>97</sup> Vide página 149.

como sendo “explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415). É também nesse contexto que a semiótica poderia ser considerada como uma metodologia descritiva, pois ela, aproximada da definição de linguagem, busca descrever um determinado conteúdo que é manifestado por arranjos significantes específicos e que produzem sentido na medida em que são relacionados entre si. Isto, a nosso ver, auxiliaria inclusive a melhor compreender a própria explicação de Greimas (1975a, p. 21) a respeito da definição de semiótica, isto é, considerada como “uma hierarquia que pode ser submetida à análise e cujos elementos podem ser interpretados por relações recíprocas (e pela comutação)”. Estas relações evidenciam e confirmam a abordagem que Greimas realiza a respeito da semiótica ao considerá-la como uma teoria da linguagem, ao passo que ela mesma é uma linguagem.

É, então, pensando no desenvolvimento de uma metodologia descritiva e levando em consideração a heteroclidade das diversas linguagens que coexistem e coabitam o mundo da manifestação, que Greimas aponta para a capacidade limitada de uma descrição fundamentada exclusivamente no plano linguístico, uma vez que tal empresa seria capaz construir uma rede de relações coerentes, porém ignoraria por completo o seu próprio objeto. Como o autor explica:

Não basta dizer que os termos-objetos podem ser traduzidos em qualquer língua, que uma planta, por exemplo, pode receber uma denominação latina. Na realidade os termos-objetos em geral já se encontram denominados nas línguas naturais e não se pode ter certeza que as duas expressões linguísticas, – a “artificial” e a “natural” – que supostamente se referem a apenas um termo-objeto, sejam equivalentes. (*ibid.*, pp. 22-23)

Diante de tal limitação, o autor propõe dois caminhos que o analista poderia seguir ao se deparar com as diferentes manifestações das linguagens. O primeiro, em conformidade com a crítica efetuada já em *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976, pp. 75-76) a respeito do tratamento da teoria do imaginário e de seus arquétipos à leitura simbólica dos termos-objetos – que abriria um certo espaço para a subjetividade do analista –, preconiza “considerar os termos-objetos apenas como “nomes-próprios”, como simples denominações das figuras do mundo, fazendo abstração da semiótica implícita que os organiza” (GREIMAS, 1975a, p. 23). O segundo caminho possível para o analista é exatamente o oposto do primeiro, ou seja, é aquele de “tornar

manifesta tal semiótica”, isto é, a semiótica implícita que organiza não somente o termo-objeto em si, mas também as relações que ele entretém com os outros elementos da manifestação<sup>98</sup>.

Com isso, ao evidenciar a sua preferência pelo segundo caminho, Greimas acaba por preconizar que o estudo de uma semiótica ou de um termo-objeto qualquer deva levar em consideração os arranjos significantes que o constituem como tal. Nesse contexto, não se poderia afirmar que uma árvore o é de fato, sem antes reconhecer no seu modo de aparência os traços distintivos que possibilitem uma tal leitura. Talvez não sejamos tão felizes ao tomarmos como exemplo a figura de uma árvore; porém, isto só demonstra o quão difícil é a tarefa do analista que se propõe a tratar da semiótica implícita que articula a figura da árvore enquanto tal, sem que se deixe “contaminar” pelo universo *apriorístico* dos nomes próprios.

Porém, o que nos chama a atenção é que a escolha de Greimas por esse caminho leva em consideração a possibilidade de uma metodologia descritiva que seja capaz de analisar o maior número possível de manifestações, independentemente da natureza de seu significante. Podemos notar tal preocupação exatamente no momento em que o autor discorre sobre a possibilidade de análise, a partir desta proposta metodológica, de campos de estudos ainda virgens para a linguística, como por exemplo a pintura. Nas palavras do autor:

Considerando um domínio ainda virgem, como a pintura, cuja descrição ainda não foi feita de forma sistemática, nota-se que este domínio é suscetível de uma dupla descrição, que ou responda à questão do que é a pintura “em si” ou à questão do que é a pintura para uma comunidade cultural. (*id.*)

Devemos reconhecer que, apesar de todas as considerações que realizamos a respeito da metodologia do projeto teórico de Greimas, neste texto, parece-nos que o autor está interessado, de fato, em sublinhar os limites dos métodos da linguística tradicional para alicerçar as justificativas para a fundação de uma linguagem científica capaz de dar conta desse universo heteróclito das linguagens. Porém, parece-nos que é em decorrência desta estratégia discursiva que, ao levantar tais problemáticas como, por exemplo, a questão da investigação dos elementos figurativos – e os

---

<sup>98</sup> Poderíamos até mesmo tratar esta problemática no nível do sistema. Porém, ao direcionar sua atenção à linguagem, Greimas evidencia o seu interesse no nível do processo. Desta maneira, não consideramos pertinente integrar tal nível em nosso comentário.

respectivos problemas da adoção de uma descrição que leva em consideração somente sua existência simbólica – e não figurativos (semiótica implícita), Greimas sugere em sua metodologia a existência desse “lugar” de articulação teórica capaz de dar conta destas linguagens que se utilizam da linguagem não figurativa como estratégia comunicativa, de maneira que a articulação de seus arranjos significantes permitam entrever o significado.

Dessa maneira, em nosso entendimento, ao destacar tais relações e evocar a possibilidade de uma metodologia descritiva, que prevê em seu edifício epistemológico uma articulação teórica generalista o suficiente para dar conta das mais diversas linguagens e suas respectivas manifestações, Greimas reitera a vocação dos postulados saussurianos de uma linguística não tradicional.

Além disso, estas mesmas passagens permitem igualmente evidenciar que Greimas – ao buscar tratar a problemática da descrição das diferentes linguagens a partir da semiótica implícita presente em cada uma das manifestações, e não mais a partir dos limites da língua – reinsere e, conseqüentemente, retoma um outro ponto importante presente também em *Semântica estrutural* e que se mostra essencial para o desenvolvimento de seu projeto teórico, isto é, a participação da percepção no processo da descrição. Assim, em sua primeira obra, ao afirmar que, “as significações do mundo humano se situam no nível da percepção” (GREIMAS, 1976, p. 16) e que isto “consiste em definir a exploração no mundo do senso comum, ou, como se diz, no mundo sensível” (*id.*), Greimas já visualizava a importância de se considerar a semiótica implícita do termo objeto, pois a partir desta observação é que seria possível de se compreender, por meio do sentido articulado, a significação.

Para os leitores de Greimas, parece-nos difícil de não relacionar essas passagens com os futuros desenvolvimentos da teoria, sobretudo no que tange àqueles das análises semi-simbólicas e, em particular, das análises de semiótica plástica. Isto se dá em decorrência da própria fala do autor, em especial ao manifestar sua intenção de constituir uma metalinguagem capaz de dar conta da significação presente nas pinturas, não somente pensando no nível figurativo, mas também no nível não figurativo. Por isso a importância de se considerar, como caminho de análise, a semiótica implícita dos termos-objetos.

Este mesmo caminho de análise preconizado pelo autor, isto é, que prioriza a observação das semióticas implícitas para que se chegue na significação do termo objeto, a nosso ver, trata-se da confirmação de que a análise de qualquer linguagem



se inicia a partir da apreensão das articulações dos arranjos significantes que a constituem. Em outras palavras, conceber a observação das semióticas implícitas de um determinado objeto como o caminho preferencial da análise consiste em considerar quais são as articulações entre os modos de aparência e os arranjos significantes da manifestação, isto é, a estética.

### 3.4. A linguagem poética

Esta abordagem que, em nossa interpretação, permite a aproximação da exploração das semióticas implícitas com a ideia das articulações dos arranjos estéticos, não se apresenta no pensamento de Greimas sem provocar seus respectivos ecos. Podemos assim, respeitando o nosso critério diacrônico, observar a implicação de uma tal afirmação em função da emergência da problemática da poética nos escritos que se seguem: *A linguística estrutural e a poética* ([1967]/1975a) e *A escritura cruciverbista* ([1967]/1975a). Reconhecendo, portanto, a existência desta continuidade epistemológica de Greimas, tal aproximação não nos parece incoerente. Ao contrário, isto justificaria o interesse “súbito” do autor pelo domínio da poética, pois além de sua aproximação com o campo literário – o que permite que o autor, sem muita dificuldade, mantenha-se fiel à objetividade da linguística estrutural –, a exploração das semióticas implícitas conduziria, de maneira praticamente natural, às interrogações a respeito do plano da expressão e, conseqüentemente, a sua correlação com o plano do conteúdo. É compreendendo este contexto que o autor explica que:

As relações entre a linguística estrutural e a poética têm que ser íntimas: não somente a identidade do objeto descrito, de natureza linguística nos dois casos, mas também a forma de considerar seu modo de existência (a saber: um sistema de relações, ou seja, uma estrutura complexa), permitem pensar que uma mesma metodologia de base pode servir à análise dos objetos linguísticos e poéticos; e que os procedimentos de descrição da poética devem ser, pelo menos na fase inicial, a aplicação e o prolongamento dos procedimentos elaborados pela linguística. (GREIMAS, 1975a, p. 255)

É importante notar que ao falar de poética, neste texto em particular, Greimas se refere ao domínio literário. Sabendo que em textos futuros<sup>99</sup>, como, por exemplo, *Por uma teoria do discurso poético* ([1972]/1975c) e *Semiótica figurativa e semiótica plástica* (1984<sup>100</sup>), o autor explora este mesmo conceito em manifestações não literárias – e faz até mesmo questão de destacar isto –, e parece-nos que a “limitação” deste termo pode ser devido a uma dupla perspectiva, que se apresentam de maneiras opostas e que por esta razão dialogam com hipóteses meramente especulativas, mas que em algum momento podem, talvez, auxiliar-nos a melhor compreender o percurso de Greimas.

A primeira perspectiva diz respeito a uma limitação do conceito não intencional e decorrente do próprio desenvolvimento da metodologia. Isto quer dizer que, ao tratar de uma teoria da linguagem que possui como fundamento os pressupostos formais da linguística, seria natural a aproximação de Greimas, a princípio, com os objetos literários, para que somente após houvesse uma extrapolação, como pretendia Saussure, do objeto literário.

Em oposição a esta abordagem, a segunda perspectiva consistiria na possibilidade de que a escolha de delimitar o conceito de poética somente ao campo literário tenha sido intencional, até porque naquela época Jakobson ([1963]/1976) já definia a função poética da mensagem em seu esquema comunicacional considerando outras manifestações para além do domínio literário. Nesse contexto, parece-nos que tal decisão seria motivada mais por uma comodidade teórica e operacional que por razões de ordem puramente conceituais. Talvez, até mesmo, como uma maneira de contentar, ou ainda de convencer, os linguistas de uma escola tradicional. Desta maneira, esta estratégia do autor permitiria refletir a respeito dos devidos prolongamentos de sua metodologia, sem que com isso fosse necessário extrapolar os limites do literário evitando, em um primeiro momento, a necessidade de se ocupar com mais definições e sem que ele corresse o risco de ser criticado pela transposição do conceito de poética a outras manifestações.

Evidentemente, estas duas perspectivas pertencem ao domínio das hipóteses especulativas e talvez nunca saibamos, com certeza, se houve intencionalidade ou

---

<sup>99</sup> Exploraremos tais textos no momento diacrônico que lhes cabem. Por ora, pedimos a compreensão de nossos leitores para que apenas retenham tal informação.

<sup>100</sup> Com relação a este texto, apresentamos somente uma data, pois tanto a sua edição original quanto a sua edição em português, foram publicadas no ano de 1984.

não na decisão de Greimas de, neste primeiro momento, limitar o conceito de poética ao campo literário. Entretanto, isto em nada altera as articulações teóricas que ele propõe a partir da análise do discurso literário poético e a sua aproximação com a linguística estrutural, apenas seu alcance inicial que, como frisamos anteriormente, rapidamente seria extrapolado para fora da exclusividade do campo literário.

Tendo isto em mente, a exploração da pesquisa poética possibilita a abertura para os estudos das semióticas implícitas, em especial ao conjugar em sua metodologia as preocupações relacionadas tanto com o plano da expressão quanto com o plano do conteúdo e, sobretudo, por meio da investigação da maneira pela qual o objeto poético é articulado em ambos os planos da linguagem. Como nos explica Greimas (1975a, p. 256):

Se a chamada pesquisa literária visa à descrição de esquemas e modelos estruturais construídos a partir da *forma do conteúdo* e que servem para a organização da sua substância, a pesquisa poética opera a partir de um subconjunto de sequências discursivas fechadas, e caracterizadas por uma organização paralela à da *forma da expressão*. Ainda que a poética trabalhe sobre um corpus empiricamente mais restrito, ela se apresenta como um empreendimento mais vasto e mais complexo: ela deve constituir um instrumento metodológico e tecnológico que permita não apenas descrever as articulações dos dois planos do significante e do significado, mas também dar conta da correlação específica que o objeto estabelece entre estes dois planos. (grifos do autor)

O que nos chama a atenção nesta passagem é que, apesar de considerar os objetos poéticos como pertencentes ao domínio literário (*ibid.*, 255), Greimas menciona a necessidade de que a poética, em razão de sua complexidade, torne-se um instrumento metodológico. Em nosso entendimento, isso evoca a ideia de que o autor, ao tender para este caminho, já considera a possibilidade de extrapolação do conceito de poética para manifestações extralinguísticas, pois introduzi-la enquanto metodologia corresponderia a propor um modelo geral de análise capaz de dar conta de diferentes manifestações.

Ao tratar da problemática da comunicação poética, Greimas destaca que as definições correntemente atribuídas a este conceito levam em consideração as articulações inerentes à dimensão sintática, à redundância sintagmática e às relações terminológicas que se encontram no texto dito poético (*ibid.*, 257). Entretanto, estas articulações, que constituem uma metodologia de análise da comunicação poética,

acabam por não considerar as estruturas do plano da expressão e nem como seus arranjos contribuem para a própria construção do objeto poético e seu consequente efeito de sentido. Nas palavras do autor:

Semelhante concepção da comunicação poética (síntese das definições de estilo dadas por Bloch e por Hill) omite o problema do conteúdo da mensagem poética transmitida por estas unidade – o que é normal nesta etapa –; também não coloca o problema da significação das estruturas da expressão que fazem parte da mesma mensagem, e, ao afirmar a natureza linguística das unidades poéticas, não se pronuncia nem sobre suas dimensões nem sobre sua articulação interna; levanta-se assim o problema dos níveis de comunicação poética e da tipologia estrutural de suas unidades. (*id.*)

Se, à primeira vista, as palavras de Greimas se constituem como uma crítica a uma determinada metodologia, para nós, e em especial dentro da perspectiva da nossa pesquisa, esta passagem é, com efeito, um divisor de águas na teoria semiótica. Dizemos isto, pois, ao explicitar tal posicionamento, o autor não somente insere o plano da expressão em seu projeto científico, mas também o inscreve como igualmente responsável pela articulação do sentido no discurso poético. Com isso, tanto a articulação do plano do conteúdo quanto do plano da expressão, passam a ser consideradas como construtores do sentido, tendo suas relações hipotáticas transformadas em relações de equivalência (*ibid.*, p. 259).

Desta maneira, em decorrência da neutralização das relações hierárquicas em prol da equivalência entre os planos de linguagem, a estrutura paradigmática da substância poética se encontra marcada pela presença de traços distintivos idênticos ou opostos, de maneira que “a redundância não é somente a iteração de formas, mas também de *substâncias*” (*id.*, grifo do autor). Assim, a tarefa do analista consistiria em observar as reiteraões e suas respectivas rupturas no que tange tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo, seja por meio, por exemplo, do reconhecimento de classes de fonemas ou de lexemas, ou ainda na comparação entre dois fonemas ou lexemas. Percebemos, nesse ponto, como Greimas passa a introduzir, efetivamente, em sua metodologia, o plano da expressão como um plano da linguagem autônomo e igualmente responsável pela construção do sentido. É neste contexto que “as relações poéticas têm, portanto, por função a *organização*

*paradigmática da substância investida, tanto a do conteúdo quanto a da expressão” (id., grifos do autor).*

Buscando manter sua coerência metodológica e levando em consideração a pressuposição dos dois planos de linguagem, bem como as suas respectivas correlações, Greimas procura verificar se os mesmos critérios para o depreendimento da isotopia semântica são aplicáveis para a constatação da existência de uma possível isotopia poética. Tendo isso em vista, e levando em consideração o funcionamento da isotopia no nível do plano do conteúdo, Greimas é categórico ao afirmar que:

Os mesmos procedimentos de descrição podem ser aplicados ainda mais facilmente ao plano da *expressão*: permitindo assim estabelecer, a partir de uma isotopia fonética, articulada em termos de traços distintivos e não de fonemas, tanto as estruturas de “tonalidade geral” dos objetos poéticos quanto uma “tropologia” da expressão. (*ibid.*, 260)

Devemos ressaltar que nesse contexto, sobretudo ao considerar a noção de poética limitada ao domínio literário, algumas das questões que o autor se coloca possui ainda uma relação com a maneira pela qual se torna possível depreender a isotopia do plano da expressão. Tal questionamento o conduz, conseqüentemente, a refletir acerca do respectivo desenvolvimento de um arcabouço teórico e operacional que seja capaz de tal feito, assegurando com isso a coerência interna de sua metalinguagem científica. Assim, em mais um movimento de transposição das articulações do plano do conteúdo para o plano da expressão, e visando reafirmar a correlação existente entre os dois planos da linguagem, Greimas destaca que a própria atividade de análise da isotopia do conteúdo, que por um lado desemboca nas isotopias semânticas, também permitiria evidenciar a emergência de isotopias semiológicas. Estas, por sua vez, ao serem requisitadas pela comunicação poética, corresponderiam ao inventário de códigos organizados que evidenciam a presença da articulação de diferentes ordens sensoriais na manifestação discursiva do objeto poético. Greimas vê, portanto, no estabelecimento de tais relações, a relação isomórfica entre os dois planos da linguagem. Nas palavras do autor:

Ao nível da isotopia da substância do conteúdo, um certo número de pesquisas convergentes destacam certas categorias da isotopia semântica (categorias de gênero e de número, de animado e de

inanimado, de material e de moral), baseada na projeção das relações morfo-sintáticas do enunciado (concordância e reação). Mas estas pesquisas chegam assim a determinar a existência das isotopias semiológicas, que consistem na utilização, pela comunicação poética, de códigos isomorfos em larga medida traduzíveis uns pelos outros (Bachelard, Lévi-Strauss) que organizam as diferentes ordens sensoriais [...]. (*ibid.*, pp. 260-261)

Apesar de tratar da inclusão do plano da expressão em sua metodologia, nesta passagem que viemos de apresentar, a nosso ver, esconde-se um detalhe que poderia passar despercebido se não fosse nosso interesse pela articulação ética e moral na semiótica. Ao tratar das conquistas que os estudos a respeito da isotopia do conteúdo e, conseqüentemente, da isotopia semântica proporcionaram para o depreendimento das categorias semânticas, que se encontram articuladas no enunciado, um dos componentes citados é exatamente o da moral, não por acaso, em par com o do material. É verdade que qualquer afirmação que realizarmos, nessa altura de nossa pesquisa, no que diz respeito a tal “acoplamento”, entre a isotopia de uma categoria semântica do material e da moral, seria puramente especulativa. Contudo, não podemos evitar de imaginar que a escolha de colocar em seu discurso esta categoria, ainda mais da maneira como é realizada, isto é, em pares, não tenha sido coincidência.

Em nosso entendimento, tal escolha se dá exatamente pelo fato de que ela ilustra, assim como os outros pares utilizados pelo autor, uma aparente oposição entre o que é da ordem do estilístico e o que é da ordem do conteúdo. Valendo-se, portanto, desta aparente oposição, o autor constrói sua ideia de que tais categorias semânticas podem eventualmente apresentar correlações, isto é, que o numérico seja manifestado por um determinado gênero, que o inanimado seja manifestado pelo animado e, por fim, que a moral seja manifestada pelo material. Tal afirmação iria de encontro com explicação de Greimas a respeito da distinção do literário e do poético:

Todo mundo concorda em dizer que a distinção entre o literário e o poético não é de ordem apenas quantitativa, e que a poesia não se define, na sua relação com a literatura, pelo acréscimo de um plano da expressão suplementar (mesmo que este possua uma articulação paralela e às vezes isomorfa ao plano do conteúdo), *mas que resulta antes da “fusão íntima” dos dois planos.* (*ibid.*, p. 261, grifos nossos)

Desta maneira, ao reafirmar que “a co-ocorrência das formas dos dois planos é um dos elementos da definição da linguagem poética” (*id.*), e após verificar a possibilidade de transposição de alguns conceitos operacionais de análise de um plano a outro, Greimas destaca que esta co-ocorrência, ou ainda, esta ideia de “fusão íntima dos dois planos” (*id.*), não quer dizer que haja um movimento de fusão total entre os elementos constituintes dos planos da expressão e do conteúdo. Ao contrário, é exatamente a articulação dos dois planos de maneira autônoma, mas correlata, que permite a redução da distância entre significante e significado que, por sua vez, resultaria em um efeito de sentido de uma “verdade redescoberta” (*ibid.*, p. 262). Como nos explica o autor:

O que existe de comum em todos estes fenômenos é a redução da distância entre o significante e o significado: dir-se-ia que a linguagem poética, ainda que permanecendo linguagem, tenta retomar o “grito original” e se situa assim a meio caminho entre a articulação simples e a articulação linguística dupla. Daí resulta um “efeito de sentido”, comum aos diferentes exemplos citados, que é o de uma “verdade redescoberta”, originária ou original, dependendo do caso. É nesta significação ilusória de “sentido profundo”, oculto e inerente ao plano da expressão, que se poderia situar, especialmente, o problema dos anagramas. (*id.*)

Podemos observar com esta passagem que, se por um lado Greimas reconhece a possibilidade de transposição de alguns conceitos do plano do conteúdo para o plano da expressão exatamente pelo caráter isomórfico dos dois planos da linguagem, por outro, o autor sublinha que o próprio plano da expressão evoca uma “significação ilusória de ‘sentido profundo’” (*id.*) e que se apresenta inerente à este plano. Em nosso entendimento, tais consideração refletem que ao inserir, de fato, o plano da expressão na metodologia descritiva da semiótica, Greimas constata que, da mesma maneira que encontramos no plano do conteúdo, com sua autonomia, uma articulação de seus elementos que por si só possuem significação ao nível da inteligibilidade – resultando na base das pesquisas semânticas –, o plano da expressão possui também a sua autonomia e que as articulações de seus componentes são responsáveis pela construção deste sentido profundo.

O que nos chama igualmente a atenção nesta passagem é o fato de que Greimas, ao se referir a este sentido construído pelo plano da expressão e do respectivo efeito de sentido de sua aproximação com o plano do conteúdo, utiliza –

de modo pouco habitual – metáforas, marcando o caráter do inefável inerente à linguagem poética. Observamos, com isso, a possibilidade de realizarmos, em decorrência da própria relação isomórfica entre os planos da linguagem, uma aproximação destes efeitos de sentido, denominados por Greimas como um “grito original” e uma “verdade redescoberta”, com a passagem em *Semântica estrutural* na qual aponta para a existência do prazer estético, exatamente por tratar da presença de múltiplas isotopias em uma determinada manifestação, pois para o autor, o prazer estético poderia ser experienciado “pelo desvendamento das isotopias ocultas”. (GREIMAS, 1976, p.131).

Ademais, ao falar de uma “significação ilusória”, oculta e inerente ao plano da expressão, além de sublinhar a autonomia deste plano, parece-nos igualmente possível estabelecer uma aproximação com o que Greimas chamou, também em *Semântica estrutural* (*ibid.*, 166), de modo de aparência ou ainda, a partir das relações que estabelecemos anteriormente, com o conceito do parecer, exatamente por se fundamentar na ideia desta “espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido”. Com isso, parece-nos que, ao destacar a autonomia do plano da expressão, o autor sublinha o fato de que a articulação de seus componentes manifesta, no nível dos modos de aparência, unidades significantes que são investidas – por si só e a exemplo das isotopias semânticas – de significação. Entretanto, o próprio autor reconhece a impossibilidade, em seu texto, de ir além em análises poéticas, pois “a pesquisa poética infelizmente não está desenvolvida o bastante para que se possa entrever a solução do problema (levantado por Jakobson) da *significação* das formas poéticas” (GREIMAS, 1975a, p. 262.)

Contudo, apesar de reconhecer o problema do desenvolvimento nas pesquisas poéticas, Greimas entrevê uma possibilidade metodológica para o depreendimento desta “significação das formas poéticas”. Para ele, “*uma das maneiras de resolvê-lo seria conferir a significação “verdade” à adequação do conteúdo e da expressão*” (*id.*, grifos do autor). Ele nos explica ainda que, “esta adequação, cujo estatuto estrutural a poesia intrafrásica define progressivamente, deve ser pesquisada também ao nível transfrásico” (*ibid.*, pp. 262-263). Em nosso entendimento, parece razoável imaginar que, quando Greimas propõe resolver o problema da significação das formas poéticas por meio do estabelecimento dessa “verdade” à adequação dos dois planos de linguagem, ele está, em realidade, propondo que a metodologia seja capaz de realizar a homologação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Da mesma



maneira, parece-nos que ao tratar sobre a “adequação” entre os planos de linguagem, indicando a necessidade para a pesquisa poética de considerar tanto a perspectiva intrafrásica quanto transfrásica, Greimas insere, de fato, na metodologia de análise poética, a importância de se considerar a linguagem poética como uma projeção do “*princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação*” (JAKOBSON, 1976, p. 130).

Se tomamos a decisão de nos debruçarmos de maneira mais detalhista e longamente sobre este texto de Greimas é porque encontramos nele considerações importantes para o desenvolvimento da semiótica, e que dialogam diretamente com o nosso objetivo. Nesta perspectiva, para nós, este texto, em suas poucas páginas, apresenta-se como um divisor de águas na teoria semiótica, pois como destacou Rastier (2019), além de inserir a dimensão prosódica como pertinente à expressão (GREIMAS, 1975a, p. 257), o fato de Greimas considerar a existência da autonomia dos planos da expressão e do conteúdo o afastou do saussurismo. Como explica o autor:

Em seguida, em *Do sentido*, o projeto de uma semiótica universal e gerativa conduz Greimas a considerar a expressão como uma variável de superfície. Isso garante o caráter transsemiótico de seus modelos, julgados válidos por todos os sistemas de signos: o quadrado semiótico e a estrutura narrativa que dele deriva num nível inferior são dotados assim de ubiquidade. Ora, para Saussure, o conteúdo e a expressão formam uma dualidade e se mantêm evidentemente inseparáveis: trata-se de uma única e mesma “entidade”, descrita por dois pontos de vista diferentes e complementares. Isso permite entender porque ele, Saussure, não está nada entusiasmado pela semântica de Bréal: ao seu ver, ela negligencia o problema fundamental da semiose. Paradoxalmente, ao fundar uma semiótica sobre uma teoria do sentido e não da semiose, Greimas se separa do saussurismo – o que, naturalmente, é o seu direito. (RASTIER, 2019, pp. 22-23)

Além disso, ao manifestar a sua intenção de instalar o plano da expressão como produtor de sentido em decorrência da exploração da comunicação poética, podemos observar que Greimas busca justificar a sua proposta ao verificar a possibilidade de um isomorfismo entre os planos. Este isomorfismo permitiria, por sua vez, a adoção e a transposição dos mesmos critérios do plano do conteúdo – níveis de pertinência (forma e substância), métodos de análise e conceitos metalinguísticos, como por exemplo, a noção de isotopia – para o plano da expressão.

Em nosso entendimento, Greimas não somente obteve êxito na tentativa de legitimar a autonomia e a necessidade de exploração dos dois planos da linguagem, como também, tendo em vista a defasagem no desenvolvimento da pesquisa poética à época, procurou mostrar que um processo de homologação entre expressão e conteúdo poderia justificar sua proposta, bem como evidenciar, a partir desta homologação, a existência de uma isotopia global da manifestação. Compreendemos, portanto, que a inserção do plano da expressão, como um dos componentes responsáveis por articular o sentido, permite a retomada de uma metalinguagem não-figurativa (GREIMAS, 1976) que, por sua vez, busca traduzir as projeções do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático<sup>101</sup> (JAKOBSON, 1976) em unidades descritivas semiológicas que seriam, posteriormente, homologadas ou não com as unidades semânticas do plano do conteúdo. Por sua vez, a conjunção ou a disjunção entre as unidades da expressão e do conteúdo, assim como o seu respectivo distanciamento ou a sua aproximação, constituiriam o efeito de sentido do inefável, da verdade redescoberta, fazendo emergir o prazer estético do sujeito.

Para nós, são estas articulações teóricas, conceituais e operacionais, que configuram, essencialmente, a maneira pela qual a semiótica torna-se capaz de depreender de uma determinada linguagem ou manifestação seus respectivos valores estéticos.

Entendemos que podemos falar de articulação estética neste ponto, pois apesar de Greimas utilizar a noção de poética limitada as diferentes manifestações do domínio literário, Jakobson, que é um dos autores mais acionados em *A linguística estrutural e a poética* (GREIMAS, 1975a), já trabalhava com a aproximação do conceito de poética com o de estética em um trabalho publicado originalmente no ano de 1953, isto é, 14 anos antes. Como podemos verificar na passagem abaixo:

A concepção da linguagem poética, como uma forma de linguagem onde a função poética é predominante, ajudar-nos-á a compreender melhor a linguagem prosaica de todos os dias, em que a hierarquia de funções é diferente, mas em que *tal função poética (ou estética)* tem necessariamente um lugar e desempenha um papel tangível

---

<sup>101</sup> Ao utilizarmos, de maneira reduzida, a expressão “projeções do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático”, estamos considerando, na verdade, a projeção do princípio de equivalência de um eixo sobre outro, como proposto por Jakobson (1976, p. 130). A forma “reduzida”, apresentada algumas vezes ao longo deste trabalho, é apenas uma ferramenta recursiva que em nada se difere da proposição original de Jakobson.

tanto do ponto de vista sincrônico como sob o ponto de vista diacrônico. (JAKOBSON, [1953]/1976, p. 21)

É em decorrência destes pontos que nos autorizamos a considerar a poética da qual fala Greimas, mesmo que limitada pelo autor ao domínio literário, e suas respectivas articulações, como sendo efetivamente articulações estéticas. Todavia, na sequência de Jakobson (1976, p. 21) que defendia que “essa função poética, entretanto, não se confina à poesia”, podemos observar que em seu próximo trabalho, intitulado *Condições para uma semiótica do mundo natural* (GREIMAS, 1975a), Greimas parece superar tal limitação, em especial ao tratar dos problemas levantados pela arbitrariedade das relações entre significante e significado e da gestualidade.

### 3.5. Entre figuras e formas: as articulações do mundo natural

Antes de avançarmos em nossas considerações sobre este texto de Greimas, devemos salientar que em decorrência dos mesmos problemas de tradução já apresentados anteriormente<sup>102</sup>, e que parece, infelizmente, percorrer toda esta obra do autor, utilizaremos a versão original do texto publicado na revista *Langages* (1968). Quando necessário, apresentaremos a nossa tradução do texto, seguida de uma nota de rodapé com o conteúdo original.

Retomando, portanto, a discussão de *Condições de uma semiótica do mundo natural*<sup>103</sup> (1968), observamos que Greimas sublinha o fato de que o esforço teórico e metodológico decorrente das considerações a respeito da arbitrariedade do signo e das relações entre significante e significado levaram os pesquisadores a se debruçarem cada vez mais sobre o problema da estrutura do signo. Consequentemente, ao se fecharem sobre este problema, as análises dos objetos e os desenvolvimentos metodológicos se viram reduzidos às articulações das formas da expressão e do conteúdo, deixando de lado a “substância na qual ela [a forma] se encontra manifestada”<sup>104</sup> (*ibid.*, p. 3, tradução nossa).

Alicerçado em tais argumentos, Greimas propõe, então, que invertamos a perspectiva pela qual olhamos o objeto. Entendemos que, para o autor, tal

<sup>102</sup> Para melhor compreender os tipos de problemas aos quais estamos nos referindo, vide páginas 108, 109, 110 da presente pesquisa.

<sup>103</sup> No original: “Conditions d’une sémiotique du monde naturel”.

<sup>104</sup> No original: “[...] substance dans laquelle elle se trouve manifestée”.

concentração na busca por compreender a forma na estrutura da manifestação, conduziu ao esquecimento de uma premissa básica da teoria – destacada já nas primeiras páginas de *Semântica estrutural* –, que é o fato “de que as significações do mundo humano se situam no nível da percepção” (GREIMAS, 1976, p. 16) e que, portanto, tal afirmação equivale a definir a investigação da significação a partir da “exploração do mundo do senso comum, ou, como se diz, no mundo sensível” (*id.*).

Desta maneira, ao ressaltar a necessidade de invertermos nossa perspectiva, Greimas retoma a ideia de que a significação, cujas formas auxiliam a apreendê-la, encontra-se manifestada “dentro” de uma determinada substância que a engloba, assim como o faz com o homem. Como se a significação se encontrasse por detrás das qualidades sensíveis. A nosso ver, esta outra perspectiva é, na verdade, a necessidade de dar um passo para trás<sup>105</sup> para que, somente assim, sejamos capazes de observar o mundo como ele de fato se apresenta e se torna apreensível para nós, ou seja, por meio de suas qualidades sensíveis. Nas palavras do autor:

Basta inverter o ponto de vista para percebemos que a única presença concebível da significação no mundo é a sua manifestação na “substância” que engloba o homem: o mundo dito sensível torna-se assim objeto, na sua totalidade, da busca do significado, ele se apresenta, no seu conjunto e nas suas articulações, como uma virtualidade de sentido. A significação pode esconder-se sob todas as aparências sensíveis, ela está por detrás dos sons, mas também atrás das imagens, dos odores e dos sabores sem, contudo, estar nos sons ou nas imagens. (GREIMAS, 1968, p. 3, tradução nossa)<sup>106</sup>

Nesse contexto, já apresentando um primeiro distanciamento da limitação da noção de poética que ele próprio havia se imposto e considerando a semiótica como “a teoria de todas as linguagens e de todos os sistemas de significação” (*ibid.*, p. 5, tradução nossa)<sup>107</sup>, a primeira escolha metodológica de Greimas consiste em negar a

<sup>105</sup> Aparentemente, esta postura metodológica, de dar um passo para trás para poder melhor observar o seu objeto, não somente se constitui como um recurso para se evitar o subjetivismo das análises, mas também consistia em um traço da personalidade do próprio Greimas que, como ressalta a capa da edição comemorativa dos 100 anos de nascimento do autor da Associação Francesa de Semiótica, proferia seguidamente a expressão “*prenez du recul!*” (BERTRAND *et al.*, 2017)

<sup>106</sup> No original: “Il suffit d’inverser le point de vue pour se rendre compte que la seule présence concevable de la signification dans le monde est sa manifestation dans la « substance » qui englobe l’homme : le monde dit sensible devient ainsi l’objet, dans sa totalité, de la quête de la signification, il se présente, dans son ensemble et dans ses articulations, comme une virtualité de sens. La signification peut se cacher sous toutes les apparences sensibles, elle est derrière les sons, mais aussi derrière les images, les odeurs et les saveurs, sans pour autant être dans les sons ou dans les images.”

<sup>107</sup> No original: “[...] la théorie de tous les langages et de tous les systèmes de signification [...]”.

ideia de um referente absoluto, uma vez que tal noção conduzir-nos-ia novamente a leitura do mundo por meio de nomes próprios, negligenciando a existência das semióticas implícitas. Sendo assim, o autor destaca a necessidade da teoria semiótica de considerar em sua abordagem a existência do mundo extralinguístico, pois é nele onde se situam as manifestações do sensível que são, por sua vez, suscetíveis de abrigar a significação para o homem. Como o autor esclarece:

Para isso, basta considerar o mundo extralinguístico não como um referente absoluto, mas como o lugar da manifestação do sensível, susceptível de ser a manifestação do sentido humano, isto é, do significado para o homem, de tratar, em suma, este referente como um conjunto de sistemas semióticos mais ou menos implícitos. (*id.*, tradução nossa)<sup>108</sup>

Nesta passagem, além de observarmos que Greimas retoma a importância das semióticas implícitas, ressaltadas como parte da metodologia da pesquisa poética no texto anterior, em especial na sua relação com o mundo percebível, podemos notar que este mundo extralinguístico é, na verdade, a instauração do mundo enquanto entidade apreensível. Para confirmarmos tal afirmação, basta retornarmos, mais uma vez, às primeiras páginas de *Semântica estrutural* para recuperarmos que Greimas (1976, p. 15) propõe “considerar a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação”.

Podemos pensar, portanto, que, se a substância consiste nas qualidades sensíveis da manifestação, as semióticas implícitas das quais fala Greimas ao tratar da poética corresponderiam precisamente as articulações perceptíveis da linguagem pela qual ocorre a concretização da manifestação. Por sua vez, estas articulações perceptíveis que organizam o modo de aparência e que são posteriormente revestidas, ou talvez seria melhor dizer investidas de uma substância sensível, parece-nos coincidir com a ideia dos arranjos estéticos, sobretudo pelo fato de que nada se pode dizer sobre o significante sem que ele seja traduzido em uma outra metalinguagem, pois as significações são puramente humanas (*ibid.*, p. 19).

---

<sup>108</sup> No original: “Il suffit pour cela de considérer le monde extra-linguistique non pas comme un réfèrent absolu, mais comme le lieu de la manifestation du sensible, susceptible d’être la manifestation du sens humain, c’est-à-dire, de la signification pour l’homme, de traiter en somme ce réfèrent comme un ensemble de systèmes sémiotiques plus ou moins implicites”.

Tendo sempre em vista a ambição e a amplitude do projeto semiótico de Greimas, ele afirma a possibilidade de se pensar em uma semiótica do mundo natural, isto é, no desenvolvimento das relações metalinguísticas que sejam capazes de traduzir este mundo perceptível em sistemas e signos linguísticos, a partir, exatamente, do depreendimento do conjunto e da articulação das semióticas implícitas da manifestação. Deste modo, parece-nos possível e razoável considerar este ponto do percurso do autor como o início da construção das relações metalinguísticas que procuram dar conta das articulações estéticas do mundo.

O caminho lógico que Greimas trilha para conseguir depreender as articulações que constituem a estética do mundo parece, ao menos ao ler seu texto, muito bem esclarecido. Optando por limitar os seus esforços às percepções visuais, o autor discorre a respeito da primeira dificuldade analítica que se impõe ao descritor: “o mundo visível, em vez de se projetar diante de nós como uma tela homogênea de formas, aparece como constituído por várias camadas sobrepostas, ou por vezes mesmo justapostas, de significantes.” (GREIMAS, 1968, p. 6, tradução nossa)<sup>109</sup>.

Esta pequena passagem nos obriga a realizar duas observações sublinhando o fato de que o autor, efetivamente, retoma a problemática desenvolvida em *Semântica estrutural*. A primeira consiste na compreensão de que, ao tratar do mundo sensível e da maneira pela qual ele se apresenta para nós, isto é, em sobreposições e justaposições, Greimas nada mais faz que reiterar a problemática da percepção sincrônica (GREIMAS, 1976, p. 167) do sujeito. Por mais que o signo possua uma estrutura interna que o articula diacronicamente, sua apreensão pelo sujeito é sincrônica. A segunda observação que somos levados a realizar, diz respeito a recuperação do termo “tela”, que é utilizado mais uma vez por Greimas, porém desta vez em um contexto mais claro, ou seja, para se referir às manifestações que se concretizam diante de nós. Tal utilização do termo confirma a ideia inicial de que esta tela corresponde, efetivamente, à concretização das manifestações diante da percepção destas. Poderíamos pensar nesta tela, por exemplo, até mesmo quando fechamos os olhos. Neste exercício, o que percebemos é uma tela preta, na qual a percepção pelos demais sentidos faz somar outras texturas, matérias e até mesmo cores. Esta tela, parece-nos assim corresponder à tela da enunciação, na qual o

---

<sup>109</sup> No original: “[...] le monde visible, au lieu de se projeter devant nous comme un écran homogène de formes, nous apparaît comme constitué de plusieurs couches superposées, ou parfois même juxtaposées, de signifiants.”

mundo natural, em função de suas qualidades sensíveis, concretiza-se para o homem por meio de sua percepção.

Com tudo o que foi dito, poderíamos ter a impressão de que o autor enveredaria a sua pesquisa, sobre as articulações semióticas da estética, exatamente a partir desta tela, sobre a qual os arranjos se concretizam antes mesmo de que seja possível nomear o objeto da percepção. Entretanto, apesar de haver desenvolvido em seu texto estes fundamentos que embasariam o início de suas pesquisas, Greimas toma o caminho inverso. Para ele, “não é tomando como ponto de partida os signos naturais que um dia poderemos constituir, como alguns parecem pensar, uma semiótica dos objetos” (GREIMAS, 1968, p. 7, tradução nossa)<sup>110</sup>. Mesmo que esta decisão possa parecer surpreendente, em razão da mudança abrupta do ponto de vista do autor, ao compreendermos que nada pode ser dito sobre aquilo que não conhecemos, a escolha de iniciar sua pesquisa por um nível menos incidental<sup>111</sup> do mundo se apresenta como a mais pertinente.

Desta maneira, por razões que não convém aqui desenvolver, Greimas decide deixar, pelo menos momentaneamente, de lado a abordagem incidental e acidental, para buscar, no nível das figuras do mundo, um corpus a partir do qual seja possível pensar no desenvolvimento de um “código semiótico da expressão visual” (*ibid.*, p. 8). Consideramos necessário sublinhar rapidamente que a noção de figura do mundo natural adotada por Greimas corresponde à redução de todo um universo de ocorrências a uma única invariante; como no exemplo utilizado pelo autor, ao mencionarmos a existência de uma “mesa”, todas as ocorrências possíveis de “mesa” se encontram investidas em uma só invariante linguística. Essa invariante, que engloba todos os traços comuns, de todas as ocorrências de um determinado ente, constitui-se como uma figura do mundo natural. Assim, aquela mudança de perspectiva, que destacamos anteriormente, adquire uma importância metodológica pelo fato de que, a partir deste procedimento, o mundo significativo passa a ser considerado como forma, e não mais como substância (*ibid.*, pp. 7-8).

A assunção desta perspectiva possibilita, portanto, que o autor considere as figuras do mundo natural como a somatória de um conjunto de elementos

---

<sup>110</sup> No original: “[...] ce n’est pas en prenant pour point de départ les signes naturels qu’on pourra constituer un jour, comme certains semblent le penser, une sémiotique des objets.”

<sup>111</sup> Tendo em vista que na edição francesa o autor utiliza o termo “*événementielle*”, optamos pelo vocábulo “incidental” em razão de sua acepção relacionada a um acontecimento imprevisível.

constitutivos, permitindo, com isso, a emergência de seu caráter estrutural. Esse caráter estrutural, por sua vez, viabiliza o reconhecimento da existência de articulações que configuram uma determinada figura, autorizando o surgimento dos primeiros traços distintivos. Dessa maneira, para continuarmos no exemplo do autor, ao mencionarmos o termo “mesa” reconhecemos no objeto a existência de uma série de elementos que o constituem e que permitem que ele seja categorizado como tal. Este procedimento nos mostra, portanto, a existência dessa articulação das formas por trás das figuras do mundo natural e é no desenvolvimento de uma metodologia que dê conta destas articulações, que nada mais é do que a estética da manifestação, que Greimas concentrará seus esforços. Como esclarece o autor:

Este caminho consiste em reconhecer a existência, por detrás das figuras visíveis, de uma visão categorial do mundo natural, de uma tela constituída por um número reduzido de categorias elementares da espacialidade, cuja combinatória produz as figuras visuais e que dá conta, deste modo, do funcionamento do código de expressão visual. (*ibid.*, p. 8, tradução nossa)<sup>112</sup>

Sem adentrarmos na reiteração do termo tela, para se referir à totalidade percebida, notamos que esse número reduzido de categorias, do qual fala Greimas, consiste exatamente na compreensão da maneira pela qual os significantes se encontram organizados entre si, compondo, desta maneira, o que estamos chamando de arranjos estéticos. É importante ressaltarmos que o esforço do autor em reconhecer tais categorias consiste, especificamente, na tentativa de realizar a passagem do sensível ao inteligível, pois a definição das categorias de um determinado código da expressão pertence não mais ao domínio da substância, mas sim da forma. Esta passagem da substância da expressão para a forma da expressão, ou ainda do sensível para o inteligível, não consiste somente em uma metodologia descritiva, mas sim no estabelecimento de uma correlação entre a semiótica do mundo natural com a semiótica linguística (*id.*). A partir destas considerações, Greimas explica que:

---

<sup>112</sup> No original: “Cette voie consiste à reconnaître l’existence, derrière les figures visibles, d’une vision catégorielle du monde naturel, d’un écran constitué d’un nombre réduit de catégories élémentaires de la spatialité dont la combinatoire produit les figures visuelles et qui rend compte, de cette manière, du fonctionnement du code d’expression visuelle”.



Assim, percebemos que as categorias visuais, tais como *alto vs baixo*, *prospectivo vs retrospectivo* ou *reto vs curvo*, *convexo vs côncavo* etc., que aparecem como constitutivas da forma de expressão do mundo natural, encontram-se como tais na descrição da forma do conteúdo das línguas naturais. Disto resulta que (a) a correlação entre o mundo sensível e a linguagem natural deve ser procurada não ao nível das palavras e das coisas, mas ao nível das unidades elementares da sua articulação e que (b) o mundo sensível está imediatamente presente na forma linguística e participa na sua constituição, oferecendo-lhe uma dimensão do significado que, aliás, chamamos anteriormente de semiológico. (*ibid.*, p. 9, grifos do autor, tradução nossa)<sup>113</sup>

Esta passagem, a nosso ver, compreende o princípio do tratamento semiótico da estética, isto é, de como a semiótica articula a estética em sua metodologia. A reiteração da negação do referente absoluto, ao afirmar que a correlação entre o sensível e o inteligível não deve ser buscada na relação imediata entre as coisas e as palavras, evidencia que as “unidades elementares de sua articulação” (*id.*) corresponderiam à maneira pela qual a substância é traduzida em forma. Isto nos conduz a pensar que tais unidades constituem, na sua totalidade, as articulações dos arranjos estéticos. Assim, ao propor algumas categorias visuais, como, por exemplo, *alto vs baixo*, Greimas acaba por depreender tais unidades elementares que não somente organizam os arranjos estéticos, mas que também permitem uma leitura de tais arranjos.

O que também nos chama a atenção nesta passagem é o fato de reconhecer que estas mesmas categorias, que articulam as unidades elementares da substância da expressão, também estão presentes na forma do conteúdo. Basta lembrarmos do exemplo do lexema “tête” adotado por Greimas em *Semântica estrutural*, no qual, ao buscar extrair os semas que o compõem, acaba por encontrar categorias correlatas àquelas do plano da expressão, fundando o que ele chamou de nível semiológico. Como já abordamos este ponto anteriormente nesta pesquisa, não sentimos necessidade de retomar a apresentação de tal nível.

---

<sup>113</sup> No original: “Ainsi, on s’aperçoit que les catégories visuelles telles que haut vs bas, prospectif vs rétrospectif ou droite vs courbe, convexe vs concave, etc., qui paraissent comme constitutives de la forme de l’expression du monde naturel, se retrouvent telles quelles dans la description de la forme du contenu des langues naturelles. Il en résulte que (a) la corrélation entre le monde sensible et le langage naturel est à rechercher non au niveau des mots et des choses, mais à celui des unités élémentaires de leur articulation et que (b) le monde sensible est immédiatement présent dans la forme linguistique et participe à sa constitution en lui offrant une dimension de la signification que nous avons par ailleurs appelée sémiologique”.

Todavia, a partir do momento em que Greimas estabelece tal correlação, entre as categorias da forma da expressão e as categorias da forma do conteúdo, e desenvolve o pressuposto de que o mundo sensível se encontra presente na forma linguística, inserido no nível semiológico, parece-nos possível afirmar, então, que o nível semiológico se constitui assim como o lugar de investimento da metalinguagem não figurativa, capaz de dar conta da descrição das formas da expressão, isto é, dos arranjos estéticos, por meio destas categorias do conteúdo. É importante ressaltar que o fato de que as formas da expressão possam ser explicadas pelas categorias do nível semiológico não indica a predominância de um plano sobre o outro. Trata-se, neste caso, apenas da retomada da problemática da tradução, apontada por Greimas (1976, p. 25), em *Semântica estrutural*, na qual “a descrição é a tradução de uma língua-objeto”.

Tendo isto em mente, parece-nos que Greimas, para testar as suas hipóteses teóricas e a operacionalidade de sua metodologia – ao tratar das relações da expressão e do conteúdo e de como ela pode ser produtora de sentido e portadora da significação –, procurou, então, analisar o gesto enquanto objeto semiótico. Todavia, devemos ressaltar, como já o fizemos anteriormente, que, em decorrência do nosso objeto de pesquisa, nem a análise nem os procedimentos adotados pelo autor constituem para nós pontos focais. Neste contexto, mesmo tendo consciência da importância da análise para a semiótica e o seu respectivo desenvolvimento, procuraremos no concentrar nas consequências teóricas de tais análises, bem como nas relações conceituais nelas presentes. Porém, nada nos impede de acionarmos, se necessário, a atividade analítica realizada pelo autor para justificar ou, melhor, exemplificar algumas destas relações e consequências.

Pensando nisso, observamos que Greimas, em sua análise, ao ter elencado a problemática do mundo natural e de sua respectiva análise, procurará diferenciar o que seria um gesto natural de um gesto cultural. É neste momento que temos a inserção de alguns componentes teóricos que, até então, não haviam aparecido no aparelho conceitual da semiótica – pelo menos não da maneira como o autor os expõem neste trabalho. Assim, avançando no tratamento desta distinção, observamos que as primeiras inserções conceituais que são propostas pelo autor, dizem respeito ao próprio contexto observacional do mundo natural, isto é, das condições necessárias para que a apreensão do mundo natural ocorra e que ele possa ser minimamente compreensível. Desta maneira, o autor destaca a importância da

existência de um sistema de coordenadas espaciais, que seja capaz de dar conta da articulação da própria presença humana no campo perceptivo, bem como da presença de um sujeito espectador (GREIMAS, 1968, p. 9), para o qual esta tela do mundo natural será concretizada.

Com isso, o problema do gesto natural e do gesto cultural retoma as mesmas questões relevantes entre o signo natural e o signo linguístico, isto é, por mais que a gesticulação possa ser desarticulada morfológicamente, levando em consideração os atores metonímicos, isto é, as partes do corpo que, separadamente, articulam a gestualidade, sua apreensão ocorre de maneira sincrônica, instaurando-os como uma escolha em vista de sua manifestação (*ibid.*, p. 11). Desta escolha intencional, depreende-se, portanto, o caráter cultural e social da gestualidade, de maneira que, “mesmo se ela é organicamente limitada nas suas possibilidades, a gesticulação, aprendida e transmitida, assim como os outros sistemas semióticos, é um fenômeno social”<sup>114</sup> (*ibid.*, pp. 11-12, tradução nossa).

Assim, a gesticulação natural se encontra transformada em gestualidade cultural e se mantemos, por razões práticas, a expressão de *gesto natural*, ele só se define, tal como o *signo natural*, pela sua virtualidade semiótica, na medida em que se revela um elemento constitutivo da significação.<sup>115</sup> (*ibid.*, p. 12, grifos do autor, tradução nossa)

Tal passagem nos chama a atenção, pois ressalta o caráter relativamente autônomo do gesto em si, isto é, enquanto inventário de gesticulações. É nesse contexto que, a nosso ver, ele é tomado pelo autor como uma virtualidade e que, por isto, se concretiza como um dos componentes que articulam a significação, isto é, enquanto substância. Contudo, é preciso ressaltar que esse caráter virtual, do qual fala Greimas, é decorrente da ação da percepção sincrônica que, como destacou o autor, camufla a apreensão do gesto enquanto signo natural para torná-lo um signo cultural, isto é, um fenômeno social. Da mesma maneira, o fato de ser uma virtualidade semiótica e de concretizar o significado não quer dizer que este seja hierarquicamente

---

<sup>114</sup> No original: “Même si elle est organiquement limitée dans ses possibilités, la gesticulation, apprise et transmise, tout comme les autres systèmes sémiotiques, est un phénomène social.”

<sup>115</sup> No original: “Ainsi la gesticulation naturelle se trouve transformée en gestualité culturelle, et si nous maintenons pour les raisons pratiques l’expression de *geste naturel*, il ne se définit, tout comme le *signe naturel*, que par sa virtualité sémiotique, qu’autant qu’il se révèle un élément constitutif de signification.”

mais importante que o gesto, pois a função semiótica compreende a solidariedade entre o plano da expressão e o plano do conteúdo.

É justamente ao abordar este paralelismo entre os planos de linguagem que Greimas propõe a possibilidade de tratamento das unidades gestuais – aquelas unidades que podem ser inventariadas a partir da desarticulação morfológica da gestualidade humana – como correspondentes a unidades fonemáticas, estabelecendo a existência de traços gestuais distintivos. Vemos que, com tal proposta, além do autor se aproximar das articulações das pesquisas poéticas propostas anteriormente, em razão da correspondência das categorias do plano da expressão de uma semiótica natural com as categorias do plano do conteúdo da semiótica verbal (*ibid.*, p. 13), ele também confirma que “a gesticulação é uma empresa global do corpo humano, na qual os gestos particulares dos agentes corporais são coordenados e/ou subordinados a um projeto de totalidade, desenrolando-se simultaneamente”<sup>116</sup> (*ibid.* p. 12, tradução nossa).

A partir destas comparações, as aproximações com a metodologia inaugural a respeito da pesquisa poética, existentes em seu texto anterior, parecem, a nosso ver, estar cada vez mais presentes. Assim, levando em consideração que nada pode ser dito sobre a substância em si e que para que se possa estruturar uma abordagem da semiótica gestual é necessária a redução da substância gestual em “figuras do plano da expressão visual (*ibid.*, p. 13), Greimas propõe a hipótese de que o inventário dos gestos naturais corresponderia às possíveis ocorrências do texto gestual. Como nos explica o autor, esta escolha “permite, assim, a *divisão deste texto em unidades manifestadas com dimensões mínimas do plano da expressão*, unidades mínimas cuja combinatória produz enunciados gestuais e o próprio discurso gestual”<sup>117</sup> (*id.*, grifos do autor, tradução nossa). Ora, a articulação proposta por Greimas, parece-nos, nesse contexto, nada mais e nada menos, que um diálogo com o postulado de Jakobson a respeito das projeções do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático que caracterizam a linguagem poética, porém adequando-o à estrutura da metodologia semiótica.

---

<sup>116</sup> No original: “[...] la gesticulation est une entreprise globale du corps humain dans laquelle les gestes particuliers des agents corporels sont coordonnés et/ou subordonnés à un projet d’ensemble se déroulant en simultanéité”.

<sup>117</sup> No original: “[...] permet ainsi le découpage de ce texte en unités manifestées ayant des dimensions minimales du plan de l’expression, unités minimales dont la combinatoire produit des énoncés gestuels et le discours gestuel lui-même”.

Neste texto, sobre a semiótica do mundo natural, existem inúmeros conceitos importantes para a semiótica de uma maneira geral. Podemos destacar, por exemplo, a reflexão sobre o sentido e a problemática de que a significação não é somente algo que se desenha diante do sujeito-espectador, ao contrário, o sujeito também é construtor dessa significação (*ibid.*, p. 16). Sublinhamos, igualmente, o fato de que esta meditação conduz, conseqüentemente, à inclusão da diferenciação entre os níveis do enunciado e da enunciação (*id.*) e da possibilidade do sincretismo entre os sujeitos destes dois níveis quando da concretização do gesto em manifestação, isto é, no nível da semiótica natural (*ibid.* p. 17).

Entretanto, o que nos chama a atenção, em decorrência do próprio tema de nossa pesquisa, são as definições da práxis gestual divididas entre uma gestualidade prática e mítica. Considerando a práxis gestual como “a utilização pelo homem do seu próprio corpo, tendo em vista a produção de movimentos organizados em programas com um projeto, um sentido comum”<sup>118</sup> (*ibid.*, p. 18), Greimas visualiza a possibilidade de distinguir, “no interior desta atividade geral programada, uma gestualidade propriamente prática, opondo-se a uma gestualidade *mítica*”<sup>119</sup> (*id.*, grifos do autor, tradução nossa). Neste contexto, o autor destaca que a primeira dificuldade analítica com relação a tal distinção é, exatamente, o fato de que ambas se situam no mesmo plano da expressão, isto é, compartilham as mesmas unidades morfológicas articuladoras do gesto. Como nos explica Greimas (*id.*):

Uma mesma figura gestual contendo “inclinação da cabeça e avanço do busto para a frente e para baixo”, pode significar “abaixar-se” no plano *prático* e “saudar” no plano *mítico*, sem que sejamos obrigados a aceitar a interpretação, bastante comumente aceita, que se trata de um gesto prático com uma *conotação* mítica.<sup>120</sup> (grifos do autor, tradução nossa)

Deste modo, o autor afirma que, conforme o contexto, o mesmo gesto pode ser compreendido como um sintagma gestual de ordem prática ou mítica, de maneira que

<sup>118</sup> No original: “[...] l’utilisation par l’homme de son propre corps en vue de la production de mouvements organisés en programmes ayant un projet, un sens commun”.

<sup>119</sup> No original: “à l’intérieur de cette activité programmée générale, une gestualité proprement *pratique* en lui opposant une gestualité *mythique*”.

<sup>120</sup> No original: “Une même figure gestuelle comportant « inclinaison de la tête et avancement du buste en avant et vers le bas », peut signifier « se baisser » sur le plan *pratique* et « saluer » sur le plan *mythique*, sans que nous soyons obligés d’accepter l’interprétation, assez communément admise, qu’il s’agit là d’un geste pratique comportant une *connotation* mythique.”

o que diferencia a presença de um ou de outro, seria a dicotomia do *fazer* e do *desejo*. Entretanto, a nosso ver, tal distinção não cessa de apresentar alguns problemas. O fato de Greimas sublinhar por diversas vezes que o gesto mítico não é uma conotação da gestualidade prática evidencia a própria inquietação do autor. Em nosso entendimento, parte deste problema é devido à própria incapacidade de se dissociar o caráter prático do mítico, pois “saudar” contém em si o fazer prático. Nesta perspectiva, podemos imaginar que a diferença prática e mítica é, na verdade, constituída pela presença (ou não) de uma significação outra, isto é, diferente daquela da própria ação, como por exemplo, a distinção entre o “abaixar-se”, correspondendo a gestualidade prática, e o “saudar” que evoca uma significação outra que aquela da própria forma da expressão.

Sendo assim, parece-nos possível, para ilustrar este exemplo, pensar que a gestualidade prática poderia se relacionar com a frase de Freud (*apud* SHAPIRO, 2006, p. 292), na qual afirma que “às vezes, um charuto é só um charuto”<sup>121</sup> (tradução nossa). Tal relação, em nosso entendimento, iria igualmente na direção da sugestão de Rastier, destacada por Greimas (1968, p. 19), ao explicar que, “esta presença sobreposta do mítico, parece ser apenas uma pressão das estruturas de conteúdos, axiomatizados no nível das sociedades ou dos agrupamentos sociais, que incide sem distorcer os programas de comportamentos práticos”<sup>122</sup> (tradução nossa).

Neste contexto, devemos nos interrogar sobre a posição da ética e da estética nas relações estabelecidas pelo autor. Para nós, parece ficar claro, sobretudo com a sugestão de Rastier e com o exemplo de Greimas, que o gesto mítico só poderia ser considerado como tal, pois é resultado do investimento semântico de uma determinada cultura ou sociedade. Isto, por si só, já seria suficiente para podermos confirmar a presença da moral em sua própria definição, porém para não ficarmos somente com esta observação, podemos destacar ainda, o fato de que Greimas reconhece que a descrição de uma gestualidade mítica, “difusa na gestualidade prática, exige um conhecimento prévio do código semântico que ele deve manifestar”<sup>123</sup> (*id.*, tradução nossa).

---

<sup>121</sup> No original: “Sometimes a cigar is just a cigar.”

<sup>122</sup> No original: “[...] cette présence surajoutée du mythique semble n’être qu’une pression des structures de contenus, axiomatisés au niveau des sociétés ou des groupements sociaux, qui infléchit sans les déformer les programmes de comportements pratiques.”

<sup>123</sup> No original: “[...] la description d’un mythique diffus dans la gestualité pratique exige une connaissance préalable du code sémantique qu’il est censé manifester.”

Ora, esse código semântico ao qual o autor se refere nada mais é que as próprias estruturas morais da sociedade, que, inclusive, possui sua virtualidade enquanto sistema, destacado na fala de Greimas, sobretudo em razão da utilização da expressão “conhecimento prévio”, que se apresenta, neste contexto, como uma modalidade do saber virtualizada. Nestas configurações, parece-nos que a gestualidade mítica, não somente é definida como tal em função de seu investimento semântico, cujas unidades morfológicas do corpo humano procuram articular, mas também se define como tal a partir da grade de leitura do sujeito, ou seja, há a necessidade de um compartilhamento de valores e, conseqüentemente, de um contrato social.

Assim, se conseguimos observar a existência da moral na definição da gestualidade mítica, também é possível imaginarmos como se daria a presença e a articulação da ética neste contexto. Em nosso entendimento, se a moral é caracterizada por essa grade de leitura coletiva, que é constituída pela partilha deste conhecimento prévio do código semântico, a ética apresentar-se-ia como a subversão deste código. Poderíamos, neste caso, pensar precipitadamente que esta subversão conduziria à gestualidade prática, ou ainda que ela não teria nenhuma relação com a gestualidade mítica, uma vez que os valores partilhados não seriam os mesmos.

Entretanto, em uma segunda reflexão, podemos notar que esta subversão de valores busca, contrariamente ao que se poderia pensar, um investimento axiológico tão marcado quanto (se não até maior que) aquele presente na moral. Além disso, tal subversão só nos parece possível se há, efetivamente, o conhecimento destes códigos semânticos para que se possa, desta maneira, reconhecer o seu desvio e concretizá-lo por meio das unidades do plano da expressão. Arriscamo-nos, ainda, a dizer que, para que haja esta subversão dos códigos, não é um afastamento deles que é preciso, ao contrário, é necessário um saber a respeito deste conhecimento prévio compartilhado – característico do mítico – tão grande quanto, ou talvez, até mesmo maior, para que se possa manipulá-los, como é o caso, por exemplo, do dândi (GREIMAS, 2000b), ou ainda de Cervantes e seu Dom Quixote (GREIMAS, 2016). Com isso, parece-nos razoável dar como correta a ideia de que a ética não altera o estatuto mítico do gesto, mas o reafirma.

Tais ideias reiteram, a nosso ver, o entendimento de que, ao tratar do gesto mítico, Greimas evidencia a existência de uma estrutura onde as axiologizações semânticas são investidas. Esta proposta aparece, então, confirmada ao realizarmos

uma breve consulta ao *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 345), que nos informa que o nível mítico “surge como portador das significações abstratas (que articulam as preocupações fundamentais do homem e da cultura em que vive)”.

Neste contexto, poderíamos ser levados a pensar que, se o gesto mítico se encontra associado às articulações éticas e morais, por uma dedução lógica, o gesto prático encontrar-se-ia em relação com a estética. Contudo, esta relação não é exatamente verdadeira e veremos o porquê disto neste momento.

Ao analisar o gesto, como vimos, o primeiro problema enfrentado por Greimas foi exatamente a natureza de sua manifestação, isto é, a substância da expressão. Levando, então, em consideração que nada podemos dizer sobre a substância da expressão, o autor propôs uma primeira maneira de conceber a análise semiótica do mundo natural, ou seja, de considerar os objetos presentes no campo perceptivo do sujeito, como figuras do plano natural. Tal perspectiva, permitiria, conseqüentemente, o reconhecimento das formas da expressão que articulam a figura do gesto.

Dito isto, podemos observar que o chamado gesto prático, definido no exemplo de Greimas (1968, p. 18) como “abaixar-se”, não é uma forma da expressão, mas sim uma figura do mundo natural; que já é, como vimos, uma primeira “redução” estrutural da substância da expressão. Seria, portanto, a partir desta figura que poderíamos observar quais seriam as unidades morfológicas que a constituem, como elas são articuladas simultaneamente – para produzir o signo visual de “abaixar-se” – e, somente após, precisar por meio da metalinguagem não figurativa do nível semiológico, as categorias semânticas que articulam tal gesto, como, por exemplo, descendente vs ascendente, horizontal vs vertical, aberto vs fechado etc. Assim, para que tal percurso fosse possível e para que corroborasse com os postulados teóricos da semiótica – tornando o objeto estruturalmente manipulável/analísável –, Greimas aproximou a noção de figura do conceito de fonema (GREIMAS, 1968, pp. 12-13, 15). Desta maneira, o gesto prático classificado como “abaixar-se”, tomado enquanto figura, corresponderia no plano da expressão ao fonema, de modo que as articulações morfológicas do corpo humano constituiriam os seus traços distintivos, isto é, os femas.

Parece-nos, portanto, que esta abordagem, alicerçada na aproximação teórica dos gestos enquanto fonemas, permitiria o depreendimento das articulações dos femas – ou seja, das articulações das unidades morfológicas do gesto – presentes nas figuras inseridas no discurso. Podemos pensar, então, que esta “redução” aos



femas possibilitaria, por sua vez, a realização da análise das figuras do mundo natural, isto é, destas manifestações que se apresentam na tela da percepção do sujeito, valendo-se da metalinguagem não figurativa do nível semiológico.

É a partir destas correspondências entre o plano linguístico e o mundo natural, de modo que “as figuras visuais da expressão gestual correspondem às figuras nucleares do conteúdo linguístico”<sup>124</sup> (*ibid.*, p. 31, tradução nossa), e na tentativa de estabelecer a proporção estrutural dos objetos analisáveis que, a nosso ver, Greimas nos fornece, efetivamente, uma metodologia capaz de dar conta das análises dos objetos do mundo natural. Com efeito, poderíamos até mesmo ir mais longe que isso, pois tal metodologia de análise, ao se fundamentar na tela do mundo natural – reinserindo a problemática da percepção – e ao propor a transformação das substâncias da expressão em figuras, para que seja possível o depreendimento das unidades da expressão que a articula, apresenta as características de um modelo que, de fato, articula os arranjos estéticos. Soma-se, ainda, o fato de que este modelo, em decorrência do isomorfismo, possui a capacidade de ser suficientemente geral, de modo a ser capaz de extrapolar o limite do plano linguístico e, conseqüentemente, aquela noção de poética, que se limitava aos textos literários.

Parece-nos, assim, que a análise do mundo natural é uma análise essencialmente estética, mas que, entretanto, não entretém relação direta com a noção de gesto prático, pois este é apreendido como um fazer, recortado do mundo natural como uma figura (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 345). Além disso, como vimos, tanto a gestualidade mítica quanto a gestualidade prática são articuladas por estas unidades morfológicas que constituem os arranjos estéticos de sua manifestação, e o que diferenciaria ambas, neste caso, seria exatamente o conteúdo axiologizado investido, permitindo inclusive, quando não analisadas em objetos separados como é o caso deste texto, de se sobreporem, sem que com isso a presença da ética ou da estética seja negada, podendo ser apenas deslocada para outros investimentos semânticos e outros arranjos.

Entretanto, o autor destaca o fato de que, apesar de observarmos que a metodologia permite o recorte das unidades morfológicas do corpo, permitindo que cada unidade seja considerada separadamente; ao tratarmos do gesto, veremos que tais unidades não se apresentam de maneira autônoma. Como nos explica o autor, “a

---

<sup>124</sup> No original: “[...] les figures visuelles de l’expression correspondent aux figures nucléaires du contenu linguistique [...]”

extensão progressiva do significante é acompanhada de um fenômeno que nós designamos sob o nome de *dessemantização*<sup>125</sup> (*ibid.*, p. 32, grifo do autor, tradução nossa). Esta dessemantização, da qual fala o autor, é decorrente do problema do recorte do gesto em múltiplas unidades da figura gestual, de maneira que, se considerarmos estas unidades e as tomarmos como elementos de análise separadamente, encontraremos conteúdos semânticos que não corresponderiam com a totalidade da sintaxe gestual. Nas palavras do autor:

Assim, o programa gestual de um operário, colocado à frente da sua máquina, recortado em unidades textuais, fará aparecer as figuras gestuais das quais cada uma é susceptível de receber uma interpretação semântica e remeter a um gesto natural. Em contrapartida, esta motivação segmentada das figuras desaparece na sua sequência programada, sem que as próprias figuras, embora “esvaziadas do seu sentido”, sejam afetadas.<sup>126</sup> (*id.*, tradução nossa)

Esta relação, destacada por Greimas, sublinha a existência de uma relação morfemática na análise do gesto, que explicita a relação existente de um programa gestual no qual cada parte que o constitui é, na verdade, um pedaço do todo, de maneira que, ao analisarmos as articulações estéticas de um determinado objeto, é necessário considerarmos a relação que cada parte entretém com o todo, com a totalidade da manifestação. Esta relação metonímica, marcado pela ideia da *pars pro toto*, não faz nada mais que reiterar o caráter poético da manifestação, ao mesmo tempo em que retoma a própria concepção da função poética de Jakobson (1976) a respeito da projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático. Desta maneira, “a práxis gestual, sendo de natureza preditiva, surge como uma sintaxe capaz de produzir uma infinidade de enunciados sob a forma de objetos e de acontecimentos culturais de caráter circunstancial”<sup>127</sup> (*ibid.*, pp. 33-34, tradução nossa).

---

<sup>125</sup> No original: “l’extension progressive du signifiant est accompagnée d’un phénomène que nous avons désigné du nom de *désémantisation*.”

<sup>126</sup> No original: “Ainsi le programme gestuel d’un ouvrier placé devant sa machine, découpé en unités textuelles, fera apparaître les figures gestuelles dont chacune est susceptible de recevoir une interprétation sémantique et renvoyer à un geste naturel. Par contre, cette motivation segmentée des figures disparaît dans leur enchaînement programmé, sans que les figures elles-mêmes, bien que « vidées de leur sens », en soient touchées”.

<sup>127</sup> No original: “Quoi qu’il en soit, la praxis gestuelle, étant de nature prédicative, apparaît comme une syntaxe capable de produire une infinité d’énoncés sous formes d’objets et d’événements culturels de caractère occurrenceiel”.

Além disso, ainda sobre o texto a respeito da semiótica do mundo natural, devemos ressaltar que Greimas trata explicitamente da questão da estética e de sua articulação com relação aos sujeitos da enunciação e do enunciado. Para o autor, a gestualidade dita estética é, na verdade, um código artificial, isto é, construído e fundamentado na intencionalidade de se comunicar um determinado conteúdo, pois “o espetáculo na sua totalidade não é mais que um enunciado produzido pelo sujeito da enunciação”<sup>128</sup> (1968, p. 28, tradução nossa). É interessante notar que Greimas, ao tratar desta capacidade de comunicação estética do gesto, acaba por deixar uma questão em aberto:

Assim, pode-se perguntar, quanto à gestualidade que se quer estética, como o balé [...], se a “dessacralização” do discurso mítico não levou a dessemantização dos enunciados gestuais, deixando-o para significar apenas as formas narrativas do discurso.<sup>129</sup> (*ibid.*, pp. 27-28, tradução nossa)

Em nosso entendimento, a questão que Greimas coloca diz respeito ao problema da ideia da arte pela arte. Em outras palavras, se pudéssemos reformular a questão do autor, a nosso ver, o que ele questiona é o fato de que, se o balé é uma dança dita estética, que procura comunicar por meio de um código artificial, seria ela investida de algum valor semântico? Para nós, tal questão não é necessariamente uma dúvida genuína do autor, pois ele próprio já havia mencionado anteriormente (GREIMAS, 1976, p. 15) a ingenuidade de se pensar em uma estética da não-significação. A nosso ver, neste ponto, ele começa a entrever a possibilidade de uma relação estrutural entre a estética e o mítico, a partir de uma transposição das relações entre categorias do “sagrado vs lúdico vs estético” (GREIMAS, 1968, p. 25-26). Podemos então reconhecer, sem sombra de dúvida, os princípios de articulação do percurso gerativo da significação.

### 3.6. O quadrado semiótico e a articulação dos valores éticos e morais

<sup>128</sup> No original: “[...] le spectacle dans sa totalité n’est qu’un énoncé produit par le sujet de l’énonciation [...]”.

<sup>129</sup> No original: “[...] Ainsi, on peut se demander, à propos de la gestualité qui se veut esthétique tel le ballet [...] si la « désacralisation » du discours mythique n’y a pas entraîné la désémantisation des énoncés gestuels, ne lui laissant pour signifier, que les formes narratives du discours”

Em decorrência dos pontos anteriores, isto é, da problemática entre o prático e o mítico e, sobretudo, da questão do gesto enquanto projeto de significação, isto é, no qual “a semiose de um programa gestual será, conseqüentemente, a relação entre uma seqüência de figuras gestuais, tomada como significante, e o projeto gestual, considerado como significado”<sup>130</sup> (*ibid.*, p. 32, tradução nossa), podemos perceber que o interesse de Greimas se desloca, momentaneamente, do mundo natural – de sua apreensão e análise – para esta ideia de existência de um “projeto” de significação. A presença de tais inquietações no pensamento de Greimas, a nosso ver, parece dar lugar ao surgimento de seu texto, em colaboração com Rastier, intitulado *O jogo das restrições semióticas* ([1968]/1975b), pois, como é possível notar, a figura tomada enquanto cobertura significante, de um projeto de um significado imanente, não deixa de se apresentar como um processo de escolhas e arranjos do enunciador, em uma tentativa de manifestar e articular o significado desejado. Como nos explicam os autores em seu parágrafo introdutório:

Ao menos por preocupação de inteligibilidade, podemos imaginar que o espírito humano, para chegar à construção dos objetos culturais (literários, míticos, pictóricos, etc.), parte de elementos simples e segue um percurso complexo, encontrando, em seu caminho, tanto restrições a que tem de se submeter, como escolhas que pode fazer. (GREIMAS; RASTIER, *ibid.*, p. 126)

É, portanto, buscando dar conta desta significação – que se encontra investida nas articulações das figuras que recobrem o projeto do significado, isto é, com a intencionalidade de produzir um determinado efeito de sentido –, que os autores se questionam a respeito da possibilidade de existência desta estrutura que, “parte de elementos simples e segue um percurso complexo” (*id.*). Entretanto, se escolhemos trabalhar com este texto é porque observamos, na sua proposta e no seu desenvolvimento, uma relação estreita e frutífera com a nossa pesquisa, em especial, no que diz respeito à maneira pela qual a semiótica opera e articula a ética – e, por que não, a moral.

A afirmação que viemos de fazer encontra-se fundamentada na própria limitação que os autores impõem ao respectivo trabalho. Greimas e Rastier (*id.*) declaram que o que lhes interessa, neste texto, seria a exploração daquilo que eles

---

<sup>130</sup> No original: “La sémiosis d’un programme gestuel sera, par conséquent, la relation entre une séquence de figures gestuelles, prise comme signifiant, et le projet gestuel, considéré comme signifié”.

consideram como o nível das estruturas profundas. Assim, para sermos capazes de estabelecer a relação desejada entre o trabalho dos autores e o nosso, é necessário, em primeiro lugar, compreender o que são estas estruturas profundas, para que, somente depois, possamos tentar visualizar qual é a sua afinidade (se é que há) com a articulação da ética pela semiótica. Isto posto, vejamos o que os autores nos explicam sobre tal nível:

*As estruturas profundas, que definem a maneira de ser fundamental de um indivíduo ou de uma sociedade e que determinam as condições de existência dos objetos semióticos. Pelo que sabemos, os constituintes elementares das estruturas profundas possuem um estatuto lógico definível; (id., grifos dos autores)*

Esta passagem, mesmo que possa parecer simples por sua definição objetiva, esconde, na verdade, uma grande complexidade nas suas implicações. Afirmar que as estruturas profundas “definem a maneira de ser fundamental de um indivíduo ou de uma sociedade” (*id.*), assim como as condições de existência dos objetos, parece-nos algo, no mínimo, sujeito a alguma desconfiança, sobretudo em razão da amplitude de tal proposição. Entretanto, em uma segunda leitura, se retomarmos as ideias já desenvolvidas em *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976), é possível notar alguns termos que são reiterados e que já foram relacionados anteriormente nesta pesquisa, a saber: “maneira de ser” e “condições de existência”.

Revisitando tais considerações, veremos, por exemplo, que Greimas, ao explicar que “cada comunidade cultural atribui aos indivíduos os ‘caracteres’ axiológicos de seu ser e os algoritmos ideológicos de seu comportamento” (*ibid.*, pp. 195), não somente nos autoriza a realizarmos uma aproximação entre as citações, como também torna possível a observação de que o autor se vale dos mesmos argumentos no que diz respeito ao modo de ser do indivíduo e da sociedade. Isto nos mostra que tal problemática, efetivamente, já havia sido levantada por Greimas. Porém, uma informação que não se tinha anteriormente – na passagem de *O jogo das restrições semióticas* (1975b) – é a relação que este modo de ser ou, se preferirmos, esta maneira de ser (que é definida pelas estruturas profundas) entretém com os referidos caracteres axiológicos.

Da mesma maneira, recuperando a explicação de que a axiologia é “o modo de existência paradigmática dos valores” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 37) e que, por

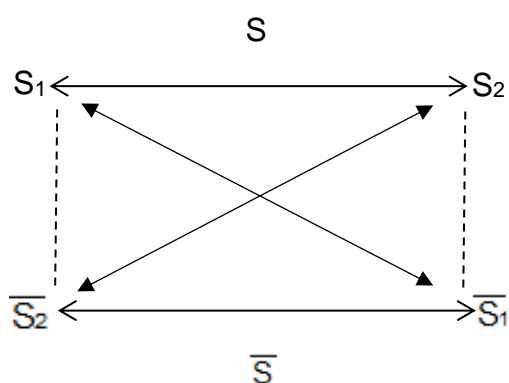
sua vez, encontram-se à “mercê do investimento da dêixis positiva e negativa pela categoria tímica da *euforia/disforia*” (*id.*, grifos do autor), podemos, em nosso entendimento, começar a observar as redundâncias que conduzem, em realidade, a um mesmo conceito, bem como a sua respectiva estrutura formal, isto é, o modo de existência do universo imanente, “do qual só é proposta a axiomática, mas cujas articulações sêmicas devem ainda ser descritas”(GREIMAS, 1976, pp. 165-166). São, portanto, estas articulações sêmicas do universo imanente que são desenvolvidas nesse trabalho de Greimas e Rastier.

Antes de avançarmos em nossas observações, é preciso, contudo, abriremos um parêntese para justificarmos a brevidade das explicações precedentes. O fato de termos adotado uma abordagem mais concisa, ocorre em razão da exploração precedente de tais elementos, mais precisamente, no momento em que discutimos o alcance dos desenvolvimentos e das contribuições de *Semântica estrutural* para a articulação da ética e da estética. Até mesmo os próprios autores destacam que, o modelo desenvolvido no texto em que nos debruçamos atualmente, “não é senão uma formulação reelaborada daquele que proposto anteriormente (Greimas, *Sémantique Structurale*, 1966, Larousse)” (GREIMAS; RASTIER, 1975b, p. 128).

Feitas as devidas considerações, parece, desse modo, não nos restar dúvidas de que estas estruturas profundas, “que definem a maneira de ser fundamental de um indivíduo ou de uma sociedade e que determinam as condições de existência dos objetos semióticos” (*ibid.*, p. 126), correspondem ao universo imanente, que, por sua vez, e por meio da axiologização das categorias semânticas, corresponderia às articulações da ética, da moral, da cultura e, inclusive, evidenciaria a relação dos sujeitos com os objetos, a partir da valorização eufórica de uns e disfórico de outros, assim como ocorre no modo de existência e seus semas. Com isso, ao proporem a articulação destas relações no modelo do quadrado semiótico, Greimas e Rastier não somente dão continuidade ao projeto de desenvolver as articulações sêmicas do universo imanente – que em *Semântica estrutural* necessitavam ainda de serem descritas –, como também justificam a escolha desta apresentação gráfica do modelo, pela possibilidade de sua utilização nos mais diversos objetos, o que, por sua vez, reitera o desejo de Greimas de extrapolar o campo restrito da linguística. Como os próprios autores afirmam, “esta nova apresentação torna possível verificar que a estrutura que permite dar conta do modo de existência da significação – enquanto

modelo constitucional dos conteúdos investidos – encontra sua aplicação em domínios muito variados” (*ibid.*, p. 128).

Sabendo, portanto, que o modelo proposto pelos autores busca concentrar em si as articulações teóricas e metodológicas que “definem a maneira de ser fundamental de um indivíduo ou de uma sociedade e que determinam as condições de existência dos objetos semióticos” (*ibid.*, p. 126), isto é, os valores éticos e morais, resta-nos procurar destacar a maneira pela qual tais relações são operacionalizadas por ele. Sem que entremos em detalhes sobre a sua constituição, em especial, no que diz respeito aos eixos dos contrários, contraditórios e de implicação (*ibid.*, 127), interessemo-nos pela tipologia das regras que instauram e articulam a coerência interna do modelo. Dessa maneira, para melhor explicitar tais pontos, utilizaremos o mesmo modelo visual do quadrado semiótico proposto por Greimas e Rastier (*id.*), como ilustrado abaixo.



Reconhecendo, conforme os autores, que, em relação à manifestação, o eixo semântico  $S$  corresponde a um conjunto de injunções e que, conseqüentemente, o eixo semântico  $\bar{S}$  diz respeito a um conjunto de não-injunções (*ibid.*, p. 131), Greimas e Rastier nos explicam que:

As regras de injunção de um sistema descrevem, por definição, compatibilidades e incompatibilidades (um sistema sem incompatibilidades não seria ordenado). Relativamente a manifestação, tais regras aparecem respectivamente como prescrições (injunções positivas; digamos  $S_1$ ), e interdições (injunções negativas; digamos  $S_2$ ). (*id*)

Assim sendo, observamos que, com a inserção da noção de prescrição e de interdição, as categorias semânticas que serão investidas neste modelo apresentarão, como consequência, o predicado positivo da prescrição ou o predicado negativo da interdição, equivalendo às categorias tímicas da euforia e disforia. Parece-nos, portanto, que o modelo proposto pelos autores, além de constituir a estrutura elementar da significação, reúne em si as articulações da ética e da moral, independentemente dos termos investidos e dos objetos analisados, pois “qualquer que seja o investimento do modelo, trata-se, tanto no caso da natureza, como no da cultura, de valores sociais” (*ibid.*, p. 133). Tal afirmação constitui-se de grande importância para a nossa pesquisa, uma vez que evidencia não somente a capacidade de generalização do modelo, mas, e sobretudo, porque mostra que a posição ocupada por cada um dos termos será sempre resultado de um determinado ponto de vista, fundamentado em um sistema virtual de valores que compõem uma grade de leitura e que constitui ou a ética do indivíduo ou a moral da sociedade.

Desta maneira, buscando verificar, a partir destas considerações, o alcance do modelo, bem como a sua operacionalidade, Greimas e Rastier apresentam três investimentos distintos: o social, o econômico e o individual. Apesar de já termos explorado um pouco a utilização deste modelo em relação aos investimentos sociais, ou melhor, com a perspectiva dos valores morais de uma determinada sociedade, é importante lembrarmos que independente do investimento, ele será, neste caso, o resultado desta perspectiva social. O que nos leva a compreender, junto com os autores, que “os termos do modelo social não têm conteúdo ‘objetivo’” (*id.*), isto é, o que é prescrito para uma determinada cultura, pode ser interdito para outra e vice-versa. Neste contexto, Greimas e Rastier (*ibid.*, p. 134) nos alertam que, apesar de realizarem a distinção entre o social e o econômico, este também se inscreve no espectro do sistema social e, portanto, está sujeito às injunções ou não-injunções do mesmo sistema, mantendo com ele uma estreita relação. Parece não nos restar dúvida de que esse modelo social, dos quais falam os autores, corresponde, com efeito, à articulação da moral pela semiótica. Porém, falta-nos ainda abordar o último modelo proposto por Greimas e Rastier, ou seja, o modelo individual. Sobre ele, os autores nos explicam o seguinte:

Tomamos por hipótese que o indivíduo se define, de maneira análoga à sociedade, pela assunção de conteúdos em que ele se investe e que constituem sua personalidade; o indivíduo define-se



igualmente pela negação de outros conteúdos que ele rejeita. (*ibid.*, p. 135)

Ora, o que percebemos nesta passagem é, de fato, a possibilidade de sua generalização. Assim, em razão da relação análoga apontada pelos autores, observamos que, da mesma maneira que uma sociedade é definida pelas injunções e não-injunções, isto é, pela axiologização das categorias semânticas, o sujeito também se encontra “a mercê” deste mesmo modelo. Isto só reitera o que falamos anteriormente<sup>131</sup> a respeito da existência de um mesmo modelo capaz de apreender a articulação da moral e da ética

Entretanto, se por um lado “os valores econômicos são integrados ao sistema social” (*ibid.*, p. 138), por outro, “o sistema de valores individuais não parece necessariamente integrado ao sistema social” (*id.*) e é exatamente isto que permite diferenciar a ética da moral, isto é, diferenciar as unidades sintáticas nas quais são investidos tais valores, ou seja, na sociedade, ou no indivíduo. Contudo, considerando que o sistema individual é correlato ao sistema social (*id.*), um será definido em relação ao outro, pois a própria definição da maneira de ser de um determinado indivíduo já é o resultado de uma leitura a partir das instâncias socializadas. Dessa maneira, o indivíduo que se encontra partilhando das mesmas axiologizações do sistema social poderá ser considerado um sujeito socializado ou, ainda, moralizado. Do mesmo modo, um sujeito que possui investimentos distintos daqueles do sistema social no qual se encontra inserido poderá ser reconhecido como um transgressor. É por esta razão que a ética é, de uma maneira ou de outra, uma subversão dos valores sociais, sem que ela seja necessariamente prejudicial para os demais indivíduos da sociedade.

A exploração das diferentes possibilidades de relação entre sociedade e indivíduo que o modelo oferece não somente evidencia a viabilidade de sobreposição de modelos, permitindo uma comparação dos sistemas de valores em questão, como também conduz Greimas e Rastier a considerarem a existência de espaços de equilíbrio, nos quais há a homologação dos sistemas, e de transgressão, cujos sistemas são, em alguma medida, conflitantes. Como destacam os autores, “estas reflexões poderiam ser estendidas às relações equilibradas ou conflituosas entre

---

<sup>131</sup> Sobre isto, ver as páginas 90 e 91.

indivíduo e sociedade; no caso das relações equilibradas, por exemplo, há homologação dos dois sistemas” (*ibid.*, p. 139).

Com isso, tendo em vista a possibilidade de sobreposição de modelos distintos, por exemplo, o individual e o social, que nos permite depreender os traços distintivos que compõem uma determinada ética e uma moral, Greimas e Rastier sublinham que também seria possível a sobreposição de diversos sistemas de uma mesma manifestação. Isto, por sua vez, permitirá depreender as relações hierárquicas que um sistema entretém com outro e como eles se encontram vinculados, de maneira a articular a execução ou não de uma determinada ação. Nas palavras dos autores:

Que se trate de falas ou de casamentos, nada permite que uma manifestação semiótica dependa de um só sistema ao mesmo tempo. E na medida em que ela depende de vários, podemos atribuir o âmbito de suas possibilidades de manifestação à interação dos diferentes sistemas que a produzem. (*ibid.*, p. 140)

À esta interação entre diferentes estruturas semióticas, Greimas e Rastier dão o nome de uso (*id.*). Ora, parece-nos interessante observar que esta interação entre estruturas, que evoca a ideia de uma série sintática na qual, segundo a conjunção ou disjunção dos sistemas, conduz a execução (ou não) desta ou daquela ação, seja nomeada como *uso*, pois isto nos faz pensar na instalação do programa narrativo de uso, que será apresentado em seu texto intitulado *A soupe au pistou ou a construção de um objeto de valor* (GREIMAS, [1979]/2014). Tal aproximação se mostra particularmente promissora se considerarmos que o programa narrativo de uso, além de se encontrar inserido em um programa narrativo de base (*ibid.*, p. 170) – o que evidenciaria a presença da interação entre diferentes estruturas semióticas em uma mesma manifestação – pode, também, ser tomado como um programa narrativo de construção de sujeitos – como evidenciavam os modelos a respeito dos contos maravilhosos de Propp –, assim como um programa narrativo de construção de objetos (*ibid.*, p. 171). Entretanto, para não rompermos com a diacronicidade de nossa pesquisa, deixaremos os aprofundamentos desta possível relação para outro momento.

Retomando, portanto, a problemática da relação e da interação entre as estruturas axiológicas que permitem a definição do sujeito ou de uma determinada sociedade, veremos que Greimas e Rastier (1975b, pp. 141-142) propõem chamar de

episteme “a estrutura que define a hierarquia dos sistemas semióticos em presença”. Neste contexto, a episteme se encontra responsável pela realização ou não de uma determinada manifestação, conforme as interações dos sistemas de valores do indivíduo ou da sociedade. Assim, se observarmos a episteme do ponto de vista de uma determinada sociedade, notaremos que, além de dar conta “da historicidade das manifestações; seu componente social aparece como um senso comum, implícito ou não, um sistema axiológico e dialético imanente a todas estruturas semióticas da sociedade considerada” (*id.*), ela corresponderia à unidade de concentração do conjunto moral. O mesmo se aplicaria ao indivíduo, porém, neste caso, falaríamos da episteme do indivíduo que, por sua vez, corresponderia à concentração do conjunto de sua ética.

O que nos chama a atenção neste texto, além de todo o desenvolvimento do modelo do quadrado semiótico que, como vimos, é capaz de reunir em si as articulações éticas e morais a partir da axiologização das categorias semânticas, é a proposta de desenvolvimento posterior de Greimas e Rastier, isto é, de investigar como estas estruturas profundas interagem com as estruturas superficiais. Nas palavras dos autores:

É preciso estudar, primeiro, como a produção de um objeto semiótico encontra, com as estruturas superficiais, um segundo plano de restrições e de escolhas: trata-se das estruturas processuais (narrativas, por exemplo). Elas dão conta do aspecto sintagmático da manifestação. (*ibid.*, p. 143)

A partir destas considerações, observamos que o modelo proposto pelos autores não somente dá conta da estruturação dos conteúdos – pela construção e interação dos sistemas de valores e pela instalação da noção de episteme –, como permite vislumbrar a possibilidade de estabelecermos uma relação isomórfica e ao mesmo tempo estrutural com o plano da expressão, em particular, ao tratarmos da função poética, segundo a definição atribuída por Jakobson (1976). Dessa maneira, se considerarmos a episteme um conjunto de valores paradigmáticos de um indivíduo ou de uma sociedade, podemos pensar que, com a adição desta noção de organização sintagmática da manifestação – que corresponderia às estruturas processuais da narrativa –, é possível estabelecer, por meio do isomorfismo com o plano da expressão, um paralelo com a própria definição de poética de Jakobson.

Assim, se a poética pode ser tomada como a projeção do princípio de equivalência do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático (*ibid.*), parece-nos possível afirmar que a poética corresponderia à projeção de uma episteme, sobre as escolhas paradigmáticas e a organização sintagmática dos arranjos estéticos, manifestados no discurso pela sua totalidade figurativa e concretizados no mundo natural, por meio da substância da expressão. Nesse contexto, ao considerarmos a correlação destas relações com a estrutura do percurso gerativo da significação (PGS), parece-nos plausível de imaginar que o PGS articula em si, tanto a ética quanto a estética.

### 3.7. Os efeitos dos sentidos e o fato poético

Levando em consideração o que acabamos de expor, podemos perceber que será em *Por uma teoria do discurso poético* ([1972]/1975c) que Greimas assumirá, definitivamente, a existência deste isomorfismo do plano do conteúdo e do plano da expressão. Entretanto, tal assunção não ocorrerá somente em decorrência das correspondências internas destes planos da linguagem (*ibid.*, p. 12), pois como vimos, esta ideia já vinha sendo construída pelo autor havia um momento – e pelo que pudemos observar, mostrava-se estar bastante consolidada em seu pensamento. Em nosso entendimento, esta correspondência entre os planos da linguagem passa a se afirmar neste texto, sobretudo em razão da constatação de que a existência de tal isomorfismo evidenciaria, ao mesmo tempo, a autonomia e a solidariedade entre o plano da expressão e o plano do conteúdo e, com isso, a possibilidade de construção do sentido a partir da articulação de suas estruturas subjacentes (*ibid.*, p. 13).

Dessa maneira, buscando consolidar tais relações, para que uma metodologia capaz de as articular pudesse ver a luz do dia, e com isso melhor compreender os efeitos de sentido dos textos poéticos, o primeiro passo dado por Greimas nesta direção é o de romper com a limitação do conceito de poética que ele mesmo se impôs. A nosso ver, foram exatamente os avanços anteriores que ampliaram a perspectiva a respeito da participação do plano da expressão na construção do sentido, como, por exemplo, o estudo sobre o gesto, que possibilitaram o alargamento da concepção de poética. Tais argumentos parecem se encontrar marcados no texto de Greimas, sobretudo em dois momentos: o primeiro, ao reconhecer que o fato poético não é uma exclusividade da manifestação literária; o segundo, ao reconhecer

que o fato poético independe da linguagem pela qual se manifesta. Nas palavras do autor:

Desta maneira, para formar uma primeira ideia do objeto da semiótica poética, poderíamos dizer:

- a) que o discurso poético não é coextensivo ao conceito de literatura;
- b) que, em princípio, ele é indiferente à linguagem em que é produzido;
- c) que sua percepção intuitiva como discurso a um só tempo “poético e sagrado” provém dos efeitos de sentido característicos de uma classe particular dos discursos (*ibid.*, pp. 11-12)

Comentamos acima sobre os dois primeiros itens apresentados pelo autor, mas deixamos o terceiro propositadamente separado das explicações, pois entendemos que ele não trata tanto do fato poético em si, isto é, de sua estrutura enquanto manifestação, mas sim da percepção deste e de seu respectivo efeito de sentido, instaurando assim, uma particularidade de sua apreensão. Sem que haja necessidade de nos aprofundarmos nesta questão, pois tratamos dela ao abordarmos as articulações do gesto e da semiótica do mundo natural, em especial ao explorarmos a noção da percepção sincrônica do gesto, consideramos, entretanto, importante observarmos a relação que Greimas efetua entre o poético e o sagrado.

Sabemos que, em *Condições de uma semiótica do mundo natural*, o autor, ao falar do gesto lúdico, estabeleceu um quadro com as categorias do sagrado, lúdico e estético (GREIMAS, 1968, p. 26). Neste quadro, ele associou o gesto mítico com a categoria do sagrado, a dança folclórica com a do lúdico e o ballet com a categoria estética. Tendo isto em vista, se retomarmos a ideia de que no momento de sua percepção o signo natural é considerado como uma virtualidade semiótica (*ibid.*, p. 12) e que o gesto é um fenômeno social e, portanto, terá uma leitura socializada, podemos pensar que, em termos de valências, o mítico se apresenta com maior amplitude. Entretanto, se considerarmos, como Greimas nos indica, que na percepção do fato poético esta apreensão se dá sincronicamente pelo poético e pelo sagrado, parece-nos possível estabelecer a relação de que, se o sagrado está associado ao mítico e a não comunicação – em função da arbitrariedade do signo (*ibid.*, p. 26) –, o poético só poderia corresponder ao estético, pois, pelo que apresentamos até o momento, é possível observar que os dois conceitos concentram em si a valência do

sentido construído, isto é, do gesto que se comunica por si, por meio das articulações do plano da expressão. Com isso, além de romper com a limitação da noção de poética associada ao domínio literário, Greimas aproxima a sua concepção de poética daquela de Jakobson (1976), que é, na verdade, um sinônimo de estética.

Contudo, se de um lado, como vimos anteriormente<sup>132</sup>, parece-nos claro que a poética mencionada por Jakobson (1976, p. 21) corresponde à estética, pois o próprio autor realiza tal aproximação em seu texto; do outro, a aproximação entre a noção de poética deste com aquela utilizada por Greimas pode ainda, a nosso ver, suscitar alguma desconfiança. Portanto, realizando uma ruptura na diacronia da nossa pesquisa, tentaremos evidenciar alguns pontos de aproximação do conceito de poética para estes autores, a fim de que possamos igualmente notar que Greimas, ao se utilizar do termo poética, também o utiliza, a exemplo de Jakobson e a partir do reconhecimento do isomorfismo dos planos da expressão e do conteúdo, como sinônimo de estética. Vejamos, então, como essa relação entre Greimas e Jakobson, entre poética e estética, pode contribuir para o alargamento da metodologia e do aparato semiótico, de maneira a melhor compreender o processo de análise do mundo natural e do objeto poético, bem como auxiliar o entendimento a respeito da articulação dos arranjos estéticos na semiótica.

Tendo isto em vista – e levando em consideração o rompimento diacrônico que é necessário realizar para efetuar tal aproximação –, podemos elencar a possibilidade de uma primeira relação entre tais noções, a partir da crítica que Greimas realiza, em *Semântica estrutural*, a respeito do caráter demasiadamente simbólico, subjetivo e pouco linguístico das análises da comunicação poética de Lacan e Durand e que conduz, estes autores, a adotar a ideia de um valor de verdade ou de uma fala verdadeira.

[...] essa espécie de encantamento diante da ambiguidade dos símbolos, a hipóstase dessa ambiguidade considerada como conceito explicativo e a afirmação do caráter “inefável” da linguagem poética, da riqueza inesgotável do simbolismo mítico, levam pessoas tão precavidas como J. Lacan ou G. Durand a introduzir na descrição da significação julgamentos de valor e a estabelecer distinções entre a fala verdadeira e a fala social, entre um semantismo autêntico e uma semiologia vulgar. A semântica, que se pretende uma ciência humana, procura descrever valores e não postulá-los. (GREIMAS, 1976, p. 79, grifos do autor)

---

<sup>132</sup> Vide página 192.

Entretanto, a crítica a este pensamento, que considera a existência de uma fala verdadeira ou, ainda, de uma verdade positivista, também é reiterada por Jakobson em seu texto intitulado *Linguistique et poétique*, publicado pela primeira vez em inglês no ano de 1960<sup>133</sup>, ou seja, seis anos antes de *Sémantique Structurale* de Greimas.

Os valores de verdade, contudo, na medida em que sejam – para falar com os lógicos – “entidades extralinguísticas”, ultrapassam obviamente os limites da Poética e da Linguística em geral. Ouvimos dizer, às vezes, que a Poética, em contraposição à Linguística, se ocupa de julgamentos de valor. Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal. (JAKOBSON, 1976, p. 120)

Com isso, o que nos autoriza a vislumbrar uma primeira possibilidade de aproximação da perspectiva greimasiana à jakobsoniana é o fato de que ambos os autores fazem uma crítica à análise poética que se utiliza de julgamentos de valores para buscar estabelecer, conseqüentemente, uma falsa ideia de verdade e que, por sua vez, distancia-se de uma metodologia linguística. Assim, o projeto de análise da poética dos dois autores busca se alonginjar dos riscos inerentes aos julgamentos de valores, assim como da noção de crítica literária e da existência de uma “fala verdadeira”, para retomar a expressão de Greimas (1966, p. 79). Esta abordagem, que condena a subjetividade analítica, visa uma abordagem teórica por meio da perspectiva linguística. Como os dois autores afirmam, e já nos mostram um segundo ponto de contato entre as respectivas abordagens:

A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise da pintura se ocupa da estrutura pictural. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística. (JAKOBSON, 1976, p. 119)

Veremos então que um símbolo eminentemente poético não é muito diferente, nem funciona de modo diferente, de um lexema qualquer de uma língua natural qualquer, como o é o caso de *tête*. Em outras palavras, reconheceríamos essa verdade do bom senso de que tudo o que é do domínio da linguagem é linguístico, isto é, possui uma estrutura linguística idêntica ou comparável e se manifesta graças ao estabelecimento de conexões linguísticas

---

<sup>133</sup> O texto, original de 1960, foi publicado com o título “*Closing statements: Linguistics and poetics*” in *Style and language*, Sebeok, T. A. (ed.), New York, 1960.

determináveis e, em larga medida, determinadas. (GREIMAS, 1976, p. 79)

Entretanto, mesmo que os autores tenham estabelecido que as bases para a análise da comunicação e do discurso poético sejam da ordem da linguística, *stricto sensu* – vemos isso, por exemplo, com o desenvolvimento do nível semiológico (*ibid.*, p. 68) –, não podemos afirmar ainda que há uma aproximação clara das concepções de poética somente porque os autores entram em concordância com relação aos princípios metodológicos de sua análise. Isto ocorre, inclusive, devido ao tratamento que cada um dos autores emprega em suas investigações sobre o discurso poético, pois como sabemos, Jakobson optou por trabalhar com a perspectiva fonemática e Greimas com aquela dos sememas. Porém, em nosso entendimento, é exatamente o fato de se valerem de abordagens iniciais distintas que permite observarmos a complementariedade do pensamento dos autores e que, além disso, possibilitará que notemos com maior clareza a postura de Greimas (1975c), que efetivamente passará a considerar o isomorfismo entre os planos da expressão e do conteúdo como garantidor da respectiva autonomia e solidariedade entre os planos.

Assim, de um lado, teríamos os estudos de poética de Greimas que, ao escolher trabalhar com a comunicação poética o fez exatamente pela dificuldade que esta manifestação proporcionava em termos teóricos e analíticos – o que, conseqüentemente, poderia assegurar a generalidade de sua teoria devido a tal complexidade. O autor nos explica, sem definir o conceito de poética, que a comunicação poética suprimia, em certa medida, a isotopia prática do texto, de maneira que, “os sememas poéticos – *imagens, símbolos, sintagmas e definições metafóricas* – aparecem conseqüentemente como figuras negativas cujas fronteiras não correspondem mais àquelas dos sememas positivos do plano prático” (GREIMAS, 1976, p. 177, grifos do autor), isto é, ocorre um deslocamento do conteúdo semântico. Na comunicação poética, os sememas negativos, que foram chamados por Greimas de figuras (*id.*), possuem, assim, um microuniverso semântico próprio, composto pelo seu núcleo sêmico que os compõem, o que, por sua vez, contribui para a totalidade do sentido no texto poético.

Esse microuniverso das manifestações figurativas, que para Greimas são associadas à comunicação poética, vale-se, então, destes núcleos sêmicos para a construção do sentido de uma isotopia poética. O autor destaca, com isso, que os



núcleos dos sememas, ou seja, os semas que compõem a figura nuclear, podem ser considerados no discurso poético quase como acidentes, retomando a ideia de Lévi-Strauss ([1962]/1989), que utiliza o conceito de “*bricolage*” ao se referir à construção do discurso poético.

[...] a poesia do *bricolage* lhe advém, também e sobretudo, do fato de que não se limita a cumprir ou executar, ele não “fala” apenas com as coisas, como já demonstramos, mas também através das coisas: narrando através das escolhas que faz entre possíveis limitados, o caráter e a vida de seu autor. Sem jamais completar seu projeto, o *bricoleur* sempre coloca nele alguma coisa de si. (*ibid.*, pp. 36-37)

Parece-nos possível observar que esta fala de Lévi-Strauss, a qual Greimas faz referência em *Semântica estrutural* (1976), no estado vigente de nossa pesquisa, apresenta-se como atual por diversas razões, entre elas: ao associar a ideia do *bricoleur* e da poesia com o trabalho de *bricolage*, podemos recuperar, por exemplo, a noção de sincretismo entre os sujeitos da enunciação e do enunciado no gesto (GREIMAS, 1968, p. 16), bem como aquele da episteme (GREIMAS; RASTIER, 1975b, pp. 141-142), o que evidenciaria que o discurso poético é, de certa maneira, a projeção dos valores do enunciador nas escolhas dos arranjos do enunciado.

Além disso, notamos na fala de Lévi-Strauss que, as escolhas do enunciador, além de colocarem algo de si, isto é, de projetar sua episteme, buscam por meio deste trabalho de bricolagem, que é construção do discurso poético, não somente manifestar o valor mítico (GREIMAS, 1968), mas também o valor poético (GREIMAS, 1975c) a partir das escolhas das unidades do plano da expressão.

Neste contexto, os estudos conduzidos por Jakobson sobre a função poética tratam exatamente desta relação entre significante e significado na chamada linguagem poética, ou seja, na “utilização” destes materiais de bricolagem ao qual se referem Lévi-Strauss e Greimas e na proposição a respeito da existência de estruturas subjacentes da manifestação. Jakobson (1976, p. 122), citando algumas passagens de Voegelin (1960), afirma a necessidade de “uma revisão da ‘hipótese monolítica da linguagem’ e o reconhecimento da “interdependência das diversas estruturas no interior de uma mesma língua”. Apesar de que, no momento em que o autor realiza tal proposição, ele se encontra interessado em introduzir as suas funções da

linguagem, e precisamos reconhecer que o texto de Jakobson, originalmente publicado em 1960, ao de encontro à proposta de Lévi-Strauss, publicada em 1962, a respeito da interdependência das estruturas internas da língua, o que poderíamos relacionar com os desenvolvimentos metodológicos das respectivas estruturas e interdependências dos semas e dos sememas (GREIMAS, 1976), bem como dos fonemas e dos femas enquanto estruturas isomorfas do plano da expressão em relação ao plano do conteúdo (GREIMAS, 1968; 1975c).

Em uma determinada perspectiva, poder-se-ia, com certa razão, recusar tal aproximação, principalmente pelo fato de que Greimas, como vimos, procurava desenvolver uma teoria da significação que desse conta de diferentes manifestações do mundo natural, como, por exemplo, o gesto, e não somente aquelas associadas ao domínio do verbal; enquanto que os trabalhos e os exemplos de Roman Jakobson dialogavam, à primeira vista, somente com o universo da linguagem literária. Entretanto, este, anos antes de Greimas afirmar que a poética não era coextensiva à literatura – ele só afirmou isto em 1972 –, demonstra a sua recusa em aceitar que a função poética exista exclusivamente no universo da linguagem literária; ao contrário, ele defende a existência de uma arte da linguagem:

Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora. [...]  
Com promover o caráter palpável dos signos, tal função aprofunda a dicotomia fundamental de signos e objetos. Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia. (JAKOBSON, 1976, p. 128)

Uma segunda crítica que poderia ser realizada, com relação ao nosso exercício de evidenciar uma aproximação entre as definições de Jakobson e os desenvolvimentos metodológicos da pesquisa poética de Greimas, concerne especificamente a grande maioria dos exemplos utilizados pelo primeiro. Por tratar-se de exemplos majoritariamente fonéticos, ou poderíamos dizer, majoritariamente do plano da expressão, poderíamos pensar que a metodologia semântica, tão cara a Greimas, não encontraria espaço na noção de poética de Jakobson.

Devemos concordar que tal afirmação teria o seu fundo de verdade, pois, de fato, a maioria dos exemplos tratados por Jakobson correspondem a estudos sobre as marcações fortes nas sílabas ou ainda nas rimas, revelando a preferência do autor

por estes campos de estudo. Todavia, o próprio autor demonstra ter consciência que tais escolhas poderiam limitar a interpretação de suas propostas ao plano da expressão. É possível observar esta preocupação quando, ao citar Paul Valéry (1960, p. 637), que diz, “o poema – esta hesitação prolongada entre o som e o sentido”<sup>134</sup> (tradução nossa), o autor afirma que tal explicação “é muito mais realista e científica que todas as tendências do isolacionismo fonético” (JAKOBSON, 1976, p. 144). Desta maneira, entendemos que, para ele, o estudo da rima, da fonética – isto é, de alguns dos componentes que constituem o plano da expressão do objeto literário –, sem a respectiva reflexão a respeito dos efeitos de sentido de tais articulações na relação isomórfica com o conteúdo, tratava-se de uma simplificação abusiva.

Conquanto a rima, por definição, se baseie na recorrência regular de fonemas ou grupos de fonemas equivalentes, seria uma simplificação abusiva tratar a rima meramente do ponto de vista do som. A rima implica necessariamente uma relação semântica entre unidades rítmicas [...] (*id.*)

Assim, para Jakobson, a rima trata-se, na realidade, de um caso que condensa um problema muito mais geral, que vai além do simples estudo dos sons ou de uma sintaxe fonética. Como ele mesmo afirma, “qualquer que seja a relação entre o som e a significação nas diferentes técnicas de rima, ambas as esferas estão necessariamente implicadas” (*ibid.*, p. 145). Para o autor, a rima condensa um problema fundamental da poesia, e podemos adicionar, a partir dos próprios comentários de Jakobson, que não somente da poesia, mas da linguagem poética de uma maneira geral, que é denominado de paralelismo. Este paralelismo, no caso da rima, é explicado por ele como sendo uma relação onde “a equivalência de som, projetada na sequência como seu princípio constitutivo, implica inevitavelmente a equivalência semântica” (*ibid.*, pp. 146-147). Neste contexto, parece-nos que o paralelismo do qual fala Jakobson corresponde, com efeito, à estrutura isomórfica da qual trata Greimas (1968; 1975c).

Defendendo, portanto, a ideia de que a “similaridade se superpõe à contiguidade” (JAKOBSON, 1976, p. 149) – isto é, de que podemos encontrar iterações dentro do contínuo da manifestação e, com isso, depreender o sentido das escolhas enunciativas efetuadas pelo enunciador –, parece-nos razoável conceber

---

<sup>134</sup> No original: “le poème – cette hésitation prolongée entre le son et le sens”.

uma possível aproximação entre o conceito de função poética de Jakobson (*ibid.*, p. 130) com a noção de isotopia poética (GREIMAS, 1976, p. 178), bem como com as considerações a respeito do gesto – em especial aquelas que tratam das unidades morfológicas e de sua totalidade percebida – propostas por Greimas (1968).

Levando em consideração que “*a função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação*” (JAKOBSON, 1976, p. 130, grifos do autor) e que este princípio de equivalência se refere ao procedimento “constitutivo da sequência” (*id.*), ou seja, é o processo que assegura a existência de uma continuidade sob a qual se projetam as escolhas paradigmáticas sobre as sintagmáticas, podemos perceber que a noção de isotopia poética de Greimas (1976, p. 178), que é definida pelo autor como “*iteração de um certo número de categorias sêmicas*”, aparenta possuir alguma similitude com a proposta da função poética.

A partir destas considerações, parece-nos possível observar que, em decorrência da definição de Jakobson, este procedimento constitutivo da linguagem poética – fundamentado na projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático –, relaciona-se com o entendimento de Greimas a respeito da própria comunicação poética. Assim, ao se referir, com base em Lévi-Strauss, aos sememas que compõem a figura como “*materiais de bricolagem*”, que servem para a composição de uma “*outra coisa*”, Greimas (1976, p. 178) está indiretamente evocando a ideia de seleção e combinação de Jakobson, que, a partir da iteração, ou seja, da contiguidade, constituem a isotopia poética. Da mesma maneira, esta mesma ideia pode ser recuperada na análise do gesto, no qual as unidades morfológicas corresponderiam às escolhas paradigmáticas, enquanto a projeção destas escolhas na sintagmática do gesto constituiria a sua totalidade apreensível.

Retomando a diacronicidade de nossa pesquisa, parece-nos possível visualizar ainda outros pontos de contato entre os respectivos autores e que merecem ser sublinhados em decorrência do tema de nossa pesquisa. Pensamos precisamente na importância da função e da linguagem poética, em especial no que tange aos efeitos de sentido da mensagem, além do desdobramento e da convocação do destinatário a participar do processo de significação, ou melhor dizendo, do processo de construção e apreensão do sentido. Neste contexto, podemos, por exemplo, justificar tais afirmações se relacionarmos a fala de Jakobson (1976, p. 136) – na qual explica que o leitor, mesmo se incapaz de identificar precisamente as frequências numéricas referentes à métrica na poesia, é ainda capaz de apreender pela forma do verso (não

na concepção hjelmsleviana do termo), isto é, pelas qualidades sensíveis manifestadas do verso, uma certa reiteração rítmica e sonora que faz sentir seus efeitos (*ibid.*, p. 153) – com o que Greimas explica sobre o efeito de sentido e os efeitos dos sentidos em *Por uma teoria do discurso poético* (GREIMAS, 1975c). Vejamos primeiro os comentários de Jakobson:

Usando a descrição que Cherry fez da comunicação humana, poderíamos dizer que o leitor de poesia obviamente “pode ser incapaz de vincular frequências numéricas” aos constituintes do metro, mas na medida em que [apreende]<sup>135</sup> a forma do verso, inconscientemente terá uma vaga ideia de sua “ordem hierárquica”. (JAKOBSON, 1976, p. 136)

[...]

A poesia não é o único domínio em que o simbolismo dos sons se faz sentir, é, porém, uma província em que o nexos interno entre som e significado se converte de latente em patente e se manifesta da forma a mais palpável e intensa. (*ibid.*, p. 153)

Passemos agora ao que diz Greimas em *Por uma teoria do discurso poético* (1975c):

Contudo, a poesia existe, e dela todos nós temos, em grau maior ou menor – dentro dos limites impostos pela *performance* do leitor – uma certa intuição ingênua. [...] Situando-nos no ponto de vista dos efeitos de sentido produzidos sobre o ouvinte, seria possível considerar, por extensão, como poético o que para outras civilizações depende do sagrado: hinos, rituais cantados, assim como certos textos religiosos ou filosóficos. (*ibid.*, p. 11)

[...]

A problemática do fato poético situa-se, por conseguinte, dentro do quadro da tipologia dos discursos quaisquer; sua especificidade, percebida intuitivamente, só poderá ser reconhecida por um arranjo estrutural do discurso que lhe seja peculiar.

O efeito de sentido surge aqui como um efeito dos sentidos: o significante sonoro – e gráfico, em menor proporção – entra em jogo para conjugar suas articulações com as do significado, provocando com isto, uma ilusão referencial e incitando-nos a assumir como verdadeira as proposições emitidas pelo discurso poético, cuja sacralidade fica assim fundamentada em sua materialidade. (*ibid.*, p. 12)

A partir das passagens que destacamos dos respectivos autores, podemos perceber algumas reiterações nos discursos, tais como destacamos anteriormente, como, por exemplo, a importância do leitor/destinatário do discurso poético, que é

---

<sup>135</sup> Na edição brasileira, o termo utilizado era “conceber”, porém optamos por alterá-lo por “apreender”, pois nos parece que representa melhor o conteúdo semântico do original francês “*il saisit*”.

convocado a participar do processo de significação, assim como a importância do significante na construção e na apreensão do objeto poético. Além disso, é interessante observarmos que Greimas, ao tratar desta questão do leitor, menciona que os textos sagrados de outras civilizações podem, por extensão, serem considerados poéticos. Ora, em nosso entendimento, isto decorre exatamente em razão da grade de leitura do sujeito que apreende e interage com a manifestação, é neste contexto que é possível constatar, mais uma vez, a aproximação do sagrado como referência ao mítico (GREIMAS, 1968) e, conseqüentemente, aos valores morais. Dessa maneira, o fato poético começa a se desenhar não somente a partir da perspectiva de sua construção, mas também de sua apreensão.

Tendo isto em vista, há uma passagem específica nas citações apresentadas que nos chama a atenção e que gostaríamos de ressaltar para que possamos avançar com o nosso percurso. Greimas, de maneira muito sutil, destaca que, no discurso poético, o efeito de sentido aparece como um efeito dos sentidos. Ao dizer isso, o autor retoma a problemática da percepção enquanto componente extralinguístico da significação e, com isso, a presença do mundo natural que é apreensível por meio das qualidades sensíveis da manifestação dos fenômenos. Parece-nos também que é exatamente ao falar dos efeitos dos sentidos que o autor começa a introduzir o germe da estesia, pois entendemos que os efeitos dos sentidos só podem, de fato, serem observados pela própria experiência sensível, ou seja, do contato do sujeito com a manifestação, pouco importando para a sua definição a natureza do significante. Arriscaríamos, assim, imaginar que o fato poético do qual trata Greimas é, na verdade, uma determinada manifestação cuja apreensão se faz primordialmente pelos sentidos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 28) antes de qualquer outra relação mítica, isto é, sem que se busque, a princípio, depreender os valores sociais investidos na manifestação.

É importante destacarmos que, o que acabamos de dizer não diz respeito a não existência de investimentos de valores na manifestação, ao contrário, eles estão lá, são eles, inclusive, que de uma certa maneira auxiliam na articulação das qualidades sensíveis; porém, a postura do sujeito diante do fato poético é outra, isto é, em vez de “inteligibilizar” a manifestação, ele apreende, em um primeiro momento, a sua totalidade pelas qualidades sensíveis manifestas da substância da expressão. Ora, é exatamente em decorrência dessa complexidade dos entrelaçamentos entre expressão e conteúdo, que resultam em efeitos de sentido dos efeitos dos sentidos – instaurando o enunciatário como partícipe do processo de construção e apreensão do

sentido – que Greimas afirmará que o objeto poético é um signo linguístico complexo, no qual o seu sentido se encontra diretamente manifestado em sua materialidade.

O reconhecimento de um objeto poético, sob as aparências do signo linguístico complexo, não constitui, por conseguinte, a descrição exaustiva desse signo, até esgotarem-se as suas articulações, e sim uma operação da construção do *objeto*, que emerge e adquire forma a partir do estado da *coisa* em que é oferecido aos nossos sentidos. (GREIMAS, 1975c, p. 16)

Parece-nos que, ao relevar essa questão da construção do objeto que emerge a partir de sua totalidade apreensível, isto é, de sua presença no mundo natural, Greimas destaca a problemática da articulação particular das estruturas internas do objeto poético, ou seja, da articulação dos elementos que chegam aos nossos sentidos. Com isso, o autor acaba por reconhecer a existência de estruturas subjacentes à manifestação apreensível no mundo natural, que articulam tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo, resultando na autonomia dos planos sem que, com isso, percam as suas relações isomórficas. Neste contexto, o isomorfismo das categorias passa a ser reconhecido como “articulações paralelas do significante e do significado (*id.*), sendo que, “o significante se faz aí presente como *nível prosódico* do discurso, e o significado, como seu *nível sintático*” (*id.*, grifo do autor).

Levando em consideração que o nível prosódico nada mais é do que a articulação das unidades do plano da expressão (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 357), e que o nível sintático corresponde à organização desses elementos de maneira a possibilitar a construção do conteúdo, observamos que o objeto poético se organiza com base na definição de função poética de Jakobson (1976), isto é, como projeção do princípio de equivalência do eixo paradigmáticos do nível prosódico sobre o eixo sintagmático do nível sintático, de maneira a constituir, em sua totalidade, um objeto poético.

Com isso, em nosso entendimento, podemos notar que essa metodologia que busca depreender as estruturas que articulam o objeto poético, e que reconhecem a sua maneira particular de se concretizar, permite visualizar as relações existentes na construção do objeto em decorrência do processo de seleção e combinação (JAKOBSON, 1976, p. 130) realizado pelo enunciador. Isto nos leva a imaginar que a abordagem estrutural de Greimas sofre influência da perspectiva teórica de Jakobson, pois além de observarmos uma proximidade com a sua definição a respeito da função

poética, parece-nos possível reconhecer a reiteração do conceito de paralelismo<sup>136</sup> do autor (*ibid.*, p. 146-147). O conceito de paralelismo, mesmo sem ser citado diretamente por Greimas, aparenta, entretanto, ser retomado no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 340) no próprio verbete “poética”, quando os autores afirmam que o fato poético é “fundamentado no reconhecimento de articulações paralelas e correlativas que envolvem os dois planos (a expressão e o conteúdo) do discurso ao mesmo tempo”. Já a noção de poética, aparenta, em nossa opinião, aproximar-se, a partir de uma relação estrutural, da própria noção do que Greimas considera como plástico, pois como o próprio autor explicita, “a aproximação entre o plástico e o poético não nos parece acidental” (GREIMAS, 1984).

Dessa maneira, compreendendo que a noção de paralelismo no discurso poético decorre das articulações paralelas do significante e do significado, e entendendo que “a decomposição do signo que constitui o discurso poético situa as articulações paralelas do significante e do significado (GREIMAS, 1975c, p. 16), observamos um duplo movimento complementar dos planos de linguagem. O primeiro diz respeito a sua autonomia, exatamente pela correspondência do significante ao nível prosódico e o significado ao nível sintático; o segundo concerne ao isomorfismo dos planos no qual tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo possuem aquilo que Jakobson, ao citar Poe (1907, p. 58)<sup>137</sup>, em seu texto originalmente publicado em 1839, *The fall of the house of Usher*, chama de “corrente subjacente de [significação]<sup>138</sup>”<sup>139</sup> (POE *apud* JAKOBSON, 1976, p. 153).

Com isso, como mencionamos no início de nossa abordagem a respeito de *Por uma teoria do discurso poético* (GREIMAS, 1975c), este texto apresenta diversas contribuições para o desenvolvimento de uma metodologia semiótica que busca dar conta das articulações estéticas. Ele não somente afirma o isomorfismo entre os planos da expressão e do conteúdo, como também evidencia a autonomia dos

---

<sup>136</sup> Tratamos sobre este conceito nas páginas 224 e 225 da presente pesquisa.

<sup>137</sup> Na obra de Jakobson (1976), o autor não afirma em qual obra de Edgar Allan Poe se encontra a respectiva referência, citando somente o nome do escritor americano. Assim, por motivos de rastreabilidade teórica, optamos por destacar a obra de Poe onde consta a citação destacada pelo autor.

<sup>138</sup> Levando em consideração que, no texto original de Poe (1907, p. 58), o autor utiliza o termo “*meaning*”, e que na edição francesa da obra de Jakobson (1963, p. 241) o autor utiliza o termo “*signification*”, e considerando igualmente a edição brasileira, que apresenta o termo “significado”, optamos por manter a tradução com o conteúdo semântico da edição francesa, pois o lexema “significado”, para nós, tem uma conotação específica ao plano do conteúdo, o que não confere com a proposta de Jakobson.

<sup>139</sup> No original: “[...] *under or mystic current of its meaning* [...]” (POE, 1907, p. 58).



respectivos planos da linguagem. Será, portanto, exatamente a constatação desta autonomia que permitirá nos estudos de semiótica plástica e semiótica visual melhor compreender a presença e a articulação das chamadas semióticas monoplanas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 412) e, conseqüentemente, o nível semi-simbólico de significação (GREIMAS, 1984).

Além disso, parece-nos importante destacar que, a nosso ver, a distinção entre fato poético e objeto poético, que poderia ser um ponto de divergência, apresenta-se como uma primeira delimitação da própria pesquisa poética. Assim, se o fato poético é marcado pelo reconhecimento de articulações paralelas e correlatas que envolvem os dois planos (a expressão e o conteúdo) do discurso ao mesmo tempo (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 340), indicando, portanto, a sua existência relacionada ao plano da manifestação (GREIMAS, 1975c, p. 19) – e que seu efeito de sentido surge como efeito dos sentidos (*ibid.*, p. 12), de maneira que a sacralidade se encontra encarnada em sua materialidade –, podemos imaginar que ele não somente insere na sua definição o sujeito espectador (GREIMAS, 1968, p. 9), que experiencia tais efeitos dos sentidos, como também evoca o sincretismo entre os sujeitos da enunciação e do enunciado (*ibid.*, p. 28), por exemplo, no caso do gesto. Tal conjunto de definições e articulações inerentes ao fato poético nos indicam que ele se situa, assim, no campo extralinguístico da percepção e, portanto, configura-se como um objeto poético.

Seguindo este raciocínio, parece-nos possível conceber o objeto poético como uma “redução” do objeto do mundo natural em uma figura analisável (*ibid.*, p. 31), de natureza biplana, motivado e socialmente conotado (GREIMAS, 1975c, p. 28), o que asseguraria a existência da isomorfia entre as categorias, e que se organiza internamente por meio da articulação da função poética (JAKOBSON, 1976). Nesse contexto, a função poética auxilia na compreensão da maneira pela qual as estruturas do plano do conteúdo e do plano da expressão são organizadas de maneira a construir o objeto poético e, conseqüentemente, a articular os arranjos estéticos da linguagem que o constitui.

Assim, a importância a respeito da autonomia entre os planos da expressão e do conteúdo, destacada sobretudo em *Por uma teoria do discurso poético* (1975c) a partir da assunção do isomorfismo dos planos, apresenta-se como um outro grande avanço para o desenvolvimento da semiótica, para os estudos dos arranjos estéticos e para o depreendimento dos valores éticos e morais da manifestação. Podemos observar que este avanço metodológico apresenta-se, de fato, como relevante para a

semiótica, pois ele é até mesmo retomado por Greimas, no preâmbulo de seu trabalho intitulado *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos* ([1976]/1993), como responsável pela riqueza do texto (*ibid.*, p. 9), mas que, exatamente por constituírem uma infinidade de códigos, precisam ser organizados por um enunciador para que seja possível a sua constituição em objeto.

### 3.8. Entre amigos, moral e efeitos dos sentidos

Tomando, desta maneira, *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos* (GREIMAS, 1993) como um campo de experimentações da própria metodologia, Greimas parece ter interesse em verificar como o objeto analisado se encontra constituído em sua totalidade, a partir, exatamente, da articulação destes planos autônomos. Reconhecendo a importância e a riqueza analítica desta obra, devemos, entretanto, limitarmo-nos às possíveis articulações estéticas e éticas, seja nas análises de Greimas, seja no próprio texto que o autor utiliza como objeto de estudo. Contudo, antes de mais nada, parece-nos interessante salientar que, assim como pudemos observar em Dom Quixote, o conto *Dois amigos*, escolhido por Greimas, também possui um importante “jogo” axiológico entre os valores morais e éticos; além, é claro, de passagens marcadas pela presença, no nível do enunciado, do que viemos de considerar como fato poético. Ora, se o enunciador é responsável por projetar os seus valores no enunciado construído por meio das escolhas que ele realiza, Greimas, enquanto enunciador de sua obra, não seria a exceção à regra. Com isso, mesmo se o autor apresenta uma justificativa técnica por ter escolhido Maupassant (*ibid.*, 10), entendemos que uma outra dezena de textos poderiam satisfazer os critérios científicos ressaltados por ele; porém, ao escolher como objeto textos cuja presença de um conflito de valores éticos e morais se apresenta como um traço reiterado, não somente ele reforça o seu interesse pela articulação de tais conceitos – enquanto basilares para se compreender a significação e o sentido humano –, mas também pelas estruturas subjacentes que os organizam e constituem, assim, a episteme individual e social.

Tal inquietação é assinalada por Greimas (*ibid.*, p. 11) a partir da perspectiva de uma tradição literária que realiza a distinção entre a poesia e a prosa, como se somente a linguagem poética – em decorrência da correlação entre os planos da expressão e do conteúdo – pudesse ser considerada como tal em função da própria

(de)limitação dos gêneros. Para o autor, a possibilidade de adotar uma metodologia semelhante para o conteúdo semântico permitiria vislumbrar igualmente o caráter infável da linguagem poética em outros objetos ou, mais precisamente, em outras instâncias do discurso, não somente na apreensão da manifestação – lugar por excelência do campo extralinguístico da percepção, da apreensão do mundo natural e dos efeitos dos sentidos –, mas também a partir das projeções e das construções no enunciado. É nesse contexto que o texto de Maupassant se apresenta para Greimas, ou seja, como uma totalidade de sentido onde poética e prosa, expressão e conteúdo, estética e ética se encontram ao mesmo tempo articuladas e atuantes no enunciado. Assim, o nosso objetivo com este trabalho de Greimas se desenha na tarefa de evidenciar as articulações éticas, morais e estéticas que o autor realiza do texto de Maupassant em seus exercícios, bem como apontar, quando necessário, outros elementos que correspondam a tal problemática.

Dito isto, sentimos a necessidade de começar destacando o que optamos por chamar de aspectualização moral. No início de sua análise, Greimas discorre sobre a manifestação discursiva de duas temporalidades distintas o /antes/ vs /durante/, de maneira que este corresponde ao /durante a guerra/ e aquele ao /antes da guerra/ (*ibid.*, p. 20). A partir disto, o autor destaca que as marcas no discurso a respeito dessa temporalidade durativa, ao tratar da cidade de Paris como “bloqueada, faminta e agonizante” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 1976, p. 13), axiologiza o termo “guerra” disforicamente. Isto pressupõe, portanto, que a anterioridade se configura como um termo eufórico, destacada pelo autor por meio da categoria “paz”. Mas, quais seriam as implicações de tais constatações para o depreendimento das articulações da ética e da moral?

Em primeiro lugar, a colocação em discurso de tais axiologizações já são escolhas enunciativas reiterando a projeção dos valores do enunciador no enunciado. Em segundo lugar, observaremos que os atores do enunciado, em especial o Sr. Sauvage e Morissot, apresentar-se-ão reiterando tal investimento de valor de maneira que, para eles, era “preciso ser estúpido para matar-se desse jeito”. Assim, torna-se importante situar este espaço moral, isto é, este contexto social/cultural no qual os eventos se desenrolam, pois é a partir dele que poderemos reconhecer a sobreposição de axiologizações de categorias semânticas e observar uma ruptura do quadro moral ou a sua manutenção, bem como a presença da ética do indivíduo ao

se deparar com situações complexas – no caso do texto em questão –, de vida ou morte.

Desta maneira, apesar de ser tentador afirmar que a decisão dos dois amigos, de saírem da “zona de segurança” para reviverem a experiência da pesca lado-a-lado, seja um rompimento de uma situação social na qual a moral (ou o bom senso) proporia um “isolamento” na zona de segurança, devemos lembrar que a guerra é, de saída, imoral, isto é, no âmbito do espaço moral construído no enunciado, ela é tomada como um termo cuja axiologização é disfórica; e que, o que os amigos desejavam é, na verdade, o retorno da antiga estrutura moral e, conseqüentemente, de seus hábitos. Qualquer semelhança com o desconforto ocasionado pela pandemia de Covid-19, não nos parece uma mera coincidência, sobretudo porque nos dois casos o desejo ao retorno da estrutura social anterior coloca em evidência as categorias de /vida/ vs /morte/.

Sendo assim, ao situar este espaço, que estamos considerando como moral, em sua análise, Greimas evidencia o contexto social no qual os actantes estão inseridos, isto é, o universo axiológico (GREIMAS, 1976, p. 225). Este universo axiológico se apresenta a todo momento na análise de Greimas a partir das escolhas figurativas do enunciatador, como, por exemplo, nas figuras zoomórficas dos ratos e dos pardais (terra vs ar :: morte vs não-vida) (GREIMAS, 1993, p. 32), naquelas dos esgotos e dos telhados, na montanha e no céu, entre tantas outras figuras que participam do universo figurativo dos valores axiologizados. Parece-nos, neste momento, pertinente ressaltar que – para que se chegasse nessas categorias e que, conseqüentemente, fosse possível depreender os valores de cada uma das figuras – foi necessário o reconhecimento dos semas que compunham cada uma das figuras nucleares dos lexemas em questão, ou seja, foi necessário recorrer à utilização da metalinguagem não figurativa do nível semiológico (GREIMAS, 1968, p. 9).

Ora, o que vemos aqui é exatamente a concretização da proposta inicial deste trabalho de Greimas, na qual declarava a sua intenção de verificar se o mesmo processo de articulação da linguagem poética – observado por exemplo ao tratar dos objetos do mundo natural e do gesto, isto é, de projeção do eixo paradigmático sobre o sintagmático – estendia-se também ao universo semântico dos textos (GREIMAS, 1993, p. 11).

Entendemos, com isso, que esta continuidade axiológica – marcada desde as primeiras páginas da análise de Greimas, caracterizada pela reiteração dos

investimentos em diversas figuras ao longo do texto de Maupassant – permite que o universo axiológico, que funcionaria como um pano de fundo de valores culturais/sociais, encontre-se efetivamente instaurado no discurso. É, também, neste universo axiológico que os atores do discurso se encontram instalados, cada qual com sua episteme própria, ou não, e a partir da qual uma sanção será realizada em decorrência de suas ações, levando em consideração exatamente tal espaço-tempo morais instaurados pelo enunciador. Desta consideração podemos, por exemplo, pensar em alguns problemas atuais a respeito de certos textos e contos clássicos, sobretudo aqueles nos quais há um ator do enunciado, do sexo feminino, normalmente considerado como inferior, submisso e/ou frágil perante os acontecimentos da narrativa, como, por exemplo, a grande maioria dos contos de fadas, no qual o ator sob o papel temático da princesa aguarda ser resgatada e/ou ter sua sexualidade despertada pelo príncipe. Nesse caso, observamos um universo axiológico no enunciado que não corresponde mais àquele do enunciatário. Assim, as ressalvas de Greimas, que despertam para a existência desse universo axiológico instalado no discurso, também situam as ações dos actantes da narrativa que poderão, ou não, aceitar o contrato moral.

Entretanto, o que acabamos de apontar se fundamenta a partir do fato de que Greimas buscará, também, observar como são articuladas as axiologizações dos actantes exatamente em relação a este pano de fundo, isto é, em relação ao universo axiológico no qual se encontram. É, portanto, neste contexto que podemos destacar, nas análises do autor, a distinção que ele realiza entre a axiologia e a ideologia, sendo que aquele corresponde ao modo de existência paradigmática, e este ao modo de existência sintagmático (*ibid.*, p. 78). Contudo, não podemos nos esquecer do conceito de episteme, que corresponde à estrutura hierárquica que organiza as ações do sujeito conforme a sobreposição de valores axiológicos (GREIMAS; RASTIER, 1975b, pp. 141-142).

Parece-nos, assim, que é exatamente esta definição de episteme que entra em jogo no clímax do conto de Maupassant, isto é, quando os dois amigos são executados a mando do oficial prussiano. Ao serem confrontados com a possibilidade de retornarem vivos a Paris, desde que fornecessem a palavra de ordem ao oficial prussiano, ou então de serem fuzilados ali mesmo, e com isso possivelmente evitarem uma invasão do exército inimigo. Novamente, temos a reiteração do universo axiológico do texto presente, desta vez, explicitamente nas categorias de vida vs

morte. Porém, desta vez, as categorias poderiam ser pensadas de maneira que a vida dos pescadores se relaciona com a morte de muitos em Paris – talvez até a própria vida deles –; da mesma maneira que a morte deles corresponderia, ao menos em tese, a vida de muitos parisienses. É por esta razão que, em nosso entendimento, não poderíamos falar da presença de uma ética como a estamos definindo ao longo deste trabalho, mas sim do sincretismo pleno dos valores sociais com os do indivíduo. Em decorrência dessa sobreposição de valores morais e individuais que se correspondem integralmente, Greimas destaca a presença de uma isotopia patriótica (*ibid.*, p. 202).

O que procuramos mostrar com estas primeiras considerações – que de maneira alguma esgotam as ponderações que podem ainda serem depreendidas deste texto e da análise de Greimas – é que ao buscar testar sua própria metodologia (em função da realização deste exercício prático) e, ao mesmo tempo, verificar a possibilidade de que o conteúdo semântico de um determinado texto poderia ser articulado pela mesma estrutura que organiza a linguagem poética – isto é, pela projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático –, não somente observamos o êxito de Greimas nas suas propostas, mas também visualizamos que a organização dos valores éticos e morais podem igualmente ser objetos de tal articulação. A prova disto são as distinções entre os conceitos operacionais de axiologia, ideologia e episteme, ambos presentes na análise de Greimas.

Compreendemos, assim, que a axiologia corresponde à paradigmática da axiologização das categorias semânticas, a ideologia é a sintagmática destas axiologizações, e a episteme a estrutura que estabelece a hierarquia entre as axiologias. Se considerarmos tais termos como conceitos operacionais, veremos que eles consistem, na verdade, em lugares de investimento de articulações éticas e morais, indo do mais simples ao mais complexo. Levando em consideração que, na análise de Greimas, aquilo que sublinhamos como sendo o sincretismo axiológico pleno é chamado pelo autor de isotopia patriótica, poderíamos talvez propor que em vez de utilizarmos uma figura para servir de referente ao termo da isotopia, pudesse ser mais interessante pensarmos no termo de isotopia moral – inclusive pelo fato de que, como explicamos anteriormente, quando os dois amigos saem para pescar, não se trata de um rompimento com a moral, mas sim uma tentativa de recuperá-la, dada a situação imoral instalada por meio dos investimentos semânticos na guerra.

Dessa maneira, este primeiro percurso que procuramos evidenciar, e que procurou apontar a articulação da ética e da moral neste exercício de Greimas, não

somente nos permitiu visualizar a construção paradigmática, epistêmica e sintagmática da ética e da moral por meio das diferentes estruturas que articulam as categorias semânticas axiologizadas – tanto da parte dos sujeitos da enunciação como da parte dos sujeitos do enunciado –, como também, em nosso entendimento, permite que nos aproximemos da questão que o autor apresentou na introdução de sua obra:

No entanto, não se pode deixar de perguntar-se ingenuamente como é possível que homens, pertencentes a mesma geração, dependentes de um mesmo universo socioletal e participantes da mesma epistemologia, sejam tão diferentes em suas produções e, além do mais, nas formas e modos de seu pensamento metafórico e metonímico. (GREIMAS, 1993, p. 11)

Evidentemente, ao discorrer sobre tal questão, Greimas se referia a Maupassant, porém, parece-nos que as mesmas conclusões que chegamos a respeito da organização dos valores na construção de um objeto podem ser transpostas ao autor em questão, desde que sejam guardadas as devidas proporções metodológicas, pois se trata aí, também, de uma questão de axiologização e investimentos de valores.

Dito isto, podemos então passar para o outro tipo de articulação que nos interessa, isto é, a articulação estética. Porém, como mencionamos no início da abordagem deste texto, procuraremos nos concentrar na abordagem do nível do enunciado, pois a organização em prosa ou ainda a estilística do texto poderão ser vislumbradas a partir deste nível, sem que, com isso, tenhamos que recorrer ao nível da enunciação; até porque, como, por exemplo, lembra-nos Greimas (*ibid.*, p. 42), os parágrafos são dispositivos gráficos “que não tem nada de necessário”, mas que são, neste caso, de caráter operatório. Da mesma maneira, não entraremos em detalhes sobre as análises das figuras do nível do enunciado, pois já abordamos como uma figura pode ser analisada pelos seus arranjos estéticos, a partir da metalinguagem não figurativa que constitui a semiologia.

O que nos interessa neste texto, que já começamos a visualizar em *Por uma teoria do discurso poético* (1975c) e acaba sendo retomado por Greimas em sua análise de maneira bastante sutil, é exatamente a possibilidade de existência de um fato poético não necessariamente no nível da enunciação, mas sim no nível do enunciado, isto é, a possibilidade de um efeito de sentido como efeitos dos sentidos

(*ibid.*, p. 12), exatamente em decorrência dos mecanismos de embreagem e debreagem e da introdução da dimensão cognitiva da narratividade que, como sublinha Greimas (1993, p. 245):

Um fato novo impôs-se progressivamente à evidência: é a existência da **dimensão cognitiva** da narratividade que aí chega a duplicar praticamente o conjunto da narrativa e de que fomos obrigados a afirmar a autonomia, não sem tentativas e afirmações parciais, opondo-a – e correlacionando-a tanto quanto possível – à **dimensão pragmática**, feita de descrições de atores e de comportamentos somáticos encadeando-se em séries de acontecimentos. (grifos do autor)

Assim, antes de visualizarmos como o fato poético se encontra presente e articulado no conto “*Dois amigos*”, de Maupassant, e indiretamente nos comentários de Greimas, imaginamos ser mais proveitoso se compreendêssemos, em primeiro lugar, o funcionamento do par conceitual de embreagem e debreagem, pois é a partir dele que poderemos observar a inserção da dimensão cognitiva nos actantes do enunciado, bem como o surgimento do fato poético. Tendo isto em vista, Greimas e Courtés (2008, p. 140) nos explicam que:

Ao contrário de debreagem, que é a expulsão da instância da enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado, denomina-se embreagem o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como da denegação da instância do enunciado.

Dessa maneira, é o mecanismo de embreagem e debreagem que nos permite acompanhar em *Dois amigos* uma perspectiva que simula um efeito de realidade, exatamente por criar uma proximidade simulada com a ação que se desenrola, como se ela ocorresse, por exemplo, no caso da apreensão do mundo natural. Porém, é importante reiterarmos que, neste caso, é um efeito de sentido de realidade que permite a emergência do fato poético enquanto efeito dos sentidos. O que nos autoriza a fazer tal inferência são, na verdade, dois movimentos principais: o primeiro são os movimentos de debreagem interna, isto é, que instauram o narrador e os interlocutores no enunciado; e o segundo é a inserção da dimensão cognitiva. Sobre o primeiro deles, os autores nos explicam:



Notar-se-á aqui que cada debreagem interna produz um efeito de referencialização: um discurso de 2º grau, instalado no interior da narrativa, dá a impressão de que essa narrativa constitui a “situação real” do diálogo e, vice-versa, uma narrativa, desenvolvida a partir de um diálogo inserido no discurso, referencializa esse diálogo. (ibid., p. 96)

Em decorrência desta debreagem interna, que nos coloca mais próximos dos acontecimentos, podemos assim notar o papel desempenhado pela dimensão cognitiva da qual fala Greimas (1993), aliás, é o fato de se instalar a debreagem que evoca, como sublinham Greimas e Courtés (2008, pp. 96-97), a problemática da dimensão cognitiva na narrativa.

Problema comparável se põe a propósito dos actantes do enunciado (ou actantes da narração propriamente ditos). O desenvolvimento da semiótica narrativa obrigou-nos a reconhecer a existência de suas dimensões autônomas da narração: a dimensão pragmática e a dimensão cognitiva; eis-nos ao mesmo tempo convidados a distinguir duas espécies de sujeitos. Ao lado dos sujeitos pragmáticos, encontram-se no discurso sujeitos cognitivos, ora produtores, ora intérpretes das significações, e que aparecem quer em sincretismo com os sujeitos pragmáticos, quer sob a forma de atores autônomos (é o caso do informador, por exemplo), quer enfim reconhecíveis apenas como posições implícitas (é o caso do actante observador cujo papel tem sido subestimado até aqui): a debreagem cognitiva permite assim instaurar uma distância entre a posição cognitiva do enunciador e as que pertencem quer aos actantes da narração, quer aos do narrador.

Desta maneira, contrariamente ao que poderíamos imaginar a respeito da dimensão cognitiva – pois, à primeira vista, podemos pensar que ela diz respeito somente à cognição inteligível, ao raciocínio lógico –, ela, no sentido noológico (GREIMAS, 1993), diz respeito ao fato de conhecer o mundo. Assim, se considerarmos que o plano noológico diz respeito ao conhecer sobre o mundo, ele implica invariavelmente no plano da experimentação do mundo. Desta maneira, a debreagem interna, ao nos aproximarmos da ação dos actantes do enunciado, permite que conheçamos o mundo com eles, ou melhor, que conheçamos o mundo que eles conhecem e isto inclui seus próprios valores e suas sensações.

Nesse contexto, ao observarmos os movimentos de debreagem em *Dois amigos*, podemos perceber o mundo pelos olhos dos actantes do enunciado. Assim, o calor do sol que os aquece, e que é um “bom calor”, é um efeito dos sentidos dos

actantes do enunciado do qual tomamos conhecimento graças à dimensão cognitiva. O mesmo ocorre, por exemplo, no momento que Sr. Sauvage pronuncia, em um movimento de debreagem interna, a interjeição “que espetáculo!”, logo após sermos informados pelo narrador sobre o céu “ensanguentado pelo sol poente” que “jogava na água figuras de nuvens escarlates”. Vemos, com isso, que a dimensão cognitiva da narrativa em conjunto com os mecanismos de embreagem e debreagem permitem que tomemos conhecimento dos fatos poéticos experienciados pelos sujeitos do enunciado.

A pergunta que poderíamos nos fazer neste momento, e com certa razão, consiste em indagar sobre quais seriam as implicações destas relações para a articulação da estética na semiótica. Se considerarmos a estética, como viemos fazendo até o presente momento, como o lugar de investimos dos arranjos dos conjuntos significantes, notaremos que a análise de Greimas (1993) abre um caminho, pelo menos no objeto literário, para observarmos a possibilidade de um desdobramento estético que consiste em uma dupla perspectiva: a primeiro do ponto de vista da enunciação; a segunda do ponto de vista do enunciado.

A análise estética do ponto de vista da enunciação corresponde àquela que já temos apontado desde o início da nossa pesquisa, e que corresponde à articulação dos arranjos significantes que se situam no campo extralinguístico da percepção. Sobre esta primeira possibilidade, podemos citar, por exemplo, o exercício que Greimas (1968) realizou a respeito do mundo natural e do gesto, onde sujeitos da enunciação e do enunciado se encontravam sobrepostos. Há também, neste nível, a problemática das articulações estéticas em objetos literários que, nesse caso, corresponderia à análise das estruturas que organizam a sonoridade, a rima, a rítmica e, sobretudo nos casos da poesia concreta, a composição gráfica.

O segundo ponto de vista deste desdobramento da análise estética que reconhecemos na abordagem de Greimas (1993) diz respeito ao nível do enunciado, que, por meio da debreagem, permite conhecer o mundo conforme as experiências dos próprios actantes do enunciado. A pergunta que nos colocamos neste momento é: neste caso, se conhecemos o mundo a partir do que é enunciado pelo actante da narrativa e a estética é o lugar de investimento dos arranjos dos conjuntos significantes, como tais componentes podem ser analisados se não temos contato com os significantes em si? A resposta para esta pergunta é, ao mesmo tempo, simples e complexa. Se lembrarmos *Semântica estrutural*, Greimas (1976, p. 19)

nos adverte que nada pode ser dito sobre o significante em si, pois “a definição de pintura ou música é de ordem do significante e não do significado. As significações que estão eventualmente aí contidas são simplesmente humanas”. Da mesma maneira, ao retomarmos *Condições de uma semiótica do mundo natural* (GREIMAS, 1968, pp. 7-8), veremos que, para que se possa analisar uma manifestação do mundo natural, é necessária a sua substituição em uma figura do mundo, para que assim seja possível considerar o mundo como forma, e não como substância. Levando isto em consideração, e ao nos debruçarmos sobre o texto de Maupassant, veremos que o discurso em si já é constituído por figuras do mundo natural. Isto, portanto, não altera em nada a metodologia de análise estética, a única diferença é que as figuras já se encontram articuladas pelo enunciador.

Dessa maneira, como podemos observar no estudo efetuado por Greimas (1993), ele não somente realiza uma análise estética das figuras do mundo natural presentes no enunciado – a partir da marcação dos semas do nível semiológico que compõem a figura nuclear –, como também, ao buscar verificar a amplitude da projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático, evidencia que a totalidade das figuras do enunciado concretizam um isomorfismo com as categorias semânticas do plano do conteúdo ao longo do texto analisado. Como resultado desta análise, em relação à articulação da estética na semiótica, podemos observar que o conjunto das escolhas figurativas que compõem o universo do plano da expressão do enunciado não somente contribuem para a isotopia global e o significado global do texto, como também, autonomamente, são capazes de construir uma isotopia figurativa própria e que, por si só, já poderia constituir uma espécie de narrativa.

Todos estes desdobramentos, em específico aqueles relacionados ao nível figurativo – que nos mostram a exploração das figuras quase que ao seu limite, a sua importância para o estabelecimento de uma isotopia global do texto e que permitem reconhecer a possibilidade de uma melhor compreensão das estruturas que organizam as manifestações do mundo natural –, conduziram, por sua vez, Greimas a se questionar sobre aquelas manifestações não figurativas, isto é, que não possuem um correspondente direto no mundo natural e que não possuem, à primeira vista, um referente no sistema da língua, retornando assim à problemática da semiótica visual e à inauguração da semiótica plástica. Como o próprio autor explicita:

Os progressos internos da semiótica geral desempenharam um papel determinante. Assim, a reflexão coletiva empreendida sobre os problemas da figuratividade, levando a reconhecer vários níveis de profundidade onde se manifestava e se explicitava, não podia deixar de provocar, por ricochete, o reexame das conquistas provisórias da semiótica visual: a semiótica plástica, por exemplo, não correspondia ao nível profundo e abstrato da figuratividade, conceito de alcance mais geral?<sup>140</sup> (GREIMAS, 1984, p. 4, tradução nossa)

### 3.9. O figurativo, o plástico e os efeitos dos sentidos

Antes de começarmos a explorar a contribuição de *Semiótica plástica e semiótica figurativa* (*ibid.*), e para o entendimento e a articulação da estética nos desenvolvimentos teóricos de Greimas, faz-se necessário compreendermos que a semiótica plástica é resultado de um esforço coletivo empreendido pelo então chamado *atelier de sémiotique visuelle* que, como esclarece o autor, foi

[...] inicialmente reunido por nosso amigo Abraham Zemsz, e conduzido em seguida sem interrupção e com perseverança por Jean-Marie Floch (tendo como colaboradores, Félix Thürlemann, Denis Alkan, Diana Pessoa de Barros, Ada Dewes, Alain Vergniaud e outros) que soube conduzir bem um projeto teórico e coordenar análises concretas consistentes, quando o autor dessas linhas se contentava com o papel de observador e de conselheiro<sup>141</sup>. (*ibid.*, p. 3, tradução nossa)

Sendo assim, parece-nos coerente imaginar que este texto de Greimas, apesar de ser considerado por alguns como o início da semiótica plástica, corresponde, na realidade – e nos termos do próprio esquema narrativo da semiótica – a uma sanção positiva realizada pelo autor que, como ele mesmo afirma, “se contentava com o papel de observador e de conselheiro” (*id.*). Tendo isto em vista, Greimas nos explica que convém ler este texto, “ao mesmo tempo como um anúncio da obra de Floch, *Petites*

<sup>140</sup> No original: “Les progrès internes de la sémiotique générale, ont joué un rôle déterminant. Ainsi la réflexion collective entreprise sur les problèmes de la figurativité, amenant à reconnaître plusieurs niveaux de profondeur où elle se manifestait et s’explicitait, ne pouvait que provoquer, par ricochet, le réexamen des acquis provisoires de la sémiotique visuelle : la sémiotique plastique, par exemple, ne correspondait-elle pas au niveau profond et abstrait de la figurativité, concept de portée plus générale ?”

<sup>141</sup> No original: “[...] réuni d’abord par notre ami à tous Abraham Zemsz, et conduit ensuite sans interruption et avec persévérance par Jean-Marie Floch (avec, pour collaborateurs, Félix Thürlemann, Denis Alkan, Diana Pessoa de Barros, Ada Dewes, Alain Vergniaud et autres) qui a su mener à bien un projet théorique et coordonner des analyses concrètes consistantes, alors que l’auteur de ces lignes se contentait du rôle d’observateur et de conseiller.”

*mythologies de l'œil et de l'esprit*, que aparecerá muito em breve, e como uma interpretação atenciosa de *Paul Klee de Thürlemann*<sup>142</sup> (*id.*). Entretanto, mesmo com as recomendações do autor, pensamos ser importante sublinhar que este texto já havia sido planejado para ser publicado anteriormente e é em razão disto que Greimas afirma que este é um texto um pouco datado. Além disto, as datas de publicações podem nos enganar com relação ao seu caráter diacrônico.

Esta problemática da diacronia se refere, principalmente, ao fato de que a obra de Floch que é mencionada por Greimas, *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit : pour une sémiotique plastique*, tem sua publicação datada no ano de 1985. Assim, se considerarmos que *Sémiotique figurative et sémiotique plastique* foi publicado em 1984, poderíamos naturalmente pensar que o texto de Greimas é de fato inaugural em suas propostas teóricas e na formulação do arcabouço conceitual. Porém, os textos e as análises presentes no livro de Floch em questão já haviam sido publicados anos antes, como é o caso dos textos “*Un nu de Boubaï*”, originalmente publicado com o título “*Sémiotique poétique et discours mythique en photographie : analyse d'un « nu » d'Edouard Boubaï*” (FLOCH, 1980), “*Composition IV de Kandinsky*”, sob o título de “*Kandinsky : sémiotique d'un discours plastique non figuratif*” (FLOCH, 1981a), “*Un nid confortable' de Benjamin Rabier*” publicado anteriormente como “*La spatialisation et son rôle dans la mise en discours d'une bande dessinée*” (FLOCH, 1979) e a primeira parte de “*Sémiotique plastique et communication publicitaire*” (FLOCH, 1981b). Algo semelhante ocorre com a obra em questão de Félix Thürlemann, *Paul Klee : analyse sémiotique de trois peintures* (1982), que, na verdade, consiste na publicação de sua tese de doutorado intitulada *Trois peintures de Paul Klee : essai d'analyse sémiotique* (1979).

É, portanto, em decorrência deste contexto que entendemos que *Sémiotique figurative et sémiotique plastique* (GREIMAS, 1984) não se trata de um texto inaugural, mas sim de um texto unificador – pois insere a semiótica plástica no edifício epistemológico da semiótica, mesmo que ela seja considerada autônoma nas suas articulações internas – e sancionador, em particular, no que diz respeito à validade da metodologia analítica da semiótica plástica, bem como de sua contribuição para o

---

<sup>142</sup> No original: “[...] à la fois comme une annonce de l'ouvrage de Floch, *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*, qui paraîtra très prochainement, et comme une interprétation bienveillante du *Paul Klee de Thürlemann*.”

estudo da significação a partir do plano da expressão (FLOCH, 1979b, p. 7; THÜRLEMANN, 1982, p. 18).

Dito isto, parece-nos possível melhor compreender o contexto teórico no qual se encontra *Sémiotique figurative et sémiotique plastique*, a saber, Greimas salienta a importância de retomar as articulações conceituais (por exemplo, as categorias plásticas e seus formantes) desenvolvidas, sobretudo, nos trabalhos de Floch (1985) e Thürlemann (1982), com vistas a sua inserção no aparato geral da semiótica como uma metodologia capaz de apreender a significação de manifestações pouco figurativas (ou abstratas) e de manifestações não figurativas. Nesse quadro, pretendemos observar como este trabalho de Greimas integra a semiótica plástica no aparato geral da semiótica e quais são as implicações desta integração para o estatuto e a articulação da ética e da estética na teoria.

Tendo isto em vista, podemos observar que Greimas inicia seu texto inserindo dois problemas de base: a dificuldade em desenvolver uma metodologia que fosse capaz de dar conta das significações (que se apresentam no campo visual) e que levasse em consideração os modos de expressão do objeto (que se apresenta ao sentido da visão); e as dificuldades que a própria distinção entre mundo natural e mundo “artificial” (ou construído) impunham para o analista, uma vez que a separação, por exemplo, de um gesto em seu caráter natural e artificial parecia corresponder à problemática de valências entre significante e significado. Sobre esta última dificuldade, Greimas (1984, p. 5) se interroga a respeito de:

[...] como separar, por exemplo, a gestualidade “natural”, aquela que acompanha os nossos discursos verbais, das linguagens dos surdos-mudos ou dos monges silenciosos, quando as suas formas elementares parecem idênticas à análise? De que lado situar esta visualidade ao mesmo tempo “natural” – porque se manifesta, “transcodificada”, no interior dos nossos discursos verbais – e “artificial” – porque constitui, sob a forma de “imagens”, um componente essencial da linguagem poética construída?<sup>143</sup> (tradução nossa)

<sup>143</sup> No original: “[...] comment séparer, par exemple, la gestualité « naturelle », celle qui accompagne nos discours verbaux, des langages des sourds-muets ou des moines silencieux, alors que leurs formes élémentaires paraissent à l’analyse comme identiques ? De quel côté situer cette visualité à la fois « naturelle » – parce qu’elle se manifeste, « transcodée », à l’intérieur de nos discours verbaux – et « artificielle » – parce qu’elle constitue, sous formes d’« images », une composante essentielle du langage poétique construit ?”

É curioso notar que, para resolver tal situação, ou ao menos limitar as possibilidades de confusão terminológicas entre o que seria uma semiótica do mundo natural e o que seria uma semiótica visual, Greimas institui uma restrição operacional fundamentada no modo de presença no mundo dos respectivos objetos. Desta maneira, o autor esclarece que a semiótica visual, contrariamente ao mundo natural, se define pelo fato de que o seu objeto possui um suporte planar (*ibid.*, pp. 5-6).

Tendo marcado o que caracteriza o objeto da semiótica visual, o autor, em nosso entendimento, busca elencar as diferentes epistemologias que conduzem à significação, a partir do que se coloca diante de nós por meio deste suporte planar. Entretanto, é ao tratar do problema dos sistemas de representação e da limitação da representatividade icônica que Greimas evidencia a articulação da estética e como ela contribui, efetivamente, para a construção e apreensão do sentido.

Nesse contexto, para Greimas, a arbitrariedade em nada tem a ver com a problemática da estética, pois se trata de dois sistemas de representação autônomos, cuja correspondência entre representante e representado, referente e referido, não é possível de ser estabelecida, por exemplo, a relação entre o significante visual (gráfico) da letra “o” nada tem a ver com o significante fonético de “o”. É, portanto, em consequência disto que o autor realiza a distinção entre esta interpretação da noção de representação de natureza lógico-matemática e aquela que ele mesmo explicita como uma representação estética. Nas palavras do autor:

No oposto da concepção da representação que acabamos de delinear, e que pode ser formulada como uma relação arbitrária entre o representante e o representado (pouco importa que a correspondência se estabeleça de sistema para sistema ou de termo a termo), situa-se uma interpretação completamente diferente da representação, que poderíamos chamar estética se não tivéssemos perdido o uso desta palavra.<sup>144</sup> (*ibid.*, p. 7, tradução nossa)

Nesta passagem de Greimas existem dois momentos que, particularmente, nos chamam a atenção: o primeiro, evidentemente, é o fato de considerar um sistema de representação como estético; o segundo é a sua hesitação em relação ao uso do

---

<sup>144</sup> No original: “A l’opposé de la conception de la représentation que nous venons de dégager, et qui peut être formulée comme une relation arbitraire entre le représentant et le représenté (peu importe que la correspondance s’établisse de système à système ou de terme à terme), se situe une interprétation tout autre de la représentation, que nous pourrions appeler esthétique si nous n’avions pas perdu l’usage de ce mot.”

termo. Levando isto em consideração, parece-nos prudente de, inicialmente, buscarmos explicitar o que é esta representação estética da qual fala Greimas para, somente depois, tentar compreender a sua hesitação na utilização do termo estética.

Se fizermos uma leitura despreziosa do texto de Greimas, poderíamos rapidamente chegar à conclusão de que a semiótica figurativa configuraria, para o autor, a noção de representação estética. Porém, uma leitura mais atenta exige que compreendamos que, para que se chegasse a essa interpretação foi preciso que o autor negasse o conceito de representação icônica, fazendo-o por dois motivos principais e ligados entre si: a representação icônica reduz a noção de ícone a uma imitação do objeto do mundo natural; conseqüentemente, tal noção não considera o papel desempenhado pelo “reconhecedor” do objeto como tal, nem da necessidade de que o artista e o observador da obra tenham que partilhar de uma mesma grade de leitura para que se possa, efetivamente, reconhecer o referido do referente.

Com relação ao primeiro item, o fato de tomar a representação icônica como uma imitação reduz a reflexão a respeito da construção do objeto e do próprio esforço do artista, que procura extrair do mundo natural os traços fundamentais que constituem a articulação do objeto. Assim, esta “operação de ‘imitação’ consiste em uma forte redução das qualidades deste mundo”<sup>145</sup> (*ibid.*, p. 8, tradução nossa), de maneira que as limitações impostas pela superfície planar transformam o objeto do mundo natural, efetivamente, em uma figura.

O segundo ponto que é destacado por Greimas é a consequência da inteligibilidade do primeiro. Para que se possa reconhecer esta “imitação” como um referente do mundo natural, é necessário que artista e observador compartilhem do mesmo universo sociocultural e/ou possuam a mesma grade de leitura. Neste contexto, a necessidade de instauração de uma grade leitura faz com que a relação que existe entre a figura representante e o mundo natural representado seja de ordem semântica, e não sensível, “é a projeção desta grade de leitura – como um tipo de ‘significado’ do mundo – sobre uma tela pintada que permite reconhecer o espetáculo que ela deve representar”<sup>146</sup> (*ibid.*, p. 9).

---

<sup>145</sup> No original: “[...] l’opération ‘imitation’ consiste dans une très forte réduction des qualités de ce monde.”

<sup>146</sup> No original: “[...] c’est la projection de cette grille de lecture – sorte de ‘signifié’ du monde – sur une toile peinte qui permet de reconnaître le spectacle qu’elle est censée représenter.”



Com isso, o que podemos entender destas relações é que o reconhecimento de um objeto do mundo natural, por meio de sua figura, também não constitui uma noção de representação estética, pois se trata de um movimento de interpretação do mundo fundamentado em um dado repertório social. Tal operação nada mais é do que o reconhecimento de um objeto do mundo natural, a partir da percepção sincrônica da totalidade dos traços significantes de uma determinada manifestação. Neste caso, “se há semelhança, ela se situa ao nível do significado, isto é, da grade de leitura comum ao mundo e aos artefatos planares”<sup>147</sup> (*id.*, tradução nossa). É, portanto, neste contexto que Greimas evidencia que não faz sentido falar de representação icônica, pois o processo de significação dos objetos planares pelo conceito de representação icônica se dá pela semelhança nos significados, e não nos significantes. Contudo, o autor destaca que é graças a esta abordagem que podemos recuperar o problema da percepção sincrônica, que transforma um conjunto de traços significantes em uma totalidade figurativa que é, em seguida, associada a algum significado em decorrência da grade de leitura, dando origem ao que é chamado de semiose, isto é, a reunião do significante com o significado. Como esclarece Greimas (*ibid.*, p. 10):

O exame mais atento do ato de semiose mostraria bem que a operação principal que o constitui é a seleção de um certo número de traços visuais e a globalização destes, a apreensão simultânea que transforma o conjunto de traços heterogêneos em um formante, isto é, numa unidade do significante, reconhecível, quando enquadrada na grade do significado, como a representação parcial de um objeto do mundo natural.<sup>148</sup> (tradução nossa)

É, portanto, neste contexto que o figurativo é compreendido, não como um campo autônomo da semiótica, mas sim integrado a ela “como um certo modo de leitura – e de produção – das ‘superfícies construídas’”<sup>149</sup> (*ibid.*, p. 11, tradução nossa) dos objetos. A leitura figurativa consiste, desse modo, no reconhecimento, por meio da decomposição dos traços do plano da expressão, dos formantes que constituem a

<sup>147</sup> No original: “Si ressemblance il y a, elle se situe au niveau du signifié, c’est-à-dire de la grille de lecture commune au monde et aux artefacts planaires.”

<sup>148</sup> No original: “L’examen plus attentif de l’acte de sémiotique montrerait bien que l’opération principale qui le constitue est la sélection d’un certain nombre de traits visuels et leur globalisation, la saisie simultanée qui transforme le paquet de traits hétérogènes en un formant, c’est-à-dire en une unité du signifiant, reconnaissable, lorsqu’elle est encadrée dans la grille du signifié, comme la représentation partielle d’un objet du monde naturel.”

<sup>149</sup> No original: “[...] comme un certain mode de lecture – et de production – des ‘surfaces construites’ [...]”

totalidade da figura do objeto. Greimas explicita tal pensamento afirmando que, “a constituição dos formantes, quando da semiose, nada mais é do que uma articulação do significante planar, seu recorte em unidades discretas legíveis”<sup>150</sup> (*ibid.*, p. 10, tradução nossa).

Ora, parece-nos que esta estrutura que é formalizada por Greimas como figurativa já se encontrava, se não estruturada, ao menos esboçada, seja a partir do problema semântico das figuras nucleares (GREIMAS, 1976; 1993), das questões relacionadas à poética – em especial nos textos *Linguística estrutural e poética* (GREIMAS, 1975a) e *Por uma teoria do discurso poético* (1975c) –, seja a partir da análise do gesto e do recorte de suas unidades morfológicas (unidades significantes) (GREIMAS, 1968).

Levando isto em consideração, podemos imaginar que a problemática da estética, apresentada por Greimas anteriormente, diz respeito exatamente a este modo de leitura e de produção de sentido, típico da figurativo. Isto é, que articula as unidades do plano da expressão em uma sintagmática que projeta as escolhas paradigmáticas do enunciador. Neste caso, a estética não se restringe a um dos lados da interação, mas torna partícipe da produção e da apreensão do sentido tanto o enunciador quanto o enunciatário que, no ato de construção e desconstrução das estruturas subjacentes da linguagem poética, fruirão daquele prazer estético que já era mencionado pelo autor em *Semântica estrutural* (GREIMAS, 1976, p. 131).

Da mesma maneira, ao tratar sobre o significante plástico enquanto linguagem, este caráter estético conjugado pela articulação das estruturas subjacentes do plano da expressão torna-se ainda mais evidente, pois, como nos lembra Greimas (1984, p. 12), a linguagem plástica abandona toda relação com o figurativo, de modo que a sua leitura não pode ser outra que pela homologação das categorias isomórficas do plano da expressão com o plano do conteúdo. É em decorrência disto que voltamos à citação na qual Greimas explicita que “a aproximação entre o plástico e o poético não nos parece acidental”<sup>151</sup> (*ibid.*, p. 19, tradução nossa).

Neste contexto, a semiótica plástica, não possuindo em seus arranjos significantes – talvez nesta altura do trabalho já poderíamos falar em arranjos estéticos com maior segurança – quaisquer relações com as figuras do mundo natural,

---

<sup>150</sup> No original: “La constitution des formants, lors de la sémiosis, n’est autre chose qu’une articulation du signifiant planaire, son découpage en unités discrètes lisibles [...]”

<sup>151</sup> No original: “Le rapprochement entre le plastique et le poétique ne nous semble pas accidentel [...]”

institui um modo de leitura exclusivamente pelo seu plano de expressão, no qual a significação se encontra articulada na totalidade significantes da obra. Assim, Greimas (*ibid.*, p. 20) sublinha que o problema não é admitir que o significante plástico manifesta um significado, mas sim como este significado é construído.

É precisamente neste ponto que a linguagem plástica estreita as suas relações com a linguagem poética, pois, se não há uma saída figurativa para a leitura de tais manifestações, são os efeitos de sentido dos efeitos dos sentidos resultantes da apreensão da obra que poderão proporcionar o significado dela. Dessa maneira, quando Greimas fala que “a descrição do dispositivo plástico produzindo o efeito do sentido ‘pesado’ conduzirá naturalmente a se interrogar sobre o dispositivo que dá origem ao efeito ‘leveza’<sup>152</sup> (*ibid.*, p. 21, tradução nossa), somos levados a compreender que há uma narrativa interna que está se construindo diante de nós. Parece-nos que são os efeitos dos sentidos – que nos afetam pela apreensão das qualidades sensíveis do plano da expressão – que vão permitir que comparemos uma unidade significativa com a outra, de maneira a encontrar a relação entre tais substâncias da expressão e, com isso, fruir dessa narrativa que subjaz nas qualidades sensíveis da manifestação. É, portanto, esse nível de análise, isto é, de uma semiótica monoplana, que Greimas chamará de semi-simbólico, “devido a estas correlações parciais entre os dois planos do significante e do significado, apresentando-se como um conjunto de microcódigos, comparáveis, por exemplo, ao microcódigo gestual do sim/não”<sup>153</sup> (*ibid.*, p. 22, tradução nossa).

O que podemos notar destas relações é que, tanto na semiótica figurativa quanto na semiótica plástica, temos a presença da estética no processo de construção e apreensão do sentido. Além disso, parece-nos que, independente da abordagem semiótica em questão, a estética se constitui, de fato, como a articulação não somente das unidades do plano da expressão, mas sim de toda a sua estrutura subjacente. Nesta conjuntura, podemos pensar até mesmo que as articulações da estética – enquanto conceito operacional que organiza paradigma e sintagmaticamente o conjunto significativo da manifestação – são responsáveis pelos efeitos dos sentidos nos sujeitos. Isto explicaria, ao menos em parte, como os arranjos estéticos, que

---

<sup>152</sup> No original: “[...] la description du dispositif plastique produisant l'effet de sens « pesanteur » amènera tout naturellement à s'interroger sur le dispositif donnant lieu à l'effet « légèreté ».”

<sup>153</sup> No original: “[...] du fait de ces corrélations partielles entre les deux plans du signifiant et du signifié, se présentant comme un ensemble de micro-codes, comparables par exemple au micro-code gestuel du oui/non.”

organizam a linguagem, estão implicados, por exemplo, no efeito dos sentidos de “leveza” e “pesado” depreendido de uma determinada obra.

Porém, em toda esta articulação há outra relação que também nos chama a atenção e que é explorada por Greimas somente no final de seu texto: a presença das estruturas míticas. Ao termos retomado a proposta de que a leitura do objeto plástico – a partir das correlações sintagmáticas entre as unidades do significante – constituiria uma narrativa própria ou, melhor, construiria a sua narrativa, entendemos que há a possibilidade de observarmos que, mesmo que não haja uma relação figurativa no objeto, os valores axiológicos do enunciador estão marcados na manifestação, a partir de suas escolhas plásticas.

Por sua vez, a assunção de que os valores do enunciador se encontram investidos no significante plástico nos faz pensar na possibilidade de aproximação desta reflexão com os desenvolvimentos a respeito da construção de um objeto de valor explorados na elaboração da sopa ao pistou (GREIMAS, 2014) e, em particular, na qualificação do pistou como uma pomada odorante, que corresponde, em nosso entendimento, a leituras dos sentidos de uma articulação, ao mesmo tempo, pragmática – do fazer gastronômico do sujeito – e estética – da organização dos componentes do plano da expressão, investida de valores axiologizados sobre o “bom” odor e a “boa” textura. Esta nossa posição, a respeito da existência dessa outra estrutura subjacente, que é responsável pelos investimentos éticos e morais nas articulações estéticas, fundamenta-se na explicação de Greimas que, além de destacar a existência de uma estrutura “vertical”, revela, ao mesmo tempo, um vício e uma virtude dos semioticistas:

O semioticista se reconhece também na abordagem que ele adota: fundamentada na convicção intuitiva da existência de um significado outro, mais profundo, a leitura “vertical” à qual ele procede, permite-lhe reconhecer as recorrências “anafóricas” de certas grandezas da narrativa e, ao mesmo tempo, das oposições de “contrastes” entre os termos considerados, a narração aparecendo, em toda a sua figuratividade transbordante, como o “ruído” que é necessário ultrapassar para poder depreender as principais articulações do objeto, para postular, em seguida, uma apreensão mítica atemporal desta estrutura de base que dá conta da significação global do texto.<sup>154</sup> (*ibid.*, p. 24, tradução nossa)

---

<sup>154</sup> No original: “Le sémioticien se reconnaît aussi dans la démarche qu’il adopte : fondée sur la conviction intuitive de l’existence d’une signification autre, plus profonde, la lecture « verticale » à laquelle il procède lui permet de reconnaître des récurrences « anaphoriques » de certaines grandeurs du récit et, en même temps, des oppositions de « contrastes » entre les termes retenus, la narration

Todavia, o que mais nos chama atenção nesta citação não é o fato de Greimas afirmar a existência dessa narrativa que se desenvolve a partir da leitura das articulações estéticas do objeto plástico, tampouco a assunção da existência de uma estrutura subjacente de uma ética – ou da moral – que se encontram investidas neste objeto. O que realmente nos chama a atenção é a surpreendente semelhança desta passagem que acabamos de citar, com aquela que utilizamos no início de nossa pesquisa<sup>155</sup>, presente em *L'actualité du saussurisme* ([1956]/2000a, pp. 376-377), e que reproduzimos parcialmente aqui:

Este catálogo de formas literárias que, se fosse exaustivo, constituiria, de fato, o significante de uma metalinguagem literária, permanece, entretanto, inutilizável enquanto nós não afirmarmos a existência paralela e imanente ao significante, de um significado global que abranja a escolha das formas utilizadas e sua destinação social, que compreende, ao mesmo tempo, tanto da estética quanto da moral de uma determinada linguagem literária.<sup>156</sup> (tradução nossa)

Tal semelhança, em nosso entendimento, além de confirmar o modo pelo qual se dá a articulação da ética e da estética na construção do significado global, isto é, da significação, também evidencia que o projeto teórico de Greimas se apresenta de maneira consistente desde os seus primeiros trabalhos e que a ética e a estética sempre estiveram no centro das interrogações do autor sobre o mundo e a maneira pela qual ele significa e constrói o sentido. Temos, também, a impressão de que, em decorrência da solidez dos trabalhos de Greimas – o que mostra a continuidade do pensamento do autor – e do fato de termos nos deparado com a similitude entre tais passagens (que estão separadas por um período de 28 anos) seria possível confirmar que a ética e a estética constituem, com efeito, a base das interrogações semióticas no que diz respeito à construção e à apreensão do sentido, que, por sua vez, constituem, por definição, “a primeira preocupação” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415) desta teoria da significação que é chamada de semiótica.

---

n'apparaissant, dans toute sa figurativité débordante, que comme le « bruit » qu'il faut surmonter pour pouvoir dégager les principales articulations de l'objet, pour postuler ensuite une saisie mythique atemporelle de cette structure de base qui rend compte de la signification globale du texte”.

<sup>155</sup> Para a citação completa, vide página 61.

<sup>156</sup> No original: “Ce catalogue de formes littéraires qui, s'il était exhaustif, constituerait bien le signifiant d'un métalangage littéraire, reste cependant inutilisable tant que l'on n'affirme pas l'existence parallèle et immanente au signifiant, d'un signifié global qui rend compte du choix des formes utilisées et de leur destination sociale, qui comprend à la fois l'esthétique et la morale d'un langage littéraire donné”.

É neste contexto, de entrelaçamento entre ética e estética no significado global e, sobretudo, a partir da retomada do fato poético, enquanto efeito de sentido dos efeitos dos sentidos, pela apreensão do objeto plástico, que podemos, então, debruçarmo-nos sobre a última obra individual de Greimas, *Da imperfeição* ([1987]/2017).

### 3.10. **Figuratividade, estética e ética**

Antes de começarmos nosso estudo a respeito de *Da imperfeição*, parece-nos necessário abrir um pequeno parêntese para que possamos ter uma melhor ideia do trabalho que iremos explorar. Em nosso entendimento, esta é uma das obras mais enigmáticas do autor, em especial, devido às estratégias discursivas utilizadas, nas quais não se reconhece com a mesma facilidade o formalismo teórico que pairava em seus trabalhos precedentes, repletos de esquemas, de notações lógicas, de definições estruturais etc. Contudo, afirmar que não é possível reconhecer o formalismo precedente em *Da imperfeição* é, talvez, um dos erros mais comuns que qualquer um que se aventure em sua leitura pode cometer, pois, na verdade, entendemos que todo o edifício teórico e epistemológico da semiótica, desenvolvido até então, encontra-se articulado neste trabalho, configurando nada mais que – como pudemos constatar ao longo deste trabalho – a mesma metodologia de exploração científica que sempre foi adotada pelo autor no desenvolvimento da teoria semiótica. Fazemos das palavras de Dorra ([1990]/2017, p. 129), as nossas:

Seria fácil imaginar, neste prazeroso livro proposto para chegar até nós como uma pequena obra marginal – ou seja, feita à margem da especulação “dura” –, a distensão ensimesmada do guerreiro depois da batalha. Fácil, mas enganoso, pois é tão certo isso quanto certo é também que este ensaio está concebido e executado dentro do horizonte rigoroso da disciplina semiótica, a que no seu presente compreende e para a qual traça um futuro possível.

É, portanto, neste contexto que concordamos com Oliveira (2017, p. 9) quando afirma que “essa última obra de Algirdas Julien Greimas, pode ser considerada seu testamento de desenvolvimentos teóricos”, ao mesmo tempo em que é responsável por apresentar novas possibilidades de pesquisa e exploração dos objetos, das interações e do mundo natural por meio da semiótica, sobretudo no que tange às

articulações estéticas e éticas. Assim, apesar do texto fluido e de leitura agradável, não podemos nos deixar enganar pelo arcabouço teórico que é acionado e que coexiste nas estruturas subjacentes da própria obra de Greimas.

Dito isto, vale ressaltar, como viemos fazendo até o momento, que procuraremos abordar como Greimas insere a problemática de *Da imperfeição* no escopo da teoria geral da significação, de maneira que utilizaremos as análises realizadas pelo autor, sobretudo, para nos auxiliar em nosso objetivo principal, que consiste em depreender como tal obra, na sequência das demais, aborda e articula, no aparato formal da semiótica, a ética e a estética.

Assim, parece-nos natural começar nossa abordagem a partir das palavras que inauguram a obra de Greimas e tratam da imperfeição do parecer. Nas palavras do autor: “*todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio de sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade –, é, vivível*” (GREIMAS, 2017, p. 25, grifos do autor). Em nosso entendimento, a partir de uma dedução lógica decorrente de toda estrutura teórica que abordamos, se retomarmos que o parecer corresponde ao modo de aparência, que “constitui o mundo das qualidades, essa espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentidos” (GREIMAS, 1976, p. 166), talvez seja correto imaginar que tal modo – pelo fato de ser constituído pelas qualidades sensíveis – condiz com a totalidade do objeto que se apresenta no campo extralinguístico da percepção. Por conseguinte, aquilo que se apresenta à percepção ou corresponde ao mundo natural, ou é uma linguagem artificial.

Com isso, se retomarmos a última citação que utilizamos de *Semiótica plástica e semiótica figurativa*, na qual o autor destaca que “o semioticista se reconhece também na abordagem que ele adota: fundamentada na convicção intuitiva da existência de um significado outro, mais profundo, a leitura ‘vertical’”<sup>157</sup> (GREIMAS, 1984, p. 24, tradução nossa), podemos imaginar que esta leitura “vertical”, que conduz ao lugar de investimentos axiológicos, encontra-se, com efeito, “escondida” na manifestação. Desta maneira, parece-nos correto compreender que o parecer do qual fala Greimas diz respeito, efetivamente, à concretização das manifestações diante do campo perceptivo de um determinado sujeito. Consequentemente, o querer-ser e o dever-ser mencionados pelo autor se aproximam, a nosso ver, da problemática dos

---

<sup>157</sup> No original: “Le sémioticien se reconnaît aussi dans la démarche qu’il adopte : fondée sur la conviction intuitive de l’existence d’une signification autre, plus profonde, la lecture « verticale » [...]”.

diferentes tipos de representações. Neste caso, o dever-ser corresponderia, em nosso entendimento, à relação arbitrária entre os componentes da manifestação; enquanto que o querer-ser corresponderia à abordagem da figurativa e, conseqüentemente enquanto linguagem segunda (FLOCH, 1986), da articulação do objeto plástico, pois o parecer se configuraria a partir das articulações dos arranjos estéticos que concretizam um determinado conteúdo, mas que é a ser “descoberto”, isto é, que, “aguarda” a reconstrução de suas estruturas subjacentes para permitir que o *ser* se libere de sua estrutura modal virtualizada para poder ser apreendido enquanto significação.

Entretanto, ao afirmar que tal procedimento já é, em si, um desvio do sentido, temos a impressão que Greimas chama a atenção para a problemática decorrente da própria metodologia analítica da semiótica, isto é, para o procedimento destacado em *Condições de uma semiótica do mundo natural* (1968) a respeito da necessidade de transformar os objetos do mundo natural em figuras, para que algo possa ser dito sobre eles, bem como sobre suas respectivas significações. Tal procedimento, como vimos, consistia em um processo de redução da complexidade do objeto e de suas qualidades sensíveis para que o analista pudesse encontrar seus correspondentes em uma determinada língua natural. Este procedimento metodológico “reduz”, portanto, o objeto do mundo natural, com toda a sua complexidade e riqueza de qualidades sensíveis e que constituem o seu parecer, em figuras e formas da expressão que, por sua vez, encontrará no isomorfismo do plano do conteúdo um conjunto de traços linguísticos correspondentes ao nível semiológico; tudo isto, em uma tentativa de compreender a sua organização interna para que a significação possa ser, então, apreendida. Parece-nos, com isso, que é em razão deste procedimento que Greimas (1984) e Floch (1986) falavam que a semiótica plástica era, na verdade, uma linguagem segunda, e a figurativa, enquanto “representação” estética (GREIMAS, 1984), uma linguagem primeira, pois, do ponto de vista analítico, consistiam em recortes das unidades do plano da expressão.

Mas para Greimas, conforme exposto em *Da imperfeição*, este procedimento parece se configurar como um desvio de sentido – daí a noção de uma linguagem segunda ou primeira parece adquirir outros contornos – e o caminho que acabamos de traçar intenta ilustrar este desvio do qual fala o autor. Assim, em uma tentativa de retomar a importância fenomenológica para os desenvolvimentos da teoria, nestas quatro primeiras linhas introdutórias, o autor explicita, em poucas e difíceis palavras,



que a sua preocupação nesta obra será de tratar a problemática deste sentido, até então “perdido” – ou talvez somente deixado de lado, pois aguardava a maturação da metodologia –, que é construído no parecer, ou seja, no encontro entre dois actantes; e que consiste, em nosso entendimento, na exploração semiótica das qualidades sensíveis dos objetos e dos seus efeitos estésicos nos sujeitos. Com isso, tal posicionamento implicaria necessariamente um “retorno” ao campo extralinguístico, no qual a significação se situa ou, como diria Landowski (1996), uma “viagem às nascentes do sentido” situada na percepção e, portanto, no campo do “vivível”, como designou Greimas (2017, p. 25).

Desta maneira, se “*o parecer constitui, apesar de tudo, nossa condição humana*” (*id.*, grifos do autor), isto se dá pelo fato de implicar em um estar no mundo do sujeito e do próprio objeto, pois o parecer só o é, enquanto totalidade significativa, uma vez que ele parece algo a alguém, isto é, uma vez que ele se inscreve no mundo dentro de uma dimensão espacial e temporal, instaurada pelo sujeito que o apreende. Mas seria ele “*manejável, perfectível*”? (*id.*, grifos do autor). Ora, se o parecer, enquanto querer-ser se configura a partir das articulações de um conjunto de traços ou, melhor dizendo, de um conjunto de arranjos estéticos, a exemplo do pintor (GREIMAS, 1984), parece-nos que sim.

O que pretendíamos, ao analisar brevemente estas passagens iniciais, era tentar extrair e evidenciar que, nestas poucas – mas nada simples – frases, encontram-se condensadas todas as articulações e questões de ordem teórica e metodológica que serão abordadas em *Da imperfeição*. Vejamos, então, como se dá tal exploração pelo autor, para que, depois, possamos compreender as suas implicações para os desenvolvimentos estéticos e éticos na semiótica.

O texto de Greimas se apresenta dividido em duas partes intituladas respectivamente *A fratura* e *As escapatórias*. Na primeira parte, constituída por cinco textos, podemos observar, de saída, uma reiteração teórica em pelo menos quatro deles – trataremos, primeiramente, das reiterações nos quatro primeiros textos e, depois, dedicaremos um espaço separado do demais para *Uma mão uma face*, quinto e último capítulo das fraturas. Ao tratar do deslumbramento de Robinson, do *guizzo* do seio nu, da invasão do odor do jasmim e da negritude da cor da obscuridade observamos que há sempre a presença de dois actantes, em que um deles se impõe ao outro pelo seu modo de aparência, isto é, pelo seu parecer, de maneira que “a própria apreensão é concebida como uma relação particular” (*ibid.*, p. 31). Todavia,

tal imposição não significa, neste contexto, que um dos actantes “intimida”, se impõe em direção ao outro, isto é, reduzindo o outro a uma condição passiva. A imposição da qual falamos diz respeito a própria noção de apercepção de Leibniz (1884) – é curioso notar que, em diversas passagens de suas variadas obras, Greimas utiliza o termo apercepção, e não percepção – que é descrita como uma descontinuidade no campo perceptivo do sujeito, pelo fato de se “apropriar” das faculdades humanas com a única finalidade de potencializar a percepção das qualidades sensíveis de um objeto perante uma concorrência perceptiva.

Contudo, somente podemos afirmar que há esta imposição pelo parecer, pois uma outra reiteração tem lugar nestes quatro textos iniciais analisados pelo autor: todos os sujeitos são tomados por efeitos de sentido em decorrência dos efeitos dos sentidos. Greimas, quando nos explica que “o deslumbramento é, de fato, segundo os dicionários, o ‘estado da vista golpeada pelo clarão demasiado brutal da luz’” (*ibid.*, p. 32), parece assinalar a existência deste estado do sujeito que sofre os efeitos dos sentidos. O mesmo pode ser observado, por exemplo, no caso do *guizzo*, pois se compreendemos que um ligeiro estremecimento corresponde a um “conjunto de *sacudidas musculares* que agitam bruscamente o *corpo*, sob efeito de uma *emoção viva* ou de uma *sensação inesperada*” (*ibid.*, p. 44), podemos perceber tanto uma implicação patêmica quanto sensorial (*ibid.*, p. 45), na qual este ligeiro estremecimento, como efeito de uma sensação inesperada, é, na verdade, o efeito dos sentidos. Processo semelhante ocorre com a jovem estudante de piano que “recebe como um choque” (*ibid.*, p. 51) a visão invasiva do parque ou, ainda, que “recusa num gesto brusco” o aroma dos jasmims. Já em a cor da obscuridade, entendemos que o efeito dos sentidos conduz praticamente ao apagamento do sujeito, há uma suspensão das estruturas actanciais de sujeito e objeto, uma vez que “é no plano físico, no nível da pura sensação – as partículas da matéria resplandecendo todas as cores e indo introduzir-se nos olhos –, que se faz a conjunção do objeto com o sujeito” (*ibid.*, p. 60).

Com isso, e considerando as reiteraões das reações desencadeadas a partir de efeitos dos sentidos experimentados pelos sujeitos, poderíamos talvez nos arriscar a destacar que, o que observamos nos objetos escolhidos e nas análises de Greimas, corresponderia a própria noção do fato poético (GREIMAS, 1975c), evidenciado pela nostalgia de Robinson, pelo agradecimento ao cosmos do Sr. Palomar, pela recusa da jovem estudante e pelo esquecimento egológico na apreensão da cor da escuridão.

Por sua vez, a assunção de tal afirmação parece corroborar com as palavras iniciais do autor a respeito da busca por essa “significação” primeira, antes de toda e qualquer especulação analítica, isto é, natural do próprio “estado das coisas” (GREIMAS, 2017, p. 32).

Em nosso entendimento, o que podemos notar, a partir da observação destas recorrências, é que aquela dimensão “vivível” da qual falava Greimas, nas primeiras linhas de sua obra e que conjugaria as possibilidades do ser inscritas na materialidade do parecer, trata-se justamente desta dimensão dos efeitos de sentido dos efeitos dos sentidos, isto é, do fato poético. Neste contexto, entendemos a experiência do fato poético como resultado de uma dupla articulação: 1) da abertura do sujeito para a estesis, que ocorre gradualmente nos textos da primeira parte do livro – como é possível verificar em *O odor do jasmim*, no qual vemos “a estesis apenas entreaberta” (*ibid.*, p. 52) –, e 2) em *A cor da obscuridade*, ao declarar que “estamos aqui em presença da estesis que atingiu os seus limites” (*ibid.*, p. 61); 2) e da articulação das qualidades sensíveis do objeto, como, por exemplo, a gota em Robinson, que é considerada como o “verdadeiro objeto estético [...] recusando-se a cair” (*ibid.*, p. 34), o seio nu no conto do Sr. Palomar (*ibid.*, p. 39), o parque visto da janela pela jovem – um “objeto estético por excelência” (*ibid.*, p. 50) – e a obscuridade, que “concebida como uma aglomeração de corpúsculos, produz a matéria negra que se deixa ver, na superfície fenomênica, como um objeto estético” (*ibid.*, p. 59).

Com efeito, parece-nos possível elencar três componentes semióticos que se encontram reiterados e fazem parte destas narrativas: o objeto estético, o sujeito da apreensão e o fato poético marcado pela presença da estesis que, a nosso ver, poderia ser compreendido como a interação entre os dois componentes anteriores. É interessante notar que Greimas, em *Semiótica plástica e semiótica figurativa* (1984), retraça a problemática do figurativo com, pelo menos, dois destes elementos; isto é, o objeto estético, no caso, planar, e o sujeito da apreensão, que seria incumbido de “buscar” o sentido (re)construído nos arranjos do plano da expressão. Neste contexto, a estesis aparece como um elemento novo no vocabulário da semiótica e associado, ao mesmo tempo, ao conceito do fato poético e da percepção, retomando a problemática das primeiras linhas de *Da imperfeição* a respeito do parecer enquanto um devir de sentido estético e ético, uma vez que o estésico já está posto no estar no mundo das coisas, no vivível, na própria experiência em si. Contudo, se a estesis se apresenta, nesta altura das pesquisas semióticas, como um elemento novo no

vocabulário semiótico, o qual viemos de relacionar com o fato poético, parece-nos possível observar que a semiótica plástica, que em nosso entendimento se encarrega dos estudos da substância da expressão plástica, já se desenha como um primeiro passo metodológico para a descrição deste tipo de experiência. Basta observarmos que Greimas (1984, p. 21) ao tratar, por exemplo, da sensação de “leveza” ou de “peso” de uma determinada construção planar se refere, ao utilizar tais termos, a efeitos de sentidos dos efeitos dos sentidos.

Dito isto, podemos então avançar ao quinto e último texto desta primeira parte da obra. Se escolhemos deixá-lo separado dos demais é porque ele apresenta configurações ligeiramente distintas dos textos anteriores analisados por Greimas, isto é, os três componentes elencados anteriormente – sujeito da apreensão, objeto estético e fato poético – continuam presentes, porém, entendemos que são articulados entre si diferentemente. Esta articulação particular se dá não somente em razão da problemática que o próprio objeto estético impõe, mas também do fato de que o sujeito, um esteta, manifesta nas suas escolhas um certo saber sobre a condição de apreensão do fato poético ou, se preferirmos, da apreensão estética, como chama Greimas (2017, p. 63).

O objeto estético deste conto apresenta, se é que podemos chamar assim, um desdobramento estético particular, pois um livro é, de saída, um objeto com um estar no mundo definido pelo modo como os seus arranjos significantes são organizados, assim como possui uma esteticidade não somente em sua organização gráfica e textual, mas também na própria narrativa que é construída<sup>158</sup>; como vimos, por exemplo, na abordagem de Maupassant (GREIMAS, 1993). É em decorrência deste desdobramento que Greimas (2017, p. 63) nos chama a atenção para o fato de que o “objeto que se oferece aqui ao sujeito é um artefato, um objeto literário construído – não falamos evidentemente do texto de Cortázar, mas do texto no texto – que consegue substituir progressivamente a ‘realidade’ contextual descrita”.

Assim, ao nos lembrar que, apesar deste “artefato” se constituir como um “objeto literário construído”, ele é também o que permite a “conjunção estética do sujeito e do objeto” (*id.*), Greimas nos conduz diretamente para a possibilidade de que

---

<sup>158</sup> Esta questão do desdobramento estético que perpassa a materialidade do livro impresso e se desenvolve também na própria narrativa inscrita no objeto é explorada de maneira bastante precisa por Bogo (2014, 2018), bem como em sua tese de doutoramento em desenvolvimento, intitulada “Intersemiotidades do objeto literário”, a ser defendida em 2020.

um objeto construído pode igualmente ser partícipe da experiência estética. Tal observação nos leva a pensar sobre o caráter independente e neutro da própria experiência estética que, ao não fazer distinção entre o mundo natural e o “mundo artificial” – pois sua interação é fundamentada na apreensão sincrônica pelos sentidos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 28), e não na decomposição analítica –, instaura a percepção como o primado desta experiência. Entretanto, vale ressaltar que Greimas realiza ao longo de sua análise uma pequena distinção conceitual entre os objetos ditos naturais, presentes nos quatro textos anteriores, e os artificiais, pois o autor se refere aos primeiros como objetos estéticos e aos segundos como artefatos estéticos.

Além disso, se considerarmos que o sujeito do texto analisado por Greimas (2017, p. 65) se encontrava “recostado em sua poltrona favorita”, a qual ele acariciava de tempos em tempos o veludo verde e que, entre um cigarro e outro, ele gozava o fato de sentir a sua cabeça acomodada na poltrona, observaremos que estas escolhas do sujeito correspondem àquilo que o autor denominou de “‘poetizar’ a vida” (*ibid.*, p. 66). Ora, estas escolhas, juntamente com a compreensão de que um objeto construído – neste caso, a narrativa do livro – pode participar da experiência estética, em nosso entendimento, permite que consigamos responder à questão inicialmente posta por Greimas, ao se perguntar sobre a possibilidade do parecer ser “*manejável, perfectível*” (*ibid.*, p. 25). As escolhas do esteta, que poetizam a vida sem se depreender totalmente dela – pois há ainda a presença do toque do veludo e da “eventualidade de uma fumaça de cigarro” (*ibid.*, p. 66), assim como a existência de um objeto construído que conduz o sujeito ao depreendimento progressivo de sua realidade –, permitem-nos imaginar que o parecer é, com efeito, manejável e perfectível.

Do mesmo modo, ao nos darmos conta da existência desta possibilidade de articulação do parecer com vistas a proporcionar uma determinada experiência estética, como, por exemplo, no caso do esteta, e que ele, com todas as suas escolhas, concretiza o manuseio, ao menos em parte, destas variáveis, o sujeito não somente manifesta um saber sobre o sensível, mas também manifesta um saber sobre o sensível que lhe apraz, ou seja, uma condição estética e ética. Parece-nos que é em decorrência disto que Greimas explica que pouco importa se é “morte ou vida em êxtase” (*ibid.*, p. 72), pois no final das contas, com as suas escolhas, ele gozou de sua “estesis sonhada” (*id.*).

Tendo, então, compreendido a importância da percepção no “redescobrimento” das qualidades sensíveis do mundo – cujo encontro tem a potencialidade de gerar um novo saber sobre o mundo e sobre si mesmo, um saber sentir e sensível –, ao mesmo tempo em que reconhecemos a importância do objeto estético neste processo, imaginamos que, talvez, a questão que se torna pertinente neste momento seria de buscar compreender como estes objetos e/ou artefatos fazem-sentir, como eles são constituídos semioticamente para que eles façam sentido. Estas e outras inquietações são externalizadas por Greimas no momento que ele se põe a refletir sobre como tais considerações, sobre a experiência e apreensão estética, poderiam se concretizar na “vida real” e, conseqüentemente, como a semiótica poderia tratar estas questões. Nas palavras do autor:

Uma dupla questão de credibilidade se põe imediatamente: em que medida estas apreensões “de papel”, elas mesmas já estetizadas, refletem as experiências estéticas que vivem os sujeitos históricos “reais”? E, admitindo que se trata de simulacros dignos de fé e utilizáveis eventualmente como modelos discursivos que permitam analisar os comportamentos humanos “vividos”, são elas somente configurações parciais emergentes de uma *episteme* localizável, a do século XX, ou bem nos dizem algo de nossa condição humana? São questões de método que a semiótica se põe sem cessar e que ela vive com lucidez. (*ibid.*, pp. 77-78)

Assim, tendo apresentado a problemática geral e as características do objeto de investigação, a partir da exploração inicial dos textos, Greimas parece mostrar um interesse específico por tal fenômeno que, como vimos, conjuga os sujeitos, os objetos e a apreensão, de modo que no momento do encontro entre eles, um seja tocado pelo outro e os efeitos dos sentidos sejam resultado da estesis, sonhada, entreaberta ou, ainda, no seu limite. É neste contexto que o autor inicia as suas considerações a respeito do encontro desencadeador de todo o processo, e nos explica que “algo, não se sabe o que, acontece de repente: nem belo, nem bom, nem verdadeiro, mas tudo isso de uma só vez. [...] Cognitivamente inapreensível, esta fratura na vida é, depois, susceptível de todas as interpretações” (*ibid.*, p. 78). A nosso ver, é nesse encontro, em que no primeiro momento não há a ação cognitiva, que podemos verificar a ausência no parecer de um querer-ser ou de um dever-ser, como citados no início da obra, pois não há outro sentido, não há um desvio de sentido, o sentido é este todo do encontro e tudo que é dito sobre ele já é outra coisa. Deste

modo, toda tentativa descritiva deste encontro nada mais é que uma metáfora, pois o sentido primeiro é dado pelos sentidos, por meio da apreensão sensorial daquilo que se apresenta diante do campo perceptivo do sujeito.

Contudo, se por um lado estas tentativas de abordagem do objeto auxiliam a compreender o modo pelo qual se dá sua apreensão; por outro, nada dizem de específico sobre a estrutura semiótica que ordena tal manifestação e, como Greimas (*ibid.*, p. 81) bem lembra, para a semiótica “não se trata de estatuir as causalidades, mas sim de descrever um fenômeno de efeitos estranhos e ressonantes”. É, portanto, neste momento que Greimas procurará estabelecer as primeiras bases metodológicas ao se aproximar da abordagem da linguagem pictórica e, coincidentemente, utilizando-se do mesmo exemplo de Diderot e de suas duas leituras da pintura já apresentadas em *Semiótica plástica e semiótica figurativa* (GREIMAS, 1984, p. 12), bem como da relação da teoria das *gestalten* (*id.*) com a grade de leitura socializada, que projeta nas formas das figuras do mundo um determinado conteúdo semântico. Porém, como vimos anteriormente, além desta leitura figurativa, há “uma leitura segunda, reveladora das formas plásticas” (GREIMAS, 2017, p. 82) e que reconhece, a partir das categorias do cromático, topológico e eidético, outras significações possíveis, de maneira que “a pintura se põe a falar sua própria linguagem” (*id.*). Esta abordagem, como vimos anteriormente, permitiria, por sua vez, compreender como os efeitos dos sentidos, como, por exemplo, os de “leveza” ou de “peso”, são construídos e, em nosso entendimento, possibilitaria também entrever uma explicação, fundamentada em uma metodologia científica, a respeito destes efeitos sensíveis que afetam o sujeito quando da apercepção dos objetos.

É, portanto, reconhecendo os avanços das pesquisas da semiótica visual – que auxiliam na explicação dos fenômenos visuais a partir de dois níveis distintos de significação: o figurativo e o plástico –, que Greimas afirma a necessidade de “estender esse gênero de análises, generalizando-os, ao conjunto dos canais sensoriais” (*id.*), pois somente assim seria possível compreender como o objeto, constituído como um estado da coisa, é capaz de nos proporcionar um efeito de sentido dos efeitos dos sentidos.

A partir destas reflexões, podemos talvez pensar que, ao falar de fato poético (GREIMAS, 1975c), estamos, na verdade, tratando da problemática do fato estético e da sua constituição, pois nos parece que a semiótica visual, não somente dá conta das leituras figurativa e plástica, como também abarca a maneira pela qual as

unidades do plano da expressão produzem aqueles efeitos de sentido dos efeitos do sentido; questão da qual tratava inicialmente o fato poético. Desse modo, ao nos depararmos com a definição de figuratividade proposta por Greimas (2017, p. 82), em que o autor afirma que, “figuratividade não é uma simples ornamentação das coisas, ela é esta tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, graças ou por causa de sua imperfeição, como que uma possibilidade de além (do) sentido”, observamos que tanto o nível figurativo quanto o plástico são abarcados por ela.

Assim, parece-nos possível compreender que ao falar que “os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível” (*id.*), Greimas realiza uma certa separação teórica/metodológica que distingue a experiência estética, ou o fato poético, da estética propriamente dita, pois enquanto a primeira, a nosso ver, constitui esta experiência que une sujeito e objeto por meio da apreensão pelos sentidos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 28), a segunda permite compreender o modo de construção do objeto estético e, conseqüentemente, como os seus arranjos significantes fazem sentir o sujeito. Isto também nos auxilia a entender a própria escolha de Greimas, em *Semântica estrutural* (1976, p. 166), de situar o modo de aparência dos objetos no universo imanente, uma vez que, o “modo de aparência, constitui o mundo das qualidades, essa espécie de tela opaca sobre a qual vêm-se refletir inúmeros efeitos de sentido”.

Se considerarmos, portanto, os níveis figurativo e plástico como responsáveis pelos arranjos do plano da expressão, ao menos para a semiótica visual, e a figuratividade como o conceito operacional no qual os dois níveis coexistem, podemos propor que a figuratividade, ao conjugar as análises da forma e da substância da expressão e, ao mesmo tempo, operar a construção significante dos objetos, é, com efeito, o conceito que melhor representa a noção de estética na semiótica de Greimas, pois não somente dá conta da leitura dos objetos mundo, como a sua operação inversa permitiria melhor compreender o próprio fazer criativo do artista. Tal conceituação se enquadraria, assim, na preocupação de base da semiótica, isto é, da produção e da apreensão do sentido.

Tendo, desse modo, definido o lugar teórico da estética e, conseqüentemente, como ela é articulada no aparato conceitual da semiótica pelo conceito de figuratividade, Greimas realiza um segundo movimento que buscará, a partir de tais postulados e extrapolando o nível dos enunciados literários, observar “como esta certa



coisa da qual não temos senão uma vaga ideia e que a língua recobre com o termo estrangeiro e estranho de ‘estética’ está presente em nossos comportamentos de todos os dias” (GREIMAS, 2017, p. 83). E esse movimento de Greimas será dividido novamente em duas partes: a primeira, esta “estética”, assim, entre aspas mesmo; a segunda, na outra estética, desta vez sem a presença das aspas que, enquanto sinal gráfico, indicam, entre outras coisas, um deslocamento semântico do termo.

Sendo assim, para exemplificar a distinção elencada acima e, ao mesmo tempo, buscar mostrar como tais articulações se situam na vida cotidiana dos sujeitos de carne e osso, Greimas nos explica o que não é a estética a partir de ações do dia a dia de qualquer um de nós, como, por exemplo, o ato de se vestir ou o passeio dos olhos pelas vitrinas.

Sobre o primeiro caso, o autor destaca como se dá o processo paradigmático e sintagmático do ato de vestir-se enquanto criação de valor – a exemplo de *A soupe au pistou ou a construção de um objeto de valor* (GREIMAS, 2014) – e aponta para a existência de três sistemas axiológicos distintos: a funcionalidade, as pressões sociais e a dimensão passional. O primeiro sistema é regido pela funcionalidade, manifestando a “ideia do confortável” (GREIMAS, 2017, p. 84), o segundo, pertencendo a lógica do conveniente, consiste em juízos de valores “que nada têm de especificamente estético e que se estendem ao saber-viver, à boa educação, à ética” (*id.*), e o terceiro, é um desdobramento do segundo, pois o estado patêmico está associado à imagem que o sujeito “gostaria que os outros tivessem [dele]” (*id.*), ou seja, também espera sanção do outro, como no caso das pressões sociais. Devemos abrir um parêntese neste momento para sublinhar o uso da palavra ética por Greimas, pois no contexto em que estamos empregando-a nesta pesquisa, torna-se necessário compreendê-la como moral, pois, mesmo que seja uma tentativa de adequação, tais escolhas correspondem à aceitação do contrato social pelo sujeito.

Do mesmo modo, o olhar que passeia pelas vitrinas, explica-nos Greimas (*ibid.*, p. 85), ao se utilizar de classificações qualificativas como, “simples”, “espalhafatoso”, “chamativo”, efetua um julgamento de valor fundamentado nos traços figurativos do objeto. Neste contexto, os objetos passam a ser considerados como representações iconizantes das figuras de simplicidade, cafona, brega, estabelecendo, com isso, uma relação entre o conjunto dos traços figurativos com o significado do plano do conteúdo por meio de uma grade de leitura socializada, pois sabemos que o que é tido como chique em uma determinada cultura, pode bem ser tomado como cafona por outra.

Como podemos observar, tanto em um caso quanto em outro, sob as aparências de uma “estética” temos, em realidade, um conjunto de axiologizações, de valores, para os quais os formantes figurativos não têm outra utilidade que a construção de figuras, evidenciando, portanto, a dimensão social do “estilo” – também entre aspas. Ora, se retomarmos a tese de Greimas, *La mode en 1830* (2000), podemos verificar, exatamente, o esforço do autor em estabelecer a correlação entre vocabulário da moda, que se apresentava em jornais da época, com os valores morais inseridos na sociedade e na cultura. Como nos explica Greimas (2017, p. 86):

Historicamente, o essencial desta cobertura conceitual do domínio do gosto parece ser constituído de saberes do grande século das Luzes, no qual o “estilo” – antes de ser o homem mesmo – era considerado como uma dimensão social de avaliação: graça, elegância, simplicidade, distinção, tais termos são julgamentos classificatórios.

Até mesmo a ideia de originalidade, presente, por exemplo, com maior força no discurso da moda, é posta em xeque. Sobre isto, Greimas nos esclarece que “a originalidade, enquanto projeto de busca e valor da vida pessoal, condena-se ela mesma à sua socialização. A ideia de gerações [...] que se sucedem, negando a cada vez a antiga, é a afirmação de uma ‘originalidade coletiva’”<sup>159</sup>.

Neste contexto, a conotação surge como um sistema de representações figurativas (bem vestido, mal vestido, simples, elegante), nas quais as correlações entre expressão e conteúdo correspondem a estruturas axiológicas socializadas, evidenciando, portanto, não somente o caráter figurativo, mas também o caráter moral das linguagens de conotação, além de reiterar a presença daquela grade de leitura socializada. Esta seria, portanto, a ideia da “estética” com aspas, na qual o bom gosto, o mau gosto, o bonito e o feio são, na verdade, leituras morais, e não verdadeiramente estéticas, como poderíamos pensar.

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que Greimas afirma que a “estética” não corresponde àquilo que na semiótica seria efetivamente considerado como estética, pois, como acabamos de mostrar, ela faz parte de uma episteme – isto é, de uma hierarquia de valores axiologizados característicos de uma determinada cultura, de um determinado modo de ser –, o autor destaca a existência de uma “axiologia

---

<sup>159</sup> Nós exploramos com mais detalhes esta questão do discurso da moda, de sua relação moral, ética e estética e esta “originalidade coletiva”, da qual Greimas nas páginas 95, 96 e 97 da presente pesquisa.

estética, na qual o gosto não convoca o desgosto como seu contrário” (*ibid.*, p. 87). Entretanto, se considerarmos que a axiologia é definida por Greimas e Courtés (2008, p. 37) como “o modo de existência paradigmático dos valores”, e que tais valores se encontram sujeitos à categoria proprioceptiva da euforia e da disforia, parece-nos que a existência de uma “axiologia estética”, se não fica comprometida, ao menos se mostra difícil de ser imaginada. Este problema parece, inclusive, ser ressaltado por Greimas ao explicitar a dificuldade da construção de um modelo axiológico da estética em decorrência do seu horizonte neutro de avaliação:

Robert Blanché, grande construtor de sistemas – quadrados e hexagonais – de valores para todos os usos, encontra-se em dificuldades, tendo que admitir esta insubordinação da estética, cujos julgamentos não são equilibrados, não separam os valores em positivos e negativos. O universo estético avalia, exalta os seus valores a partir de um horizonte neutro [...]. (GREIMAS, 2017, p. 88)

Compreendemos, assim, que a dificuldade de elaborar um sistema – como destacado por Greimas ao falar de Robert Blanché – não necessariamente evidencia a improvável construção da axiologia de tais valores, mas nos deixa imaginar que talvez não haja um sistema axiológico – isto pelo fato da não existência de uma hierarquia nos valores estéticos. Tal proposição poderia ser justificada porque os valores estéticos corresponderiam à própria organização poética (paradigmática e sintagmática) da totalidade significante, experienciados no momento de sua apreensão. Tais valores não se avalia, simplesmente se apreende, vive-se.

O problema que se coloca nesta altura para Greimas parece mudar ligeiramente de tom, pois tendo abordado a questão da estética e dos valores estéticos, o autor retoma a articulação da experiência estética e dos riscos de sua “camada vivível” ou, melhor dizendo, dos riscos do esgotamento de seus valores por meia da estetização desmedida, que culminariam no que o autor destaca como sendo uma anestesia. Nesta condição anestésica, “nossos comportamentos cotidianos, convenientemente programados e otimizados, perdem pouco a pouco seus significados, de tal modo que inumeráveis programas de uso não têm mais necessidade de ser controlados um a um” (*ibid.*, p. 88). Neste contexto, a questão que se apresenta para Greimas é: como podemos sair desta condição quase inevitável que é a da anestesia? Como cultivar os valores estéticos, sem que nos tornemos insensíveis a ele? Ou ainda, de maneira mais figurativa, como escutar a mesma

música durante anos e ainda sentir prazer nesta escuta? A resposta do autor: “trocando ‘signos por gestos’” (*ibid.*, p. 92).

Entendemos que, ao sugerir trocar signos por gestos, Greimas não evoca uma mudança nas coisas do mundo, pois elas são como são e estão onde estão no momento de sua apreensão, esta é a condição fenomenológica do estado das coisas, do universo imanente. Se as coisas, que contém em si os arranjos estéticos e que poderiam ser vistas como figuras ou apreendidas pelos sentidos, não estão diretamente contempladas na afirmação de Greimas, podemos então imaginar que ao realizar tal prognóstico o autor solicita a nós, sujeitos, que mudemos a nossa postura com relação ao que se apresenta aos nossos sentidos. Assim, do mesmo modo que Greimas já se questionava em *Condições por uma semiótica do mundo natural* (1968), como separar o que é gesto natural e artificial se os dois são manifestados na mesma substância? Cabe, portanto, ao sujeito aprender a apreender.

A fechadura dogon, da qual fala Greimas (2017, p. 92), concretiza em si a função prática, pois fecha a casa; a função mítica, pois é uma divindade; e a função estética, uma vez que “é muito bela” (*id.*). Sem que entremos no problema da descrição estética de Greimas a respeito da fechadura – pois, ao dizer que “é muito bela”, o autor incorre em um julgamento de valor e, portanto, escapa da própria noção de estética –, é preciso observar que mesmo que ela conjugue as “três dimensões da cultura – funcional, mítica, estética” (*id.*), tornando-se um “objeto de valor sincrético” (*id.*), cabe ao sujeito apreendê-la em sua totalidade significativa. É em decorrência disto que Greimas advoga sobre a existência de “modos de dar mais densidade à vida, de entrecortá-la de eventos “estéticos” a partir de desvios do funcional” (*ibid.*, p. 93). Cabe, portanto, ao sujeito, desmembrar seus programas e valorizar o “detalhe do ‘vivido’” (*ibid.*, p. 97), inserir na sua cotidianidade estas síncopes (*ibid.*, p. 94), transformando o signo em gesto, o ato de ver em olhar, o inteligível em sensível.

É, a nosso ver, no contexto desta experiência estética, a exemplo do jardineiro japonês citado por Greimas, “que a cada manhã dispõe um pouco distintamente as pedras e a areia de seu jardim” (*ibid.*, 97), que podemos visualizar o entrelaçamento da ética e da estética. A experiência estética, como descrita no início da obra, aparece como um convite à experimentação do mundo e de suas qualidades sensíveis por meio dos sentidos do sujeito, de modo que no próprio experimentar estético a estrutura axiológica, ou sua episteme, é ameaçada por um deslocamento de seus valores. Na busca por uma semiótica do vivido, Greimas parece ter chegado a uma

semiótica do autoconhecimento, reforçando a tese de que o modelo axiológico seria, também, a “possibilidade de uma terapia social e individual” (GREIMAS, 1976, p. 184). A ética aparece, assim, implicada na estética, sobretudo no modo pelo qual o sujeito constrói o seu mundo, na maneira pela qual a vida faz sentido e o apraz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso teórico que nos propusemos realizar, abrangendo mais de 40 anos de desenvolvimento de um pensamento e da metodologia científica de A. J. Greimas, convém cautela. Não menos difícil é a tarefa de tentar apresentar em poucas linhas as considerações finais desta pesquisa a respeito de como a semiótica trata e articula a ética e a estética no seu aparato conceitual. Cientes de que qualquer conclusão deixa arestas mal aparadas, e que talvez esta seja a maldição e o objetivo de qualquer fazer científico – pois arestas mal aparadas representam novos questionamentos e, conseqüentemente, outros caminhos de pesquisa – apontaremos a maneira pela qual entendemos como se dá a articulação da ética e da estética na semiótica e buscaremos, neste breve panorama evolutivo destas relações, assinalar a correlação entre estas considerações e as hipóteses levantadas no início desta pesquisa.

Afirmar que os estudos de Greimas partiram das palavras para o mundo parece-nos ser uma redução da visão crítica e científica do autor. As interrogações sobre a significação e sobre o sentido partem, ao contrário, exatamente do vivido, da importante dimensão social tão cara a Saussure, e ganham eco na dimensão linguística, pois como ele mesmo nos lembra “qualquer que seja a natureza do significante ou o estatuto hierárquico do conjunto significante considerado, o estudo de sua significação se encontra situado num nível metalinguístico em relação ao conjunto estudado” (GREIMAS, 1976, p. 23). Desta maneira, o mundo se transforma em linguagem. É no esforço para buscar compreender esta linguagem do mundo que Greimas constrói o lugar da semiótica entre as ciências do homem enquanto teoria da significação, cujo objetivo principal é apreender a maneira pela qual o mundo significa e o sentido é construído e apreendido, porém sem esquecer que o ato de significar é essencialmente humano, portanto, social. É neste contexto social, da construção e da apreensão do sentido, que podemos, então, situar a problemática da ética e da estética e a sua articulação na teoria da significação.

Seguindo o percurso de Greimas, ao mesmo tempo em que apresentamos os resultados de nossas hipóteses, podemos observar que a ética e a estética se inscrevem no contexto social como conceitos operacionais, de onde se depreendem uma série de estruturas subjacentes que permitem compreender um determinado modo de ser de um enunciador, seja ele um indivíduo (no caso da ética), seja uma

determinada sociedade (no caso da moral); e um determinado modo de aparência deste ser, manifestado seja nas práticas do cotidiano, seja em situações excepcionais, como, por exemplo, as ditas experiências estéticas. Levando em consideração que os valores éticos e morais são projetados para fora do enunciador por meio de suas escolhas e práticas enunciativas, observamos no objeto construído (como, por exemplo, um livro) ou no objeto em construção (como um gesto), a concretização estética dos valores investidos por meio da enunciação enunciada.

Neste contexto, a estética adquire o estatuto de linguagem que organiza os componentes do plano da expressão, enquanto a ética estabelece uma hierarquia axiológica, constituindo uma episteme, observável em sua projeção discursiva. Assim, parece-nos que não há a possibilidade de haver significação se não há a articulação entre estes dois conceitos operacionais, pois a ausência de valores já é, por si só, uma posição valorada, seja pelo sujeito que escolhe tal posicionamento, seja pela sociedade na qual ele está inserido. O mesmo ocorre com a estética, pois como já apontava Greimas (1976, p. 15), uma estética da não significação, paradoxalmente, é permeada de valores. Tais relações apontam, portanto, para a confirmação de nossa primeira hipótese, na qual supusemos que a ética e a estética estariam relacionadas à questão da significação, da construção e da apreensão do sentido.

Afirmar, como viemos de fazer, que a ética e a estética se encontram intimamente ligadas ao universo da significação humana – aquela pela axiologização dos valores dos sujeitos e esta pelas escolhas significantes fundamentais a todo e qualquer ato comunicativo, visto que até mesmo a ausência de comunicação é um ato comunicativo –, conduz-nos diretamente à confirmação da segunda hipótese, a respeito da possibilidade de a articulação da ética e da estética constituírem as bases das interrogações da metodologia semiótica. Tendo confirmado que a ética e a estética se encontram nos fundamentos da problemática da significação, traçamos um caminho lógico e notamos que a semiótica, definida como teoria da significação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 415), possui a ética e a estética no centro de suas interrogações. A partir desta perspectiva generalista, a semiótica se ocuparia de depreender e/ou estabelecer as estruturas que articulam tais conceitos por meio de uma metodologia descritiva, que, por sua vez, possibilitaria a compreensão dos diferentes modos de construção e apreensão do sentido.

Conseqüentemente, nossa terceira hipótese, que trata da presença da ética e da estética no pensamento de Greimas desde os seus primeiros trabalhos, encontra-

se parcialmente confirmada, uma vez que o estabelecimento da semiótica como teoria da significação implica a sua relação com os conceitos de ética e estética. Com isso, a confirmação de tal hipótese só pode, efetivamente, ser validada pela observação desta problemática no período anterior ao estabelecimento de tais definições. Dessa maneira, se observarmos, sobretudo o capítulo dois e o início do capítulo três da presente pesquisa, notaremos que os próprios objetos de análise escolhidos por Greimas contemplam tais questões. *Cervantes and his Don Quixote* ([1943]/2016), por exemplo, apresenta a problemática do contrato social, da recusa de uma ordem moral do enunciado e do próprio conflito entre valores éticos e morais de Cervantes. Os estudos a respeito das mitologias evidenciam, igualmente, o seu interesse pela articulação axiológica que fundamenta o modo de ser de uma determinada sociedade, assim como a diferencia de outras. Do mesmo modo, a sua preocupação com a maneira pela qual a conotação, a partir da relação entre significante e significado, torna-se inteligível, bem como o interesse pelos revestimentos discursivos – isto é, pelas figuras das mitologias estudadas –, conduzem-nos a confirmar tal hipótese.

Por fim, a quarta hipótese, que trata da existência de uma abordagem tanto hipotáxica quanto hiponímica – a respeito da articulação da ética e da estética nos desenvolvimentos da semiótica de Greimas – parece também se confirmar, e isto se deve, em particular, à autonomia dos planos da expressão e do conteúdo e, conseqüentemente, à autonomia da organização ética e da organização estética, que constituem o significado global. Entendendo que a relação hipotáxica é “a relação hierárquica que liga dois termos situados em dois patamares diferentes de derivação” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 218), é possível notar a sua existência tanto na ética e na estética tomadas separadamente – isto é, enquanto planos de linguagem autônomos – quanto no momento da análise de um determinado objeto, sobre o qual elas se encontram simultaneamente presentes.

Na organização ética, sem mencionarmos a relação de pressuposição do quadrado semiótico – que, por definição, representa o modo de ser dos sujeitos –, observamos a possibilidade da abordagem hipotáxica a partir da noção de episteme, individual ou coletiva/social, que consiste na “estrutura que define a hierarquia dos sistemas semióticos” (GREIMAS; RASTIER, 1975b, pp. 141-142). Já na organização estética, a própria definição de Greimas (1984) e Floch (1986) apresenta o figurativo como uma linguagem primeira em relação ao plástico, este tomado como uma linguagem segunda, e evidencia, em nosso entendimento, a existência de uma



relação hipotáxica na organização dos arranjos estéticos. Em alguns casos, como sublinha Floch (*ibid.*, p. 169) o significante visual do mundo natural também é tomado como uma linguagem primeira em relação a semiótica plástica.

Ao pensarmos na relação hiponímica, que designa “a relação estabelecida entre a categoria sêmica e um de seus termos” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 2017), podemos imaginar, na organização ética, a noção de ideologia que se define como “a forma do arranjo sintagmático” dos valores axiologizados (*ibid.*, p. 37). No que diz respeito à estética, a própria definição da linguagem poética, tomada como a projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático, parece ilustrar tal abordagem. Resta-nos, então, observar como as relações hipotáxicas e hiponímicas se encontram presentes na abordagem não mais autônoma das categorias da ética e da estética, mas sim nos seus modos de articulação.

Neste contexto, se recuperarmos as passagens de *L'actualité du saussurisme* ([1956]/2000a, pp. 376-377) e de *Sémiotique plastique et semiótica figurative* (1984, p. 24) que tratam do significado global e de sua articulação, observaremos que a relação hipotáxica consiste naquilo que Greimas denomina de “leitura ‘vertical’” do significante plástico. Nesta leitura, a partir do nível da manifestação e do estabelecimento de suas categorias, torna-se possível depreender uma estrutura profunda mítica, atemporal, que corresponde à instalação dos valores axiológicos nos próprios arranjos estéticos. Ora, as semelhanças desta abordagem com aquela do percurso gerativo da significação são, no mínimo, interessantes, pois nos conduz a pensar que tal modelo analítico engloba, portanto, a articulação da estética e da ética no conjunto de sua metodologia.

No que diz respeito à relação hiponímica, entre a ética e a estética, além de pensarmos na própria semiose e no significado global do texto, entendemos que a leitura dos objetos figurativos compreende igualmente tal articulação. Esta proposição decorre do fato de que neste processo podemos notar tanto o conjunto de traços das unidades do plano da expressão, que constituem a figura, quanto a grade de leitura do sujeito, que a apreende. Com isso, entendemos que as nossas hipóteses se encontram confirmadas.

Desse modo, se considerarmos que o nosso objetivo consistia em acompanhar o percurso do desenvolvimento do arcabouço teórico e metodológico de Greimas, a fim de que pudéssemos evidenciar os processos que permitiram a constituição de modelos analíticos, capazes de depreender as articulações dos valores estéticos e

dos valores éticos, parece-nos pertinente realizarmos mais algumas considerações. Sendo assim, no que diz respeito aos valores éticos, a constituição do modelo axiológico do quadrado semiótico apresenta-se, com efeito, como um dos elementos que compõe o resultado deste percurso, podendo ser compreendido não somente no espectro da axiologia, mas também naquele da ideologia e da episteme.

Quanto aos valores estéticos, o percurso que, resumidamente, varia entre as articulações da linguagem poética, o reconhecimento do mundo natural, a assunção da autonomia do plano da expressão, o reconhecimento das figuras, a compreensão da leitura plástica e de sua dimensão sensível, e que culmina no componente da figuratividade, permite-nos entender que tais valores são apreendidos a partir dos efeitos de sentido dos efeitos dos sentidos, isto é, a partir das experiências estéticas. Estas experiências, que constroem os valores estéticos, encontram-se concretizadas, por um lado, pela articulação dos arranjos estéticos de um objeto – articulado tanto na forma e substância quanto na sua organização paradigmática e sintagmática –, e por outro, pela sua apreensão pelos sentidos do sujeito.

Assim, a partir deste trabalho estabelecemos um percurso de construção das articulações teóricas e metodológicas que Greimas realizou ao longo de seus trabalhos, no que tange à ética e à estética; mas também evidenciamos a relevância da discussão a respeito da utilização de tais conceitos que, para nós, longe de serem noções filosóficas fechadas em si mesmas, correspondem a lugares de investimentos axiológicos e dos arranjos da forma e da substância da expressão.

Neste contexto, a partir dos textos estudados, notamos a possibilidade de uma estruturação analítica a respeito da análise das articulações da ética e da estética, que se desdobra em duas perspectivas distintas, porém complementares, a saber, a análise do objeto e a análise da interação sujeito e objeto, de modo que a descrição das articulações da ética e da estética se apresentam ligeiramente distintas em cada uma das situações.

Na perspectiva das articulações da ética e da estética no objeto, observamos, com o auxílio da semiótica figurativa e da semiótica plástica, que os arranjos selecionados da forma e da substância da expressão concretizam a projeção dos valores do enunciador. Desta maneira, a análise do objeto permitiria apreender aquilo que Greimas (1956; 1984) denomina de significado global. A partir deste ponto de vista, o impulso do semioticista, de “convicção intuitiva da existência de um significado outro, mais profundo” (GREIMAS, 1984, p. 24), conduzi-lo-á, portanto, a

compreender a totalidade manifesta do objeto, isto é, sua figuratividade, como um nível a ser desconstruído e transposto para se encontrar os valores éticos ou morais que estão concretizados nos arranjos estéticos selecionados pelo enunciador. Em outras palavras, uma semiótica dos objetos. Podemos reconhecer esta articulação, por exemplo, a partir do modelo do percurso gerativo da significação. A exceção a esta semiótica dos objetos e a metodologia que destacamos seria exatamente correspondente aos objetos do mundo natural, pois neles não há projeções de valores de um enunciador – exceto se considerarmos o discurso religioso, mas isto já transforma os objetos do mundo natural em objetos construídos a partir dos valores de uma dada religião.

Diferentemente do que ocorre na articulação da ética e da estética na semiótica dos objetos, ao falarmos da interação entre sujeito e objeto na perspectiva do que observamos em *Da imperfeição* (2017), a figuratividade deixa de ser um ruído na comunicação e passa a ser o sentido dela. Os valores éticos do objeto tornam-se invisíveis, mesmo estando presentes em sua estrutura profunda. Os valores estéticos, correspondentes aos efeitos de sentido dos efeitos dos sentidos, tornam-se os protagonistas desta perspectiva. Neste contexto, o que importa não são mais os valores éticos inscritos no objeto, mas sim aqueles que constituem o ser do sujeito da apreensão. Nestas experiências ditas estéticas, o valor estético é capaz de deslocar a axiologia do sujeito. Por sua vez, o sujeito que rejeita tal experiência adquire traços conservadores e mantém a sua axiologia intacta. O sujeito que a experimenta, mas que ainda não compreendeu quais são os seus próprios valores – e entra em um conflito moral e ético – perdura na “espera do inesperado” (*ibid.*, p. 97). Já aquele sujeito que compreendeu os seus próprios valores vive em sua “pequena ética” (RICŒUR, 1990b, p. 337) como um movimento conciliador entre a moral e a ética, no qual se cultiva o prazer dos valores estéticos manifestados nos objetos construídos ou do mundo natural.

## REFERÊNCIAS

ARITMÉTICA. In **Michaelis. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa 2015**, São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 13 fev. 2020.

BERTRAND, D. *et al.* **Greimas aujourd'hui : l'avenir de la structure**. Actes du congrès de l'Association Française de Sémiotique, 2017.

BIOLOGIA. In **Michaelis. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa 2015**, São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 13 fev. 2020.

BOGO, M. B. **A Coleção Particular da Cosac Naify: explorações sensíveis do gosto do livro**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Semiótica, PUC-SP, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. **O design sensível do livro**. Actes Sémiotiques [En ligne], n. 121, 2018.

BOUQUET, S. « *Principes d'une linguistique de l'interprétation : une épistémologie néosaussurienne* » in **Langages**, vol.185, n.1, 2012, pp. 21-33. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langages-2012-1-page-21.htm>>. Acesso em 09 mar. 2020.

BRÉAL, M. “*Les lois intellectuelles du langage fragment de sémantique*” in **Annuaire de l'Association pour l'encouragement des études grecques en France**, vol. 17, pp. 132–142, 1883. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44253893>>. Acesso em 16 fev. 2020.

BRODEN, T. F. “*Avant-dire: A. J. Greimas et la linguistique française*” in **La mode en 1830: Langage et société: écrits de jeunesse**, A. J. Greimas, pp. XXVII-XLIV, Paris, Presses Universitaires de France, 2000.

\_\_\_\_\_. “*Don Quixote as Inspiration for Anti-Nazi Resistance: Introduction to A. J. Greimas's “Cervantes and His Don Quixote” (1943)*” in **Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America**, vol. 36 n. 1, 2016, p. 159-169. Project MUSE. Disponível em: <<https://doi:10.1353/cer.2016.0008>>. Acesso em 29 fev. 2020.

DIAS, A. G. “Canção do exílio”, in **Obras poéticas de Antônio Gonçalves Dias**, Bandeira, M. (ed.), Rio de Janeiro: Nacional, 1944.

DORRA, R. “*Perspectiva da semiótica*” in **Da imperfeição**. Prefácio e Tradução Ana Claudia de Oliveira ; Apresentações de De l'Imperfection Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. 2.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

FLOCH, J.-M. *La spatialisation et son rôle dans la mise en discours d'une bande dessinée* in **Journal de recherche sémiotique**. Alberta, 1979.

\_\_\_\_\_. *Sémiotique poétique et discours mythique en photographie: analyse d'un « nu » d'Edouard Boubat* in **Documents de travail et pré-publications**. Urbino: Università di Urbino, n. 95, 1980.

\_\_\_\_\_. *Kandinsky: sémiotique d'un discours plastique non figuratif* in **Communications**, n. 34, 1981a.

\_\_\_\_\_. **Sémiotique plastique et langage publicitaire**. Paris: Documents G.R.S.L., EHESS-Actes Sémiotiques v. 03, n. 26, 1981b.

\_\_\_\_\_. **Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique**. Paris: HadèsBenjamins, 1985.

\_\_\_\_\_. “Plastique” in **Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II**. Greimas, A. J.; Courtés, J. et al, Paris, Hachette, 1986.

FONTANILLE, J. “Pratique et éthique : la théorie du lien” in **Protée**, v.36, n.2, outono, 2008, p. 11–26. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/019016ar>>. Acesso em 29 fev. 2020.

GREIMAS, A. J. “Pour une sociologie du langage”, in **Arguments**, n.1, décembre 1956 – janvier 1957, p.16-19, 1956.

\_\_\_\_\_. “Histoire et Linguistique” in **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 13<sup>e</sup> année, N. 1, 1958. pp. 110-114

\_\_\_\_\_. “La description de la signification et la mythologie comparée” in **L'Homme**, tome 3 n.3. pp. 51-66, 1963.

\_\_\_\_\_. **Modelli semiologici**, Urbino: Argalia, 1967.

\_\_\_\_\_. “Estrutura e história” in **Problemas do estruturalismo**, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**, Petrópolis: Vozes, 1975a.

\_\_\_\_\_.; RASTIER, F. “O jogo das restrições semióticas” in **Sobre o sentido: ensaios semióticos**, Petrópolis: Vozes, 1975b.

\_\_\_\_\_. “Por uma teoria do discurso poético” in **Ensaio de semiótica poética**. A. J. Greimas (org), São Paulo: Cultrix/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1975c.

\_\_\_\_\_. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. 2. Ed, São Paulo: Cultrix/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. “Sémiotique figurative et sémiotique plastique”, in **Actes sémiotiques - Documents**, Paris, EHESS – CNRS, n. 60, 1984.

\_\_\_\_\_. **Maupassant a semiótica do texto: exercícios práticos**, Florianópolis, Ed. da UFSC, 1993.

\_\_\_\_\_. **Da imperfeição**. Prefácio e Tradução Ana Claudia de Oliveira ; Apresentações de De l'Imperfection Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. 2.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**, São Paulo: Nankin:Edusp, 2014.

\_\_\_\_\_. "*L'actualité du saussurisme. À l'occasion du 40<sup>e</sup> anniversaire de la publication du « Cours de linguistique générale » (1956)*" in **La mode en 1830. Langage et société : écrits de jeunesse**, A. J. Greimas, pp. 371-382, Paris: Presses Universitaires de France, 2000a.

\_\_\_\_\_. "*La mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d'après les journaux de mode de l'époque. Thèse pour le doctorat ès lettres présentée à la Faculté des lettres de l'Université de Paris (1948)*" in **La mode en 1830. Langage et société : écrits de jeunesse**", A. J. Greimas, Paris: Presses Universitaires de France, 2000b.

\_\_\_\_\_. "*Analyse du contenu : Comment définir les indéfinis ? Essai de description sémantique (1963)*", in **La mode en 1830. Langage et société : écrits de jeunesse**, A. J. Greimas, Paris: Presses Universitaires de France, pp. 383-400, 2000c.

\_\_\_\_\_; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima *et al.*, São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. "*Cervantes and His Don Quixote*" [1943] in **Cervantes. The Journal of the Cervantes Society of America**, vol.36, n. 1, pp. 171-179. Translated from Lithuanian into English by J. Korostenskiene, edited by T. Broden, 2016.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**, São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1976.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**, São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. "Viagem às nascentes do sentido" in **Corpo e Sentido**. I. Assis Silva (Org.), São Paulo: Edunesp, 1996.

\_\_\_\_\_. **Passions sans non**, Paris: PUF, 2004.

\_\_\_\_\_. "Entre Ricoeur e Greimas, in memoriam" in **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. Trad. Ana Claudia de Oliveira. ISSN 1982-2553, [S.l.], n.9, jul. 2007. ISSN 1982-2553. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1416/886>>. Acesso em 30 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. “*Avoir prise, donner prise*” in **Actes Sémiotiques** [online], 112, 2009. Disponível em <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2852>>. Acesso em 30 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Interações arriscadas**, São Paulo: Estação das letras e cores: Centro de pesquisas sociosemióticas, 2014.

LEIBNIZ, G. W. **La monadologie**. Introduction, analyse développée, notes et commentaires, par M. Th. Desdouits. Paris ; Delalain Frères, 1884.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**, São Paulo: Anhembi Limitada, 1957.

\_\_\_\_\_. **O pensamento selvagem**, Campinas: Papyrus, 1989.

LINGUÍSTICA. In **Michaelis. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa 2015**, São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 13 fev. 2020.

MAUTNER, T. (dir.). **Dicionário de filosofia**. Trad. Desidério Murcho, Sérgio Miranda e Vitor Guerreiro, Lisboa: Edições 70, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. Ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**, São Paulo: Annablume, 2003.

OLIVEIRA, A. C. M. A. de, “*Da imperfeição, 30 anos depois*” in **Da imperfeição**. Prefácio e Tradução Ana Claudia de Oliveira ; Apresentações de De l’Imperfection Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. 2.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PIGNATARI, D. **O que é comunicação poética**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

POE, E. A. **Selections from Poe**. GAMBRILL, J. M. (ed). Boston: Ginn & Co. 1907.

PORTELA, J. C. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores in **Estudos Semióticos** [on-line], v.14, n.1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima: São Paulo, março de 2018, pp. 138–143. Disponível em:<[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em 30 jun. 2020

RASTIER, F. « *Saussure et les textes — De la philologie des textes saussuriens à la théorie saussurienne des textes* » in **Texto ! Textes et cultures**, vol. XIV, n.3, 2009. Disponível em: <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=2327>>. Acesso em 10 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. “Da semântica estrutural à semiótica das culturas” in **Galáxia**, trad. Ana Claudia de Olivera. São Paulo, online, ISSN 1982-2553, Especial 2 - Algirdas J. Greimas, pp. 15-40, dez. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-25532019000500015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532019000500015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 16 fev. 2020.

RICŒUR, P. *Éthique et morale* in **Revista Portuguesa de Filosofia**, T.46, Fasc.1, Paul Ricoeur (Jan. – Mar), pp.5-17, 1990a

\_\_\_\_\_. **Soi-même comme un autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990b.

SAUSSURE, F. « *Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consonantique en lituanien* » in **Indogermanische Forschungen**, vol.4, issue. 1, pp. 456-470, 1894.

\_\_\_\_\_. **Escritos de linguística geral**, São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. **Curso de linguística geral**, São Paulo: Cultrix, 2006.

SEMÂNTICA In **Michaelis. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa 2015**, São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 15 fev. 2020.

SHAPIRO, F. R. **The Yale Book of Quotations**, Yale University Press, New Haven, 2006.

TAMBA, I. **La sémantique**, Paris : Presses Universitaires de France, 2005.

TRIER, J. **Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes**, Heidelberg: Winter, 1931

THÜRLEMANN, F. **Trois peintures de Paul Klee : essai d'analyse sémiotique**, 1979, 149f. Tese (Doutorado) – Thèse de 3e cycle Histoire de l'art et archéologie. Paris I, Paris, 1979.

\_\_\_\_\_. **Paul Klee, analyse sémiotique de trois peintures**. Lausanne: Age d'Homme, 1982.

VALÉRY, P. **Œuvres. Tome II**. Paris: Gallimard, 1960.

\_\_\_\_\_. **Maus pensamentos e outros**, Belo Horizonte: Âyiné, 2016.

VOEGELIN, C. F. “*Casual and noncasual utterances within unified structure*” in **Style in language**, SEBEEK, T. (ed.), Cambridge, Mass.:MIT Press, p. 57 – 68, 1960.